UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

VALÉRIA OLIVEIRA SANTOS

**Sob medida:
uma etnografia da prática da alfaiataria**

Versão Corrigida

São Paulo
2017

VALÉRIA OLIVEIRA SANTOS

**Sob medida:
uma etnografia da prática da alfaiataria**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da Universidade de São
Paulo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para a
obtenção de título de Doutora em Antropologia
Social.

Orientador: Professor Titular
José Guilherme Cantor Magnani

São Paulo
2017

*De acordo
S. Paulo, 07/03/2018
[Assinatura]*

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237s Santos, Valéria Oliveira
Sob medida: uma etnografia da prática da
alfaiataria / Valéria Oliveira Santos ; orientador
José Guilherme Cantor Magnani. - São Paulo, 2017.
184 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Antropologia. Área de concentração:
Antropologia Social.

1. alfaiates. 2. alfaiatarias. 3. habilidades. 4.
antropologia da técnica. I. Magnani, José Guilherme
Cantor, orient. II. Título.

SANTOS, Valéria Oliveira. *Sob medida: uma etnografia da prática da alfaiataria*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Doutor em Antropologia Social.

Aprovada em: __/__/__

Banca examinadora:

Prof. José Guilherme Cantor Magnani
(PPGAS/USP) – Presidente da Banca

Prof. Carlos Emanuel M. Sautchuk
(UNB)

Profa. Lilian de Lucca Torres
(FAAP/FIAM-FAAM/Laureate)

Prof. John Cowart Dawsey
(PPGAS/USP)

Profa. Silvana de Souza Nascimento
(PPGAS/USP)

Para todos os alfaiates que conheci.
Para Romilda e Roberto, meus pais.
Para Aline Alvarenga (in memoriam).

Agradecimentos

Aos alfaiates que encontrei ao longo desses anos e com quem conversei e convivi. Das histórias que deles ouvi se fez essa tese. Dos muitos que me dedicaram seu tempo e paciência, agradeço especialmente a Odir Verdi, por ter me recebido em sua alfaiataria como aprendiz e pela amizade que então se fez possível. Sem seu apoio, e de sua esposa Iliani Verdi, este trabalho não poderia ter sido realizado. Também agradeço especialmente a Francisco Zanella e Antenor Dallabrida. Em São Paulo, agradeço a Valério Fávero, José Cozzi (in memoriam) e Milton Silva.

A José Guilherme Cantor Magnani agradeço pelo incentivo ao trabalho etnográfico e pela tranquilidade com a qual conduziu esse processo. *Gracias* pela riqueza de nossa convivência nestes anos. À professora Silvana Nascimento e ao professor Marcelo Natividade, agradeço as sugestões e questionamentos na ocasião da qualificação. À Ciméa Bevilaqua, agradeço pela preciosa leitura do projeto de pesquisa e também do material apresentado na qualificação. A Sandro França, agradeço pelas ilustrações que compõem essa tese.

Na banca de defesa desta tese, os professores Carlos Emanuel M. Sautchuk, Lilian de Lucca Torres, John Cowart Dawsey e Silvana de Souza Nascimento me honraram com sua participação. As análises, observações e questões levantadas na ocasião abriram novos horizontes. Agradeço por suas criteriosas leituras. Também agradeço os professores Angela Maria Rubel Fanini, Wellington Teixeira Lisboa, Marta Denise da Rosa Jardim, Rosenilton Silva de Oliveira e Margarida Maria Moura pela disponibilidade de, na condição de suplentes, participar da banca examinadora da tese.

A Fabiano Stoiev, Dayane Zdebsky e João Castelo Branco agradeço pela rica experiência compartilhada de pesquisa sobre os alfaiates de Curitiba que resultou na publicação do livro “Alfaiatarias em Curitiba”, em 2009, e na realização do documentário “O corte do alfaiate”, em 2010.

Aos colegas de doutorado e também do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Usp, pelo entusiasmo compartilhado pela pesquisa antropológica. Os comentários de Giancarlo Machado, Ana Letícia Fiori, Mariana Machini, Mariane Pisani e Cibele Assêncio enriqueceram o desenvolvimento deste trabalho pela leitura de uma primeira versão do texto de qualificação. Aos colegas das equipes editoriais da Revista Ponto Urbe e da Revista Cadernos de Campo agradeço pelo companheirismo nesta jornada de editar revistas científicas. Em especial, agradeço a Lilian de Lucca Torres, Renata Freitas e Thaiana Santos.

Aos companheiros de organização do evento “Cidades: Cultura e Patrimônio”: Audrey Lilian Souza Farah e Luiz Cantor Magnani. Agradeço a Joelma Mello, com quem dividi o trabalho de campo na Ocupação Copa do Povo, em Itaquera, na disciplina de “A dimensão cultural das práticas urbanas”.

Ao sistema público brasileiro de ensino e ao povo brasileiro que, por meio dos seus impostos, permitiu que eu me dedicasse a essa pesquisa. Ao Departamento de Comunicação e Linguagem da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), que me concedeu afastamento das atividades docentes durante o período de elaboração da tese. A todos os professores do departamento, meus colegas de trabalho. Agradeço em especial a Zama Caixeta Nascentes, Marcelo Stein e Carolina Mandaji Fernandes, pelas palavras de incentivo durante o caminho.

Em São Paulo, agradeço a Mazé e Geraldo, que me acolheram em sua casa, e a Yumei e Geslline, pela gentileza na aridez daqueles dias. A Rodrigo Chiquetto, que tornou São Paulo possível. Em Curitiba, agradeço a Marie e Audrey, minhas amigas, com quem compartilho e me alegro tanto. A Wilton Fred, de quem tenho a felicidade de ser amiga. A Flávio Monastier e Maria Angélica Januário, presenças constantes nas minhas idas e vindas.

Agradeço aos meus pais Romilda e Roberto, pela presença afetiva e calorosa, pelo entusiasmo com o conhecimento, pelo incentivo e esforço feito para que esta trajetória de estudo pudesse ser realizada. Aos meus irmãos, Roberto e Rafael, agradeço a alegria de nossa fraternidade, a torcida e incentivo. Às minhas cunhadas, Elaine e Lilian, pela força e pelo apoio em tantas coisas. Aos meus sobrinhos: Letícia e Thomas, que nasceram durante a jornada. A Ramon, com o amor mais chamegado, agradeço pelo nosso dia-a-dia.

Resumo

Com base em dados etnográficos de pesquisa realizada em alfaiatarias de Curitiba, este trabalho explora as habilidades e técnicas associadas ao processo de confecção de roupas sob medida tratando de compreender como gestos, materiais e instrumentos de trabalho atuam entre si produzindo não apenas roupas, mas também as habilidades dos próprios alfaiates e os corpos de seus respectivos clientes. A reflexão se dedica a investigação dessas práticas como processos de produção de conhecimento e está afinada com as proposições que repensam a relação entre o homem e a matéria. O eixo central da observação segue a sugestão de Tim Ingold (2013) de que o fazer é um processo de correspondência entre o fazedor e material, e não de imposição ou de aplicação de um conhecimento prévio. Sugere-se que, nos engajamentos estabelecidos entre ternos, alfaiates e clientes, aperfeiçoa-se, ao mesmo tempo, o corpo do cliente, que é modelado pela roupa sob medida adquirida, e as capacidades do alfaiate, que são constituídas pela roupa sob medida fornecida e pelas relações que estabelecem a partir da alfaiataria. Pretende-se, ao final, contribuir para o entendimento das transformações recentes deste campo de trabalho, em especial no que diz respeito ao surgimento de novas formas de praticar a alfaiataria.

Palavras-chave: alfaiates; alfaiatarias; habilidades; antropologia da técnica

Abstract

Based on ethnographic research data from Curitiba's tailors, this work explores the skills and techniques associated with the tailoring process, with the goal of understanding to understand how gestures, materials and work tools interact with each other producing not only clothes, but also the tailors themselves and the bodies of their respective clients. Reflection is devoted on the investigation of these practices as processes of knowledge production, and is in tune with the propositions that rethink the relationship between man and matter. The central axis of observation follows the suggestion of Tim Ingold (2013) that doing is a process of correspondence between the maker and material, not imposition or application of prior knowledge. It is suggested that the client's body and the tailor's capabilities are modeled by tailor-made clothing in the compromises established between suits, tailors and clients. In the end, it is intended to contribute to the understanding of the recent transformations of this field of work, especially with regard to the emergence of new ways of practicing tailoring.

Keywords: tailors; tailors shops; skills; anthropology of technique

Résumé

Basé sur des données ethnographiques d'une recherche menée dans des ateliers de tailleurs de Curitiba, ce travail explore les habiletés et les techniques associées au processus de confection de vêtements, en essayant de comprendre comment les gestes, les matériaux et les outils de travail interagissent entre eux et produisent les habiletés des tailleurs eux-mêmes et les corps de leurs clients respectifs. La réflexion est consacrée à l'investigation de ces pratiques en tant que processus de production de connaissances, et elle est en accord avec les propositions qui repensent la relation entre l'homme et la matière. L'axe central de l'observation suit la suggestion de Tim Ingold (2013) selon laquelle faire est un processus de correspondance entre le faiseur et le matériau, et non d'imposition ou d'application d'une connaissance préalable. Il est suggéré que le corps du client – qui est modélisé par les vêtements sur mesure – et les capacités du tailleur – qui sont constituées par le vêtement sur mesure fourni et par les relations que le tailleur et le client établissent à partir de la confection sur mesure – se perfectionnent en même temps dans les engagements établis entre les costumes, les tailleurs et les clients. On souhaite pour finir contribuer à la compréhension des transformations récentes de ce domaine de travail, notamment en ce qui concerne l'émergence de nouvelles façons de pratiquer la confection sur mesure.

Mots-clés: tailleurs, ateliers de tailleurs, habiletés, anthropologie de la technique

Lista de ilustrações¹

- Ilustração 1. Vista do Edifício e Galeria Tijucas, p.54
- Ilustração 2. Mapa da região do centro de Curitiba, p.57
- Ilustração 3. Sala de atendimento e sala de trabalho, p.61
- Ilustração 4. Mapa dos bairros de Curitiba, p.76
- Ilustração 5. Ficha de medidas de cliente, p.91
- Ilustração 6. Tirar medidas, p.95
- Ilustração 7. Riscar e cortar, p.105
- Ilustração 8. Primeira prova, p.107
- Ilustração 9. Abrir e tombar costuras, p.111
- Ilustração 10. Máquinas de costura presentes nas alfaiatarias, p.119
- Ilustração 11. Preparação de bolso de dois vivos, p.121
- Ilustração 12. Tirar a marcação, p.125
- Ilustração 13. Reforço de peito, p.127
- Ilustração 14. Ponto espinha de peixe, ponto pé de galinha e ponto invisível, p.128
- Ilustração 15. Entretelamento do contorno da frente e da lapela, p.129
- Ilustração 16. Visão da parte interna do paletó, p.131
- Ilustração 17. Preparação da gola, p.133
- Ilustração 18. Colocação da gola, p.134
- Ilustração 19. Manga, p.135
- Ilustração 20. Embeber, p.136
- Ilustração 21. Tapa de miséria / Observação do caimento da manga, p.137
- Ilustração 22. Caseado, p.139
- Ilustração 23. Segunda prova, p.141

¹ Todas as ilustrações aqui apresentadas foram desenhadas por Sandro França, sob orientação da autora, com base em fotografias realizadas durante o trabalho de campo, em imagens presentes em enciclopédias encontradas nas alfaiatarias e na biblioteca do Projeto Sob Medida da Escola de Alfaiataria da Associação de Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo. No desenvolvimento das ilustrações 13 e 15, tomou-se como referência fotos do manual de paletó, desenvolvido por Barbosa (2015).

Sumário

1. Prólogo, p. 11
2. Introdução, p. 21
 - 2.1. A pesquisa de campo, p. 21
 - 2.2. Abordagens brasileiras sobre o tema, p. 30
 - 2.3. Abordagens antropológicas sobre o tema, p.35
 - 2.4. Técnica e circulação, p. 40
 - 2.5. Estruturação da tese, p. 48
3. Paisagens, p. 50
 - 3.1. As alfaiatarias em Curitiba, p. 51
 - 3.2. Paisagens interiores, p. 58
 - 3.3. Alfaiates em circulação: proprietários de alfaiataria, p. 63
 - 3.4. Alfaiates em circulação: oficiais, p. 68
 - 3.5. Paisagens comerciais: armarinhos e lojas de tecidos, p. 74
 - 3.6. Outras alfaiatarias, outros alfaiates, p. 79
 - 3.7. Paisagens da alfaiataria, p. 85
4. Técnicas, p. 88
 - 4.1. As medidas do sob medida, p. 89
 - 4.2. Além das medidas p.92
 - 4.3. Saber olhar, p.97
 - 4.4. Atender clientes, p.99
 - 4.5. Riscar, cortar, primeira prova, p.103
 - 4.6. Fazer calças, p.109
 - 4.7. Mulheres na alfaiataria, p.115
 - 4.8. Bolsos, p.120
 - 4.9. Fazer paletós, p.123
 - 4.10. Reforço de peito, p.126
 - 4.11. Forro, aberturas e cachaceira, p.130
 - 4.12. Ombros, gola e manga, p.131
 - 4.13. Caseados, mosquitinhos, ponto picado, segunda prova, p.138
 - 4.14. Terceira, quarta, quinta prova, p.142
 - 4.15. Técnicas da alfaiataria, p.145
5. Sob medida, p.147
 - 5.1. Tesouras, máquinas de costura e enciclopédias de alfaiataria, p.151
 - 5.2. Aprendizes e escola, p.157
 - 5.3. Semi-industrial, p.164
 - 5.4. Sob medida, p.67
6. Considerações finais, p.173
7. Referências, p. 177

1. Prólogo

No contato por telefone realizado antes da primeira visita, o alfaiate perguntou se eu queria fazer um anúncio dos serviços dele. Respondi que não. Avisou que não tinha interesse em fazer propaganda nenhuma. Expliquei que se tratava de uma pesquisa. Doutorado na Universidade de São Paulo, na área de antropologia, sobre alfaiates. No dia seguinte, fui até a pequena alfaiataria localizada em uma galeria da Rua Augusta, no centro de São Paulo. Acionei a campainha e ele desceu do mezanino pela escada circular. O espaço era pequeno: provador de roupa, aparador, uma única cadeira. O meio manequim da vitrine estava agasalhado com um paletó xadrez. Em sua frente, uma placa informava o nome da alfaiataria (homônimo ao sobrenome do alfaiate) e um número de telefone fixo. “Estilista italiano. Roupas **sob medida**² e reforma. Especialista em conserto de roupas femininas”.

Conversamos em pé, com a porta de entrada da alfaiataria entreaberta para minha saída. A conversa durou menos de uma hora. No início ele supôs que eu vinha solicitar algum serviço. Lembrei-o do contato por telefone no dia anterior. *Ih, era pra hoje?*³ Ele tinha um dedal no dedo médio da mão direita. Apesar dos mais de cinquenta anos vivendo no Brasil, mantinha o sotaque italiano. Falava apressado e parecia impaciente. Não comigo, em especial, acho, mas com tudo. O assunto voltou e eu expliquei novamente: *Não, eu não sou da área de vendas, não trabalho para nenhum jornal de divulgação. Sou*

² A expressão **sob medida** será apresentada sempre em negrito neste trabalho. Este destaque visa apontar sua importância para a reflexão aqui desenvolvida e também a passagem dessa expressão de categoria nativa a centro de uma reflexão sobre um tipo específico de fazer.

³ As expressões, palavras e falas dos alfaiates pesquisados são apresentadas em todo este texto sempre em itálico e sem aspas.

professora fazendo uma pesquisa. Doutorado, Universidade de São Paulo, antropologia, alfaiates. O pessoal de um site já tinha feito uma entrevista com ele. Inclusive tiraram uma foto para colocar no anúncio. Mas nenhum cliente apareceu por conta disso. Considerou que os dez reais mensais que paga para estar na lista telefônica são mais efetivos.

Mostrei o livro “Alfaiatarias em Curitiba”, publicado em 2009, e expliquei que estava agora retomando e aprofundando a pesquisa. Enquanto folheava, perguntou se eu pretendia produzir outro material do mesmo tipo e quis saber quantos alfaiates há em Curitiba. Respondi que algo em torno de sessenta estabelecimentos pela lista telefônica e que o dono de uma loja de aviamentos específicos para alfaiataria considerou que os alfaiates da cidade talvez chegassem ao número de cento e cinquenta ou duzentos. O alfaiate achou os números razoáveis. *É bastante.* Disse que em São Paulo, capital, havia muitos alfaiates, estimava três mil. Reclamou que muitas pessoas hoje não sabem nada sobre alfaiataria e não valorizam o trabalho manual. Ele já viu que não adianta contra argumentar. Quando reclamam do preço, simplesmente encerra o assunto. Ou diz: *Se você tem dinheiro para pagar, ok. Se não tem* [fez um gesto com as mãos espalmadas cortando o ar horizontalmente].

Fomos interrompidos por um homem alto de cabelos brancos e cacheados, vestindo calça jeans, camiseta preta e um colete cinza. Ao ver a porta de vidro da alfaiataria entreaberta e nós dois conversando perto dela, aproximou-se e deu um passo para dentro. Perguntou se ele era o alfaiate e quis saber qual era o custo do feitiço de um terno⁴. *Três mil e quinhentos reais*⁵. Era mais do que o cliente esperava ouvir e talvez por isso ele imaginou que o valor incluía o preço do tecido com o qual o terno seria confeccionado, mas o alfaiate explicou que esse era o preço apenas do feitiço. Surpreendido, o cliente argumentou que por esse valor podia comprar um ótimo terno pronto fora do país. Talvez querendo sugerir que o cliente não encontraria um terno adequado para seu corpo nas lojas de roupas prontas, o alfaiate observou: *O senhor é bem alto.* O cliente retrucou: *Sim, mas qual o problema? O que isso tem a ver com o preço?* Mudando a direção da conversa, o alfaiate disse: *Não, nada. O senhor já tem o tecido?* O cliente assegurou que sim e contou que viaja todos os anos para o exterior. Sempre traz tecidos de lá. Como a alfaiataria que frequentava fechou, ele estava à procura de outro profissional.

Os dois voltaram a questão do custo: *Se for encomendar mais de um* [terno] *posso melhorar um pouco o preço.* Reticente, o cliente respondeu: *É, tenho*

⁴ Ternos, ao pé da letra, são constituídos por calça, colete e paletó. É comum, entretanto, o uso da expressão em referência ao conjunto composto apenas por calça e paletó, que seria mais precisamente denominado “costume”, expressão pouco utilizada. Os alfaiates dizem, por exemplo: *Já vendi um terno hoje.* Ou: *Antes eu fazia trezentos e sessenta ternos por ano, depois passou pra trezentos e quarenta, depois trezentos. Hoje minha produção anual é de duzentos e vinte.* Em ambos os casos, a expressão terno refere-se a uma produção que contempla não só os ternos propriamente ditos, mas também os costumes.

⁵ Em agosto de 2014 quando ocorreu esse diálogo, o valor de R\$ três mil e quinhentos reais era equivalente a quase cinco salários mínimos.

tecido. Em outubro vou viajar e vou trazer mais. Mas, por esse preço, é melhor comprar lá. O alfaiate replicou: Mas aí trata-se de confecção; e o cliente disse: Sim, mas eu falo de uma ótima confecção. Feita com muita qualidade. Esse colete aqui, eu trouxe de lá. O cliente abriu os botões e mostrou a parte interna do colete que vestia. O alfaiate olhou a peça de roupa com atenção, tocou a etiqueta interna com os dedos, falou o nome da marca em voz alta com forte acento no sotaque italiano, e revidou: No Bom Retiro tem uma loja que vende roupas dessa marca também⁶. O cliente: É mesmo? Esse aqui eu trouxe ano passado da minha viagem. O alfaiate reforçou: Traga os tecidos que posso melhorar o preço. O cliente apontou: Um deles é parecido com este aqui [indicando o paletó no manequim], parece um tweed⁷. E tenho também um outro que quero usar para um paletó de verão. Para incentivar o cliente, o alfaiate anunciou: O verão está quase aí. O cliente agradeceu, virou-se para a porta e já ia embora quando o alfaiate lhe ofereceu um cartão. Respondeu: Não, obrigado. Eu passo sempre aqui em frente.

Logo que o cliente saiu, o alfaiate virou-se para mim dizendo: *Está vendo? É assim. Eu posso até fazer um preço menor. Não três mil, que isso não dá. Três mil e trezentos reais. Mas não adianta. Ele nem levou o cartão porque não está interessado. Acha caro.* Contrariado, disse que dá vontade de falar para esses clientes: *Vai no alfaiate que fica ali perto do shopping do Ibirapuera. Ele cobra oitocentos. Até quinhentos!* Avaliou que os alfaiates de bairro, que cobram pouco, quebram o comércio dos demais⁸. *Cobram barato, mas não fazem o mesmo serviço.* Disse que os clientes acham que o preço do feito é todo lucro, mas não é. Tem que pagar os funcionários. Quer dizer, não são funcionários, são autônomos, que prestam serviço. Os clientes perguntam: *Mas não é o senhor que faz?* Ele responde que não faz sozinho, que tem gente de sua confiança: *Que eu conheço o trabalho. É como se eu fizesse.* Explicou que paga oitocentos reais para o paletozeiro, que costura os paletós, e mais cem reais para o calceiro, responsável pelas calças. E teria ainda a pessoa que prega as mangas dos paletós, o mangueiro, mas esse é um serviço que prefere ele mesmo fazer, não passa para ninguém.

Essa mão-de-obra – oficiais paletozeiros, calceiros, coleiteiros, mangueiros – é escassa. Inclusive, ele quase perdeu o calceiro com quem trabalha há vinte anos. *Ele ia morar na praia, mas desistiu. Eu avisei: não vai para lá que o custo [de vida] é baixo, mas não tem serviço. Você vai passar fome. Quando*

⁶ Bairro da região central da cidade de São Paulo/SP, o Bom Retiro é conhecido por sua intensa atividade comercial, em especial de roupas vendidas a preços populares e, também, por ser um bairro proletário e de imigrantes. Conforme Truzzi (2002), no início do século XX, o bairro abrigava um número muito expressivo de oficinas de fundo de quintal e de outros estabelecimentos a meio termo entre o comércio e a indústria.

⁷ Tecido de lã grosso.

⁸ Referência aos alfaiates cujos estabelecimentos localizam-se fora do centro da cidade, em regiões, locais ou salas comerciais de custo mais baixo. Atendendo, em geral, uma clientela de menor poder aquisitivo, os serviços prestados pelos alfaiates aos quais se chama, em terceira pessoa, de *alfaiates de bairro* têm, habitualmente, um custo menor do que aqueles realizados pelos alfaiates do centro da cidade.

tinha muita encomenda, os vários oficiais que trabalhavam com ele iam e vinham pela cidade a toda hora, buscando e levando o serviço que entrava. Seus oficiais sempre trabalharam em suas próprias casas, isso porque sua alfaiataria é pequena, só cabe ele mesmo. Mas, com a diminuição das encomendas, alguns foram avisando que iam procurar outros alfaiatarias que tivessem serviço para passar, e ele foi respondendo que tudo bem. Se precisasse, chamaria de novo, mas o serviço não aumentou. Pelo contrário.

Disse que se sente hoje um empregado do cliente. *Tem que ter muita paciência, atender muito, muito bem.* Agora prefere fazer ajustes de ternos bons, comprados prontos fora do país. São reformas que podem chegar a custar quinhentos ou um mil reais e são feitas rapidamente, sem que se precise repassar o serviço para o calceiro ou para o paletizeiro. Em ajustes mais simples, que levam apenas um dia para serem feitos, cobra trezentos.

Perguntei sobre o dedal que ele usava enquanto conversávamos. Disse que só tirava quando ia para casa. Lamentou que aquele não era como os antigos, de melhor qualidade. O dedal que usava antes era de uma fábrica alemã, produzido em um material metálico melhor, que não manchava o dedo. Mas aquele ele perdeu há dez anos. Estava tão acostumado a usá-lo que quase não o tirava do dedo e, ao ir para casa, esquecia de deixá-lo na alfaiataria. Perdeu o velho dedal em uma dessas vezes, no ônibus para casa. Acha que, sem ver, ao colocá-lo no bolso, acabou deixando-o cair. Como a fábrica fechou, não teve mais como comprar outro do mesmo tipo e precisou usar este novo dedal de pior qualidade.

Durante nossa conversa, ele viu amigos passarem em frente à alfaiataria, me pediu licença e, muito animado, virou-se para os dois e fez uma brincadeira a respeito do preço dos sapatos que um deles vende. Avisou ao outro que aquele ali era turco. Em tom de galhofa, eles cobraram alguma coisa e disseram: *Se não entregar, não vou pagar.* O alfaiate, rindo, disse: *É um caloteiro mesmo!*

Conversamos ainda um pouco mais sobre a experiência que ele teve ao trabalhar durante um ano em uma fábrica de roupas. Mesmo sendo uma indústria que fazia calças *de qualidade*, a experiência não tinha sido de todo positiva. *Foi bom e foi ruim. Na indústria tem que ter produção. Cada um faz apenas uma parte. Tem um que põe só o zíper. No primeiro mês o chefe explica, no segundo mês ele espera para ver o resultado. Depois quer o resultado de tantos zíperes por dia.* Saiu da indústria quando surgiu a oportunidade de comprar o ponto da alfaiataria que possui hoje e onde está há mais de vinte anos. O alfaiate contou ainda que já está aposentado, mas a aposentadoria é pequena, então, trabalha porque precisa, e também porque gosta de trabalhar.

Na despedida, pedi um cartão. E ele, que eu incluísse seu nome no livro que for fazer.

Essa passagem do trabalho de campo apresenta de forma breve um conjunto de circunstâncias compartilhadas entre vários dos alfaiates abordados: o declínio do volume de encomendas de roupas **sob medida**; a contraposição entre o preço e a qualidade dos produtos industriais e artesanais; os vínculos estabelecidos entre proprietários de alfaiatarias e oficiais; e, sobretudo, o cotidiano de atendimento aos clientes de um conjunto de profissionais tipificado por um determinado saber-fazer. Este trabalho aborda o universo dos alfaiates e das alfaiatarias e tem como objetivo descrever e analisar as particularidades dessa prática produtiva e comercial, observando as trocas e habilidades constituídas nas relações dos alfaiates com as pessoas e com os artefatos com os quais e nos quais trabalham.

A etnografia enfoca o cotidiano de uma atividade realizada por um corpo profissional composto, em sua grande maioria, por homens, e dedicado, antes de tudo, à confecção de roupas masculinas – contexto no qual ser “especialista em conserto de roupas femininas” não é algo incomum, mas aponta a disposição do profissional para atender um tipo de público e realizar um tipo de serviço nem sempre bem-vindo em outras alfaiatarias. A maior parte dos alfaiates abordados pela pesquisa possui mais de sessenta anos, estão aposentados (embora continuem trabalhando na atividade) e atuam em alfaiatarias de pequeno porte, onde trabalham sozinhos ou com mais três ou quatro oficiais⁹ com quem partilham histórias comuns de aprendizado da profissão e também uma experiência recente e aguda de transformação das formas de vestir e de fazer roupas ocorrida nos últimos cinquenta anos. Muitos deles foram iniciados na profissão ainda crianças, com cerca de dez anos de idade, por pais, irmãos, primos e tios, mas raros são os que incentivaram seus próprios filhos a continuar no ramo.

As relações estabelecidas entre oficiais alfaiates e os alfaiates proprietários de alfaiatarias são por vezes longevas a ponto de terem alcançado vinte, trinta e, até, quarenta anos de convivência. Mas há também oficiais que, ao longo de suas trajetórias, trabalharam para diferentes alfaiatarias e, em alguns casos, concomitantemente, para mais de uma. Sua circulação em busca de novas parcerias de trabalho ocorre por motivos variados: desavenças, busca por melhor remuneração ou baixas no fluxo de serviço. Ainda que seja comum o uso dos termos *funcionário* e *patrão* em referência mútua, nem sempre os vínculos aí estabelecidos são

⁹ Em São Paulo, encontram-se alguns poucos estabelecimentos que possuíam um quadro com cerca de quinze alfaiates. O porte da alfaiataria está, nestes casos, diretamente relacionado ao volume de encomendas recebidas.

formalizados via assinatura de carteira de trabalho, sendo frequente a remuneração por peça confeccionada ou por serviço prestado. Não raro, os proprietários de alfaiatarias, após se referirem a um *funcionário*, se corrigem esclarecendo que este ou aquele oficial atuam, *na verdade*, como *autônomos* ou como *prestadores de serviço*. Ressalva importante em tempos nos quais os processos trabalhistas tornaram-se mais frequentes.

A despeito da importância e do significado que a confecção **sob medida** tem para os alfaiates, a realização de reformas e ajustes de roupas prontas tornou-se muito frequente nas alfaiatarias. O aumento desse serviço (antes preterido e, até mesmo, em alguns casos, recusado) revela uma nova conjuntura na qual profissionais qualificados para a realização de atividades consideradas por eles mesmos mais difíceis, reduzindo suas equipes de trabalho, passaram a atuar, total ou parcialmente, como *buteiros* (alfaiates de consertos), função que consideram exigir menos competência técnica¹⁰. Esse declínio na escala de posições do mundo da alfaiataria parece, entretanto, em alguma medida, abrandado pela consideração da origem, das características e dos materiais das roupas com as quais se trabalha. Assim, realizar consertos em ternos *importados* que são, em princípio, tomados como *de qualidade*¹¹, coloca o profissional em uma condição diferente, e melhor, do que atuar no ajuste de outros tipos de roupas baratas e de má confecção, trabalho realizado, em tese, pelas *alfaiatarias de bairro* e também pelas oficinas e ateliês de costura¹², onde a confecção **sob medida** é ocasional, e não elementar.

Entre as diversas peças de roupa que podem ser confeccionadas nas alfaiatarias (sobretudos, jaquetas, *smokings*, fraques, *tailleurs* e fardas, entre outros), os ternos têm lugar privilegiado e são tratados como produto por excelência do trabalho dos alfaiates. As peças que o compõem não só nomeiam as funções dos oficiais – paletózeiros, calceiros e coleiteiros – mas

¹⁰ A palavra designa aquele que faz *butes*, remendos, e pode ser utilizada tanto em referência a sapateiros quanto a alfaiates. No contexto dessa pesquisa a expressão nunca era auto designativa, mas sim usada como uma categoria de acusação, em referência a um profissional específico (*Aquele lá é um buteiro*) ou de modo genérico indicando um conjunto de alfaiates (*Tem muitos que se dizem alfaiates mas, na verdade, são buteiros*). Um breve vídeo, produzido pelo projeto de extensão Trilhas Culturais, da Universidade de Taubaté em colaboração com a TV UNITAU, com o objetivo de registrar ofícios antigos e profissões em extinção, é exemplar neste sentido. Intitulado “Buteiro. Que profissão é essa? ”, o vídeo apresenta, por meio do narrador, uma breve definição do trabalho do buteiro. O profissional entrevistado, entretanto, refere-se a si mesmo durante toda a entrevista apenas como *alfaiate*, em nenhum momento usando a expressão *buteiro* para tratar de sua profissão (TV UNITAU, 2014).

¹¹ A referência a ternos *importados* sugere que os mesmos tenham sido comprados em *viagens à Europa*, em especial na Inglaterra e na Itália; nunca na América do Sul, na África ou na Ásia. Os ternos *chineses*, por exemplo, apesar de importados, não são considerados, a princípio, produtos *de qualidade*.

¹² As oficinas e ateliês de costura são estabelecimentos de pequeno porte conduzidos, de modo geral, por mulheres costureiras e dedicados, principalmente, à realização de reformas, ajustes e consertos.

também são diferenciadas entre si segundo o grau de dificuldade de sua confecção. O serviço de fazer paletós é considerado mais complexo do que o de fazer coletes, que é por sua vez percebido como atividade mais difícil do que confeccionar calças. Embora existam exceções, a progressão na profissão se dá, em tese, passando-se dos serviços mais simples aos mais complexos. Em termos de funções, a formação do alfaiate culmina no atendimento aos clientes, no corte do tecido e na distribuição de trabalho entre os oficiais, tarefas assumidas depois que o profissional domina a confecção dos paletós, coletes, calças e outras peças; e apenas quando pró-ativamente trabalha para passar da posição de oficial à de contramestre ou à de mestre alfaiate, coordenando uma equipe para outrem ou abrindo seu próprio estabelecimento¹³.

Mesmo tendo em conta tal ortodoxia, as trajetórias profissionais dos alfaiates reiteradamente subvertem essa sequência linear de desenvolvimento profissional, como bem demonstra o exemplo do alfaiate acima, que passou da condição de contramestre ao trabalho em uma indústria de calças e dali à abertura de seu próprio negócio. De todo modo, é certo que, se por um lado, a realização dos serviços de ajustes, reformas e consertos são reputados como mostra de que a alfaiataria, como campo de trabalho, vem curvando-se à confecção industrial, cuja produção segue critérios e processos diferentes, por outro, o serviço de confecção de ternos **sob medida** é, para os alfaiates, sinônimo de um atendimento exclusivo que serve a um número restrito de pessoas que “podem pagar” e que não se dão por satisfeitas com (ou não podem ser vestidas adequadamente pelas) roupas prontas. Essa clientela, que muitas vezes tem pressa e não tem tempo para ir até o alfaiate, compõe um patrimônio importante da alfaiataria, mas pode também exigir *paciência* dos alfaiates e fazê-los se sentir como *empregados*.

Para além de ajudar a constituir a reputação de quem os atende, os clientes, com as idiossincrasias dos seus corpos e preferências, são uma importante matéria por meio da qual os alfaiates – em especial, os que atuam no corte dos tecidos – desenvolvem suas habilidades de transpor determinadas formas e volumes para um conjunto específico de roupas. Tendo em vista determinados parâmetros de beleza, qualidade e **caimento**, as peças de alfaiataria replicam as

¹³ Castro (2009), em breve monografia sobre a situação dos alfaiates da cidade de Juiz de Fora, distingue treze classes de alfaiates que trabalhavam em conjunto na confecção da roupa. Além dos contramestres que, conforme indicado acima, são raros na atualidade, a autora descreve também as funções de ajudante de contramestre, meio oficial, coleiteiro, acabador e passador. Com a redução das alfaiatarias, os serviços realizados por esses profissionais foram sendo redistribuídos entre um número menor de funcionários. Apesar da forma nominal de tratamento *mestre alfaiate* ser comum na literatura histórica sobre o tema, e também fazer-se presente nas enciclopédias sobre alfaiataria, não é utilizada no cotidiano das alfaiatarias estudadas em Curitiba. Os oficiais tratam os proprietários das alfaiatarias pelos seus nomes ou alcunhas, e, em conversas com terceiros, pela expressão *patrão*. Optou-se neste trabalho pelo uso das expressões *patrão* e dono/proprietário de alfaiataria. Desse modo, destacamos que os alfaiates que atuam nestas condições nem sempre correspondem ao perfil por meio do qual os *mestres alfaiates* são descritos pelos próprios alfaiates e na literatura sobre o assunto.

especificidades inimitáveis de um corpo, ao mesmo tempo em que procuram valorizá-lo, e quando necessário corrigi-lo. Durante a confecção **sob medida**, alfaiates e clientes estão engajados entre si e com o conjunto de gestos, materiais e instrumentos de trabalho que são postos em interação diante de uma encomenda. Esse engajamento aperfeiçoa, ao mesmo tempo, o corpo do cliente, que é modelado pela roupa **sob medida** adquirida, e o corpo do alfaiate, que é modelado pela roupa **sob medida** fornecida. As provas bem evidenciam que as roupas se fazem à medida que vão e voltam entre as mãos de quem as confecciona e os corpos dos clientes, à medida que os diversos materiais que compõem os ternos vão sendo reunidos entre si.

No que diz respeito a esse ajuntamento de materiais, corpos e pessoas, vale notar que o universo das alfaiatarias põe em circulação, tanto pela cidade quanto em outros estados e países, cortes de tecidos, mostruários, botões, entretelas¹⁴, tesouras, anotações de medidas, dinheiro e clientes. E, também, os próprios alfaiates, que se deslocam, na condição de oficiais, entre as alfaiatarias para as quais trabalham e, na condição de proprietários de alfaiatarias, entre as casas e escritórios dos clientes que atendem. O propósito deste estudo é compreender tais formas de circulação e, também, o modo como as habilidades dos alfaiates são constituídas no cotidiano de trocas e de trabalho com as roupas que produzem, com os materiais que utilizam, com outros alfaiates com quem convivem e nas relações que estabelecem com a clientela que atendem.

Engajados na atividade desde muito cedo, trabalhando com outros alfaiates há muitos anos e, às vezes, rotineiramente no mesmo endereço há décadas, esses profissionais, que muitas vezes se apresentam como os últimos exemplares do seu ofício, não só observam atentamente a mudança dos tempos como também se localizam de forma peculiar nela. Marcam ritmos de produção, de provas de roupa, de entrega de encomendas e períodos de parcerias de trabalho, de experiência profissional e de aprendizagem. Faz parte de suas histórias um conjunto variado de memórias que sinalizam as mudanças dos tecidos, das máquinas, dos aviamentos e também as variações da moda, que ora alargam ou estreitam, ora rejeitam ou resgatam modelos de paletós, calças e coletes. Nessas narrativas que tratam das trajetórias pessoais dos alfaiates e das histórias das alfaiatarias destaca-se, mesmo para um ouvinte menos atento, a distinção temporal entre um “antes”, bastante indeterminado, e um “agora”, como sugeriu acima o alfaiate, quando, via de regra, quase ninguém mais sabe o que é alfaiataria.

¹⁴ Entretelas são um tecido grosso, às vezes feito com crina de cavalo, que é fixado em determinadas partes do paletó para torná-las mais firmes. As entretelas são colocadas entre o forro e a fazenda e podem ser fixadas por meio da costura ou, quando são autocolantes, por meio do aquecimento com o ferro de passar.

Essa *alfaiataria-que-quase-ninguém-mais-sabe-o-que-é* alude a um sistema de trabalho que emprega determinadas práticas produtivas sobre as quais paira um alerta. A ideia de que a profissão de alfaiate está em vias de desaparecimento, de extinção ou em crise generalizada parece ter ampla reverberação na imprensa norteando diversas reportagens¹⁵. Apesar de ser uma representação bastante convencional e de se fazer presente, inclusive, na produção acadêmica brasileira sobre o assunto, o fim da profissão segue, contudo, como uma ameaça de natureza e contorno pouco definidos. O que é, afinal de contas, um ofício em perigo de desaparecimento? Com (ou sem) quantos alfaiates se faz um processo de extinção? Duzentos alfaiates em Curitiba é bastante? Três mil em São Paulo capital é muito?

A nostalgia expressa nessa espécie de crônica de uma morte anunciada trata não apenas da experiência cotidiana da passagem do tempo e do encolhimento da atividade, mas também demarca diferenças, moralidades e emoções próprias do universo de trabalho dos alfaiates. Trata-se, de certo modo, de uma forma nativa de pessimismo sentimental (SAHLINS, 1997) que qualifica esta atividade como algo prestes a se desmoronar inteiramente frente a marcha da expansão industrial. Neste cenário, o artesanal aparece como antítese do industrial, estágios respectivamente inicial e final de um *continuum* por meio do qual se opera uma mudança qualitativa (e quantitativa) dos sistemas de produção e das coisas produzidas. Em diversas situações empíricas (e, em um momento no qual *quase-ninguém-mais-sabe-o-que-é-alfaiataria*) esta distinção é usada para tornar visíveis as especificidades do trabalho dos alfaiates. Em um esforço de valorização do seu serviço, que é também um trabalho de substantivação do artesanal, o alfaiate, tentando neutralizar a comparação de preços feita pelo cliente, alerta sem sucesso: *Mas aí trata-se de confecção*.

O presente trabalho busca abordar a atividade da alfaiataria não como ente limitado e autocontido, mas sim como um sistema aberto por onde circulam artefatos, saberes e pessoas. Dois esforços parecem ser necessários para fazer avançar a compreensão do exercício dessa atividade em seus movimentos concretos de efetivação: o primeiro é evitar que a análise seja dominada por essas totalidades distribuídas em polaridades que engessam os fenômenos

¹⁵ Notícias repetem títulos como: “Alfaiate hoje está condenado” (Gazeta do Povo, Curitiba, 05.set.1989), “Uma arte perto do fim” (Revista Paraná Cia. Curitiba, 10.abr.1998), “Alfaiate, uma profissão ameaçada” (Gazeta do Povo, Curitiba, 06. set.2001), “Alfaiate é um profissional em extinção” (Primeira Hora, Curitiba, 06.set.2001), “Com grandes confecções, alfaiates estão em extinção” (Belo Horizonte, O Tempo, 15.jul. 2006), “Os últimos alfaiates” (Gazeta do Povo 13 jun.2010), “Profissões em extinção: o alfaiate” (São Paulo, Veja Online, 01.agosto.2010), “Alfaiataria tenta conter ‘extinção’ e oferece luxo para público masculino” (São Paulo, Uol, 03 dez. 2010), “Profissões em extinção se mantêm vivas em Marília, SP” (Bauru e Marília, G1, 06 set. 2012), “Costurar e vestir sob medida; uma arte ameaçada de extinção” (Porto Alegre, Sul21, 02.ago. 2015).

sociais. O segundo é evitar que o alarme sobre a extinção da profissão contagie a análise do cenário e torne-se um empecilho à observação das dimensões criativas do campo. Em ambos os casos se trata de afastar as autodescrições oriundas do próprio universo em pesquisa para, seguindo os itinerários da confecção de roupas em alfaiatarias, considerar etnograficamente as ambiguidades e contingências próprias desse universo.

2. Introdução

2.1 A pesquisa de campo

Os primeiros contatos que realizei com alfaiates ocorreram em 2007 em função de um projeto financiado por meio do Edital de Identificação e Registro do Patrimônio Imaterial, promovido pela Fundação Cultural de Curitiba/PR. O projeto, intitulado “Alfaiates e Alfaiatarias em Curitiba”, consistiu em um levantamento etnográfico e histórico do cenário da atividade da alfaiataria no município e surgiu da intenção de reunir informações sobre esse universo. Realizado por uma equipe composta de três antropólogos e um historiador¹⁶, a pesquisa procurou compreender o funcionamento das alfaiatarias, a distribuição de trabalho entre os alfaiates e também os valores por meio dos quais esses profissionais procuravam distanciar sua atividade daquelas concernentes à das costureiras e da indústria de confecções.

¹⁶ A equipe de pesquisa era composta por Fabiano Stoiev (levantamento historiográfico), Dayana Zdebsky de Cordova (pesquisa etnográfica e produção), João Castelo Branco (fotografia e pesquisa etnográfica) e por mim, que fui proponente e coordenadora do projeto e atuei na pesquisa etnográfica

Nossa curiosidade pelo tema foi bem recebida pelos alfaiates que em geral demonstraram satisfação em contar suas trajetórias profissionais, falar sobre os vieses e revesses de seu trabalho e também em ser fotografados. Tivemos naquele momento um primeiro contato com um vocabulário específico de nomes, verbos e expressões próprios do campo da alfaiataria e, tendo em vista que a equipe era composta por “jovens”, com idade entre vinte e trinta anos e que nitidamente não tinham o hábito de vestir as roupas confeccionadas por alfaiates, fomos também ensinados a reconhecer as características de um terno com **bom caimento** e as diferenças mais evidentes entre as roupas **sob medida** e aquelas produzidas pela indústria. Na época visitamos alfaiatarias e entrevistamos diversos alfaiates, estabelecendo com alguns uma amizade que nos permitia, à semelhança de outras pessoas que frequentam esses locais, retornar volta e meia, mesmo sem marcar horário, para uma conversa menos formal.

Orientado pela ideia de fazer um registro menos árido e que fosse de fácil acesso para o público em geral e, em especial, para os próprios alfaiates, o projeto teve seus resultados apresentados em duas oportunidades: em uma exposição de fotos ocorrida em 2008¹⁷; e na publicação, do livro “Alfaiatarias em Curitiba” (SANTOS et al, 2009), distribuído gratuitamente entre alfaiates, bibliotecas e também para o público em geral¹⁸. A circulação do livro, em especial, foi motivo de fortalecimento de contatos com vários alfaiates que, interessados em tê-lo, solicitaram alguns volumes para si e também para presentear familiares, amigos, clientes e colegas de profissão. Alguns expuseram seus exemplares nas entradas das alfaiatarias, sobre o balcão de atendimento ou em estantes, às vezes abertos nas páginas que continham fotos de sua alfaiataria ou deles mesmos em atividade. Em outras oportunidades, após o lançamento, ouvimos também elogios e observações (ora favoráveis ora nem tanto) sobre os lugares e profissionais retratados. Um dos alfaiates, especialmente interessado em contribuir com a pesquisa, distribuiu exemplares do livro entre os colegas da capital e também do interior do Paraná, e reforçou que o leu diversas vezes avaliando seu conteúdo.

Em 2010, a mesma equipe de trabalho voltou a reunir-se para a realizar o documentário etnográfico “O corte do alfaiate”, dirigido por João Castelo Branco e financiado por meio da

¹⁷ A exposição, também intitulada “Alfaiatarias em Curitiba”, foi exibida entre 10 de fevereiro a 9 de março de 2008 no Memorial de Curitiba, um espaço cultural localizado na região central da cidade. Em seguida, a exposição foi levada a quatro Ruas da Cidadania do município, que são sedes das Administrações Regionais do município, localizadas próximo a terminais de ônibus.

¹⁸ Os dois mil livros que compuseram a primeira edição foram distribuídos gratuitamente, conforme determinação do Edital de Identificação e Registro do Patrimônio Imaterial, promovido pela Fundação Cultural de Curitiba/PR, que financiou o projeto.

Lei de Mecenato da Prefeitura Municipal de Curitiba. O filme, lançado em 2011¹⁹, retomou algumas das questões tratadas na exposição e no livro, prosseguindo na apresentação do processo de confecção dos ternos. Nessa oportunidade, a equipe retomou o trabalho de pesquisa durante as filmagens, quando vários dos proprietários de alfaiatarias foram novamente visitados. Tendo em vista que àquela altura já tínhamos nos tornado mais próximos e que nosso trabalho já era melhor compreendido pelos alfaiates, pudemos também conversar com os oficiais, que no primeiro momento da pesquisa tivemos dificuldade em conhecer.

Malgrado essa explicitação aqui possa soar um tanto estranha, falar sobre a realização da exposição fotográfica, da publicação do livro e também da produção do documentário, é importante para que se compreenda a natureza da minha inserção entre os alfaiates e as bases desde as quais caminhou a pesquisa a partir de 2014 quando retornei ao trabalho de campo, agora não mais acompanhada da equipe com quem partilhei a produção dos dados anteriores. Minha entrada nessa rede de relações de base profissional estabelecida entre os diversos alfaiates e alfaiatarias, sem dúvida, condicionou os rumos da pesquisa. Em Curitiba, o meu contato com os alfaiates, e com alguns dos meus mais importantes interlocutores nessa mais recente etapa de pesquisa, foi certamente marcado por essa trajetória e tenho certeza que parte da atenção e tempo que me foram dedicados pelos alfaiates beneficia-se da duração das relações estabelecidas ao longo desses anos durante os quais, ora mais ora menos intensamente, ora em equipe ora sozinha, nos encontramos. A minha ligação com a produção da exposição, do livro e do documentário, e a realização de um novo estudo sobre o mesmo tema, agora no âmbito da Universidade de São Paulo, constituíram um campo de referências importantes do meu interesse sistemático e duradouro no trabalho dos alfaiates, o que me permitiu, de modo geral, ir a suas alfaiatarias com frequência, alongar minhas visitas, ser apresentada a outros alfaiates, fazer perguntas, tirar fotos, emprestar enciclopédias de alfaiataria, obter o contato de oficiais que desejava entrevistar, ouvir casos diversos sobre alfaiates e também acompanhar o atendimento a clientes e as provas de roupa.

Por outro lado, também criou oportunidade para que eu fosse questionada a respeito da ausência de fotos de determinados alfaiates no livro e para que recebesse sugestões de histórias e detalhes que poderiam ser contados ou de pessoas que não poderiam deixar de ser entrevistadas (e filmadas ou fotografadas) por ocasião de um novo projeto. Um dos alfaiates

¹⁹ Apesar de ter tido uma distribuição mais restrita, devido ao pequeno número de exemplares em dvds que puderam ser produzidos, o documentário foi exibido na Cinemateca de Curitiba, em alguns eventos de moda locais e também, algumas vezes, na Televisão Educativa do Paraná, de sorte que vários alfaiates puderam assistir ao material.

disse-me, por exemplo, que gostou muito do documentário que fizemos, mas que, em sua opinião, na conclusão do filme, faltou mostrar um terno já finalizado sendo entregue para o cliente. Esta ressalva foi retomada em diversos dos nossos encontros posteriores como uma lembrança a ser levada em conta na realização de um outro filme de cuja produção por acaso eu viesse a participar. Ao longo dos anos, alguns outros alfaiates, contatados após a publicação do livro e do filme, não perderam a oportunidade de comentar que não entenderam porque apenas *alguns alfaiates foram retratados e não todos*, sugerindo, por vezes, que eu *devia ter colocado todo mundo*. Outros que preferiram não ser filmados, no momento da realização do documentário, colocaram-se à disposição caso fossem realizadas novas filmagens. Procurei sempre acolher estas observações com atenção, tendo em vista a contrapartida legítima que reivindicam para si em face da aproximação que eu desejava estabelecer. Além disso, essas observações, é claro, dão uma boa noção da pluralidade de engajamentos estabelecidos e, creio, são uma importante indicação dos afetos mobilizados de parte a parte, uma vez que laços de maior ou menor afinidade vão se estabelecendo em campo.

Aproveitando a oportunidade de estar em São Paulo capital, durante os dois primeiros anos do doutoramento, procurei, a partir de julho de 2014, conhecer alfaiatarias locais e, seguindo indicações dadas pelos alfaiates de Curitiba, visitar lojas de tecidos e de aviamentos específicos para alfaiataria que são fornecedoras importantes do setor. O trabalho de campo realizado no contexto paulistano não alcançou a intensidade necessária para se realizar um trabalho comparativo, mas está presente aqui como um contraponto por meio do qual pode-se colocar em perspectiva os dados levantados no contexto curitibano. Em São Paulo, também estabeleci contato com duas escolas paulistanas de alfaiataria: a “Escola de Moda Italiana” que é conduzida pelo alfaiate Maurício Messias e funciona dentro de sua alfaiataria; e o “Projeto Sob Medida – Escola de alfaiataria”²⁰. Entrevistei o presidente da Associação de Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo, Felipe Jarnallo, que é também filho de Erich Jarnallo, proprietário de uma conhecida loja de tecidos e aviamentos importados próprios para alfaiataria, a Erlu Tecidos, revendedora exclusiva no Brasil de diversas marcas do setor, que atende encomendas de alfaiates de todo o país. Também contatei Ricardo Gammal, proprietário da Francesa Tecidos, e Sérgio Santos, gerente da Dom Comércio de Tecidos e Aviamentos. De

²⁰ O Projeto Sob Medida - Escola de Alfaiataria foi criado em 2006 e é uma iniciativa da Associação dos Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo, união de profissionais fundada em 1934. O folder de apresentação do projeto informa que: “o profissional formado na Escola de Alfaiataria terá condições de produzir um traje completo, desde tirar as medidas, desenvolver a modelagem, cortar, montar e finalizar camisas, paletós, coletes e calças, até produzir caseados e monogramas à mão em um processo totalmente artesanal” (s/d).

maneira geral, exceto quando o registro da conversa pareceu pertinente, evitou-se o uso de gravador e tratei de fazer anotações *in loco* e *a posteriori* de tudo que parecia relevante.

De volta a Curitiba, em 2015, retomei as visitas aos alfaiates já conhecidos²¹ e conversei com outros com quem ainda não tinha tido contato. Em algumas das alfaiatarias era bem evidente que eu tinha passado das salas de atendimento, onde era costumeiramente recebida, às salas de trabalho, lugar no qual oficiais e proprietários de alfaiatarias realizam a costura e o corte das roupas. Entretanto, apesar de meu acesso ter se tornado mais fácil e de eu já ser convidada a atravessar os espaços de atendimento, tendo a oportunidade de entrar nas áreas de trabalho mais protegidas da vista dos visitantes – sendo convidada para tomar café e sentar-me junto a alfaiates enquanto trabalhavam –, a observação em ato das técnicas²² empregadas ocorria sempre de modo entrecortado, de sorte que, em vista do que eu já havia aprendido na condição de visitante interessada no trabalho, pouco avançava minha compreensão das práticas.

Além disso, nesse novo momento da pesquisa tornou-se evidente que a condição de mulher e professora universitária, tinha um impacto particular no campo investigado e, muito provavelmente, implicava interdições do meu acesso aos profissionais. Meus contatos com os alfaiates ocorreram de forma predominante dentro das alfaiatarias, nos ateliês residenciais que os oficiais mantêm e, às vezes, nas lojas de aviamento, ou seja, principalmente nos ambientes de trabalho desses profissionais, onde, inclusive, minha presença era costumeiramente atribuída, por algum visitante, vizinho ou parente destes, à possibilidade de eu ser filha, neta ou freguesa. Nunca participei de momentos de lazer como idas a bares e jogos de futebol, como imagino que talvez pudesse ter ocorrido caso eu fosse um homem. Em uma ocasião, um dos interlocutores com quem eu mantinha contato frequente e que sempre incentivou e colaborou com meu trabalho, tendo recebido uma ligação de um outro alfaiate, cuja alfaiataria sabia que eu também frequentava com regularidade, referiu-se a mim em tom carinhoso, mas também de galhofa, como *namorada* (uma palavra usada pelos alfaiates também para referir-se a amante), dizendo por telefone ao colega de profissão: *Adivinha quem está aqui? Sua namorada! A brincadeira prosseguiu e, quando tive a oportunidade de estar com os dois poucos minutos depois, o outro alfaiate disse: Ah, se eu tivesse uma namorada assim, tava feito. A esposa do primeiro alfaiate, que naquele momento tinha se juntado a nós, replicou: Mas sua namorada*

²¹ Alguns, entretanto, tinham falecido e outros encerraram as atividades de suas alfaiatarias.

²² Para Marcel Mauss (2003), as “técnicas do corpo” são as maneiras aprendidas socialmente pelas quais as pessoas servem-se do seu corpo e relacionam-se com ele em situações diversas. Mauss chama de *habitus* o conjunto de técnicas e de séries de ações corporais socialmente adquiridos.

[referindo-se à esposa dele] *é bem bonita, você já está muito bem*. Na falta de uma indicação melhor, a presença, tão frequente, de uma mulher nas alfaiatarias, que não era nem parente nem cliente nem funcionária era, portanto, jocosamente atribuída a condição de amante.

Situações desse tipo, pouco recorrentes quando o trabalho de pesquisa era realizado em grupo e quando as alfaiatarias eram frequentadas na companhia de outros pesquisadores, ajudaram a tornar evidente as restrições postas e lugares atribuídos às mulheres nestes ambientes de trabalho. Foi sempre preciso, portanto, considerar os limites advindos da condição de pesquisadora/mulher interessada em uma prática predominantemente masculina e enfrentar o desafio de, tal como sugerem Ana Maria R. Gomes e Eliene Lopes Faria (2015), fazer desses limites uma vantagem. A respeito da pesquisa que realizaram sobre o aprendizado do futebol, as pesquisadoras avaliam suas condições de investigação apontando o seguinte:

No Brasil, raramente uma mulher se torna praticante na rede de sociabilidade que o futebol constitui. Para a inserção no campo, foi preciso que a pesquisadora negociasse a presença em outros termos. Isso exigia considerar, permanentemente, o impacto da presença da pesquisadora/mulher no campo investigado – o que fazia do texto etnográfico o relato de uma relação (possível). Compreendida pelos praticantes do jogo como alguém que jamais poderia, de fato, conhecer o futebol (por dentro) o desafio foi fazer desse limite uma vantagem [...]

Qualquer que seja a forma de imersão no campo, o pesquisador terá de se haver com suas possibilidades e limites. O mais importante é colocar no horizonte da tarefa etnográfica que o que está em jogo é uma relação. No caso do futebol, os limites da presença feminina [...] são descritos como reveladores de aspectos da prática futebolística que a imersão total [...] pode, por vezes ocultar (GOMES; FARIA, 2015, p.1224-5)

Assim, quando procurei em Curitiba os meus interlocutores mais conhecidos com o pedido de permissão de frequentar suas alfaiatarias (ou ateliês residenciais) na condição de aprendiz de alfaiate, parte das dificuldades que experimentei dizia respeito a encontrar um ambiente no qual a barreira de gênero pudesse ser transposta de algum modo. Após algumas negativas (sob alegação de falta de tempo, de serviço ou espaço diminuto do ambiente de trabalho), fui acolhida como aprendiz por um alfaiate que tinha não só uma alfaiataria mais ampla e fluxo frequente de serviço, mas cuja esposa e filhos estavam diariamente na alfaiataria. Assim, apesar de o ambiente comportar o trabalho de dois oficiais e ser eminentemente um estabelecimento comercial, a alfaiataria era também, em uma certa medida, um ambiente familiar. Durante o período em que frequentei o local, todas as tardes, diariamente, entre outubro de 2015 e maio de 2016, me dediquei a aprender a usar a agulha e o dedal, a realizar

barras de calça, a lidar com máquina de costura, a fazer diferentes tipos de bolsos, a costurar bermudas, tirar medidas de calças e também *riscar*²³ bermudas e calças com e sem pregas. Além disso, pude observar diversas provas, tirar fotos do trabalho e conversar com oficiais, com os clientes e com os familiares do alfaiate. Essa experiência só foi possível, é claro, devido à generosidade do alfaiate que me recebeu cotidianamente em seu local de trabalho, mas também a seu prazer, como ele mesmo disse, *de ensinar*.

Essa experiência como aprendiz repercutiu entre os outros alfaiates que me conheciam e, nas visitas a outras alfaiatarias, fui muitas vezes diretamente instada a falar como estava sendo meu aprendizado. Também ocorreu de perguntarem a terceiros como estava sendo meu desempenho. A esposa do proprietário de uma loja de aviamentos, ao saber que estava frequentando uma alfaiataria como aprendiz, perguntou-me porque eu não tinha preferido aprender a fazer vestidos, pois assim poderia costurar para mim mesma. Seu marido, atravessando minha resposta, disse-lhe que este era meu *hobby*. Quando eu pude responder que minha intenção não era me tornar alfaiate ou costureira, mas sim aprender o trabalho para poder escrever melhor sobre a atividade, ambos acenaram com a cabeça afirmativamente, como tendo obtido, afinal, uma resposta um tanto razoável para o inusitado da minha condição. Outras passagens, durante o período em que estive na condição de aprendiz, também indicaram os termos nos quais a minha presença na alfaiataria podia ser interpretada. Durante a visita de um oficial aposentado, fui apresentada como *aprendiz de alfaiate* pelo proprietário da alfaiataria, mas o visitante, ao me desejar boa sorte no aprendizado, disse: *Muito bom. Arranjou uma costureira então. Bom trabalho para senhora aí com os seus bordados. Boa sorte* [grifos meus].

Apesar dos limites da minha condição em campo, esta experiência de imersão no cotidiano de uma alfaiataria modificou profundamente a observação da prática, repercutiu na análise de todos os dados anteriormente levantados e implicou, inevitavelmente, na assunção da pesquisa como um experimento no próprio corpo da pesquisadora, utilizando-o como uma ferramenta de investigação, como um vetor de conhecimento, à semelhança do que realizou Loïc Wacquant (2002) ao, durante pesquisa realizada no subúrbio de Chicago, se submeter ao aprendizado do boxe. Essa experiência foi uma tentativa de apreender o universo em questão não apenas através da observação e da discursividade, mas também por meio da participação nas tarefas cotidianas desses profissionais e na dinâmica rotineira do trabalho. Um esforço para

²³ No sentido de desenhar com giz sobre o tecido as linhas que orientam o corte da roupa.

não apenas ouvir o que se diz, mas sim, conforme José Guilherme C. Magnani sugere, compartilhar o horizonte dos pesquisados

[...] não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2002, p.135).

É preciso ressaltar, entretanto, que as falas nativas não se tornaram em nenhum momento da pesquisa menos relevantes e nunca puderam ser menosprezadas, constituindo, de fato, elemento da maior importância para compreensão dos sentidos e das práticas em análise. As narrativas dos alfaiates sobre suas trajetórias, sobre os episódios ocorridos nas alfaiatarias, sobre o “como as coisas eram no passado”, suas percepções sobre “hoje em dia”, sobre os clientes, sobre os tipos e características dos alfaiates, assim como sobre a natureza do seu trabalho, obtidas de modo geral em conversas informais enquanto estes trabalhavam ou em uma de suas pausas – mas também às vezes em entrevistas gravadas – são uma fonte importante de dados deste trabalho. O engajamento prático nas atividades pesquisadas, entretanto, ainda que breve, foi uma tentativa de evitar tratar a atividade da alfaiataria com as tintas de um certo pessimismo muito comum, como veremos mais adiante, nas análises dos pesquisadores que se dedicam ao estudo desses profissionais. Além disso, tornar-me aprendiz foi um modo de viabilizar a compreensão de certos aspectos das habilidades e saberes desenvolvidos por meio do processo de confecção de roupas **sob medida** que pareciam ser sempre tratados *en passant* pelos alfaiates, não porque fossem menos importantes, mas sim porque exigiam a compreensão de determinados aspectos pelos quais, só um iniciado na atividade, poderia se interessar.

A despeito das diversas oportunidades que o esforço de engajamento na atividade proporcionou, estive sempre muito distante de “me tornar uma nativa”. Isso, creio, não se deve apenas à minha condição de mulher, adulta, professora, na posição de aprendiz de alfaiate (uma verdadeira conjunção de excepcionalidades) mas também às minhas significativas dificuldades de realizar as tarefas, de fixar a sequência de passos necessários para confecção das peças e também de executar com alguma agilidade as ações mais simples. Não raro, dispendi tardes inteiras na realização de atividades, como confeccionar bolsos, nas quais os alfaiates não gastam mais do que dez minutos, confirmando, como indicou Marcel Mauss que “uma habilidade manual só se aprende lentamente” (2003, p.403). Além disso, a passagem de uma etapa de

aprendizagem a outra sempre ocorreu como uma proposição sobre a qual eu deveria decidir investir, ou não, tendo em vista os objetivos específicos que eu tinha, e que sempre me tornaram muito diferente de *um menino à procura de um serviço com o qual possa se estabelecer na vida*, condição da grande maioria dos alfaiates que pesquisei, quando aprendizes. Entendendo as dificuldades, erros e equívocos no trabalho de campo como algo que também contribui para a análise e compreensão dos grupos em estudo, ou seja, como “expressão das diferenças e, portanto, como forma de conhecimento e de inserção etnográfica” (SAUTCHUK; SAUTCHUK, 2014, p.594), parece razoável pensar a experiência do trabalho etnográfico como um movimento não só de aproximação, mas também de diferenciação

Acreditamos que a interação prática tem seu valor etnográfico na medida em que ela possibilita que contrastes sucessivos, e cada vez mais detalhados, de estatuto, de intenção, de envolvimento, de sentido e inclusive de competência numa dada prática sejam transformados em instrumentos. A cada aproximação, uma miríade de novas distinções é revelada – trata-se da experiência não como fusão, mas como busca radical e progressiva dos contrastes (SAUTCHUK; SAUTCHUK, 2014, p.594).

De todo modo, apesar dos limites da minha condição, o engajamento no cotidiano da alfaiataria, permitiu-me observar sistematicamente as interações entre os alfaiates e entre clientes e alfaiates, acompanhar as diversas etapas do processo de produção e as sinuosidades e imprevistos que o compõem. Também possibilitou acompanhar a circulação dos oficiais que buscam e levam serviços, e presenciar visitas de amigos, conhecidos, clientes e também oficiais que se aposentaram ou que estavam à procura de trabalho. Acompanhei o alfaiate nas idas nos escritórios e casas de clientes e tive também a possibilidade de, nas conversas com seus familiares, ouvir suas considerações sobre a natureza do trabalho praticado pelo alfaiate e sobre as perspectivas do negócio. Tendo em alguma medida, mudado a posição que ocupava na trajetória da pesquisa (de visitante a aprendiz), foi possível observar as reações a este movimento. E, é claro, pude enfim viver as dificuldades e êxitos de confeccionar uma peça de roupa e de lidar com as máquinas de costura, ferros de passar, tesouras, agulhas, tecidos, forros, botões, dedais, entretelas e diversos outros materiais e instrumentos de trabalho presentes neste universo. Além de provar os gestos e posturas da atividade. Experiência que permitiu a compreensão das habilidades e saberes desenvolvidos pelo/no processo de confecção das roupas **sob medida** e das relações constituídas a partir das ações aí estabelecidas.

2.2 Abordagens brasileiras sobre tema

Poucas pesquisas de cunho acadêmico e social foram realizadas no Brasil sobre a prática da alfaiataria. Desenvolvidas em contextos institucionais e localidades variados, as dissertações, monografias e artigos sobre o assunto pertencem ao campo da educação, do serviço social, da gerontologia e do *design* de moda. Poucas vezes esses trabalhos conversam entre si, fazem referências uns aos outros e tornam-se tema de trabalho da vida acadêmica dos seus autores, de sorte que, não se constata aí um campo de pesquisa estabelecido, mas sim uma variedade de esforços isolados que abordam o tema com objetivos diversos, mas com frequência reunindo entrevistas com alfaiates em atividade a dados de ordem histórica sobre o surgimento da alfaiataria e a evolução da indumentária masculina.

Apesar da heteronímia desses trabalhos, que tratam do terno, do aprendizado do ofício, das novas condições de trabalho e também das memórias dos alfaiates, boa parte deles tem assumido uma ordem de proposições muito atrelada aos modos pelos quais os próprios sujeitos pesquisados avaliam o cenário da prática da alfaiataria hoje em dia. São recorrentes, em especial, a referência ao fato de que a profissão de alfaiate está em vias de desaparecimento (CINTRA, 2004), de extinção (REIS, 2013; CASTRO, 2009; BARBOSA, 2013, 2015) ou em crise generalizada (SIMÃO, 2012); e, também, o alerta para o fato de que esses profissionais, situados em um complexo campo de forças sociais, têm suas condições de produção e seu sistema de transmissão de conhecimentos afetados pelas práticas comerciais agora correntes.

Por certo, o declínio das encomendas nas alfaiatarias, e também de jovens interessados na profissão, está relacionado a um conjunto amplo de mudanças na lógica comercial do setor e nos modos de vestir e de consumir que remete, no Brasil, ao final do século XIX e início do século XX, quando a produção industrial de têxteis, sapatos, chapéus, alimentos e outros bens de consumo gradativamente substituiu a produção doméstica e artesanal²⁴. Conforme aponta

²⁴ Apesar de não pretendermos aqui descrever a trajetória histórica dos monopólios profissionais na qual a prática da alfaiataria se insere, vale observar sua importante conexão com as Corporações de Ofício, instituições que regulamentavam a alfaiataria e outras atividades nas cidades europeias do século XIII em diante e que desempenharam no velho continente, conforme destaca Gilles Lipovetsky (1989), um importante papel na produção de moda até a metade do século XIX. No Brasil, a organização do ofício de alfaiate (assim como de oleiro, ferreiro, marceneiro, sapateiro, pedreiro, etc.) vinculou-se ao aparato colonizador e não se revestiu das mesmas peculiaridades observadas nos países europeus. Até meados do século XVIII, “o controle corporativo dos serviços nem sempre era seguido e ficava muitas vezes a critério pessoal de cada artífice” (MARELONKA, 2007, p.24). Além disso, os ofícios mecânicos eram considerados “indignos” pelas famílias nobres e não existia propriamente uma consciência de classe, mas sim eventuais associações em defesa de interesses em comum (RABELLO, 1977, p. 579).

Bonadio (2007), em São Paulo, em torno de 1910, a oferta de roupas prontas para homens e crianças era mínima e a maior parte do vestuário era confeccionada em ateliês de costura ou em casa (exceto algumas peças femininas e roupas de cama, mesa e banho). Pouco tempo depois, em meados de 1920, não só a variedade de roupas prontas aumentou de forma significativa como ganhou, com a expansão das lojas de departamento, um novo *status*.

Instaladas em São Paulo por volta de 1910, os grandes magazines são interpretados por Bonadio (2007) como uma resposta à fábrica, visto que seus grandes pedidos de compra estimulavam e absorviam a produção, permitiam a prática de preços baixos, possibilitavam a circulação mais rápida dos estoques e também a atração de uma clientela mais ampla. As lojas desenvolveram novas formas de apresentar as mercadorias dispondo os artigos ao alcance das mãos dos clientes, permitindo a experimentação sem compromisso de compra, fixando preços e constituindo ambientes decorados nos quais o consumidor era convidado a se aproximar das mercadorias, circulando pela loja para observar o que havia de novidades (p.47-59). Todo este processo, que foi se fortalecendo na primeira metade do século XX, foi sensivelmente percebido pelos alfaiates pois, não só instaurou a combinação “leve agora e pague depois”, em substituição ao “pague agora e leve depois” da alfaiataria, como também se faz acompanhar de um novo padrão de vestuário mais juvenil e informal.

No interior do país, com mais vagar, o cenário também mudou. Longe da metrópole paulista, em Jaraguá do Sul, no interior de Santa Catarina, conforme sugerem Eissler e Aued (2006), baseados nas informações do Livro de Registros de Impostos sobre Indústrias e Profissões da cidade; a partir de 1925 o número de alfaiatarias aumentava progressivamente acompanhando o crescimento do próprio município. Perto de 1940, entretanto, este ramo comercial se viu negativamente afetado tanto pela turbulência causada pela Segunda Guerra Mundial quanto devido a difusão, também pelo interior do país, da roupa pronta para vestir. A profissão de alfaiate, sugerem os autores, foi então paulatinamente deixando de ser uma atividade “imprescindível” para entrar no “processo de extinção” no qual se encontra hoje. “[...] os alfaiates viveram tempos de turbulência expressos nos anos difíceis das duas Guerras Mundiais e, sobretudo, com a difusão da roupa *prêt-à-porter*, que culmina com a instalação de um terceiro momento de crise e de obsolescência profissional” (p.43)²⁵.

²⁵ Além desse levantamento histórico sobre os alfaiates de Jaraguá do Sul, Silva e Aued (2005) estudaram a documentação da Associação Beneficente de Alfaiates de Florianópolis e apontaram, por meio do estudo do funcionamento da instituição (finalidades, condições de admissão, categorias de sócios, benefícios e disposições gerais), que a mesma reunia empregadores e empregados atuando como uma previdência para situações de doença e de falecimento.

Abordando a prática da alfaiataria também em Santa Catarina, Cintra (2004), no campo da história da educação, estudou os cursos profissionalizantes de alfaiataria oferecidos naquele estado entre 1913 e 1968. Seu trabalho constata que, inicialmente implantadas para educar pelo trabalho os “órfãos, pobres e desvalidos da sorte” (p.19), as dezenove Escolas de Aprendizes Artífices, transformadas depois em Centros Federais de Educação Tecnológica, foram ao longo dos anos aderindo às novas exigências dos setores industriais, o que modificou o conteúdo e a natureza de seus cursos. À medida que o “domínio de todo o processo de trabalho” (p.110) foi tornando-se desnecessário, reflete Cintra, ocorreu a desqualificação profissional dos alfaiates e também a extinção do ensino da alfaiataria nas escolas federais. A indústria, aponta, precisava cada vez mais de operadores de máquina e cada vez menos de alfaiates²⁶.

Em sua dissertação de mestrado, Barbosa (2015) desenvolveu um manual de confecção de paletós no qual buscou descrever detalhadamente (por meio de fotografias, ilustrações e texto) os processos de construção desta que é, em suas palavras, a “peça mais emblemática da alfaiataria” (p.268). Seu trabalho, fundamentado na ergologia e realizado com base em entrevistas (e também por meio da atuação com aprendiz em uma alfaiataria mineira), esforça-se por destacar não apenas as etapas de confecção da roupa, mas também o gestual e as técnicas empregadas pelos alfaiates. Na Universidade Federal de Minas Gerais, um projeto de extensão conduzido pela pesquisadora, em parceria com Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Minas Gerais (SINDIVEST), intitulado “Preservação da Alfaiataria Tradicional em Belo Horizonte e Região Metropolitana”, foi constituído com vistas a criar uma metodologia de ensino o mais semelhante possível da relação mestre/aprendiz (BARBOSA, 2013, p.6)²⁷.

Embora não seja em nada inédito, o anúncio do fim da profissão de alfaiate é recorrente nas notícias e reportagens que eventualmente tratam do tema e está presente também na boca de diversos profissionais do ramo. Referência presente nos livros de interesse geral que abordam o assunto²⁸, essa asserção reverbera também na literatura acadêmica especializada,

²⁶ À parte dos enfoques de natureza mais histórica, Fontenele Pimenta (2007, 2008), no campo da gerontologia, analisou narrativas de vida de alfaiates e sugeriu que esses profissionais organizam e estruturam suas memórias a partir de suas vidas laborativas, configurando um estado de unissonância entre vida e trabalho. Na área do design, Simão (2012) interessou-se pelo terno e seus significados.

²⁷ Também no campo do design de moda, mas tratando do cenário da atividade em Portugal, Reis (2013) investe na caracterização do processo industrial de confecção de ternos, tratando das fases de sua confecção; das diferenças entre modelagem plana industrial e tridimensional; e do processo de gradação por meio do qual, a partir do tamanho base de um modelo, se determina as variações na numeração das peças das roupas que serão comercializadas.

²⁸ Entre os trabalhos brasileiros de ordem não acadêmica escritos sobre o tema, há o livro biográfico-ficcional, escrito por Camargo (2015) sobre José De Cicco, famoso alfaiate italiano que atuou no Rio de Janeiro entre 1930 e 1970, atendeu Getúlio Vargas e ficou conhecido como “alfaiate dos presidentes”. Mota (2016) reúne um ensaio

ora constituindo um motivo para se falar do ofício ora participando das conclusões sobre as perspectivas do mesmo. Mais voltada a denúncia que à reflexão, a abordagem do assunto serve a caracterização de um combate assimétrico entre as forças do pequeno/artesanal e do grande/industrial, constituindo uma certa narrativa do desaparecimento que permite apontar os “últimos exemplares vivos” de uma espécie profissional. Pouco se trata, no entanto, do que se perde com o encolhimento da atividade. Podemos neste ponto dizer o mesmo que Anthony Gerald Hopkins, historiador britânico especializado em história da África, declara: “Pelo número de afirmações feitas sobre a eliminação dos artesanatos tradicionais, poder-se-ia supor que o assunto tem sido amplamente investigado. Não é o caso” (1973, p.250, tradução minha)²⁹.

A princípio, o artesanal, que vários alfaiates, jornalistas e pesquisadores reforçam ser característico do trabalho realizado nas alfaiatarias e que se alega estar sendo perdido, constitui-se como um certo modo de confeccionar roupas predominantemente manual, que inicia com uma encomenda, tem como referência um cliente específico e depende do ritmo de trabalho e das habilidades do conjunto de pessoas envolvidas em sua feitura. Já a confecção industrial, tomada num plano geral como estruturalmente distinta e oposta, se caracterizaria como aquela na qual o maquinário e a linha de produção são protagonistas. Conduzida por operadores de máquinas, ela produz em maior escala, com pouca ou nenhuma intervenção manual, e faz uso de procedimentos de confecção, materiais (certas entretelas e tecidos) e equipamentos (como pranchas de passar roupa e máquinas de entretelar) evitados pela (ou fora do alcance da) alfaiataria artesanal. Além disso, se orienta por tabelas de medidas gerais das silhuetas humanas que padronizam em tamanhos (pequeno, médio, grande) e em numerações (40, 42, 44, 46, 48 etc.) as peças produzidas³⁰. A distinção entre essas duas categorias de processos (e de coisas)

histórico sobre a alfaiataria vitoriana, um panorama das iniciativas que compõem este cenário na atualidade, um conjunto de entrevistas e depoimentos e também a apresentação das etapas de construção de um casaco feminino. Stefania Rosa (2008) escreveu o livro intitulado “Alfaiataria: modelagem plana masculina” (2008), onde didaticamente ensina o processo de modelagem plana para vestuário masculino.

²⁹ Esta passagem do livro de Hopkins, “An Economic History of West Africa”, constitui a epígrafe do artigo escrito por Pokrant (1982^a) sobre os alfaiates da cidade do Kano, na Nigéria e é também a epígrafe com a qual o autor abre o primeiro capítulo de sua tese: “The survival of indigenous tailoring among the hausa of Kano City, Nigeria” (1982b).

³⁰ No Brasil, a norma NBR 13377 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabeleceu medidas referenciais que padronizavam circunferências das partes do corpo para cada tamanho (BORBAS; BRUSCAGIM, 2007). Em 24 de abril de 2012 estas normas foram canceladas devido: “à diferente complexidade técnica entre as modas masculina, feminina e infantil”. Novas normas foram então estabelecidas para crianças, mulheres e homens de “corpo tipo **normal, atlético e especial**” (grifo nosso, ABNT, 2012). Apesar das normas, entretanto, as indústrias de vestuário desenvolvem suas próprias modelagens, tendo em vista o que tomam como sendo as medidas médias de seu público consumidor.

por vezes resvala, na ideia de um artesão folclórico, que luta contra (ou esmorece frente) as forças irresistíveis da grande indústria globalizada.

Percebe-se neste campo a articulação de um conjunto de considerações, formuladas em uma linguagem afeita ao senso comum e, por isso mesmo, passível de ser reconhecida. Nessas narrativas, o artesanal e o industrial, tomados como categorias dadas e autoexplicativas, são entendidos um como o inverso do outro, o que coloca pontos finais onde seria mais interessante ter interrogações. Não se trata, é claro, de sugerir que o número de alfaiates não tenha se reduzido efetivamente ou que suas práticas e saberes não devam ter suas condições de ensino, aprendizado e circulação estimulados, mas sim, em termos analíticos, de utilizar outras ferramentas de reflexão sobre os fatos. E, fazendo isso, se colocar em condições de entender os efeitos deste jogo de espelhos estabelecido entre os alfaiates, as notícias jornalísticas e os trabalhos brasileiros dedicados ao tema.

Ao tratar de um tipo específico de profissão sobre a qual pesa a ameaça de desaparecimento, parece importante não se perder de vista que as dinâmicas em ação neste processo precisam ser observadas e analisadas, atentando-se não apenas para o que se dissipa, mas também para as continuidades e inovações que podem aparecer em situações de perda³¹. Trata-se de evitar assumir um “pessimismo sentimental” que encerra a reflexão na constatação da atividade como mais uma das vítimas do sistema capitalista mundial. E também de averiguar como o “paradigma do objeto-em-vias-de-extinção”, sobre o qual Sahlins (1997) escreveu, ajustou-se às abordagens do tema e foi desembainhado também pelos alfaiates na luta contra desarticulação de uma certa ordem do vestir e de se confeccionar roupas.

A minha experiência de pesquisa de campo aponta que o debate sobre a extinção da alfaiataria é um lugar comum em quase todos os primeiros contatos com alfaiates, funcionando como um terreno comum, um tópico acima de qualquer suspeita, por meio do qual se pode dar início a uma conversa estabelecida entre os dentro e os de fora (entre alfaiates e não-alfaiates), sem risco de discordância. Neste aspecto, ao pôr na mesa o tema da “extinção da profissão”, os alfaiates encarnam uma posição muito particular no imaginário alheio, aquela simetricamente oposta à da pujante indústria da confecção e da moda. Fazem, assim, um uso político e

³¹ A propósito de um campo de investigação bastante distinto, o trabalho de Ball converge para uma discussão similar quando sugere que as línguas consideradas em perigo de extinção, são conceitualmente constituídas por meio de uma forma particular de objetificação na qual certas distinções são fixadas como se não fossem assuntos de vontade e sujeição individual, mas acordos já realizados e aceitos. É preciso, considera o autor, discutir novas maneiras culturalmente diversas de conceitualizar a perda da língua, pois a premissa segundo a qual a perda das línguas no mundo causa a perda da diversidade cultural não é analiticamente adequada (2005, p. 207).

estratégico da sua condição efetiva e crítica de “últimos e raros velhos por meio dos quais a prática sobrevive”. Ressalvadas as devidas diferenças, o que se apresenta aqui funciona de um modo não muito diverso daquele identificado por Manuela Carneiro da Cunha (2017), ao tratar dos usos pragmáticos das noções de “cultura” e de “conhecimento” por parte dos povos indígenas. Diz ela:

Falar sobre “invenção da cultura” não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscurso reflexivo sobre a cultura. O que acrescentei aqui é que a coexistência de “cultura” (como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional) e cultura (aquela “rede invisível na qual estamos suspensos”) gera efeitos específicos (CUNHA, 2017, p.369).

Diante dessas considerações, poderíamos perguntar quais efeitos o uso da noção de extinção produz entre os alfaiates? Por um lado, é certo, produz atenção, alertas, notícias, reportagens, entrevistas, documentários, livros, registros das práticas, artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e, eventualmente, também, teses como esta que escrevo aqui. Por outro, nota-se também que o anúncio da extinção não deixa de alimentar sua permanência, de modo que, a nostalgia que compõe o cenário do seu fim, por ironia, contribui, em alguma medida, para sua continuidade. Para além disso, entretanto, esta “retórica da perda” põe em operação um regime de autenticidade (que distingue o artesanal do industrial, os alfaiates *de verdade* dos estilistas, designers e vendedores, os ternos *de qualidade* dos baratos) e também de representação do tempo (que distingue o *antes* e o *antigamente* do agora, do hoje, quando ninguém-sabe-mais-o-que-é-alfaiaria. “É o distanciamento mesmo desses bens culturais no tempo e no espaço, através da retórica da perda, que os transforma em “objetos de desejo”, “objetos autênticos” [...]” (GONÇALVES, 2005, p.111).

2.3 Abordagens antropológicas sobre o tema

No campo da antropologia, dois trabalhos de maior fôlego sobressaem-se: a etnografia dos alfaiates hausa realizada por Robert J. Pokrant, entre 1975 e 1976, em Kano, no norte da Nigéria, e o trabalho de Jean Lave, que entre 1973 e 1978 realizou trabalho de campo nas alfaiatarias da Monrovia, capital da Libéria. Interessado nas relações de produção e nas formas de divisão do trabalho, Pokrant (1982a, 1982b) investiga o comércio e as formas de organização

da indústria da confecção hausa. Já Lave (1993) reflete, concomitante e comparativamente, sobre o processo de aprendizagem dos alfaiates Vai e Gola e sobre a própria pesquisa etnográfica como aprendizagem.

Dedicado a compreensão da natureza do processo de industrialização, Pokrant (1982a, 1982b) investigou a divisão do trabalho e as mudanças na organização da produção local de vestuário, constatando que apesar das importações de vestimentas terem crescido significativamente na Nigéria a partir de 1910, isso teve pouco efeito sobre a atividade da alfaiataria, que continuou fornecendo emprego para um grande número de pessoas da região. Sua análise sugere que os alfaiates continuaram a ter um papel importante no suprimento de boa parte do vestuário porque a população Hausa era fortemente comprometida com seu estilo tradicional de vestir e não encontrava, para a maior parte de suas roupas, substitutos entre os itens importados, feitos predominantemente no estilo ocidental.

Entre os diversos fatores que levaram à sobrevivência da alfaiataria em Kano, o pesquisador aponta a introdução e ampla disponibilização de máquinas de costura a preços acessíveis, o que incidiu na redução dos custos de produção. Os alfaiates pesquisados pelo antropólogo, conseguiam realizar togas, batas e chapéus circulares (roupas características da identidade hausa) por preços mais baratos do que as variedades importadas. Não apenas isso. Os alfaiates locais demonstraram também habilidade em atender novas demandas, adotando com facilidade as inovações estilísticas, tecnológicas e de materiais. “Onde havia entre os povos hausa uma demanda por roupas ocidentais, os alfaiates locais trataram de produzir eles mesmos tais itens (POKRANT, 1982a, p.92-93, tradução minha)”³².

Apesar do amplo mercado, da pronta adoção das novas tecnologias e materiais e da complexa e flexível divisão do trabalho existente entre os alfaiates de Kano, parecia haver um teto para o tamanho dos ateliês. Isto ocorria, sugeriu Pokrant (1982a), em parte devido ao alto grau de competição entre os alfaiates, mas principalmente porque muito da distribuição de produtos estava nas mãos de intermediários especializados, o que dificultava que os produtores pudessem expandir-se muito além de um certo tamanho. Além disso, ao tornarem-se bem-sucedidos, os proprietários de alfaiatarias prósperas tendiam, não a fazer crescer ainda mais o seu estabelecimento, mas sim a mudar de negócio ou de ramo de trabalho dentro do campo das confecções. Caracterizar as diversas alfaiatarias da cidade de Kano como “artesanato” ou

³² “Where there is a demand for Western clothing among Hausa peoples, local tailors have responded by producing such garments themselves (POKRANT, 1982a, p.92-93)”.

“comércio”, sugere o antropólogo, seria enganador pois, além de ser periódico e sazonal³³, o campo da alfaiataria era composto por estabelecimentos muito dispersos pela cidade e com pouca disponibilidade de capital:

[...] a existência de um corpo homogêneo de produtores autônomos ou independentes, que possuem um alto grau de habilidade com base em anos de treinamento especializado em algum sistema de aprendizado formalmente organizado e altamente estruturado, e que são capazes de produzir uma ampla gama de peças de vestuário dentro de um sistema de produção que permita que cada produtor exerça um controle importante sobre o que, como e para quem as peças de vestuário são produzidas (POKRANT, 1982a, p.97, tradução minha)³⁴.

Distantes desta descrição, os alfaiates da cidade de Kano eram uma categoria de artesãos bastante diferenciados entre si pelo tipo de produto que faziam e pelos mercados aos quais atendiam. Os alfaiates tinham também formações, tipos e níveis de habilidades bastante variadas entre si. A aprendizagem, indica Pokrant (1982a) era informal e podia ser completamente contornada.

Os aprendizes não pagam para serem ensinados, não há qualquer cerimônia oficial que marque a entrada de um garoto na ocupação nem seu bom desempenho em tarefas como levar recados, varrer a oficina e outros trabalhos casuais. As tarefas de costura são dadas a critério do mestre. A duração do aprendizado depende, em parte, do tipo de alfaiataria que está sendo aprendida. O aprendiz de um tipo de bordado à mão altamente qualificado pode levar entre cinco e dez anos, enquanto o aprendiz que se dedica a costura à máquina pode já ser proficiente após dois anos de aprendizado. O ponto a partir do qual o aprendiz começa a receber pagamento pelo trabalho feito depende de sua própria habilidade, de quão disposto o mestre está em instruí-lo em seu aprendizado, do quanto de acesso ele tem à máquina de costura e de quão próspero é o negócio do mestre (POKRANT, 1982a, p. 121-2, tradução minha)³⁵.

³³ Muitos alfaiates hausa eram agricultores que, impossibilitados de trabalhar na terra durante o período da seca, engajavam-se na confecção de roupas para um mercado local relativamente estável de consumidores pobres ou para mercados externos controlados por comerciantes distantes (POKRANT, 1982a).

³⁴ [...] the existence of a homogeneous body of autonomous or self-employed producers, who possess a high degree of skill based upon years of specialized training under some formally organized and highly structured system of apprenticeship, and who are able to produce a wide range of garments within a system of production which allows each producer to exert major control over what, how, and for whom garments are produced. (POKRANT, 1982a, p.97).

³⁵ Apprentices do not pay to be taught, nor are there any official ceremonies which mark the entry of a boy into the occupation or his successful household tasks, running errands, sweeping out the workshop and other odd jobs. Sewing tasks are given at the discretion of the master. The length of an apprenticeship depends, in part, upon the type of tailoring the apprentice is learning. An apprentice to a highly skilled hand embroiderer may take five to ten

Em termos de organização da produção, Pokrant diferencia os profissionais entre os “alfaiates artesãos” e aqueles que são “alfaiates orientados para o mercado”. Entre os primeiros, muitos produziam roupas sob encomenda diretamente para os clientes que as usariam, de sorte que esperavam garantir uma certa parcela do mercado estabelecendo reputações sobre a confiabilidade e boa qualidade de seu trabalho. Neste campo, o fornecimento de roupas **sob medida** para os membros mais ricos da comunidade era um dos negócios mais atraentes, mas “pela natureza deste mercado, poucos alfaiates podem esperar confiar nisso como centro dos seus negócios” (POKRANT, 1982a, p.120, tradução minha)³⁶. Já sobre os “alfaiates orientados para o mercado”, ou seja, para clientes com quem não têm contato direto, Pokrant observa que a ênfase estava, neste caso, mais no volume de produção do que na qualidade ou no serviço pessoal. Fossem suas alfaiatarias grandes ou pequenas, os empregadores dedicados a este mercado empregavam trabalhadores na base do pagamento por peça. “Além de poupar dinheiro, isto reduz sua necessidade de supervisionar a força de trabalho já que o empregado tem um incentivo interno para produzir tanto quanto possível” (POKRANT, 1982a, p.128, tradução minha³⁷).

Merece também destaque o trabalho de Jean Lave que, entre 1973 e 1978, etnografou as alfaiatarias na cidade de Monrovia, na Libéria (África ocidental). Investigando a prática cotidiana da matemática e problematizando as noções convencionais de aprendizagem como transmissão e internalização de conhecimentos, Lave desafiou as noções estabelecidas de educação, revelando como a mera associação entre socialização e aprendizagem informal resultava em análises, por vezes, empobrecedoras. Por meio da observação dos alfaiates das etnias Vai e Gola, a autora apontou o modo como, no curso da prática, em meio a muitas outras coisas, ocorrem as trocas e interações sobre “como fazer algo”. A prática da alfaiataria permitiu então que Lave investigasse como a aprendizagem acontece em contextos nos quais *ensinar* não é um pré-requisito para *aprender*.

years whereas an apprentice to a machine assembler may be quite proficient after a couple of years. The point at which the apprentice starts to receive payment for work done depends upon his own ability, how keen the master is to instruct his apprentice, how much access he allows to a sewing machine, and how prosperous the master's business is (POKRANT, 1982a, p.121-2).

³⁶ By the very nature of this market, few tailors can hope to rely upon it for the bulk of their business (POKRANT, 1982a, p.120).

³⁷ As well as saving them money, it reduces their need to supervise the work force as the employee has a built-in incentive to produce as much as possible (POKRANT, 1982a, p.128).

Tomando o aprendizado como um processo de engajamento inseparável das práticas cotidianas, e não como um fim em si mesmo, a autora apontou que a aprendizagem é um domínio dos aprendizes (que acessam diretamente o conhecimento), e não dos mestres, cuja responsabilidade não é ensinar, mas dar acesso legítimo a um local de trabalho e a oportunidades de aprendizado que diariamente se apresentam para todos os envolvidos em uma prática. A etnografia realizada por Lave forneceu as bases críticas por meio das quais a autora argumentou que toda atividade é espacialmente, materialmente e historicamente situada; o que não só contradizia a teoria binária da educação formal e informal (e a percepção de que a primeira correspondia ao desenvolvimento de capacidades cognitivas mais gerais e abstratas que a segunda), como também levantou dúvidas sobre o significado das dicotomias estabelecidas entre conhecimento científico e prático, entre mente e corpo e entre trabalho manual e mental.

Tais questões orientam a reflexão da autora não apenas sobre o trabalho dos alfaiates liberianos, mas também sobre a própria prática da etnografia, tomada não como uma tecnologia neutra, mas sim como um processo disruptivo, transformativo, que coloca o antropólogo na condição de aprendiz, confrontado com o desafio de fazer com que teoria e prática dialoguem entre si de modo a produzir um conhecimento que desafie as concepções naturalizadas e acríticas do senso comum, e também as diferenças de poder e implicações políticas a elas associadas. “Para mim, a questão mais produtiva, central para uma problemática relacional, é *Qual é o processo pelo qual algo é produzido?* Minha resposta está parcialmente baseada nas concepções de processos complexos de aprendizagem, sejam eles de alfaiates ou de etnógrafos”³⁸ (LAVE, 1993, p.35, tradução minha).

A despeito das evidentes dessemelhanças entre os contextos históricos e sociais da pesquisa empreendida por Jean Lave, na África, e a que se apresenta aqui nesta tese, parece certo dizer que ambas abordagens buscam compreender os processos interativos por meio dos quais coisas, pessoas, mundo e práticas são continuamente constituídos. Além, é claro, de compartilhar o interesse pelas habilidades com as quais os alfaiates se estabelecem enquanto profissionais em uma determinada comunidade – mesmo em face (ou especialmente em face) da sua suposta extinção.

³⁸ “For me the most productive question, central to a relational problematic, is, *What is the process by which something is produced?* My answer lies partly in conceptions of complex processes of apprenticeship, whether of tailors or ethnographers” (LAVE, 1993, p.35).

Se as pessoas estão sempre ativamente fazendo os lugares e as práticas do seu mundo – nas relações recíprocas pelas quais tais lugares e práticas as fazem – então corpos não operam nem são operados em separado da mente, mas novamente cada um deles se faz nas suas relações.

A práxis engloba todas estas premissas sobre a vida social – pessoas fazendo suas vidas juntas em arranjos institucionais forjados historicamente, não exatamente como eles escolheram (LAVE, 1993, p.152, tradução minha)³⁹.

2.4 Técnica e circulação

Ao tomar uma das mais importantes temáticas da antropologia maussiana como ponto de partida para a investigação da prática da alfaiataria, este trabalho dedica-se a um conjunto de técnicas, aquelas que “funcionam como profissões ou como parte de profissões” (2003, p. 417), que Mauss, em *As Técnicas do Corpo*, apontou sem, entretanto, desenvolver. Neste célebre ensaio, seminal para a antropologia da técnica francesa, Mauss indica a proeminência da educação e do social sobre as maneiras pelas quais os homens usam seus corpos, sugerindo que não há uma “maneira natural” de fazê-lo e sim modos que variam de sociedade a sociedade, conforme convenções, modas e sistemas de prestígio locais. O corpo, na perspectiva maussiana, constitui-se uma síntese de três elementos indissolivelmente misturados, de modo que as técnicas corporais só podem ser compreendidas a partir de um tríptico ponto de vista, a um só tempo mecânico e físico, psicológico e sociológico.

No empenho de demonstrar que “tudo em nós é imposto” (MAUSS, 2003, p.408) e de revelar a presença das técnicas corporais nas atividades mais frugais e nos gestos mais corriqueiros (como andar, comer, cuspir e dormir), Mauss acaba por deixar de lado a abordagem das técnicas especializadas que funcionam como profissões e que, assim sendo, são parte “de técnicas mais complexas” (2003, p.417). No esforço pioneiro de tratar do tema dos usos do corpo, Mauss parece preferir pôr em evidência as observações de que cada sociedade tem seus hábitos e atitudes corporais próprios, e que a técnica é inerente ao humano, sendo-lhe mesmo constitutiva. É um erro, destaca ele, imaginar que só há técnica onde há instrumento: “antes das

³⁹ “If people are always actively making the places and practices of their world – in the reciprocal relations by which those places and practices make them – then bodies are neither operating nor operated on separately from mind, but again each is made in their relations. // Praxis encompasses all of these assumptions about social life – people making their lives together in various historically forged institutional arrangements, not exactly as they choose” (LAVE, 1993, p.152).

técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo” (2003, p.407). E o corpo, argumenta ele, é o primeiro e o mais natural objeto técnico (e meio técnico) do homem.

Neste texto clássico, Mauss assinala ainda que as técnicas são fatos da tradição, transmitidos pela educação e que variam por sexos, por idades, em relação às suas formas de transmissão e ao seu rendimento. Neste último aspecto, sugere que a destreza designa a aquisição, no domínio técnico, de um rendimento não necessariamente utilitário, mas “eficaz”. A destreza, noção por meio da qual as técnicas poderiam ser classificadas segundo sua ordem de eficácia, indicaria a capacidade das pessoas que “têm o senso de adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que ‘sabem como fazer’. [...], é a habilidade em alguma coisa” (2003, p.411).

Nesta mesma direção, André Leroi-Gourhan (1987, 1990), antropólogo especialista em pré-história, contribuiu para o estudo da relação entre os artefatos e o corpo, indicando a forma como os primeiros são uma exteriorização das ações humanas. O autor investe, assim como Mauss, de quem foi aluno, em uma compreensão do humano que o apreende como um ser total, a ser considerado em sua dimensão biológica, sociológica e material. Ao tomar os gestos como unidade primordial de análise, afirma que a mão humana é humana, não em função de sua constituição morfológica e física, mas sim em função daquilo que faz, do que realiza. Decorre dessa ideia uma de suas contribuições mais importantes: a proposição de balizar a classificação das técnicas por seus processos e não por seus produtos, avaliando os instrumentos pelo uso que deles se faz, e não pela sua forma. A inteligência técnica, demonstrou o autor, não está nem na mão *per se*, nem em qualquer tipo de capacidade mental dada de antemão, mas sim no próprio gesto. Duas de suas indicações parecem-nos particularmente interessantes para a análise que aqui queremos empreender: a) a ideia que toda fabricação é um diálogo entre o fabricante e a matéria; e b) a sugestão de que ritmos são criadores de formas.

Entre os autores que na atualidade têm refletido sobre a relação entre o humano e o técnico, Tim Ingold destaca-se com a proposta de uma abordagem ecológica, para a qual o homem não é uma entidade compósita, constituída de corpo, mente e cultura (como partes complementares, mas inseparáveis), e sim um *locus* singular de crescimento criativo dentro de um campo de relações que se desdobram continuamente (2000, p.3). Estabelecendo as bases de uma antropologia da vida, Ingold focaliza em seu trabalho os processos vitais e propõe o estudo do “ser-humano-no-ambiente”, o que se faz, sugere, seguindo as *linhas* e *jornadas* pelas quais o organismo-pessoa elabora sua existência engajando-se com os elementos do ambiente circundante (2011, p.151-2). Crítico das noções de *objeto* e de *rede*, o autor sugere que os

caminhos e trajetórias através dos quais a prática improvisativa se desenrola não são conexões, nem descrevem relações *entre* uma coisa e outra, mas são *linhas* ao longo das quais as coisas são continuamente formadas.

Para combater o interpretativismo e, também, a ideia de que a relação entre homens, ambiente, coisas e animais se dá nos termos sujeito/objeto, Ingold defende que o mundo não é um material bruto a ser coberto e moldado pelos significados e formas que lhes seriam atribuídos pelos homens. É preciso, aponta o autor, reconhecer que a forma das coisas não está dada por antecipação, como supõe a lógica hilomórfica. As formas seriam, isto sim, a cristalização de uma corrente contínua de atividade habilidosa com a qual o fazedor se engaja e pela qual se deixa envolver. É neste sentido que Ingold afirmou, em seu livro *Making. Anthropology, Archaeology, Art na Architecture* (2013, p.31), que fazer é um processo de crescimento e que o único jeito pelo qual podemos conhecer as coisas (e aprender a fazê-las) é por meio do *ir junto*, do *seguir ativo*, que é, em seu sentido último, um processo de autodescoberta.

Na percepção ingoldiana, a técnica é uma relação concreta, baseada em um engajamento ativo do praticante com as coisas e com o ambiente. Uma forma na mente, diz ele, não cria o trabalho, o que cria o trabalho é o engajamento com os materiais (2013, p.22). As habilidades, sugere Ingold, não são transmitidas de uma geração a outra, mas sim crescem novamente em cada uma delas, sendo incorporadas no *modus operandi* do desenvolvimento do organismo humano por meio da experiência na performance de determinadas tarefas. Sua noção do gesto técnico, segue a mesma proposição de Leroi-Gourhan: não é um meio de dominar os materiais, impondo-lhes determinadas formas, e sim um processo de correspondência, um diálogo no qual o praticante interpela os materiais com perguntas, respondidas por estes na medida do que, e de acordo com o que, podem fazer.

Essa orientação, evidentemente, está afinada com um conjunto de reflexões sobre a importância da dimensão não humana da vida social, a partir da qual sugeriu-se, entre outras coisas, que é possível (e necessário) abordar as atividades técnicas nos termos de seus diversos partícipes. As observações de Bruno Latour (1994), em especial sobre o princípio da simetria na consideração das técnicas, merecem destaque pois sustentam a importância fundamental de se analisar humanos e não-humanos em conjunto (e em relação), como *coletivos*. Conforme argumenta o autor, a vida intelectual moderna foi construída de modo a separar *atos*, *poder* e *discurso* em três conjuntos distintos de repertórios a partir dos quais o mundo deveria ser analisado e os dualismos natureza/cultura e sujeito/objeto sustentados. Os esforços analíticos

latourianos debruçam-se sobre as possibilidades abertas pela análise das redes sóciotécnicas, que – não tratando das *coisas-em-si*, nem dos *humanos-entre-eles*, nem das representações sobre uns e outros – “não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos do discurso, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas” (1994a, p.12).

Ao evidenciar os *coletivos*, os *híbridos* e os *fe(i)tiches* como resultado da fusão de fatos técnicos, políticos e científicos, Latour (2002), na direção contrária dos desvelos empreendidos (sem sucesso) pelos procedimentos de purificação modernos, trabalha para desacreditar a diferença entre imanência e transcendência; e, também, para evitar as partições entre meios técnicos e simbólicos, planos físicos e sociais. Se os mesmos verbos (construir, edificar, apoiar, sustentar) aplicam-se tanto às teorias sociológicas mais abstratas quanto aos gestos mais práticos, soando de lado a lado ora como metáforas ora como palavras literais, isso ocorre, sugere Latour, em conjunto com Pierre Lemonnier (1994, p.20), não por uma confusão de gêneros, mas porque elas passam de fato (por transferência, transporte e tradução) do domínio da ação sobre a matéria ao domínio da ação sobre o corpo social ou sobre o próprio corpo. Estamos, sugerem os autores, longe da antiga imagem do *homo faber* que devia romper com o mundo social para enfrentar as severas constrições da matéria. “Não há dois atratores, de um lado a matéria, de outro o social; mas um único [...] dentro do qual os atores de todas as proveniências – homens, objetos, instituições, etc. – trocam ou não suas propriedades”⁴⁰ (Latour; Lemonnier, 1994, p.21, tradução minha).

Em uma revisão crítica dos estudos sobre cultura material, Fábio Mura (2011) observa, entretanto, que o reconhecimento do relativismo ontológico nem sempre representa uma garantia de desenvolvimento de métodos analíticos alternativos, e aponta que importantes reflexões no campo da técnica se inscrevem em uma perspectiva sistêmica⁴¹, produzindo totalidades e procedendo metodologicamente através de dicotomias. A noção de *híbridos* de Latour, por exemplo, ao continuar operando com a ideia de que “sujeitos” e “objetos” constituem elementos substantivos e diferentes, acabaria por repor dicotomias que pretendia superar. Mura propõe alternativamente um enfoque processual no qual essas categorias sejam

⁴⁰ “Il n’y a pas deux attracteurs, l’un du côté de la matière, l’autre du côté du social, [...] dans lequel les acteurs de toute provenance – hommes, objets, institutions, etc. – échangent ou non leurs propriétés” (Latour; Lemonnier, 1994b, p.21).

⁴¹ Caracterizando o que chama de “sistêmico”, Mura afirma: “Essa superação metodológica da contraposição entre natureza e cultura me levou a questionar a visão sistêmica que centrava parte significativa de sua epistemologia em torno dessa dicotomia, definindo primeiro o presumido sistema social, cultural, simbólico, semântico, etc. para, em um segundo momento, relacioná-lo, como uma totalidade, à realidade sensível do universo, e assim ordená-lo, conotá-lo, significá-lo, etc.” (2011, p. 98).

tomadas em um jogo de relações, como diferentes condições nas quais um elemento pode se encontrar. “Assim, poderíamos falar de ‘sujeito da ação’ e ‘objeto da ação’, evitando-se recair numa lógica dicotômica. Um ser humano pode ser considerado, dessa forma, como sujeito em certas circunstâncias, e objeto em outras [...]” (MURA, 2011, p.109). Essa nova perspectiva, em termos analíticos, tira o foco sobre a materialidade ou não do universo e permite que os olhares dos pesquisadores se voltem para a interação dos elementos entre si, e para os contextos históricos e espaciais em que a interação ocorre.

Em um outro contexto de revisão crítica e apartado do debate sobre a técnica, Daniel Miller (2007), considerando as razões pelas quais os estudos modernos interpretam o consumo como algo antissocial, maligno e contraposto à atividade de produção, apontou, como um dos resultados dessa interpretação essencialmente moral do fenômeno, a tendência da academia contemporânea a demonizar o consumo (atividade na qual notadamente os acadêmicos se engajam) e a romantizar o trabalho manual. Algo, sugere Miller, que ironicamente, a maioria deles “não mostra nenhum tipo de inclinação para realizar” (2007, p.38). Ao apontar tendências em expansão na abordagem da cultura material do consumo, Miller sugere que tendo havido duas décadas nas quais, sob influência do marxismo, enfatizaram-se os estudos de produção, seguidas por outras duas décadas em que os estudos se concentraram no consumo, o mais importante em 2007 eram exatamente as abordagens que enfatizassem a relação entre os dois e que tivessem em seu horizonte a ideia de que as mercadorias é que produzem as relações, seja entre elas mesmas e as várias pessoas que trabalham com elas, seja entre as pessoas reunidas ao longo da cadeia na qual se inserem.

Neste sentido, apesar de se tratar de uma passagem breve, vale a pena aqui lembrar a indicação de Douglas e Isherwood (2013) sobre a importância da conexão entre produção e consumo. Eles lamentam que certos economistas tenham preferido, equivocadamente, trabalhar “os fatores de produção” e os “bens de consumo” como se estes estivessem dispostos em uma via de mão única, que leva dos primeiros aos últimos; quando poderiam abordá-los como uma coisa só, observando-os na composição de um processo circular (p.60-61). Ao retomar anos mais tarde esta questão, Mary Douglas (2007), assim como também o fez Daniel Miller (2007), apontou a importância do trabalho de Mauss, que no seu clássico *Ensaio sobre a dádiva* (2001) demonstrou o papel dos objetos na formação das relações sociais. As grandes correntes de dádiva que ligam todos na comunidade num ciclo de trocas de longo prazo, sugeriu Douglas (2007), poderiam confluir para as teorias econômicas relacionando as energias que produzem os bens com as energias que os demandam.

Tendo em vista que se trata aqui da atividade da alfaiataria, que é uma prática de natureza visivelmente produtiva e comercial, a proposta desta tese toca as questões técnicas tanto a partir do ponto de vista das relações entre as coisas e seus fabricantes, quanto do fluxo dos diversos elementos participantes do cotidiano das alfaiatarias e da confecção de roupas **sob medida**, sugerindo que os diferentes modos pelos quais os alfaiates engajam-se na atividade são dados não apenas por sua destreza na confecção de roupas em específico, ou seja, pelo domínio do “saber como fazer”, mas também pelas capacidades de, integrando-se aos vários fluxos de pessoas, coisas, materiais e modas, fazer circular seu trabalho, pôr em circulação sua reputação profissional e, assim, “saber como fazer-se a si mesmo”. As capacidades dos alfaiates se desenvolvem na prática do atendimento dos clientes assim como os aprendizes e oficiais se desenvolvem à medida em que, no convívio com outros alfaiates, envolvem-se nas tarefas da alfaiataria.

Nesta direção, explora-se a ideia de Ingold (2008), de que a técnica é uma relação concreta cuja compreensão se dá, não na busca do que ela “representa”, mas sim na análise das próprias práticas, ou seja, nas variedades de experiência sensorial geradas no curso do envolvimento corporal prático das pessoas com o mundo a seu redor. Se as capacidades não são nem internamente pré-especificadas nem externamente impostas, e sim propriedades emergentes de sistemas dinâmicos, como sugere a proposta ingoldiana, parece-nos que atentar para as diferentes formas de circulação acionadas pela atividade – a saber, os fluxos das peças de roupas, das roupas, dos clientes, dos oficiais, dos mostruários, dos tecidos, dos aviamentos, de dinheiro, e dos próprios alfaiates – não é olhar para algo “além das técnicas”, mas para as próprias técnicas em ação, tomando os elementos em interação no contexto dos trajetos e trocas nos quais se constituem.

Em um certo sentido estamos diante de um problema similar ao que estudou Alfred Gell (2005), no artigo *A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia*, visto que a atividade da alfaiataria também se constitui como um contexto social no qual o virtuosismo técnico capacita a obra fabricada a criar assimetrias nas relações interpessoais e das pessoas com as coisas. Assim, se muitos alfaiates se referem ao seu trabalho como uma “arte”, apontando certos detalhes dos produtos que confeccionam como “obras-primas” e sugerindo que suas roupas têm “alma” (em contraste com aquelas que são industrialmente confeccionadas), como será mais adiante mostrado, isso parece decorrer de uma operação análoga àquela dos escultores de tábuas de proa trobriandeses, na medida em que a maneira como é elaborada a vinda do objeto ao mundo constitui uma das fontes de poder que tais objetos exercem.

Além disso, parafraseando Gell, também *os alfaiates estão inseridos em um contexto cultural no qual a originalidade não é valorizada por si mesma*. De sorte que trabalham, em grande medida, para fazer jus a um modelo ideal de **bom caimento**, e não para produzir novas roupas, mas versões **sob medida** de um modelo longo: o terno. Como sugere o prefácio de uma enciclopédia de alfaiataria argentina, que me foi emprestada por um dos alfaiates com quem realizei o trabalho de campo:

A verdade é que o terno, com exceção de pequenas modificações, mantém a sua estrutura original desde que foi inventado. Além disso, sem incorrer no pecado de sermos aventureiros, acreditamos que no restante deste século e em boa parte do que ainda virá, esta roupa não sofrerá outras modificações além daquelas que vem suportando até o momento (CERMIGNANI, 1950, p.5, tradução minha)⁴².

Se como afirma Gell: “O escultor de Trobriand não se dispõe a criar um novo tipo de tábuia de proa, e sim um novo emblema de um tipo existente” (GELL, 2005, p.55), também os alfaiates, como desenvolveremos mais adiante, se apresentam como responsáveis por um conjunto de qualidades que são tomadas como inerentes ao sistema de trabalho da atividade da alfaiataria e aos produtos ali confeccionados. Dispondo-se, portanto, não a criar novas versões do terno, mas sim versões **sob medida** dele.

Em termos de postura metodológica, tal como tratou de fazer Gell (2005) em relação aos objetos de arte, a investigação empreendida aqui tenta não se deixar fascinar pelas propriedades estéticas dos produtos do trabalho dos alfaiates (como sucede com os amantes da moda ou com os admiradores do trabalho artesanal) nem as desprezar, como acaba ocorrendo com as abordagens que, mais focadas nas operações de transferência de capital simbólico e nos modos pelos quais certas coisas obtêm o poder de marcar prestígio social, perdem de vista os objetos como “um produto concreto do engenho humano” (p.44). Não parece ser possível sustentar a propósito da prática da alfaiataria, tal como a estudamos aqui, o mesmo que afirmam Bourdieu e Delsaut quando sugerem que o campo da alta costura francesa está orientado “não especificamente para a fabricação de objetos materiais” (1975, p.20, tradução minha)⁴³, mas

⁴² “[...] lo cierto es que el saco, salvo ligeras modificaciones, conserva su estructura original desde que fuera inventado. Es más, sin pecar de aventurados, creemos que en lo que resta de este siglo y la buena parte del venidero dicha prenda, no ha que sufrir otras modificaciones que ha venido soportando hasta el presente” (CERMIGNANI, 1950, p.5).

⁴³ “[...] tout l'appareil de production et de circulation est orienté spécifiquement non pas vers la fabrication d'objets matériels [...]” (Bourdieu e Delsaut, 1975, p.20).

sim para a produção da crença no valor dos mesmos. Algumas passagens do próprio estudo “O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia”, realizado pelos autores sobre as *maisons* francesas, permitem sugerir que a importância das características e qualidades particulares dos artigos em produção naquele campo não devem ser subestimadas.

Vale, neste sentido, atentar para as passagens da análise dos pesquisadores nas quais estão transcritas as falas dos costureiros franceses. Nelas, os estilistas tratam, não da “promoção ontológica infligida pelo ato da criação” (1975, p.28, tradução minha)⁴⁴, mas sim “da produção material do objeto” (1975, p.28, tradução minha), do investimento técnico, financeiro, criativo e físico nelas dispendido, ou seja, da matéria com a qual trabalham e da circulação das roupas que produzem, criam ou assinam. O estilista francês Marc Bohan, que fez carreira na Maison Dior, descreve a alta costura como um trabalho com uma matéria movediça⁴⁵ e Ted Lapidus, conhecido por “democratizar” a moda francesa com suas coleções de *prêt-à-porter*⁴⁶, diz que ver suas roupas nas ruas é o que lhe dá provas de que ele venceu⁴⁷. Do mesmo modo, um jornalista de moda, cuja entrevista ilustra o texto de Bourdieu e Delsaut, afirma que ao emprestar sua assinatura para um conjunto variado de mercadorias, os costureiros permitem que muitos produtos, nos quais sua parcela de criação é pouco importante, sejam vendidos principalmente pelo nome que carregam. Mas parte desses produtos, aponta, são portadores “de um certo estilo e de uma qualidade técnica real”⁴⁸ (1975, p.21).

No texto, a posição do estilista francês André Courrèges, em especial, destaca-se pois ele afirma: “Eu poderia conseguir um enorme faturamento promovendo uma política de facilidade, mas isso seria à custa de uma deterioração a curto prazo de minha marca e de uma perda de controle sobre meus produtos” (tradução minha, BOURDIEU, DELSAUT, 1975,

⁴⁴ “Un ensemble d'opérations tendant à assurer la promotion ontologique et la transsubstantiation du produit des opérations de fabrication matérielle” (Bourdieu e Delsaut, 1975, p.19).

⁴⁵ Em trecho de entrevista transcrito por Bourdieu e Delsaut (1975), quando questionado sobre o que o leva a rejeitar a moda feita pelos novos estilistas franceses, Marc Bohan diz: “La Haute Couture telle que je l'entends n'est pas le produit d'un laboratoire destiné à quelques cobayes. C'est travailler sur de la matière mouvante faite pour vivre sur de vraies personnes. ... et y vivre bien, c'est-à-dire mieux” (in Bourdieu e Delsaut, 1975, p.12).

⁴⁶ A expressão *prêt-à-porter* significa “pronto para vestir” e foi criada pelo estilista francês J.C. Weil, no final de 1949, depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo a definição de Mairi Mackenzie, são “roupas feitas em tamanhos padronizados, para consumo em escala” (2010, p. 153).

⁴⁷ Em um texto publicitário de sua grife, Ted Lapidus informa: “Quand je vois mes vêtements dans, la rue, je sais que j'ai gagné” (in Bourdieu e Delsaut, 1975, p.12).

⁴⁸ “Ces produits sont porteurs, en plus de la griffe, d'un certain style et d'une qualité technique réelle” (Bourdieu e Delsaut, 1975, p.21)

p.19)⁴⁹. Em seguida, Courrèges afirma: “Um produto é uma criação, mas também uma técnica e o valor agregado. É um todo. Ora, para ser totalmente responsável por um produto, é preciso controlar os instrumentos de fabricação; tornei-me um gerente para ser **dono do meu produto**” (nota de rodapé, BOURDIEU, DELSAUT, 1975, p.19)⁵⁰. A despeito do esforço de Bourdieu e Desaut para apontar como as distinções sociais estabelecidas a partir das coisas, o que os estilistas ressaltam são as distinções estabelecidas nelas. Os processos de fabricação das coisas talvez não sejam menos importantes nem mesmo no caso da alta costura francesa.

O problema que desejamos abordar nesta pesquisa diz respeito ao apreço dos alfaiates pesquisados pelos materiais e instrumentos com os quais trabalham e pelas roupas que produzem. Também interessa aqui a importância das corporalidades constituídas nas relações entre aqueles que confeccionam e aqueles que vestem o **sob medida**. Em outros planos, mais específicos, investiga-se: os alfaiates e os produtos estes que confeccionam, o sistema de trabalho no qual exercem suas habilidades, e as relações mantidas com os clientes que atendem.

2.5 Estruturação da tese

Os próximos três capítulos desta tese estão organizados do seguinte modo: o terceiro, intitulado “**Paisagens**”, tem o objetivo de revelar a circulação e produção de coisas, pessoas e relações característicos do circuito da atividade da alfaiataria em Curitiba. Apresenta a distribuição delas pelo centro e demais bairros de Curitiba, indicando como a localização desses estabelecimentos é, ao mesmo tempo, resultado de determinadas práticas de serviços e condição para sua realização. A apresentação das paisagens interiores das alfaiatarias, ou seja, da distribuição de seus ambientes internos, procura fazer o leitor entrar conosco nesses lugares sem perder de vista os vínculos desses domínios com contextos mais amplos. Os alfaiates, sempre que possível, sentam-se à janela das alfaiatarias ou voltados para suas portas de entrada, e mantêm rádios ou pequenas tevês ligadas. Deixam entrar, assim, a luz natural, as notícias e o

⁴⁹ “Je pourrais faire un chiffre d'affaires énorme en suivant une politique de facilité, mais ce serait au prix d'une détérioration à court terme de ma marque et d'une perte de controle sur mes produits” (Dépêche -Mode, Mars 1974 in Bourdieu e Delsaut, 1975, p.13).

⁵⁰ Un produit, c'est une création, mais aussi une technique et de la valeur ajoutée. C'est un tout. Or pour être totalement responsable d'un produit, il faut contrôler l'outil de fabrication. Je suis devenu manager pour être maître de mon produit” (in Bourdieu e Delsaut, 1975, p.19).

movimento das ruas. E circulam, de modo mais restrito ou amplo, dentro e fora das alfaiatarias e entre os endereços da cidade: escritórios e casas de clientes, armazéns, lojas de tecidos, outras alfaiatarias e outros empregos. Em seus horizontes estão as cidades do interior do Paraná e de Santa Catarina, de onde vieram, Curitiba, São Paulo, a Inglaterra, a Itália, a indústria, os produtos chineses, os novos alfaiates e as novas alfaiatarias que despontam à distância pelas notícias (e roupas e histórias) trazidas pelos clientes, pelas revistas e pelos colegas de trabalho, amigos e familiares.

O quarto capítulo, intitulado “**Técnicas**”, apresenta o processo de confecção de calças e paletós, tratando de evidenciar as habilidades e envolvimento aí estabelecidos e também de compreender como gestos, materiais e instrumentos de trabalho atuam entre si produzindo não apenas vestimentas, mas também os próprios alfaiates e os corpos de seus respectivos clientes. Aborda-se o modo como as medidas do cliente são *tiradas* e como o acesso ao corpo dos clientes é conduzido durante as provas de roupa. Entre outras coisas, sugere-se que as técnicas que compõem o trabalho nas alfaiatarias não dizem respeito apenas a confecção das roupas, mas também à capacidade de aprender a olhar o corpo do cliente, de atendê-lo de modo a estabelecer relações duradouras. No plano geral, propõe-se que as habilidades são desenvolvidas de modo diferenciado entre os alfaiates e tanto dizem respeito a saber confeccionar as roupas em si quanto a saber lidar com clientes, com *patrões* ou com funcionários.

O quinto capítulo, intitulado “**Sob medida**”, busca entender o contexto no qual a ideia de extinção dos alfaiates e da alfaiataria se faz ressoar. A análise é conduzida pela observação de elementos que se destacaram como evidências significativas da mudança dos tempos, da constituição de um novo campo de forças no qual *quase-ninguém-mais-sabe-o-que-é-alfaiataria* e de um cenário onde a alfaiataria aparece como antítese do industrial e da moda. Coloca-se em observação os fins dados a determinadas ferramentas de trabalho das alfaiatarias, a escassez de aprendizes e também a perspectiva do fim do sistema de produção artesanal de ternos. O final do capítulo trata da noção de **sob medida** e do modo como ela separa-se da ideia de artesanal. No último capítulo, sintetizaremos as observações e análises realizadas ao longo desta tese.

Todas as ilustrações foram desenvolvidas por Sandro França, sob

3. Paisagens

As alfaiatarias foram tomadas, durante a pesquisa de campo, como os principais pontos de acesso ao cotidiano de trabalho dos alfaiates. Este capítulo se dedica a apresentá-las. A expressão **paisagens**, usada neste título, não pretende delimitar um determinado espaço específico, nem uma unidade geográfica, mas sim indicar os contextos, dinâmicas e lógicas acessados durante o processo da pesquisa, observando a atividade a partir de ângulos diferentes. Não se trata aqui de cunhar uma “comunidade”, mas sim de localizar, levantar e descrever um “circuito” (MAGNANI, 2012), ou seja, a configuração espaço-temporal dos trajetos de determinados atores sociais⁵¹. Como ficará evidente nas próximas páginas, passam pelas alfaiatarias locais vários fluxos de pessoas, coisas, materiais e modas, o que as conecta, em diferentes graus, a planos de circulação que extrapolam a cidade mas participam do horizonte local da atividade. A intenção aqui é revelar tanto o movimento da alfaiataria quanto a alfaiataria em movimento. Por isso, ao acessar a prática por meio desses estabelecimentos, buscou-se não perder de vista, como sugere Ingold, que “[...] as vidas não são levadas dentro de lugares mas através, em torno, para e a partir deles, para e a partir de outros lugares” (2009, p.33, tradução minha)⁵².

⁵¹ Tomo a noção circuito tal como a define Magnani: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o *circuito* gay, o *circuito* dos cinemas de arte, o *circuito* neoesotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos *clubbers*, dos evangélicos gospel e tantos outros” (2012, p.97).

⁵² “[...] that lives are led not inside places but through, around, to and from, from and to places elsewhere” (INGOLD, 2009, p.33, tradução minha).

O contorno delimitado para o conjunto das alfaiatarias pesquisadas resulta das perguntas que foram estabelecidas na pesquisa e dos trajetos que seguimos ao tentar apreender os andamentos deste contexto, pois, como indica Gérard Lenclud (1995), nada em si é paisagem, ver uma paisagem é reconhecê-la como tal. Como os passos dos alfaiates mostram, assim como eles próprios, as paisagens estão de passagem. As alfaiatarias, os alfaiates, as lojas de tecidos, os armarinhos, os fregueses, o comércio e a própria cidade de Curitiba não compõem totalidades constantes, homogêneas e estáticas, mas constituem-se uma em relação aos outros, variando a depender do ponto de vista de quem os observa.

3.1 As alfaiatarias em Curitiba

A presença das alfaiatarias em Curitiba é bastante discreta. No centro da cidade, quase invisíveis aos transeuntes da rua, a maioria está localizada em edifícios velhos com corredores escuros, em conjuntos comerciais de duas ou três salas com pé direito alto e janelas amplas. Parte dos alfaiates que aí montaram esses estabelecimentos adquiriram tais locais em fases de prosperidade e consolidação dos seus negócios, num momento em que estar nessa região significava manter-se próximo dos ambientes de trabalho e circulação de seus clientes. Dedicadas principalmente à confecção de roupa **sob medida**, essas alfaiatarias do centro da cidade têm uma clientela composta por pessoas que já conhecem o alfaiate ou receberam indicação do serviço por ele prestado. Suas portas de entrada, às vezes, permanecem fechadas e placas nelas fixadas informam o nome e o horário de funcionamento do estabelecimento. A entrada dos clientes e dos oficiais, anunciada pelo barulho das portas, por campainhas ou por sensores de movimento, é o que traz esses alfaiates das salas de trabalho para as salas de atendimento.

Já nos bairros, com algumas exceções, as alfaiatarias estão de modo geral localizadas em pequenos centros comerciais, em salas alugadas que reúnem em um mesmo ambiente os espaços de atendimento e de costura. A atividade desses estabelecimentos, que mantêm, em geral, suas portas abertas e são mais acessíveis ao público, pode muitas vezes ser vista por todos que passam pela rua, de modo que, além dos fregueses já conhecidos ou indicados, essas alfaiatarias atendem uma clientela ocasional e variada de pessoas que moram ou trabalham em suas proximidades. Chamadas de *alfaiatarias de bairro*, elas mudam de local com mais frequência do que aquelas instaladas em salas não alugadas e, em termos de serviços, realizam mais ajustes, reformas e consertos do que confecção **sob medida**. Seus proprietários trabalham

com frequência sozinhos, sem *funcionários* ou sócios e sem repassar parte do serviço para outros alfaiates⁵³.

Atuando nos bairros, estão também os oficiais, que uma ou duas vezes por semana vão ao centro *pegar serviço* nas alfaiatarias e trabalham em pequenos ateliês em suas próprias casas. E outros alfaiates que fecharam as portas de seus estabelecimentos no centro da cidade e transferiram seus locais de trabalho para as dependências de suas residências. Apesar de muitos deles já estarem oficialmente aposentados muito antes de decidirem realizar esse deslocamento de seus negócios, o fechamento das alfaiatarias no centro da cidade e a transferência dos móveis, máquinas e materiais para suas residências é o que de fato reconfigura sua condição de trabalho, afastando-os de um círculo de convivência com amigos do comércio local, clientes e oficiais, o que altera o cotidiano que mantiveram por muitos anos. Trabalhando em casa, alguns mantêm pequenas placas que anunciam seus serviços. Outros preferem passar despercebidos, recebendo apenas os clientes conhecidos.

Na atualidade, estar no centro da cidade já não é mais algo tão vantajoso para os negócios das alfaiatarias quanto costumava ser nos anos 1970, quando muitos alfaiates chegaram em Curitiba, vindos do interior do Paraná e de Santa Catarina. Essa década, que é lembrada pelos profissionais especialmente pelo crescimento do comércio, é marcada, no plano geral, pela grande expansão populacional da capital, que passou de seiscentos mil para mais de um milhão de habitantes; o que ocorreu em função das políticas de atração industrial, que se empenhavam na mudança da feição econômica do Paraná, e também das fortes geadas sucedidas no norte do estado, que levaram à subsequente migração de trabalhadores das lavouras em direção às cidades (FIRKOWSKI, 2001). Nesse período, uma importante reforma urbana empreendida em Curitiba se dedicou à construção dos grandes eixos estruturais lineares, por meio dos quais se ofereceu a infraestrutura necessária ao desenvolvimento do perfil industrial da cidade⁵⁴. Essas transformações dos padrões produtivos locais pressionaram a região central, que era o bairro mais populoso do município na época, promovendo a

⁵³ A classificação nativa, que esta apresentação das alfaiatarias da Curitiba segue em certa medida, trata dos mais diversos bairros da cidade indistintamente. Isso indica a predominância da distinção entre o que é ou não centro; diante da qual as clivagens sociais particulares de cada região da cidade (das quais os alfaiates, e também esta pesquisadora, estão cientes) apresentam-se subsumidas.

⁵⁴ Refiro-me aqui às intervenções urbanas realizadas a partir das proposições colocadas pelo Plano Preliminar de Urbanismo, elaborado pela sociedade SERETE de Estudos e Projetos Ltda. em parceria com o arquiteto Jorge Wilhelm, e também pelo Plano Diretor, elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, aprovado pela Lei Municipal Nº. 2.828/1966. Estes projetos delinearão um novo sistema de circulação urbana baseado na constituição de Vias Estruturais nos sentidos Leste-Oeste e Norte-Sul (FARACO; JANUZZI; RAZENTE, 2007).

substituição das residências ali instaladas por atividades comerciais e de serviços (SOUZA, 2000, 2001)⁵⁵.

O processo de verticalização do centro de Curitiba, que iniciou nos anos 1930 com a disseminação esparsa de edifícios para moradia com mais de cinco andares, cresceu na década de cinquenta, com a construção dos primeiros edifícios verticais não residenciais e se intensificou fortemente em 1970. Período no qual as ruas XV de Novembro e Marechal Deodoro se tornaram o centro financeiro da capital, alojando a construção de vinte e cinco novos edifícios de escritórios, entre eles vários dedicados ao setor bancário. Os problemas de congestionamento já estabelecidos no centro da cidade desde os anos 1960, pela concentração de atividades e pelo uso intensivo de automóveis na região, agravaram-se ainda mais: “O centro não era somente ponto de partida e chegada nos movimentos diários entre residência e trabalho, mas atuava também como lugar de passagem entre os distintos setores da cidade” (LICNERSKI, 2015, p.53).

Neste período, várias alfaiatarias de Curitiba foram abertas estrategicamente próximas de associações de engenharia, de diretórios estudantis e de instituições governamentais, onde a concentração de políticos, homens de negócios, advogados e funcionários públicos era garantia de muito trabalho. Entre os prédios da região central que acolheram alfaiatarias, destaca-se o Edifício e Galeria Tijucas que na década de 1970 chegou a ter perto de trinta alfaiatarias em suas dependências (Ver ilustração 1). Localizado em uma região de grande movimento comercial da cidade, este edifício, que comporta em seu térreo uma galeria comercial de intensa circulação, tem uma de suas frentes voltadas para a Rua XV de Novembro e outra para a Rua Cândido Lopes, próximo ao Largo Frederico F. de Oliveira. O prédio que reúne hoje em seu interior dezoito alfaiatarias e uma loja de tecidos e aviamentos específicos do ramo foi inaugurado em 1958 e é a principal referência da Boca Maldita, um famoso ponto de encontro curitibano de jornalistas, políticos e autoridades.

Ao se instalarem no Edifício Tijucas e em suas adjacências, na Praça General Osório e nas ruas Cândido Lopes, Voluntários da Pátria, Saldanha Marinho, Ébano Pereira, Doutor Muricy, Marechal Deodoro, Monsenhor Celso e Conselheiro Laurindo, os alfaiates posicionavam-se, portanto, estrategicamente, em uma região de grande movimento comercial e próximos de um espaço de circulação, na época, predominantemente masculino⁵⁶.

⁵⁵ Também contribuiu para o fortalecimento comercial da área, a transformação, em 1972, da Rua XV de Novembro (também conhecida como Rua das Flores) em um calçadão destinado exclusivamente para pedestres (FERRI; TEIXEIRA, 2015).

⁵⁶ A expressão Boca Maldita refere-se a uma confraria masculina intitulada “Cavaleiros da Boca Maldita de Curitiba” e é a denominação de uma área ao redor dos cafés, bancas de revistas e bancos do calçadão na Avenida

Mantinhm-se, assim, perto dos clientes e também das lojas de tecidos e aviamentos que estavam localizadas na região. *Tinha as lojas de tecido ali, o cara saía da loja já ia direto pro alfaiate, sabe. Então as alfaiatarias se concentravam ali no centro. Dificilmente tinha uma alfaiataria mais fora do centro.*

Ilustração 1. Vista do Edifício e Galeria Tijucas

Localizado em um trecho conhecido como Boca Maldita, o Edifício e Galeria Tijucas é um condomínio misto constituído de alas comerciais e residenciais. O edifício comporta uma movimentada galeria comercial na qual encontram-se lanchonetes, salões, cafés e outros pontos comerciais. Na década de 70, quando comportava em suas dependências cerca de 30 alfaiatarias, o prédio ficou conhecido como “reduto dos alfaiates”. Em 2017, dezoito alfaiatarias estão aí localizadas. Na ilustração acima, destaca-se a vista da entrada localizada na Avenida Senador Luiz Xavier.

Luiz Xavier, próxima ao calçadão da Rua XV de Novembro, no centro de Curitiba, onde o grupo da confraria reunia-se para debater os assuntos correntes nas manchetes dos jornais.

Nos anos 1980, enquanto o centro tradicional da capital se popularizava, um “novo centro” mais voltado às camadas de alta renda se constituiu no bairro Batel e um conjunto de subcentros de comércio e serviços formaram-se em áreas residenciais populares nos bairros Portão, Pinheirinho e Hauer (PILOTTO, 2010). A inauguração em 1981 do primeiro shopping de Curitiba, o Shopping Center Mueller, não só valorizou a região da avenida Cândido de Abreu, estimulando a expansão imobiliária em direção ao Centro Cívico, como também, conforme indica Zulma Schüssel (2006), apontou o início de uma importante mudança nos hábitos de compra das camadas médias e altas da população da cidade que passaram a utilizar esses locais para o consumo e também para o lazer: “Com isso, aumentou o número de lojas com produtos de ‘1,99’ e de ‘sacolões’ na área central, permanecendo ali também as grandes redes nacionais de eletrodomésticos e mobiliário” (p.208-9).

Assim, ao longo dos anos, os segmentos mais abastados da população da cidade deixaram paulatinamente não só de morar no centro, mas de utilizar os serviços da região e, também, de ali trabalhar. Conforme sugere Villaça, em seu estudo sobre metrópoles brasileiras: “Inicialmente, o centro começou a ser abandonado como local, de compras e serviços (diversões especialmente). Depois, também como local de empregos” (2001, p.274). Nesse processo, popularmente chamado de “decadência” ou “deterioração”, nem todos os empregos, serviços, comércios e residências saíram do centro (agora tomado pelas camadas populares), mas os novos empreendimentos que desde então surgiram deixaram de ali se colocar, preferindo então se estabelecer em outras localidades.

Atualmente, boa parte dos clientes de roupa **sob medida** pouco frequenta o centro e alguns até se incomodam de ter que ir até lá. Para não perder esses fregueses, os alfaiates de menos idade adotaram a prática de atendê-los em seus escritórios ou residências, fazer convênios com estacionamentos próximos para facilitar sua chegada e levar as entregas até seus carros, evitando que precisem subir até as alfaiatarias. Apesar das desvantagens da localização central, os alfaiates consideram melhor manter seus estabelecimentos onde estão, nas salas que são de sua propriedade e onde os clientes já estão acostumados a encontrá-los, não vendo vantagem nas mudanças de endereço. *Não dá para mudar muito porque o cliente precisa te achar se, por exemplo, muda de país e, na volta, quer te procurar.* Alguns dos alfaiates instalados no centro reconhecem que, com o crescimento da cidade, o movimento comercial não está mais, como antigamente, concentrado em uma única região, mas avaliam que os clientes trabalham e residem nas mais diferentes partes da cidade, de modo que uma mudança de local da alfaiataria não necessariamente levaria a um aumento do volume de serviço.

Conforme sugere Frúgoli Jr. (2000, 2001) a propósito da questão da centralidade na cidade São Paulo, parece razoável pensar a respeito de Curitiba que, apesar de demograficamente dez vezes menor do que a metrópole paulista, esta capital também experimenta a constituição – não de uma, mas – de várias centralidades, o que, entretanto, não implica perda de uma região central. Longamente constituído, o centro não apenas acumula um conjunto heteróclito de participantes, mas também uma importância histórica para a paisagem urbana local.

Ainda que no processo geral de expansão urbana possa observar-se uma forte tendência à dispersão e à descentralização, é impossível postular que isso signifique a perda de um “centro”, mesmo que não se possa mais falar, no caso paulistano, em uma única centralidade, de feição tradicional e histórica. Persiste, de toda forma, a importância constitutiva do papel desenvolvido pela centralidade no contexto urbano, porém em novos termos (FRÚGOLI JR., 2001, p.52-3).

Apesar de serem evitadas em certa medida hoje em dia, as mudanças de endereço das alfaiatarias já foram bastante comuns e muitos alfaiates contam as trajetórias de seus estabelecimentos relembrando exatamente os diversos locais que estes ocuparam antes de se instalarem em imóveis próprios. Do mesmo modo, os oficiais indicam em suas narrativas de vida não apenas os nomes das alfaiatarias nas quais, ou para as quais, trabalharam, e de seus proprietários, mas também suas localizações, por nome da rua ou do edifício e número da casa. Essa paisagem urbana que os alfaiates, no exercício da memória, descrevem ao apontar os endereços das alfaiatarias na cidade e seus próprios percursos entre elas é, como afirma Magnani, não um cenário já dado no qual os atores desenvolvem suas práticas, mas sim o próprio “resultado dessas práticas e das intervenções ou modificações impostas pelos mais diferentes atores [...] em sua complexa rede de trocas” (2012, p.252).

- 01. Avenida Senador Luiz Xavier
- 02. Praça General Osório
- 03. Rua Cândido Lopes
- 04. Rua Saldanha Marinho
- 05. Rua Desembargador Ermelino de Leão
- 06. Rua Ébano Pereira
- 07. Rua Marechal Deodoro
- 08. Rua Monsenhor Celso
- 09. Rua Voluntários da Pátria
- 10. Rua XV de Novembro
- 11. Largo Frederico F. de Oliveira
- 12. Praça Generoso Marques / Paço da Liberdade
- 13. Praça Tiradentes
- 14. Edifício e Galeria Tijucas / Loja do Zanella
- 15. Loja Ao Mundo das Casimiras
- 16. Loja Huddersfield
- 17. Loja Imperial Tecidos
- 18. Lojas Javanese Tecidos - Rua José Bonifácio
- 19. Lojas Javanese Tecidos - Dr. Muricy

Ilustração 2. Mapa da região do centro de Curitiba

Principalmente dedicadas a confecção sob medida, as alfaiatarias instaladas em edifícios localizam-se em algumas quadras da região central de Curitiba, destacadas em cinza na ilustração acima. Próximas de lojas de aviamentos e também de tecidos, elas se posicionam assim também em uma região de grande circulação da cidade.

3.2 Paisagens interiores

Maiores ou menores, as alfaiatarias estão, via de regra, organizadas em pelo menos dois ambientes. O primeiro, logo à entrada, onde se dá a recepção e o atendimento dos visitantes, é delimitado pela presença de mostruários de tecidos, do provador e do espelho. Lugar privilegiado de circulação do dono da alfaiataria e dos clientes, esse espaço é onde os ternos prontos ou montados para prova são observados, analisados e corrigidos sobre o corpo do cliente. Nas paredes dessas salas, que comportam poucos móveis e assentos, são exibidos alvarás, calendários, diplomas, cartazes de propaganda de tecido distribuídos por tecelagens e, às vezes, também reportagens sobre o ofício de alfaiate recortadas de jornais. Cada um de um lado do móvel, cliente e alfaiate apoiam-se ligeiramente no balcão de atendimento enquanto analisam os mostruários de tecidos. Em geral mais organizados e com menos objetos que os demais espaços das alfaiatarias, esses ambientes de atendimento esvaziam-se e preenchem-se ao longo dia, na medida que os clientes vão chegando e saindo do local.

O segundo ambiente destina-se a confecção dos ternos. Apesar de estar certas vezes instalado nas mesmas salas onde ocorre o atendimento dos clientes, este outro espaço distingue-se do primeiro. Repleto de objetos, nele estão acomodadas as máquinas de costura, os balcões de corte, os ferros de passar e suas respectivas mesas cobertas de mantas e tecidos que amaciam a base sobre a qual os ternos são alisados a ferro. Em busca de luz natural, as máquinas de costura estão posicionadas, sempre que possível, perto das janelas. Luminárias, muitas vezes improvisadas, são acopladas aos balcões de trabalho. Mesmo quando constantemente varrido, o piso desse ambiente está quase sempre coberto de pedaços de linhas e rebarbas de tecido, e é comum que ali se percam alfinetes, botões e agulhas (muitas vezes importadas e caras e, por isso mesmo, insistentemente procuradas). Aí estão também banheiros e pequenas cozinhas; caixas com zíperes e botões; estoques de entretela e linhas de costura; caixas com retalhos, sacolas, cabideiros e cabides com as roupas em confecção. Baldes e varais servem para molhar e secar os tecidos que precisam ser encolhidos antes do corte, e papéis, fichas de clientes e anotações se espalham pelo ambiente, em especial perto dos telefones fixos.

Mesmo nas alfaiatarias de pequeno porte, que ocupam uma única sala na qual os alfaiates trabalham sozinhos, é possível observar essa distinção entre um espaço dedicado a circulação do cliente e outro onde ocorre o corte e a costura dos ternos e as reformas, ajustes e consertos. Nas alfaiatarias maiores estes espaços multiplicam-se, às vezes, em diversas salas de trabalho. Os provadores e os balcões de atendimento, entretanto, permanecem únicos. É comum

que os proprietários das alfaiatarias circulem por todos os ambientes delas, mas os oficiais raras vezes aparecem nas salas de atendimento, ficando em geral longe da vista dos visitantes. Os clientes também poucas vezes circulam pelas salas de trabalho. Quando o fazem é, em geral, de forma rápida, por exemplo, numa passagem urgente até o banheiro do estabelecimento.

O atendimento aos clientes começa, via de regra, às oito horas da manhã mas, em especial em dias de entrega de ternos, a atividade pode começar antes disso. Entre os oficiais é comum que os mais antigos da casa tenham a chave do local e possam chegar mais cedo para adiantar serviço, mas muitas vezes é o proprietário da alfaiataria quem chega antes do horário habitual para checar e finalizar as entregas, garantindo que tudo esteja pronto nas datas marcadas. Durante o período da manhã, parte do movimento se dá pelo recebimento de encomendas de tecidos, telefonemas para oficiais, contato com clientes e, é claro, pelas próprias atividades de cortar, costurar e dar acabamento às roupas. Em uma pausa para o almoço, os alfaiates costumam fechar por uma hora o estabelecimento, retornando para o movimento vespertino perto de treze horas. Entre os oficiais, parte sai para almoçar e outros esquentam as refeições trazidas de casa. Alguns proprietários de alfaiataria, tendo a companhia das esposas durante o período vespertino, recebem o almoço perto do meio dia, quando elas chegam com suas marmitas.

Durante a tarde, os oficiais que trabalham em casa trazem o serviço feito e os alfaiates ligam para os clientes informando que os ternos estão prontos para prova ou para entrega. Entre o vai e vem constante de conversas sobre que serviços que têm pressa ou não, ou sobre como resolver problemas da confecção de uma determinada roupa, os alfaiates levantam com frequência, indo das máquinas de costura aos balcões de passar ferro. Os oficiais atravessam o espaço de suas salas de trabalho algumas vezes ao dia para verificar com os donos das alfaiatarias aspectos dos serviços a serem feitos. Estes, por sua vez, circulam também entre seus balcões de corte e salas de atendimento, onde estão os provadores. Vez ou outra, em meio ao movimento do trabalho (ou salvando uma tarde de marasmo), a alfaiataria recebe a visita de vendedores, de familiares ou de amigos do proprietário, que passam para cumprimentar e conversar rapidamente.

Perto de dezesseis horas, finalizados os trabalhos do dia, os oficiais retornam para suas casas. Os rádios e pequenas tevês ligados nas salas de trabalho silenciam e os proprietários das alfaiatarias aguardam sozinhos, ou com suas esposas, o momento de encerramento das atividades do dia. Vez ou outra permanecem abertos mesmo após as dezoito horas, para atender um cliente que não poderia vir mais cedo. Ou, fechada a alfaiataria, vão ao encontro de alguém

que pediu atendimento a domicílio. Em alguns dias seguem com o trabalho até mais tarde para garantir o encaminhamento dos serviços e as entregas combinadas. A profissão ainda exige muita dedicação, mas já não se fazem mais os longos serões de *antes*. Alguns alfaiates têm abandonado inclusive o hábito de abrir as alfaiatarias nos sábados pela manhã, dia apontado como de grande movimento *antigamente*. E essa decisão com frequência tem apoio na opinião de familiares que sugerem que já não é mais necessário trabalhar tanto.

As alfaiatarias de Curitiba evidenciam sua idade pelos seus sólidos móveis antigos, manequins de busto com pés de madeira e pelas velhas máquinas de costura, sempre presentes. Feitos de madeiras nobres, parte desses móveis foram comprados de segunda mão, na época da abertura dos estabelecimentos. Mas há também nas alfaiatarias pequenos arranjos por meio dos quais ventiladores vão sendo consertados com fitas isolantes; vidros de conservas tornam-se molheiras⁵⁷; moldes de roupa vão sendo reunidos e espalhados pelas paredes; notas de compras, cartões de visita e fichas de clientes são acumulados pelos cantos; e imãs, buchas de lavar pratos e caixas de cigarro vão se transformando em alfineteiros. Mais ou menos organizadas, a depender da personalidade dos alfaiates, as alfaiatarias manifestam os fluxos de pessoas e coisas que as habitam e que nelas circulam. Estão ali evidentes as resistências, os movimentos e ajustes às circunstâncias que se desdobraram ao longo de suas trajetórias.

São recorrentes as menções à necessidade ou à intenção de reformá-las. Os alfaiates falam principalmente da necessidade de melhorar os ambientes de atendimento: pintar paredes, trocar carpetes e cortinas e melhorar os provadores. Logo após eu finalizar uma entrevista registrando a história de vida de um alfaiate, seu filho mais novo, recém-formado, aproximou-se perguntando se tudo tinha corrido bem. Respondi que sim e resgatei brevemente os assuntos sobre os quais eu e o pai dele tínhamos conversado⁵⁸. O filho do alfaiate perguntou então se seu pai tinha me contado como era a alfaiataria *antes*. Respondi que não e ele então descreveu com riqueza de detalhes suas lembranças do lugar na década de 1980, quando ele ainda criança ia até lá.

⁵⁷ Recipientes onde se coloca a água com a qual os tecidos serão molhados antes de serem passados a ferro para serem alisados ou conformados a determinadas curvas.

⁵⁸ A entrevista, com gravação em áudio, foi realizada na sala de trabalho do alfaiate e tinha sido agendada em uma véspera de feriado, quando o movimento da alfaiataria diminui. Conforme percebi depois, mesmo sendo um alfaiate com quem eu já convivía há bastante tempo, esse evento provavelmente tinha levantado alguma expectativa (talvez sobre a natureza das perguntas que eu iria fazer) e sido assunto conversado em casa entre o alfaiate e seus familiares.

Ilustração 3. Sala de atendimento e sala de trabalho

Os espaços de atendimento das alfaiatarias, como se pode observar na parte superior desta ilustração, são marcados pela presença do provador, do espelho e de mostruários de tecidos, como esses dispostos sobre o balcão de atendimento. Manequins costumam ser exibidos com paletós à espera de novas provas ou já prontos para entrega. Já os balcões de corte, ferros de passar roupa e máquinas de costura estão, em geral, em áreas mais restritas dos estabelecimentos. Na parte inferior da ilustração, pode-se observar dois alfaiates: um, sentado, trabalha em uma gola. O outro, em pé, passa a ferro o ombro de um paletó: sustenta no braço esquerdo uma pequena almofada sobre a qual dispôs o ombro do paletó. Com a mão direita, segura o ferro de passar. Entre o tecido do paletó e o ferro de passar, o alfaiate coloca um pedaço de pano de algodão branco, o que lhe permite alisar a roupa sem deixá-la brilhante.

Em contraste com os dois oficiais que agora trabalham ali diariamente, a alfaiataria tinha na época perto de quinze *funcionários*. Ocupava dois apartamentos de cento e vinte metros quadrados e tinha como mão-de-obra outros tantos oficiais paletozeiros e calceiros que trabalhavam em casa, prestando serviço. Cada sala do ambiente se destinava a uma função. Tinha a recepção, com sofás e várias cadeiras, e uma sala anexa, com as estantes repletas de rolos de tecidos. Um dos quartos era destinado apenas às entregas e lá ficavam as roupas já terminadas, a seção de embrulho e também o caixa. O provador ocupava outra sala grande. O ambiente era, nas memórias do filho do alfaiate: *muito chique, bem diferente do que é hoje*. As salas de trabalho eram várias e acolhiam três ou quatro oficiais por vez: cada um tinha sua máquina de costurar, mas compartilhavam um mesmo balcão de passar ferro. Em outra sala ficavam os três balcões de corte: um do seu pai, outro do seu avô e o terceiro de um funcionário. Em uma lavanderia se estendiam todos os panos molhados para encolher antes do corte. O movimento era sempre intenso. Hoje, na opinião do filho do alfaiate, o lugar precisaria de uma boa reforma, que melhorasse principalmente o provador. *Tinha que ter uma cortina ali na janela. Uma luz melhor e mais um espelho*. Opinião confirmada pelo alfaiate e sua esposa, que indicavam o mesmo. *Se tivesse dinheiro*, considerou o alfaiate, *seria bom trocar os cabideiros velhos, a pintura das paredes e a iluminação*.

Apesar de desejadas, as reformas são às vezes inviáveis financeiramente, exigindo um investimento difícil de resgatar. Pelo visto, pouco necessárias à melhoria do processo produtivo, elas contemplam a substituição de pisos, tapetes, espelhos e cortinas; nunca dos balcões de trabalho, feitos em madeira maciça, ou das máquinas de costura, às quais se acrescentam outras, mais novas e usadas em funções diferentes. Em algumas ocasiões, as reformas implicam esforços de toda uma família. Um profissional do centro de Curitiba, por exemplo, reformou seu estabelecimento, onde trabalha com o apoio da esposa, graças a ajuda dos filhos. O mais velho, que mora nos Estados Unidos e trabalha como professor, contribuiu com o dinheiro para o material de construção; o marido da sua filha, que é funcionária pública federal, pintou o local e fez a textura que recobre as paredes; e o alfaiate pagou o serviço dos pedreiros. A alfaiataria ficou fechada durante um mês: o banheiro foi reformado, o antigo piso de linóleo foi retirado e a forração escura e acarpetada das paredes foi substituída por uma pintura clara e texturizada. Os móveis, máquinas de costuras, manequins, tesouras, almofadas de passar roupa e o balcão de corte permaneciam os mesmos e mantinham a mesma disposição de antes, mas o ambiente estava todo ele mais claro e iluminado.

A importância das reformas para os alfaiates parece estar ligada por um lado a noção de que suas alfaiatarias estão envelhecidas e distinguem-se dos estabelecimentos comerciais mais novos que parte dos clientes costuma frequentar. *Eu queria fazer algo assim* [apontando a fotografia de uma alfaiataria paulistana publicada em uma revista de circulação nacional]. *Bem espaçoso pro cliente vir, sentar. Um provador bom. Mas pra fazer isso tem que chamar um arquiteto. Precisa de dinheiro. A gente não tem como.* Diferente de muitas lojas de roupa masculina que são decoradas profissionalmente, as alfaiatarias pesquisadas, mesmo as que atuam principalmente com roupa **sob medida** e que atendem uma clientela com maior poder de compra, são referidas pelos seus proprietários como ambientes *simples* e, neste aspecto, de natureza diferente das lojas de confecção masculina de redes locais, nacionais e internacionais instaladas em shoppings e consideradas *luxuosas*⁵⁹.

3.3 Alfaiates em circulação: proprietários de alfaiatarias

Apesar de se colocarem à disposição para ir até os clientes em suas casas e locais de trabalho, e de fazê-lo sempre que entendem que *vale a pena*, diversos alfaiates reclamam inconvenientes neste tipo de atendimento, em especial quando solicitado durante o horário comercial. Em parte, isso se deve às suas dificuldades de deslocamento, ao tempo dispendido na ida até o cliente e aos longos períodos de espera aos quais se veem por vezes submetidos. A experiência de, apesar dos horários agendados, ter que aguardar por mais de uma hora o fim de reuniões de negócios é comum, de modo que o atendimento residencial, no espaço da intimidade dos clientes, é preferido. *Os bons clientes eu atendo em casa. Desisti de atender em escritório. Não vale a pena. Tem que esperar demais. Abandonar a alfaiataria aqui pra ficar uma hora e meia esperando?! Não faço mais.*

As inconveniências desse tipo de atendimento, no entanto, também estão ligadas ao fato de que, de modo geral, os proprietários das alfaiatarias concentram em si as funções de atendimento, de coordenação da execução dos serviços e a responsabilidade pela encomenda e corte dos tecidos. Na sua ausência, seus oficiais de maior confiança, ou suas esposas,

⁵⁹ Das redes nacionais de confecção masculina dedicadas ao comércio de diversas marcas de ternos, tem lojas em Curitiba: a Cia. do Terno; a Vila Romana; a Crawford e a Padrão. Entre as redes de mesma natureza, mas de caráter regional ou local destacam-se as lojas Frischmann's, Padrão e Otello. Entre as lojas multimarcas locais, a Maison Capoani distingue-se por dispor de ternos importados das marcas Ermenegildo Zegna e Armani. No Shopping Pátio Batel, conhecido localmente como um "shopping de luxo" foram instaladas mais recentemente, em 2013, lojas das redes internacionais Ermenegildo Zegna, Hugo Boss e Armani e das redes nacionais Brookfield, VR e Richards.

recepcionam clientes, atendem telefonemas e anotam recados, mas raramente estão autorizados a acolher encomendas, fazer entregas importantes, negociar com os clientes, receber pagamentos ou mesmo debater qualquer aspecto da confecção da roupa. Em Curitiba, raros são os alfaiates na atualidade que têm sócios, de modo que, para aqueles que trabalham sozinhos e sem funcionários, sair para atender um cliente implica fechar as portas do estabelecimento durante suas jornadas diárias. Já para os alfaiates que mantêm equipes de trabalho, sua presença regular nas alfaiatarias é um elemento considerado necessário para o controle do que ali se produz e para o bom andamento dos negócios.

A ênfase na presença constante do proprietário da alfaiataria no local de trabalho alinha-se a uma perspectiva particular da administração do estabelecimento e da distribuição das tarefas no que diz respeito ao controle do serviço realizado pelos oficiais e da delimitação de quem deve ou não ter contato com os clientes. Está também relacionada a uma “ética do trabalho” específica. *É triste. Alfaiataria prende muito, tem que estar sempre lá.* Diferente dos alfaiates que atuam de forma especializada na confecção de um único tipo de peça de roupa (calça, colete, paletó), os *profissionais completos* são entendidos como aqueles que estão capacitados a realizar todas as vestimentas correspondentes ao universo das alfaiatarias, podendo por isso mesmo trabalhar de forma independente, e não mais como *funcionários*. *Quando meu pai resolveu me ensinar, ele disse: ‘mas você não vai ser alfaiate só de uma peça. Vai ser um alfaiate completo. Não de calça e paletó’. E eu, de fato, me tornei. Hoje qualquer peça eu consigo. Consigo fazer um fraque, um sobretudo, um smoking, um colete.*

Um oficial mangueiro de aproximadamente oitenta anos, ao falar da sua trajetória de vida contou que, trabalhando com **sob medida**, chegou a ter sua própria alfaiataria, mas não se aperfeiçoou no trabalho e não alcançou o nível de habilidade que tem seu *patrão* atual, um *profissional completo*, segundo seu ponto de vista. O mangueiro em questão, considerava-se bom no seu ofício, mas entendia que não tinha se tornado ainda melhor no que faz porque durante parte de sua vida seu foco não estava no trabalho, mas sim em jogos de azar. *Minha cabeça estava no jogo. Queria ganhar no jogo, não na alfaiataria.* Após perder seu estabelecimento devido a dívidas contraídas, voltou a trabalhar para outros alfaiates como contramestre, na condição de funcionário. Com a redução do serviço e o avanço da idade, passou a atividade de oficial mangueiro. Assim, mesmo tendo alcançado as posições mais altas na hierarquia dos serviços da alfaiataria (contramestre e dono de alfaiataria) não se tornou um “profissional completo” pois seu desenvolvimento tinha sido prejudicado pelo tempo e energia gastos com jogos de azar. Tendo ouvido a narrativa do oficial e os elogios que lhe foram

dedicados, o *patrão* do mangueiro tratando, por contraste, do seu total comprometimento com o trabalho considerou que essa era a razão pela qual constituiu a clientela que possui. *Pra ser alfaiate tem que ter bom gosto. Mas precisa também ter amor pelo que faz. Eu sou mesmo totalmente dedicado. Eu amo meu trabalho. Quando não estou na alfaiataria nem sei o que fazer.*

Para além do domínio do processo de confecção (ou talvez nas bases desse domínio), a atuação como *profissional completo* implica uma certa forma de envolvimento na atividade, por meio da qual o alfaiate volta seus esforços, sua vontade e seu ímpeto para dar conta do serviço, tocar a alfaiataria e fazer uma clientela, tornando-se também alguém capaz de coordenar, distribuir e checar o trabalho dos oficiais na condição de chefe de oficina, sem se envolver com o corte das roupas e o atendimento, ou como contramestre, fazendo também isto. Para alcançar a posição de *patrão* ou de *mestre*, dizem os proprietários de alfaiatarias, é preciso *querer avançar*, se tornar em alguma medida um *aficionado* ou *obcecado* pelo trabalho *bem feito* e de *qualidade*⁶⁰.

Trata-se de um comprometimento intenso, moral e psíquico com a atividade. *Eu quando não tô acertando uma roupa, eu chego até a sonhar com a solução. Sonho e aí de manhã venho aqui e resolvo o que precisava. A cabeça* na alfaiataria e o *amor* ao trabalho traduzem-se, portanto, em um tipo de engajamento que faz com que o alfaiate cuide com atenção dos detalhes, cumpra os prazos estabelecidos, faça uma vistoria primorosa do serviço dos seus *funcionários*, garantindo que tudo seja feito não apenas adequadamente, mas do melhor modo possível. Assim, *saber fazer calça, colete e paletó* é uma condição, mas não uma garantia de que o profissional seja *completo*, visto que para isso é necessário *querer, ter gosto pela coisa, amar o que faz*. Como o mangueiro, citado poucos parágrafos atrás, aponta: a *cabeça* precisa estar na alfaiataria.

Outro alfaiate, de São Paulo, com setenta e dois anos, ressaltou que trabalha de segunda a sábado desde os dez anos, tendo tirado em todo esse período apenas três semanas de férias. Proprietário de uma alfaiataria na qual empregava catorze *funcionários*, ele considerou que: *Não dá pra deixar a alfaiataria. Se eu ficar doente, a alfaiataria pára*. Estar na alfaiataria é, portanto, um sinal e uma prática de comprometimento com a atividade e também com a qualidade e o bom andamento dos serviços ali prestados, de sorte que, diferente da espera nas antessalas de escritórios, aguardar na alfaiataria, mesmo aqueles clientes que se atrasam, parece,

⁶⁰ Não sem razão o Hino dos Alfaiates do Paraná professa: “Valorosos artistas do progresso / Dia e noite labutam sem cessar / A carregar no peito o ideal impresso / Da Perfeição que buscam conquistar”.

em geral, não implicar grandes aborrecimentos. Fica evidente, portanto, que a circulação dos proprietários de alfaiatarias pela cidade durante o horário comercial, seja para atender clientes seja para ir até as lojas de aviamento ou para resolver outros assuntos, apresenta-se mais restrita e é, de certo modo, evitada. Não só porque depende da ajuda de funcionários de confiança ou de esposas que possam cobrir sua ausência, mas também porque soam incompatíveis com as tarefas e obrigações de quem está *à frente de uma alfaiataria*.

O bom andamento dos negócios, visibilizado por meio da *boa clientela*, é atribuído não só a dedicação intensa ao negócio, mas também a um envolvimento total com o trabalho, que se fazem ver, entre outras coisas, na presença do alfaiate proprietário da alfaiataria dentro dela, sempre pronto a atender os clientes e a resolver os problemas da confecção do terno. Não sem razão, ao se referir às saídas do local de trabalho, mesmo que para atender clientes, os alfaiates proprietários de alfaiatarias, hiperbolicamente, falam em *abandonar* ou em *deixar* a alfaiataria. O cotidiano desses locais e dos seus proprietários se organiza de tal modo que os compromissos estabelecidos entre o alfaiate, a atividade da alfaiataria e o empreendimento do seu estabelecimento em específico são experimentados como indistinguíveis entre si. Nas palavras do dono de um estabelecimento: *A alfaiataria não se vende porque a alfaiataria é você, o profissional, o alfaiate. A alfaiataria é o alfaiate*. Dizendo isso indicava não que o ponto comercial, os instrumentos e materiais de trabalho não possam ser vendidos ou não tenham sido comprados de outros alfaiates, mas sim que, nestes casos, o que se dá não é apenas uma mudança na direção do estabelecimento, mas sim a constituição de uma nova alfaiataria. Além disso, quando afirma que a alfaiataria é o alfaiate, observe-se, ele refere-se não ao alfaiate paletozeiro, mangueiro, coleiteiro ou calceiro, mas sim aquele que é dono da alfaiataria e que, muitas vezes, lhe dá nome.

Neste aspecto, vale recorrer a obra do sociólogo alemão Max Weber, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, pois ao tratar das especificidades das sociedades ocidentais que possibilitaram o surgimento da cultura capitalista moderna, Weber indica a importância do desenvolvimento de uma ética que preconiza o valor moral do trabalho como expressão de virtude e de eficiência em uma vocação. “É uma obrigação que o indivíduo deve sentir e que realmente sente, com relação ao conteúdo de sua atividade profissional [...]” (WEBER, 2000, p.35). Influenciado pelos princípios morais do calvinismo e fruto de um “longo e árduo processo de educação” (2000, p.39), este estilo de vida normativo que o autor chama de “espírito do capitalismo” baseia-se em uma ética peculiar que torna o trabalho algo a ser tomado como um fim absoluto em si mesmo. A análise weberiana pode ser correlacionada à atitude dos alfaiates na medida em que eles tomam sua profissão como uma atividade que exige

regularidade e dedicação, e que compromete moralmente aqueles que a ela se dedicam. Aplica-se a boa parte desses profissionais, o que Weber sugere a respeito das pessoas motivadas pelo “espírito do capitalismo”: se fossem questionados sobre os motivos que os levam a trabalhar tanto, muito provavelmente, diriam que seus negócios se tornaram uma parte necessária de suas vidas.

Se em Curitiba o deslocamento dos donos de alfaiatarias é um tanto restrito, as viagens para outras cidades e estados para atender clientes e buscar encomendas, são eventos ainda mais raros. Incomum, esta prática se dá apenas em situações bastante específicas como é o caso, por exemplo, de um profissional que migrou do Campo Grande (MS) para Curitiba na metade de 1980 e que continuou retornando para sua cidade de origem para atender os clientes que ainda mantinha por lá. Na capital paranaense ficou conhecido principalmente pelo seu trabalho como camiseiro, atividade percebida como próxima mas diferente da alfaiataria, pois exige pouco entretelamento, trabalha com tecidos de outra natureza e é de produção mais rápida. No Mato Grosso do Sul, entretanto, tinha uma clientela que encomendava tanto camisas quanto ternos **sob medida**. Como a confecção de camisas, sua principal atividade, lhe permite trabalhar sem ajudantes, preferiu não constituir uma equipe de trabalho e realizar sozinho as poucas encomendas de ternos que recebe, o que torna sua confecção mais lenta, mas conforme disse: *meus clientes já conhecem o trabalho, então não é problema*. Resguardado pelos rendimentos que obtém com a camisaria, que é uma atividade de fluxo mais intenso e produção mais rápida, e tendo em vista que sua mudança de cidade foi motivada por razões familiares, e não por falta de trabalho em Campo Grande, o alfaiate consegue atuar de modo pouco comum: mantém seu estabelecimento no centro da cidade, atua como camiseiro e alfaiate, trabalha sozinho dedicando-se à confecção **sob medida** e viaja eventualmente para atender os clientes que ainda mantém em Campo Grande.

Apesar de ser pouco usual em Curitiba atualmente – entre outras razões, também em função do envelhecimento dos alfaiates locais – essa prática não era de todo incomum no passado, conforme contou-me o filho de um alfaiate de Santa Catarina, cujo pai, tendo alfaiataria na cidade Concórdia, viajava pelo interior do Estado oferecendo seus serviços nas áreas rurais de pequenas cidades. Essa situação de deslocamento em busca de encomendas faz parte das histórias de vida de vários alfaiates que atuaram no interior do estado do Paraná e de Santa Catarina, em especial antes de suas vindas para Curitiba. Na atualidade, as poucas alfaiatarias nas quais pude observar essa prática de atendimento de clientes em outras localidades, distinguem-se daquelas às quais nos dedicamos neste estudo por estarem

localizadas em São Paulo e serem dirigidas por profissionais mais jovens e com um perfil diferente da maioria dos alfaiates de Curitiba e também da própria São Paulo⁶¹. É o caso, por exemplo, de uma alfaiataria paulistana, cujos proprietários, sendo de origem gaúcha, costumam ir eventualmente até outras cidades, onde já residiram, Rio de Janeiro e Porto Alegre, para lá atender clientes, recolhendo encomendas de ternos⁶².

3.4 Alfaiates em circulação: oficiais

Já no que diz respeito aos oficiais, sua circulação pela cidade, pelas lojas de aviamentos e pelas próprias alfaiatarias é bem mais intensa. Diferente dos proprietários que se visitam pouco uns aos outros e têm um acesso muito restrito aos estabelecimentos alheios (que são sempre, em certa medida, concorrentes), os oficiais costumam conhecer várias alfaiatarias, seja porque já trabalharam nelas, e voltam, às vezes, para cumprimentar *colegas*, seja porque têm *amigos* que lá atuam e com quem eventualmente trocam informações sobre o movimento do local, as características de seus proprietários e também sobre os valores praticados na remuneração do trabalho. Por isso mesmo, nas palavras do proprietário de uma alfaiataria: *os oficiais, eles se conhecem todos entre eles*. Aqui é interessante perceber que, enquanto os donos das alfaiatarias referem-se a outros alfaiates como *colegas* de profissão e evocam principalmente os clientes que se tornaram seus *amigos*, os oficiais chamam deste modo os alfaiates de quem são ou foram colegas de trabalho e também, mais ocasionalmente, *patrões* para quem já trabalharam. Na circulação dos oficiais pelas diferentes alfaiatarias da cidade, em busca de trabalho e de pagamentos melhores, eram exatamente os *colegas* e *amigos* alfaiates que serviam de referência ou de indicação.

Na alfaiataria Del Rey pagava mais, então, eu fui. Falei [para o patrão anterior] que tinha resolvido voltar pro interior. Não dá né pra falar [que ia pra outra alfaiataria]. Ele pagava 100 contos a mais em cada paletó. Faz diferença. [...] Trabalhei nesse aí durante seis meses. Mas aí recebi indicação pra trabalhar com outro [alfaiate]. E aí eu podia trabalhar de casa mesmo. O

⁶¹ O tópico 3.6 deste capítulo, intitulado “Outras alfaiatarias, outros alfaiates”, abordará as características destas alfaiatarias.

⁶² No contexto internacional, vale notar que algumas das alfaiatarias inglesas mais famosas da Savile Row, rua emblemática do ramo, situada em Londres, no Reino Unido, têm a prática de oferecer atendimento em outras cidades e países, seja por meio de vendedores que viajam especificamente para atender determinados clientes seja realizando eventos, chamados de *trunks shows* nos quais os alfaiates da casa atendem com hora marcada os clientes locais.

meu amigo calceiro disse que ele seria um ótimo patrão. E foi mesmo. (Paletozeiro, Curitiba).

Apresentados ou levados por outros paletozeiros, calceiros e coleiteiros, era comum que, antes de estabelecerem acordos de trabalho, os oficiais fossem convidados a realizar um *teste*, costurando uma peça por meio da qual apresentavam suas habilidades para os possíveis *patrões*. Com o rareamento da mão-de-obra, entretanto, as parcerias de trabalho foram se tornando mais longevas e esse trânsito dos oficiais em busca de serviço foi se reduzindo. Ainda se veem calceiros circulando à procura de trabalho, mas, em especial entre os paletozeiros, é mais comum, na atualidade, que eles sejam abordados pelos proprietários de alfaiatarias do que o contrário. Em São Paulo, a orientação de Valério Fávero, diretor do Projeto Sob Medida - Escola de Alfaiataria, para um alfaiate que reclamava do pedido de aumento do seu oficial paletozeiro foi:

Permaneça com o mesmo oficial, pague mais e cubra a oferta da concorrência repassando esse custo ao cliente. Melhor pagar mais ao oficial com o qual já se trabalha do que, para manter um preço, buscar outro oficial. Cada alfaiataria tem uma característica, um jeito de trabalhar. Encontrar um funcionário que se adapte a esse sistema não é fácil. Melhor tentar manter o oficial (Coordenador de escola de alfaiataria, São Paulo).

Em Curitiba, os *testes* também se tornaram hoje em dia incomuns pois, num universo reduzido de estabelecimentos como o que existe agora, *sabendo para quem o oficial já trabalhou, já dá pra saber como é o serviço dele*. Num universo mais restrito de alfaiatarias dedicadas ao sob medida, como que existe hoje, os alfaiates acumulam referências sobre o trabalho dos colegas (dos seus níveis de exigência e modos de trabalhar) de modo a poderem avaliar o trabalho dos oficiais que buscam trabalho pela reputação dos *patrões* para os quais eles trabalharam. Ainda que existam alguns casos de oficiais que mudam de local de trabalho seguindo ofertas de melhor remuneração, parte significativa da circulação atual dos oficiais entre as alfaiatarias em busca de trabalho parece se dar devido à diminuição do fluxo de serviço, ou mesmo do encerramento das atividades de determinadas alfaiatarias, em função da aposentadoria, doença ou falecimento de seus proprietários. Isso implica, às vezes, que profissionais de idade já bastante avançada, com mais de setenta anos, após vinte ou trinta anos de trabalho para um determinado proprietário de alfaiataria, mudem de *patrão*, tendo que lidar então com todos os acertos e desacertos daí decorrentes, em especial aqueles que dizem respeito a adaptação do *jeito de trabalhar*.

Exemplar de uma dessas situações, um oficial paletoeiro de oitenta anos, que há cinco tinha mudado de *patrão* (em função do falecimento do anterior) disse que pensou em parar de trabalhar, *mas aí esse outro patrão me ligou, perguntou se eu não queria fazer os paletós pra ele e eu voltei. Ainda estou me adaptando. Porque é sempre diferente.* Outro oficial paletoeiro, irritado com as mangas de paletó que não ficavam a seu contento, disse para o novo *patrão* que, do modo que ele as cortava, elas não ficavam boas. Em um primeiro momento, os dois tentaram ajustar seus *jeitos de trabalhar*: o modo como um cortava as mangas com o modo como o outro as preparava e pregava no corpo do paletó. A pedido do proprietário da alfaiataria, o oficial fez um molde em papel mostrando a curvatura segundo a qual achava que as mangas tinham que ser cortadas. Os resultados subsequentes, entretanto, continuaram não agradando os dois, em especial o paletoeiro, de forma que acertaram, então, que o oficial prepararia as mangas, mas não as fixaria mais no corpo dos paletós, o que o próprio dono da alfaiataria passou a fazer, atuando como faria um mangueiro. Os ganhos do oficial se reduziram, pois, o preço pago por peça realizada diminuiu em função do novo combinado, mas na sua perspectiva: *Melhor assim. Assim, eu não passo mais irritação.* Para o proprietário da alfaiataria, a situação era emblemática dos problemas decorrentes da falta de mão-de-obra.

Em outros tempos, isso não acontecia. A gente já arranjava outro paletoeiro. Esse aí é muito difícil, não aceita opinião. Quer mudar até o jeito da gente cortar, pense. Mas a gente vai levando por que o trabalho dele é muito bom. O cara é um aficionado. O caseado⁶³ dele é bonito de ver. Eu, também, tenho paciência. Outros não iam ter (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Se, como bem aponta este episódio, ambos compartilham o valor do trabalho *de qualidade, bem feito, caprichado* e interpretam de modo semelhante a ideia de que ser *um cara aficionado* [pelo trabalho/serviço] é um elogio; é certo que também saltam aos olhos as diferenças entre as perspectivas dos oficiais e seus *patrões*. Em específico nas trajetórias dos oficiais, e também dos proprietários de *alfaiatarias de bairro* dedicados a reformas e consertos, é notável um outro de tipo circulação que se dá fora do circuito das alfaiatarias, pois é comum que eles tenham experimentado temporadas de trabalho em confecções, fábricas ou facções⁶⁴,

⁶³ Casa de botão feita à mão, o caseado é tratado pelos alfaiates como “pedra de toque” do serviço realizado dentro das alfaiatarias. Muito apreciada, sua boa realização é elogiada como um indicativo da habilidade do alfaiate que a realiza.

⁶⁴ Facções são pequenas indústrias que produzem sob contrato e são terceirizadas por empresas maiores, responsáveis por uma marca, pela criação e pela venda dos produtos. É um segmento de trabalho no qual

atuando em diferentes atividades, ou em lojas de confecção masculina, realizando ajustes. Alguns já abriram comércios (como bares, armazéns e lojas de utilidades) ou tentaram outras ocupações (como vigias ou inspetores de escola). Entre os oficiais abordados aqui, que são em sua totalidade aqueles que voltaram a trabalhar no ramo depois dessas experiências, destaca-se a referência ao fato de que, como vendedores, trabalhavam *sob sol e chuva* ou *no tempo*, condição bastante diferente de quando estão na alfaiataria, *protegidos*.

Indicando os esforços realizados no sentido de, mudando de locais e de ramos de trabalho, buscar oportunidades de ganhos maiores, o proprietário de uma alfaiataria, que trabalha sozinho e fora do centro de Curitiba, contou que se dedicou durante três anos à venda de alarmes, mas considerou que não compensava. *Era um corre que eu dava, pra vender pouco. Aí voltei pra casa. Trabalhei em casa [como alfaiate] por alguns anos. Mas não dava certo ter que ir até os clientes. Era muito tempo de lá pra cá, de cá pra lá. Aí vim abrir a alfaiataria aqui.* Outro alfaiate parou de trabalhar como paletizeiro durante oito meses, período no qual abriu um bar em sociedade com um parente. Mas não gostou da nova ocupação: *Tinha que lidar com as pessoas, eu não gostava. Ficava muito nervoso. Não tive nenhum problema com ninguém, mas não gostei.* Um paletizeiro manteve durante cinco anos uma dupla jornada: durante o dia trabalhava nos paletós e no período noturno atuava como inspetor de alunos em uma escola.

Essas passagens, que são menos comuns (ou menos lembradas e valorizadas) entre os proprietários de alfaiatarias dedicadas ao **sob medida**, indicam os contextos diferentes a partir dos quais esses profissionais (reunidos na titularidade de alfaiates, mas divididos entre *funcionários* e *patrões*, e entre alfaiates que atuam sozinhos ou que têm *funcionários*) experimentam sua própria condição profissional e as vicissitudes desse campo de trabalho. Por um lado, os oficiais enfatizam as circunstâncias que os levaram a trabalhar como oficiais e os esforços realizados (nem sempre com sucesso) na busca de oportunidades de aumentar seus ganhos e melhorar suas condições de vida; o que ocorre ora por meio da atuação em pequenas indústrias de confecção ora se lançando na abertura de uma alfaiataria própria, em salas comerciais de aluguel mais baixo, localizadas nos bairros. Ou ainda por meio da duplicação de suas jornadas de trabalho e da atuação em áreas distantes do mundo da alfaiataria.

predomina o trabalho feminino. Os alfaiates são muitas vezes convidados a trabalhar na confecção de peças consideradas mais elaboradas ou na coordenação de equipes de trabalho.

Por outro lado, os proprietários de alfaiatarias do centro, em especial aqueles cujos estabelecimentos se dedicam a confecção **sob medida**, mesmo já tendo atuado como oficiais durante parte de sua vida profissional (e, portanto, experimentado, ao menos por um período, o mesmo tipo de circulação que aqueles experimentaram), apontam neles a falta de jeito, vontade ou capricho.

Quem não podia estudar ia aprender a profissão de alfaiate ou sapateiro. Trabalhava sem ganhar nada enquanto era aprendiz. Quem tinha jeito e vontade, avançava rápido e em mais ou menos dois anos começava a aprender a fazer paletós com o objetivo de ganhar mais. Quem ficava apenas trabalhando em calça eram aqueles que tinham menos capricho, mas mais ritmo de trabalho (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Em si, por contraste, estes mesmo alfaiates destacam a vocação para o ofício. Ou seja, sua regularidade e empenho na profissão, esforço necessário para enfrentar o desafio de assumir a responsabilidade de estar à frente de uma alfaiataria e todo o processo da confecção das roupas (do fechamento da encomenda a entrega). Passagens tais como a constituição de outros estabelecimentos comerciais, a administração do aluguel de casas e salas comerciais adquiridas, a formação como corretores imobiliários ou mesmo a tentativa de ampliar a atuação das suas alfaiatarias entrando em outros mercados de confecção como a produção de camisas, fardas, mochilas e bolsas – das quais tomei conhecimento ao longo da convivência com certos donos de alfaiatarias – raras vezes faziam parte das narrativas que eles compunham sobre suas trajetórias profissionais, recebendo sempre menor destaque entre os demais movimentos experimentados.

Um outro aspecto merece atenção. Os oficiais com frequência declaram que não têm ou teriam paciência para lidar com os clientes, mostrando-se avessos à possibilidade de ter que se submeter aos seus *caprichos*, o que sugerem ocorrer com os donos das alfaiatarias. Diante de solicitações dos clientes que consideram descabidas, em um misto de reclamação e incitamento, com frequência dizem aos patrões *porque você não manda ele se catar?; não sei como você aguenta; eu não guentava isso, não tenho paciência*. Ao apontar que não precisam se submeter aos caprichos, reclamações e avaliações dos clientes, os oficiais desprezam uma interação muito valorizada pelos *patrões*, orgulhando-se da relativa autonomia que desfrutam no que concerne a necessidade de estabelecer tais vínculos. Entre os motivos pelos quais não *avançaram* na profissão alegam não a falta de ambição ou de vontade de aprender, mas sim de recursos para abrirem suas próprias alfaiatarias (em especial, para a cobertura das despesas iniciais requeridas

enquanto a clientela ainda não está consolidada). Também argumentam que preferem responder apenas por aquilo que eles mesmos fazem e, principalmente, não ter paciência para lidar com os clientes. Neste contexto, um calceiro que também realiza consertos lembrou que um cliente, na ausência do seu *patrão*, insistiu para que ele não só adiantasse um serviço de ajuste solicitado, mas também o fizesse de uma determinada maneira. O calceiro reagiu ao pedido dizendo que *não dava certo fazer daquele jeito*. Diante da insistência do cliente, disse exasperado: *Olha aqui, você não é meu patrão. Não vou fazer isso*.

Assim, se é certo que o movimento das alfaiatarias está conectado aos próprios movimentos da cidade, que se modifica, expande e retrai em diferentes sentidos e de diferentes modos ao longo do tempo; a circulação dos alfaiates por seus diversos endereços profissionais varia a depender não só das idiosincrasias de suas histórias particulares. As discontinuidades significativas entre as formas de circulação dos donos das alfaiatarias e dos oficiais indicam as condições diversas a partir das quais exercitam a atividade da alfaiataria e a profissão de alfaiate. A circulação ampliada dos oficiais entre as diferentes alfaiatarias da cidade e seus esforços para ampliarem seus ganhos, trocando de *patrão*, abrindo uma *alfaiataria de bairro* ou buscando outras oportunidades profissionais contrasta com a movimentação mais restrita que experimentam dentro das alfaiatarias na condição de *funcionários*.

Já a circulação mais restrita dos proprietários de alfaiatarias, cuja mobilidade revela-se dificultada pelas responsabilidades que possuem, é emblema sintético e material de uma “ética do trabalho” que faculta o bom andamento do negócio a um comprometimento intenso e moral com a atividade. A *cabeça na alfaiataria*, o *amor ao trabalho*, a pontualidade nas entregas, o compromisso com o pagamento dos *funcionários*, o comprometimento que reduz o descanso a *só três semanas de férias* (em mais de cinquenta anos de trabalho) são assinalados como esforços necessários para prosperar na atividade e se tornar um *profissional completo*. Os proprietários de alfaiatarias falam de suas ausências no local de trabalho, mesmo que seja para atender clientes, como algo que atrapalha, interfere e cria dificuldades em suas rotinas. Não sendo, portanto, algo que se integra a elas. Entendendo-se centrais para o andamento dos negócios, afirmam que a *alfaiataria é o alfaiate* e supõem que, sem eles, a *alfaiataria pára*. Sua circulação restrita pela cidade, portanto, contrasta com a ampla, e exclusiva, mobilidade que têm no interior de seus estabelecimentos, e também entre os clientes e entre os fornecedores de tecidos e aviamentos, locais e paulistanos, que eles não visitam com frequência, mas com quem se mantêm em contato contínuo.

3.5 Paisagens comerciais: armarinhos e lojas de tecidos

Tendo em vista que a história do comércio se confunde com a história das cidades e que é preciso, como sugere Ortizoga, “reconhecer as articulações entre a produção, a circulação, o comércio e o consumo” (2010, p.7), vale observar, no que diz respeito às mudanças da paisagem do centro da cidade de Curitiba, a redução ao longo dos anos das lojas de tecidos e de aviamentos – assim como das alfaiatarias de porta de rua – e a concomitante proliferação dos grandes magazines, das lojas de departamento e demais lojas de roupas prontas, inclusive daquelas dedicadas ao público masculino. Estas novas práticas comerciais, intimamente relacionadas à produção em grande escala e de baixo custo, foram sensivelmente percebidas pelos alfaiates porque implicaram não só na redução de sua clientela, mas também interferiram na própria disponibilidade de seus materiais de trabalho, que passaram a ser encontrados a cada dia em um número menor de fornecedores.

Armarinhos

Em Curitiba, hoje em dia, os armarinhos e as lojas de tecidos localizadas no centro estão distribuídos nas áreas próximas às praças Rui Barbosa, General Osório, Tiradentes e Generoso Marques. Em seu estudo sobre os armarinhos curitibanos, Teresa Urban (2013) aponta que este comércio se instalou, a princípio, nos arredores do Paço da Liberdade, sede da prefeitura, cuja construção, inaugurada em 1916, substituiu o movimento do Mercado Municipal, antes ali posto.

O conjunto formado pela sede da Prefeitura e pelas grandes edificações – espaçoso, amplo e moderno – recebeu o nome de Praça Generoso Marques, onde se instalaram principalmente os antigos mascates árabes e judeus, que substituíram malas e baús por lojas de armarinhos e tecidos. O nome das lojas – A Jerusalém, Belém e Gômel – contava um pouco da história de seus proprietários (URBAN, 2013, p.85).

Os armarinhos, sugere a autora, acompanharam o crescimento das cidades se expandindo para os bairros até os anos setenta, quando a indústria da confecção substituiu a costura doméstica. No bairro Boqueirão, uma nova frente comercial desse segmento destacou-se, a partir dos anos 1970, em especial na rua Doutor Bley Zornig (Ver ilustração 4). Aproveitando a movimentação comercial da região, um conjunto de armarinhos de ordem atacadista, concentrou-se no local que ficou conhecido como “rua das malhas”, já que suas

casas comerciais se dedicam, principalmente, à compra de sobras de malha para pequenas fábricas e à venda, por quilo, de retalhos para o público em geral e também para empresas de confecção de caráter familiar (URBAN, 2013).

No decorrer dos anos 1970 e 1980, os armarinhos da cidade, de modo geral, passaram a explorar novos nichos de mercado, vendendo, além de aviamentos para costura, um conjunto variado de objetos como brinquedos, artigos de papelaria, embalagens, objetos de uso doméstico, etc. Em paralelo à ampliação do leque de produtos comercializados, alteraram-se também as características dos próprios aviamentos. Entre os alfaiates reclama-se da menor qualidade, da redução da variedade e do encarecimento dos diversos materiais – botões, linhas de casear, tipos de cetim e certas qualidades de dedais. Essa avaliação corresponde ao que afirma Jorge Derviche Filho, um dos proprietários de armarinho entrevistados por Urban (2013), ao relacionar a enorme queda de qualidade dos artigos do setor à “invasão” de produtos chineses. Diz ele: “Produto de qualidade, fabricado no Brasil ou na Europa, não vende porque é mais caro. Às vezes, você desiste das mercadorias melhores por causa do preço [...]” (Derviche in URBAN, 2013, p.98).

Dos armarinhos mais antigos, instalados no centro da cidade e fundados nas décadas de 1930, 1940 e 1950, poucos restaram (URBAN, 2013). Entre os estabelecimentos que atendem especificamente os alfaiates, fornecendo materiais próprios para as atividades do ramo (entretelas, botões, agulhas, alfinetes, alpaca, brasões, cabides, capas de terno, cavaletes, cetim, dedais, forros, giz, linhas, ombreiras e zíperes) a redução foi ainda mais significativa. Com o fechamento das portas, em meados de 2015, da casa *Ao Mundo das Casimiras*, uma loja de tecidos e de aviamentos que por mais de quarenta anos esteve sediada na Rua Desembargador Ermelino de Leão, próxima à Boca Maldita, restou em Curitiba apenas uma única loja de aviamentos voltada especificamente para alfaiataria: a de propriedade de Osvaldo Francisco Zanella, instalada no nono andar do Edifício Tijucas.

Os revendedores de aviamentos e tecidos, representantes de determinadas marcas e lojas que circulavam o estado passando de alfaiataria em alfaiataria para recolher pedidos, também rarearam⁶⁵, de modo que agora, como bem indicam as folhinhas mensais recebidas como brinde e espalhadas pelas alfaiatarias, os principais fornecedores dos alfaiates dedicados ao **sob medida** são *a loja do Zanella* e lojas de São Paulo (SP), que recebem os pedidos por telefone e enviam as encomendas pelo correio. Nas lojas de aviamentos locais, circulam principalmente

⁶⁵ Em São Paulo capital (SP), o sistema de vendas via revendedores continua em funcionamento. Os alfaiates recebem suas visitas quinzenal ou mensalmente.

os alfaiates que trabalham com consertos, os oficiais que trabalham em suas próprias casas e eventualmente compram parte dos materiais que utilizam e também as esposas de alfaiates que, para evitar a ausência destes nas alfaiatarias, cuidam das compras dos aviamentos necessários.

Ilustração 4. Mapa dos bairros de Curitiba

O mapa evidencia a proximidade entre os bairros Centro, Batel e Centro Cívico e indica também os bairros nos quais novos centros comerciais se desenvolveram: Portão, Pinheirinho, Hauer e Boqueirão. Enquanto diminui no centro de Curitiba, e na cidade como um todo, o comércio de aviamentos e tecidos específicos para alfaiataria, no bairro Boqueirão destaca-se o crescimento de um conjunto de lojas de tecidos e aviamentos. Conhecida como “Rua das Malhas”, a Rua Doutor Bley Zorning, localizada neste bairro, atende o público em geral e também pequenas fábricas e empresa de confecção de caráter familiar.

Lojas de tecidos

Em relação aos tecidos, quando os clientes desejam comprar aqueles de custo menor⁶⁶ ou de padrões diferentes dos disponíveis nas alfaiatarias, os alfaiates recomendam que procurem um pequeno circuito composto pela loja Huddersfield, localizada na Praça General Osório; pelas lojas Javanese Tecidos, na Rua José Bonifácio, Dr. Muricy e Rua André de Barros; e pela loja Imperial Tecidos, na Rua XV de Novembro. A loja Huddersfield, cujo nome remete a uma cidade inglesa conhecida pela produção de tecidos de lã, se diferencia das demais por ter sido fundada em 1951 com foco na venda de tecidos para alfaiataria. Ao longo dos anos, entretanto, a empresa afastou-se deste ramo e diversificou sua linha de produtos de modo a, aproximando-se do perfil das demais, vender tecidos para o público feminino, para artesanato e para as confecções profissionais. Dispostas no centro da cidade, essas três lojas possuem pequenas seções dedicadas especificamente a alfaiataria, mas estão voltadas principalmente para a venda de tecidos em geral. Ali os clientes encontram sobretudo tecidos de alfaiataria nacionais, em especial aqueles produzidos pela Paramount, principal empresa têxtil brasileira que se dedica, entre outros negócios, à tecelagem de tecidos finos de pura lã. Estão também disponíveis nessas lojas, os chamados *tecidos chineses*, tomados genericamente pelos alfaiates como de má qualidade e baratos⁶⁷.

Algumas alfaiatarias ainda possuem rolos de tecidos à disposição para compra, mas poucos são os clientes que preferem adquirir a metragem necessária para seus ternos assim. *Hoje ninguém mantém mais [estoque de tecidos nas alfaiatarias]. Aqui nos meus armários tenho tecidos muito bons, mas os clientes acham que é refugio, não querem. Preferem encomendar os das amostras.* Predomina nas alfaiatarias que se dedicam ao **sob medida** o comércio de tecidos via mostruários. Distribuídos pelas lojas paulistanas, que são muitas vezes revendedoras exclusivas de determinadas tecelagens estrangeiras, os mostruários reúnem amostras de cerca de quinze centímetros quadrados dos diversos tecidos e padronagens lançadas a cada nova temporada. Os mostruários, às vezes montados pelas tecelagens, mas principalmente pelas lojas de tecidos, contêm, de modo geral, não só as amostras em si, mas também informações sobre a composição dos tecidos, seu peso e suas características. Etiquetas discretas, posicionadas no

⁶⁶ Os tecidos nacionais costumam ter preço perto de 150 reais por metro (100cm de altura por 140cm de largura) quadrado. Os tecidos importados mais baratos custam aproximadamente 100 dólares, mas podem alcançar valores de até 500 dólares.

⁶⁷ Entre os tecidos assim referidos destaca-se o *oxford*, muito usado na confecção de uniformes de escritório e de ternos de baixo custo. É um tecido composto essencialmente de poliéster.

verso do tecido ou na última página do mostruário, indicam sem símbolos monetários, apenas números, o valor da metragem. No caso de tecidos importados, as etiquetas indicam o valor do metro em dólares. No caso dos nacionais, o preço em reais⁶⁸. Estimulados pelos alfaiates, que abrem sobre o balcão de atendimento diversos mostruários ao mesmo tempo, os clientes não só veem, mas principalmente tocam os tecidos experimentando sua textura, leveza e espessura.

A compra de tecidos via mostruário tornou o contato dos alfaiates dedicados ao **sob medida** com as lojas de São Paulo, por vezes, mais intenso do que aquele estabelecido com as lojas de Curitiba. Isso porque, algumas das lojas paulistanas são as únicas revendedoras oficiais no Brasil de determinadas marcas, de modo que, o alfaiate que deseja ter as amostras desses tecidos para venda, precisa necessariamente recorrer a tais fornecedoras. Esse sistema, que funciona em especial para a aquisição de tecidos mais caros, importados da Inglaterra e da Itália, possibilita que o alfaiate, sem montar um estoque, ofereça a seus clientes um amplo leque de tecidos e possa também orientar qual seria a melhor compra tendo em vista as necessidades do cliente. Transformando os alfaiates em intermediários da venda/compra dos tecidos, o sistema de mostruários transferiu parte do lucro sobre a venda do tecido para os alfaiates e também permitiu que eles tenham acesso aos materiais mais inovadores do setor, como tecidos antibacterianos, respiráveis e impermeáveis. Ou ainda, tecidos com fios de ouro ou diamante e com fios de alta torsão (que não amassam).

Se pratica entre as lojas e os alfaiates a venda a crédito, visto que os cortes de tecidos são enviados imediatamente após os pedidos e pagos, por vezes, dias ou semanas depois, quando a loja emite uma nota a ser quitada. Feita por telefone, a encomenda dos tecidos se dá de modo muito rápido: os alfaiates se identificam pelo nome ou sobrenome e indicam a cidade de onde estão falando. Em geral, nem discutem formas de pagamento (já subtendidas) nem precisam indicar seus endereços, que já estão registrados em seus cadastros nas lojas paulistanas. Os tecidos são então recebidos perto de vinte e quatro horas depois da realização do pedido. A distribuição dos mostruários, entretanto, não se dá de forma igual entre todos os alfaiates. Aqueles que trabalham principalmente com **sob medida** costumam receber uma variedade maior deles. Já os que realizam essencialmente ajustes, consertos e reformas, às vezes, não recebem nenhum mostruário ou tem apenas os de tecidos nacionais. Os mostruários compostos com os tecidos mais caros são enviados pelas lojas apenas para as alfaiatarias que

⁶⁸ Como as etiquetas são discretas, os clientes precisam sempre perguntar ao alfaiate qual é o preço do metro do tecido pelo qual se interessaram.

possuem um volume de compra maior e, portanto, em tese, possuem uma clientela capaz de investir em materiais com tal custo.

O proprietário de uma loja de tecidos de São Paulo avaliou que muitas vezes os alfaiates não apresentam os tecidos *mais caros* ou *melhores*, para os clientes porque *não acreditam na venda. Eles, às vezes, não percebem que seus clientes tem um potencial de gasto muito maior que o deles. O cliente tem outra vida, diferente da do alfaiate. Eles até preferem os tecidos mais caros.* Na sua avaliação, sem perceber o quanto o padrão de vida de seus clientes é diferente do deles mesmos, alguns alfaiates não apresentam ou sugerem o uso dos tecidos de maior custo como uma possibilidade. Em um outro contexto, na loja de aviamentos do Zanella, dois alfaiates, contando-me que Curitiba recebera algumas semanas antes a visita dos proprietários de uma importante loja de tecidos importados de São Paulo, avaliaram que os visitantes estavam percorrendo diversas alfaiatarias da cidade, e do Sul e Sudeste do país, vendo não só como está o mercado mas verificando também como está o trabalho realizado pelos alfaiates. *Eles olham se o trabalho é bom. Se eles acharem que o trabalho não é, não mandam mostruário. O trabalho tem que ser bom para poder usar certos tecidos.* Segundo sua análise, a loja de tecidos paulistana atenderia o pedido de qualquer profissional que a procurasse para comprar os tecidos que ela dispõe, mas apenas investe no envio dos mostruários se considera o trabalho realizado na alfaiataria como sendo *de qualidade*, capaz, portanto, de atrair uma clientela disposta a investir na compra de tecidos importados.

3.6 Outras alfaiatarias, outros alfaiates

Para além das alfaiatarias descritas até este momento, há um conjunto de outras que participam do horizonte dessa paisagem ainda que não tenham seus estabelecimentos localizados em Curitiba. Vistas e analisadas à distância pelos alfaiates locais, estas outras alfaiatarias se fazem presentes principalmente por meio da imprensa, em especial, através de revistas, jornais e reportagens televisivas que eventualmente destacam “jovens” alfaiates que constituem uma “nova alfaiataria brasileira”⁶⁹. Instalados em grande parte em São Paulo capital, esses profissionais mantêm estabelecimentos em bairros paulistanos nobres tais como Vila Nova Conceição, Itaim Bibi e Pinheiros. Ora apresentados (ou apresentam-se) como “alfaiates”

⁶⁹ As expressões destacadas entre aspas foram retiradas de reportagens sobre o tema. Em especial das reportagens “Alfaiataria resiste ao tempo e conquista nova geração”, de Paulo Pedroso (São Paulo, Valor Econômico, 15.out.2014) e “A elegância resiste”, de André Jankavski (São Paulo, Istoé Dinheiro, 15.abr.2016).

ora como “estilistas especializados em alfaiataria”, ou ainda, como “designers” ou “empresários de moda masculina” esses profissionais, em sua maioria com idade aproximada de trinta e quarenta anos, têm trajetórias profissionais bastante diferentes dos alfaiates de Curitiba, cujas alfaiatarias foram descritas até agora. Parte deles trabalhou em fábricas, redes ou lojas de confecção masculina, atuando no atendimento aos clientes como vendedores de roupas, supervisores e gerentes, experiência com a qual abriram seus próprios negócios no ramo. Alguns, entretanto, têm formação superior em cursos como direito ou comércio exterior, carreiras abandonadas quando decidiram se dedicar à constituição de suas alfaiatarias.

A maior parte dos poucos profissionais que compõem essa “nova alfaiataria brasileira” possui ateliês/oficinas/fábricas que empregam, em números variados, alfaiates e costureiras que trabalham no processo produtivo da confecção dos ternos⁷⁰. Localizadas em casas e sobrados, suas alfaiatarias trabalham principalmente com o **sob medida** e apenas com hora marcada, atendendo uma clientela de alto poder aquisitivo. São bastante reduzidas as chances de que um cliente que não tenha sido previamente orientado da presença de uma alfaiataria nesses locais, consiga ali chegar. Sempre de portas fechadas, esses estabelecimentos têm poucas ou mesmo nenhuma referência externa do que ali funciona. No que diz respeito ao seu interior, diferenciam-se por que são profissionalmente decorados, tem iluminação indireta, poltronas amplas e também prateleiras nas quais camisas e acessórios como gravatas e sapatos estão à venda. A recepção dos clientes e visitantes, feita sempre por meio de interfonos e campainhas, inclui a oferta de café expresso servido por secretárias ou ajudantes.

Em São Paulo, seguindo as indicações que obtive por meio de reportagens e notícias da imprensa e também as recomendações do presidente da Associação de Alfaiates e Camiseiros do Estado, tive a oportunidade de visitar e entrevistar os proprietários de três dessas alfaiatarias. Um deles, com a idade de trinta e cinco anos, relatou sua ligação familiar com a atividade. Imigrante italiano, seu avô em sociedade com o irmão, abriu uma alfaiataria que se transformou, ao longo de seus mais de cinquenta anos de existência, em uma grande e conhecida indústria de confecção de ternos. Impossibilitado de trabalhar na fábrica em função de determinações da configuração societária que passou a dirigir a empresa do avô, o rapaz dedicou-se à formação em comércio exterior. Costumava, entretanto, assessorar *amigos* na escolha de ternos prontos e semi-prontos e passou em seguida a intermediar o contato deles com alfaiates. Alfinetava, ele

⁷⁰ Tomando-se em conta os profissionais que me foram indicados como pertencentes a essa “nova geração” e aqueles citados nas reportagens que recolhi (de forma não sistemática) ao longo dos anos do doutorado, somam-se não mais do que dez profissionais em São Paulo (SP) e um em Belo Horizonte (MG).

mesmo, as marcações dos ajustes que precisavam ser feitas nos ternos dos *amigos* e repassava o serviço para alfaiates de sua confiança. Essa experiência, disse, foi o que possibilitou que ele aceitasse para si mesmo que desejava realmente atuar no mesmo ramo do avô, o que o levou a se afastar do trabalho na área de sua formação acadêmica. Inicialmente, desenvolveu uma marca própria cuja produção era terceirizada, depois achou que seus clientes sentiam necessidade de uma alfaiataria **sob medida**.

Na sua perspectiva, ele não atua como um alfaiate: *Não é minha ideia e não preciso dizer que sou alfaiate. Mas posso te garantir que trabalho com os melhores [...] Meu trabalho é tocar o negócio, fazer a consultoria e a venda, ajudar na escolha dos tecidos, acompanhar as provas e dar meus pitacos.* Fazer a consultoria, no caso, significa tomar em consideração qual é o evento ou uso para o qual o cliente está solicitando um terno e sugerir o que seria mais adequado para a situação, levando em conta as características pessoais e físicas do cliente e as tendências em moda. Por isso, considera que a proposta de seu estabelecimento é mais ampla do que a das alfaiatarias mais tradicionais: *A gente vai mais além.* Seu rigor com os resultados faz com que ele atente e exija correções e ajustes, que seus funcionários alfaiates, em sua opinião, por vezes, negligenciam. *Sei identificar o que precisa ser feito, mas quem sabe como fazer é o alfaiate. Mas tem coisas que eu vejo, que o próprio alfaiate não vê. Eu tenho que dizer, isso aqui não pode ficar assim. Tem que acertar isso.* Apesar da pequena fábrica com seis funcionários que mantém hoje, tem interesse em, com o desenvolvimento da empresa, aumentar sua produção fazendo ternos prontos e semi-prontos. *Mas com a mesma qualidade, claro.*

O proprietário de uma outra alfaiataria conta que, tendo trabalhado por mais de vinte anos como vendedor e gerente de lojas para diversas redes de confecção de moda masculina, ao chegar perto dos quarenta anos, decidiu investir em um negócio próprio, pois ficara *grande demais* para a empresa na qual estava trabalhando. Para inaugurar um novo momento profissional, realizou um ano sabático de estudos no qual visitou a Itália e a Inglaterra fazendo cursos e convivendo com alfaiates. *Nisso a gente acabou pegando várias referências, várias técnicas, várias maneiras de construir.* Como resultado dos contatos feitos no exterior, abriu o único ateliê autorizado no Brasil pela Scabal, uma renomada alfaiataria de origem inglesa, alemã e belga que atua na manufatura de ternos e também como lanifício. O atendimento ao cliente e o corte do tecido é feito no Brasil, mas todo o resto da confecção do terno é realizada na Alemanha. Depois de finalizado, o terno retorna para São Paulo, a partir de onde é entregue aos clientes brasileiros.

Passados os primeiros três anos desde a abertura da empresa, em conjunto com seus dois sócios, o proprietário da alfaiataria decidiu ampliar sua atuação. Como a confecção dos ternos Scabal é realizada na Europa, sua alfaiataria mantinha apenas uma equipe dedicada a realização de ajustes e a confecção de camisas **sob medida**. Decidiu, entretanto, investir também na produção de ternos segundo o que chama ora de alfaiataria *artesanal* ora de *tradicional*, utilizando métodos que considera que estão em desuso mesmo nas alfaiatarias nacionais mais antigas. Nas palavras de um dos seus sócios: *Como nós temos a Scabal por trás da gente, onde a gente consegue produzir hoje 150 roupas, a gente há dois anos começou esse projeto aqui, vamos resgatar a alfaiataria que se perdeu em tudo, em acabamento, caseado feito à mão, botões naturais*. A todo momento trazidas à tona, as distinções entre a alfaiataria industrial e artesanal/tradicional são aí bastante evidenciadas: *A indústria, na realidade, o que é que acontece? [...] Ela fez, ela deixou a roupa triste e a gente tá tentando fazer com que a roupa fique com um pouco mais de alma, não é?* Isso, entretanto, tem um impacto importante no volume de produção. *Uma fábrica com catorze pessoas como nós temos, se fosse industrial, produziria quatrocentas roupas por mês, e a gente consegue produzir doze*⁷¹.

A produção artesanal, tal como é caracterizada pelos proprietários dessa alfaiataria, exige a opção por um conjunto de procedimentos feitos principalmente à mão e, portanto, de forma mais lenta. São práticas que, em sua perspectiva, não estão presentes nem na produção das fábricas de porte pequeno e médio nem nas alfaiatarias mais antigas, que em grande parte, sugerem, parece ter se rendido a processos que tornam seus produtos menos artesanais. *A manga é toda à mão. A única costura que nós fazemos com máquina é a costura interna. A [costura] de fora pra dar brandura*⁷², *pra dar a curva da manga, nós preparamos ela toda à mão*. Os efeitos desses procedimentos e as características do produto artesanal, segundo os proprietários, nem sempre estão evidentes ou são valorizados pelos clientes, pois estes, apesar de *terem dinheiro e interesse* em adquirir uma roupa **sob medida**, nem sempre sabem dar valor ao serviço que ela carrega em si. *A minha geração, a geração hoje dos 40 anos, mais ou menos [...] nós crescemos na geração industrial. Então, tem muitos homens hoje da minha idade que eles não conhecem isso [...]. Não é que ele, ah, não gosta disso. Ele não conhece*.

⁷¹ Essa alfaiataria mantém uma equipe que conta com catorze funcionários, oito homens e seis mulheres. Elas trabalham principalmente com a confecção de camisas, de monogramas e de caseados feitos à mão, já os homens (alguns com setenta anos, outros com cinquenta e alguns caracterizados como jovens, com vinte e oito anos) cuidam, principalmente, da feitura dos ternos.

⁷² Brandura, no contexto de costura, refere-se frouxidão necessária a certas costuras curvas. A brandura possibilita que determinadas peças da roupa, como a manga, tenha a flexibilidade necessária para acompanhar os movimentos dos braços, sem limitá-los. Ela se faz por meio da realização de pontos maiores e menores em uma costura.

Um outro profissional, também parte desta “nova geração da alfaiataria”, iniciou seu aprendizado trabalhando desde os catorze anos em fábricas de confecção de ternos. Contou que começou no estoque e na expedição, passou por todas as etapas da fábrica e depois foi aprender a fazer a modelagem. Após trabalhar para duas das maiores indústrias de confecção de ternos de São Paulo, atuando nas seções dedicadas ao **sob medida** dessas empresas, decidiu abrir seu próprio negócio. Com sete anos de funcionamento, sua alfaiataria tem um crescimento anual intenso: *Todo ano eu tenho um crescimento acima de 60%*. Por isso, apesar de se dedicar apenas ao **sob medida** na atualidade, não descarta a possibilidade de encaminhar sua produção para um formato mais industrial: *para a assinatura de uma roupa pronta*. Ainda que se deixe apresentar, eventualmente, como alfaiate, o profissional, que trabalha com uma equipe de oito pessoas, enfatiza, como característica particular que o distingue de outros alfaiates, o seu interesse pela criação. *A minha identidade é criar algo diferente*. Conforme conta, apesar de boa parte de sua experiência profissional nas empresas em que trabalhou ser voltada para o corte e para a modelagem, seu foco *era a parte de design, de criação, era o que eu gostava*. Na sua perspectiva, estilistas e alfaiates são formados de modos diferentes.

São totalmente diferentes. Se você pegar uma alfaiataria clássica, você olha pra ela e não tem nada de estilo a roupa. É uma roupa bonita, bem cortada, bem alinhada, mas o estilo não tem. [...] Então, no início, quando eu montei [a alfaiataria], decidi por uma parte mais fashion [...] que é uma roupa de alfaiataria tradicional só que eu faço detalhes que deixam uma identidade, que é uma coisa que eu gosto, de a pessoa vestir uma roupa com identidade (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Com histórias de vida bastante diferentes da maioria dos alfaiates abordados nesta pesquisa, os proprietários dessas três alfaiatarias paulistanas destacam suas diferenças em relação aos alfaiates mais velhos apontando, em especial, sua disposição para atender às expectativas de clientes mais jovens, interessados em modelagens menos tradicionais. Mais ligada à moda, essa nova clientela, sugerem, encontra dificuldades em se fazer entender pelos alfaiates mais velhos, que contornam suas solicitações, por exemplo, de paletós mais justos e acinturados ou de calças mais curtas, ora porque não conseguem adequar sua modelagem às novas demandas ora porque consideram que tais demandas não estão condizentes com padrão de beleza e qualidade que defendem.

Então também aqui eu dou a oportunidade de o cliente [...] criar uma roupa que tenha a personalidade dele e dela, que são os detalhes que ele gosta da roupa [...]. Que é onde eu consigo fidelizar ele. São poucos lugares [que fazem o mesmo], ele pode ir em várias alfaiatarias, mas o alfaiate não pode mudar muita coisa: “Ah, não faço isso, não faço aquilo”, então aqui eu dou a oportunidade do cliente realizar o sonho dele. Então se ele tem um sonho [...], eu consigo realizar aquilo pra ele. E vou dando alguns toques, que pode ficar melhor, mudar uma coisa ou outra, mas deixar bem próximo do que ele queria (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Nesta direção, um jornalista de São Paulo com quem conversei, contou-me que depois de ter feito algumas reportagens sobre os alfaiates da cidade, tanto antigos como da “nova geração”, recebeu uma oferta de um famoso alfaiate *da velha guarda*. Caso o jornalista quisesse, ele poderia lhe preparar um terno, na condição de uma cortesia, por um custo menor que o habitual. Tendo conhecido e escrito sobre a “nova geração” de alfaiates, o jornalista, cuja idade aproximava-se de 45 anos, considerou: *Ele disse pra eu fazer um terno lá que cobraria um preço camarada. Mas eu pensei, não vou. Ele vai fazer um paletó tipo jaquetão, pesado. Algo mais tradicional. Não vai querer fazer do jeito que eu quero.*

É evidente também que essa nova geração não vê apenas diferenças entre o tipo de alfaiataria que praticam e aquela que os alfaiates mais velhos realizam. Em maior ou menor medida, reforçam também que estão dando continuidade a uma tradição que preza pela *qualidade* e a *exclusividade*, que imprime *alma* e *identidade* à roupa. Mas trata-se, é claro, de uma outra perspectiva do trabalho, que não só dispensa a noção de *profissional completo*, como abarca outras práticas de atendimento e de condução das alfaiatarias, incluindo aí: a possibilidade de atender clientes eventualmente em outras cidades; o investimento na criação e na manutenção de sites e perfis em redes sociais, como o *instagram* (onde, com regularidade, divulgam fotos com os seus clientes de maior destaque) e a perspectiva de, com o desenvolvimento de suas empresas, almejar uma produção em larga escala, tal como aquela realizada pela Alfaiataria Ricardo Almeida e pela Alfaiataria Camargo.

Destacadas das alfaiatarias citadas acima pelo porte maior de suas empresas, por não trabalharem só com o **sob medida**, mas também com a produção de ternos prontos e semi-prontos, comercializados em redes de lojas próprias e multimarcas espalhadas por todo o país, estas duas empresas, que levam o nome de seus proprietários, também fazem parte do universo de referências dos alfaiates curitibanos. Frequentemente abordados pela imprensa nacional, os proprietários dessas duas confecções sobressaem-se dos demais por promoverem eventos nos quais desfilam suas novas coleções e também pela atenção que recebem na imprensa de moda

nacional, que os destaca como exemplos de uma nova forma de fazer alfaiataria⁷³. No entanto, além de entrarem nas alfaiatarias de Curitiba por meio das reportagens televisivas e impressas, estas duas confecções brasileiras se fazem presentes nas alfaiatarias locais também por meio dos seus produtos. Com custos mais baixos do que a de certos ternos importados, as roupas dessas marcas chegam às alfaiatarias curitubanas pesquisadas por meio dos clientes que trazem seus ternos, comprados prontos, para a realização de reformas, ajustes e consertos.

3.7 Paisagens da alfaiataria

A expressão paisagens foi utilizada aqui com a intenção de orientar a apresentação dos trajetos dos alfaiates e das alfaiatarias por Curitiba e diz respeito a uma configuração que não é só espacial, mas também temporal. Os alfaiates acompanham os andamentos da cidade não só através das janelas de seus estabelecimentos, perto das quais procuram sempre trabalhar, mas também pelo movimento da própria atividade, cujos serviços, materiais e demandas de clientes foram alterando-se ao longo dos anos. Os trajetos descritos referem-se à circulação dos alfaiates em uma cidade que está, ela própria, em movimento. O circuito da atividade da alfaiataria em Curitiba, como pôde-se notar ao longo deste capítulo, é composto por um conjunto de estabelecimentos comerciais que se espalha pela cidade de diferentes formas.

Em termos gerais, no centro estão as alfaiatarias mais antigas, instaladas em imóveis próprios e cuja principal atividade consiste na confecção de ternos *sob medida*. Ao longo dos bairros, estão principalmente as alfaiatarias de porta de rua, dedicadas aos ajustes, consertos e reformas. Enquanto as primeiras, mais discretas, reúnem, além do alfaiate que é proprietário do estabelecimento, oficiais paletozeiros, calceiros e mangueiros, as últimas costumam ser empreendimentos de um homem só. A instalação, nos anos 1970, de diversas alfaiatarias nos arredores da Boca Maldita, no Edifício e Galeria Tijucas e nas proximidades da rua XV de Novembro, da Saldanha Marinho e da Praça General Osório, conforme se demonstrou, se deu em um momento importante de expansão da cidade.

Apesar das mudanças ocorridas ao longo dos anos e também das dificuldades que a localização central impinge a este comércio, muitos alfaiates dedicados ao **sob medida**

⁷³ Suas empresas, além de estarem presentes em mídias sociais como *facebook* e *instagram*, realizam campanhas de propaganda e tem acompanhamento de assessorias profissionais de imprensa e de publicidade.

preferem se manter trabalhando ali, integrados aos trajetos dos amigos e colegas de trabalho e nos locais onde os clientes estão acostumados a lhes encontrar. Essa concentração de alfaiatarias dedicadas ao trabalho **sob medida** no centro da cidade não implica, entretanto, a formação de relações de vizinhança ou de proximidade imediata entre os alfaiates. Em especial, entre os proprietários de alfaiatarias, é mais correto dizer que boa parte deles mais se reconhece do que conhece. Os oficiais, cuja circulação é mais expressiva (apesar de menos intensa do que já foi em outras épocas), conhecem várias alfaiatarias por terem já trabalhado ou procurado trabalho em diversas delas.

A circulação profissional dos alfaiates, entretanto, não se restringe às alfaiatarias e aos escritórios e casas de clientes, ela também abarca a circulação pelas lojas de aviamentos e de tecidos e um conjunto variado de experiências de trabalho em outras áreas. Aí, entretanto, fica evidente que donos de alfaiatarias e oficiais experimentam a condição profissional compartilhada de serem “alfaiates” de formas bastante diferentes: os primeiros ressaltam a regularidade na dedicação à atividade, enquanto os segundos indicam suas tentativas de, mudando de *patrão*, de serviço e de profissão, melhorar suas condições de vida. A análise dos modos de circulação dos proprietários de alfaiatarias e dos oficiais, e dos diferentes argumentos que alicerçam essas experiências entre uns e outros, indicaram como a prática da alfaiataria pode ser vivida tanto como estilo de vida que compromete integralmente aquele que a ela se dedica, quanto como uma condição profissional contingente, compreendida não como *vocação*, mas sim como circunstância.

Os proprietários delineiam a prática da alfaiataria como um tipo de trabalho apartado de outros e por meio do qual não apenas se ganha o pão, se pagam as contas ou se sustenta a família, mas também se exerce um tipo específico de conduta de vida⁷⁴. *Precisa querer avançar na profissão*. Mas, se eles atribuem suas posições ao fato de terem enfrentado o desafio de assumir todo o processo (do fechamento da encomenda à confecção e à entrega das roupas) e a disposição para assumir a responsabilidade de *estar à frente de uma alfaiataria*; os oficiais, não alegam falta de ambição ou vontade de aprender, mas sim de recursos para montarem seus próprios estabelecimentos (em especial, para a cobertura das despesas iniciais que eles

⁷⁴ Vale aqui lembrar as palavras de Cecília Meireles, na reportagem intitulada “Economia da Moda”, publicada na revista O Observador Econômico e Financeiro de setembro de 1939. Diz ela: “E [o alfaiate] lhe fará a seguinte síntese: o mundo compõe-se de artistas e comerciantes – além da freguesia, evidentemente. O alfaiate é um artista, cuja missão é vestir o gênero humano. Os donos das casas de meia-confecção são comerciantes que exploram o ramo da alfaiataria, e cuja função se limita a cobrir com brins e casimiras o corpo dos seus clientes” (1939, p.45).

requerem), de *paciência* para lidar com os clientes (e suas exigências) e, também, a preferência pelo trabalho autônomo e pela possibilidade de responder apenas por aquilo que eles mesmos fazem.

Ao tratar das paisagens interiores das alfaiatarias ressaltou-se como estes espaços são diferentemente ocupados pelos seus proprietários, pelos oficiais e por clientes. As recorrentes indicações sobre a necessidade de reformas nos ambientes das alfaiatarias, apontaram como os alfaiates percebem a passagem do tempo, seja no envelhecimento dos lugares onde trabalham seja no envelhecimento deles mesmos. No que diz respeito aos fornecedores de aviamentos e de tecidos, indicamos não só as mudanças ocorridas neste comércio em Curitiba e a redução dos materiais específicos de alfaiataria nos armarinhos locais, mas também as conexões estabelecidas, em especial, entre os alfaiates dedicados ao **sob medida** e as lojas paulistanas. O sistema de compra e venda de tecidos por meio de mostruários possibilitou que o cliente e o alfaiate tenham acesso a uma grande multiplicidade de opções e dispensou a necessidade de estoques de tecidos dentro dos estabelecimentos. Em paralelo, enfraqueceu o comércio local de tecidos para alfaiataria, que se reduziu a pequenos estoques em lojas que vendem principalmente tecidos para roupas femininas, para artesanato e para confecções profissionais.

Pareceu importante também tratar de um conjunto de alfaiatarias, predominantemente paulistanas, que são avistadas pelos alfaiates instalados em Curitiba principalmente por meio da imprensa mas também pela próprios ternos que chegam em sua alfaiatarias para ajustes, consertos e reformas. As de menor porte dedicam-se a produção **sob medida**, mas há também aquelas que trabalham principalmente com a confecção de ternos prontos e semi-prontos, disponíveis em redes de lojas próprias e também em lojas multimarcas. Os proprietários de ambas são referidos como uma “nova geração de alfaiates” e seus processos de confecção desafiam a percepção de que a alfaiataria está em extinção, mas também põe na berlinda as definições do que é ou não artesanal e industrial.

4. Técnicas

Este capítulo explora as habilidades e técnicas associadas ao processo de confecção de roupas **sob medida**, tratando de compreender como gestos, materiais e instrumentos de trabalho atuam entre si produzindo não apenas vestimentas, mas também os próprios alfaiates e os corpos de seus respectivos clientes. A apresentação do processo de confecção de calças e paletós não tem, evidentemente, o objetivo de concorrer com os manuais de corte e costura dedicados a prática da alfaiataria. A descrição dos procedimentos e das etapas da confecção tem, principalmente, a intenção de evidenciar as habilidades e envolvimento estabelecidos no processo. Discorre-se aqui sobre as etapas de confecção dos ternos e sobre as diferentes habilidades dos alfaiates calceiros, paletozeiros, cortadores e proprietários de alfaiatarias exigidas durante o processo.

4.1 As medidas do sob medida

Apesar de provavelmente não contemplar todos os fregueses que frequentaram o estabelecimento em seus quarenta e dois anos de funcionamento e de reunir fichas tanto de quem procurou a alfaiataria uma única vez quanto dos que, assíduos, fazem encomendas com frequência, o conjunto de fichas de clientes guardadas no ficheiro abaixo do balcão de atendimento de uma das alfaiatarias pesquisadas dá uma boa pista da clientela que frequentou o local nos últimos anos. Em março de 2016, contabilizavam-se ali 2442 fichas organizadas segundo dois critérios: por ordem alfabética, conforme o primeiro nome dos clientes, e por gênero: 878 mulheres e 1564 homens. Números que se modificam continuamente seja pela chegada de novos fregueses seja porque vez ou outra o alfaiate faz uma limpeza no ficheiro, retirando as fichas daqueles que não retornam há muito tempo ou dos quais se teve notícia de falecimento.

Durante todo período em que as roupas de um cliente estão sendo confeccionadas sua ficha permanece fora do ficheiro: é fixada com alfinetes no tecido encomendado, fica sobre o balcão de trabalho ao lado do alfaiate enquanto este corta o tecido e é guardada em gavetas enquanto a roupa está nas mãos dos oficiais. Realizada a entrega do terno, a ficha do cliente volta para o ficheiro e é retomada a cada vez que novas encomendas são realizadas. Cada ficha tem em seu verso o registro dessas datas, o que constitui um histórico da frequência com a qual o cliente tem retornado. Duas caligrafias contrastam no anverso: no cabeçalho, o cliente registra seu nome completo, endereço e telefones; no corpo da ficha, o alfaiate anota as medidas tiradas e, às vezes, desenha detalhes da roupa a ser feita ou indica o parentesco do freguês com alguém conhecido. Sempre que necessário, os telefones de contato são corrigidos e as medidas atualizadas.

Este conjunto de fichas corresponde, entretanto, apenas aos clientes que encomendam roupas **sob medida**. Aqueles que solicitam a realização de ajustes, reformas e consertos não têm suas medidas anotadas. Para orientar a realização desse tipo de serviço, os alfaiates marcam com alfinetes as roupas que estão sendo trazidas, registrando assim o que precisa ser modificado. Para um eventual contato posterior solicitam um número de telefone do cliente. O primeiro atendimento encerra-se, em geral, com o preenchimento de uma nota indicando o valor do serviço e o dia de entrega combinados. Esses clientes, com quem os alfaiates mantêm muitas

vezes contato contínuo, podem frequentar o local por muitos anos sem nunca, entretanto, serem “documentados” no fichero da alfaiataria.

Há alfaiates que além de fichas, mantêm pastas com os moldes nas medidas específicas dos clientes atendidos, o que é útil especialmente no caso de fregueses que fazem encomendas com frequência. Preparados pelos próprios alfaiates, esses moldes de paletós e calças são feitos em papel pardo e levam os nomes dos clientes a quem correspondem. Quando não são guardados em pastas, eles espalham-se pelas paredes das alfaiatarias pendurados em armários, cabides e pregos. A cada nova encomenda, entretanto, o alfaiate observa se o corpo do cliente alterou-se, verificando assim a necessidade, ou não, de checar suas medidas. Para destacar o quanto o processo que utiliza é artesanal e personalizado, um dos alfaiates entrevistados destacou que preferia não fazer moldes. A cada encomenda, mesmo aquelas de clientes assíduos e de longa data, reforçou que faz todo o traçado das peças à mão, com giz, sobre o tecido, pois, em sua opinião, fazer moldes é um hábito que *acomoda, dificulta que o alfaiate modernize seu corte*.

O registro das medidas nas fichas segue uma ordem regular de notação. Para a confecção de uma calça, o alfaiate tira as medidas da altura do gancho, do comprimento de entrepernas e das larguras do quadril, da cintura, do joelho e da boca da calça. Para a realização de um paletó anota as medidas do degolo⁷⁵ até a cintura, do comprimento do paletó, da largura da espádua (costas), do peito, da cintura, do quadril e do comprimento da manga. Os números correspondentes a essas medidas são anotados em seu valor inteiro quando se referem a comprimentos e pela metade quando dizem respeito a largura. Durante a tomada de medidas o alfaiate movimenta-se, agachando-se e levantando-se quando necessário, enquanto circula o corpo do freguês tocando-o pontualmente com a fita métrica. O cliente, por sua vez, se coloca em pé, acompanhando com a cabeça e o olhar, através do espelho, os movimentos do alfaiate enquanto responde suas perguntas. Com frequência, adota uma postura um tanto mais ereta que a de costume, afastando um pouco as pernas e braços para que o alfaiate os envolva com a fita métrica.

⁷⁵ Nas costas do paletó, o degolo é a região onde se encaixa a gola do paletó: localiza-se na altura das clavículas, na base do pescoço.

NOME. ROBERTO SANTOS
 End. Rua JOSÉ MERHY, IIII
 Fone Resid. 3027-5025 Fone Com. 9986-5012
 Calça. 31 75 53 46 25 18
 Paletó.
 45 72 43 102 90 104 (61)

altura do gancho	comprimento de entrepernas		quadril	cintura	joelho	boca da calça
Calça. 31	75	53	46	25	18	
Paletó.	45	72	43	102	90	104 (61)
do degolo a cintura	comprimento	espádua	peito	cintura	quadril	manga

Ilustração 5. Ficha de medidas de cliente

As fichas de clientes contêm os endereços e telefones dos clientes e também suas medidas. No verso de cada ficha, os alfaiates costumam anotar as datas em que foram realizadas novas encomendas.

Entre as diversas medidas tomadas pelo alfaiate para a confecção de um terno, uma, referente a realização de calças, é especialmente delicada de se tirar: a medida da “altura do gancho”. Ao atender homens, alguns alfaiates esticam a fita métrica do ponto onde se iniciará o cóis da calça até o meio das pernas do cliente, eventualmente tocando sua intimidade. *Eu fui fazer a encomenda do terno. Fiquei lá assim. Aí o alfaiate veio e foi tirando as medidas. Tudo certo. Quando chegou na medida da calça, de repente colocou a mão lá embaixo. Eu senti, mas fiquei quieto. Foi bem rápido.* Para evitar tomar desse modo a medida de clientes mulheres, ao atendê-las, alguns profissionais preferem não tomar a medida do gancho, guiando-se então pelo comprimento de entrepernas, quando estendem a fita métrica, do lado interno da calça, da altura da barra até um ponto da coxa do cliente próximo de sua virilha. Outros alfaiates esticam

verticalmente a fita métrica diante do zíper da calça com a qual a mulher está vestida sem, entretanto, colocar a mão entre suas pernas. Assim, medem apenas parcialmente a altura do gancho, à qual somam alguns centímetros deduzindo a profundidade dessa extensão até o entrepernas. Outros contornam essa situação trabalhando com um método no qual, solicitando que elas se sentem em uma cadeira, tiram a medida da altura de suas cinturas (ou da protuberância do osso da crista ilíaca) até o assento da cadeira.

Hoje a gente não tira mais tanto essa medida porque as calças estão todas com a cintura mais baixa. Então, acaba que a altura do gancho mudou e não precisa mais. A gente compensa mexendo na altura até o cócs. Mas dia desses ainda recebi um telefonema de uma cliente que disse: ‘vou aí em você porque me disseram que você tira a medida sentada’. Eu falei: ‘pode vir’ (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Enquanto tira as medidas do freguês, o alfaiate define em conjunto com ele – e, por vezes, também com mães, esposas, noivas ou amigos que o acompanham – se a roupa será mais estreita ou larga, curta ou longa, acinturada ou reta. Assim, diferente do que pode parecer à primeira vista, e como os próprios nomes das medidas indicam (*largura do joelho, boca da calça, etc*), os números anotados nas fichas não se referem estritamente ao corpo do cliente. Todas as medidas levam em consideração folgas maiores ou menores por meio das quais os alfaiates trabalham para que a roupa possa vestir confortavelmente a silhueta dos fregueses. Diferente, por exemplo, das medidas corporais tiradas de frequentadores de academias de ginástica, que são bastante justas, os comprimentos e larguras com as quais os alfaiates trabalham implicam sempre alguma folga e não se referem estritamente ao corpo do cliente mas também à roupa que se encomenda, sendo chamadas, em equivalência, ora de “medidas do cliente” e ora de “medidas do terno”.

4.2 Além das medidas

Durante o atendimento, o alfaiate observa muito mais do que as medidas que anota na ficha do cliente: um ombro mais caído do que outro, gorduras moles ou duras, barriga empinada ou mais baixa, glúteos mais proeminentes, corpos mais *enquartados*⁷⁶ ou não, entre muitos

⁷⁶ Referência a pessoas cujos ombros ou quadris são fortes e largos, seja pela presença de músculos ou de gordura.

outros elementos apreendidos visualmente, não chegam a ser registrados em papel, mas orientam o serviço a ser feito. Para ilustrar a variedade de silhuetas, e também de modos de se movimentar dos clientes, um alfaiate imitou o andar daquele para o qual estava cortando um terno. Vítima de poliomielite na infância, o cliente tinha uma das pernas menor do que a outra. *Ele é grande mas não é gordo. É musculoso, forte*; especificou o alfaiate. Um outro descreveu um de seus clientes mais famosos, um ex-governador e polêmico político nordestino, como um homem de *barriga proeminente, mas ombros e pernas curtos*.

Entre os variados exemplos de corpos descritos pelos alfaiates ressoam aqueles muito incomuns, como o que exigiu o uso de seis metros de tecido (quando se utiliza, em média 2,80 ou 3,30). Mas os clientes que tem *corpo bom*, sem *defeitos* como: ombros caídos, muita barriga, corcunda, *peito de pombo*⁷⁷, quadris largos ou pernas arqueadas, também são examinados em suas menores idiossincrasias.

Tudo é você analisar bem a silhueta do cliente. Começa tudo numa boa tomada de medida e de interpretação do corpo de cada cliente, porque eu acho que o sob medida não é só a medida, não é? A medida é uma fita métrica que você tira. Toda pessoa, ela tem uma circunferência no peito, na cintura e no quadril. Só que pra onde ela inclina essas suas circunferências faz a diferença na construção da roupa (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Durante o momento da tirada de medidas (assim como nas provas), além de ser ocasionalmente tocado, o corpo do cliente é observado de maneira atenta. Apesar de ser importante para o sucesso da confecção **sob medida**, essa avaliação minuciosa e próxima é potencialmente embaraçosa e, por isso mesmo, feita com discrição e reserva. Creio que foi nesta direção que o jovem cliente de uma alfaiataria respondeu uma observação minha sobre a existência de alguma afinidade entre os clientes e os seus respectivos alfaiates, dizendo: *Pro cara te ver de cueca! Tem de ter alguma afinidade! O cara vai te ver de cueca!* Apesar de ser mais uma exceção do que uma regra, visto que poucas vezes se faz necessário “estar de cuecas” em frente ao alfaiate, essa possibilidade (que pode ser, e em geral é, contornada) ganha destaque na fala do cliente e indica os melindres relacionados a situação. Neste encontro entre o cliente e o alfaiate, o primeiro expõe o seu corpo e a si mesmo a análise, numa posição de irremediável vulnerabilidade diante daquele que mede e toca, sem ser medido e tocado (Ver ilustração 6).

⁷⁷ Peito projetado para frente.

O mesmo discernimento em relação ao acesso ao corpo do cliente, e ao encabulamento que ele pode causar, se nota na fala de um alfaiate que, em entrevista concedida a reportagem de um canal televisivo português, comentando a informação da existência de uma mulher que atua como alfaiate, diz: *Acho que muito bem. Se ela tem jeito e trabalha bem. Não tenho nada contra. Mas em certas ocasiões acho um bocadinho... estranho uma mulher num gabinete a provar um homem, uma calça. Mas, tudo é... Sou eu é que sou velho*⁷⁸. Esse possível acesso ao corpo do cliente, e o perigos que a nudez e proximidade física implicam são o principal argumento pelo qual alguns alfaiates alegam preferir não atender mulheres.

Eu evito fazer, mas ele é um cliente muito especial e a esposa queria porque queria. Então, a gente fez um [paletó] feminino [...] É delicado, você vai lá, é medida de mulher, aí o homem tá junto, tem que provar e não sei o quê... Então a gente evita porque é um ambiente que não é... é um ambiente masculino, aí você tem que estar... é complicado.[...] Ela também é uma moça que tem um peito bem avantajado, então nós fizemos com todo um caimento, não é? Ó[lha] o caseado (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Não é apenas do acesso ao corpo feminino que os alfaiates se esquivam, entretanto. Evita-se também um conjunto de características, presumidas como típicas das mulheres. A maior parte [da minha clientela] é homem. *Eu preferi trabalhar mais com os homens. É que as mulheres são muito vaidosas. Às vezes, depois da roupa pronta, elas resolvem mudar. Já com homem não tem esse tipo de problema.* Mais inventivas e palpiteiras, sugerem alguns dos alfaiates, as mulheres e suas demandas levam a perda de tempo: *Meu patrão veio de Porto Alegre pra Curitiba porque era muito assediado pelas esposas dos clientes. Elas vinham tudo com revistas querendo isso e aquilo. Ele dizia: não tenho tempo pra isso.* Outro alfaiate contou que uma cliente encomendou um paletó e pediu que ele colocasse um debrum⁷⁹ nos bolsos e em volta da barra, da gola e da lapela, serviço que ele recusou. *La ficar bonito. Mas exige muito tempo. Não vale a pena.*

⁷⁸ Informação transcrita da entrevista realizada com o alfaiate lisboeta João Ribeiro por reportagem do canal de televisão português SIC Notícias. A reportagem, disponível na internet, foi publicada em 07 de fevereiro de 2015 e intitula-se “A única mulher alfaiate em Portugal”.

⁷⁹ Ornamento feito com filete de tecido em cor diferente do tecido da roupa confeccionada. É utilizado para margear bolsos e também, eventualmente, barras e boca de mangas.

Ilustração 6. Tirar medidas

A confecção do terno se inicia por meio do processo de *tirar as medidas* do cliente. O alfaiate circula o corpo do freguês com a fita métrica aferindo os comprimentos e circunferências que utilizará no corte do terno.

Se a ênfase na distinção entre mulheres e homens, e o destacado risco que torna a presença feminina nas alfaiatarias limitada, controlada ou indesejada, revela como a distinção entre os papéis sexuais também está sendo aí ensinada e aprendida a todo momento, os eventuais constrangimentos que o acesso ao corpo das clientes mulheres pode proporcionar (e as dificuldades que suas demandas implicam) não impede, entretanto, que outros alfaiates atuem realizando, como lê-se em algumas placas: “Confecção sob medida. Masculina e feminina”. De todo modo, seja entre aqueles que evitam ou entre aqueles que se dispõem a atendê-las, é corrente a ideia de que a alfaiataria se dedica a realização apenas de um conjunto restrito de peças de roupas femininas, que não contempla aquelas feitas em tecidos finos ou leves e com modelagens diferenciadas (blusas, saias, vestidos, babados, pregueados, franzidos, etc.). Assim, ao responder por telefone alguém que perguntava se naquela alfaiataria se faziam espartilhos, ouvi um alfaiate informar: *Não, só roupa de alfaiataria mesmo. De mulher, a gente faz terninho, saia reta, blazer feminino. Isso a gente faz.*

Em São Paulo um alfaiate disse-me que a alfaiataria é uma técnica de vestir homens, voltada para o corpo masculino, portanto, seria uma redundância falar em *alfaiataria masculina*. Há pessoas que o procuram dizendo que querem aprender alfaiataria para costurar vestido de festa, mas considera isso *uma bobagem*. Quem quer pode aprender a usar a entretela *cavalinho*⁸⁰ para fazer um busto, pois a entretela é um material básico de costura. Mas a técnica da alfaiataria em si, considera, não serve para a costura de vestido de festa. Na sua opinião, os corpos das mulheres e dos homens são totalmente diferentes, exigindo técnicas de modelagem diferentes. Os acabamentos de uma roupa, sugere, não são *adaptados* porque *acabamento não tem sexo*. As modelagens, por sua vez, têm. Assim, entendia que o que Chanel e Yves Saint Laurent fizeram foi *adaptar a alfaiataria para o corpo feminino* fazendo uma fusão de modelagens. Entretanto, hoje, muitos clientes são musculosos e querem um paletó bastante justo e acinturado que revele seu peitoral. Os alfaiates, então, estão tendo que usar adaptações que foram desenvolvidas originalmente para o corpo feminino na confecção de ternos para homens.

⁸⁰ Entretela que leva em sua composição crina de cavalo.

4.3 Saber olhar

Apesar de poder ser também desenvolvida entre os oficiais, a atenção às particularidades do corpo do freguês é uma habilidade indispensável especialmente para aqueles que trabalham no atendimento aos clientes, uma das últimas etapas do processo de aprendizagem da profissão. Um alfaiate contou que apesar de ter aprendido o ofício, desde os sete anos de idade com o seu pai, que era alfaiate em uma cidade do interior da Bahia, lapidou seu talento quando, já adulto, trabalhou em São Paulo na famosa Alfaiataria Minelli⁸¹, onde, na condição de contramestre, atendia os clientes. Ali, conta, aprendeu a corrigir os defeitos observando o terno e o corpo do cliente na prova. *Às vezes imagina-se que o cliente tem uma perna maior do que a outra, mas na verdade é apenas um lado do quadril que é maior. O alfaiate precisa entender isso [...] Precisa ter um golpe de vista. Um olhar o corpo do cliente e fotografar [mentalmente]. E saber o que precisa ser feito.*

Saber olhar é, neste sentido, um passo importante na direção de compreender o corpo do cliente; um esforço para antever os possíveis defeitos que a roupa apresentará sobre aquela silhueta em específico e um exercício de solucionar os desafios postos pela combinação de tecidos, medidas corporais, modelos de terno, expectativas, tempo e habilidades. *Quando vou cortar, quando trabalho, eu tenho o corpo do cliente na minha cabeça.* O corpo do cliente é, portanto, não apenas o suporte final do terno, mas um material de trabalho, com o qual os ternos se fazem e são feitos, como confirma o ritual das provas de roupa. Assim, ao tentar corrigir uma ruga presente na manga de um paletó, um alfaiate vestiu-o repetidas vezes para avaliar, através do espelho, o sucesso ou não do seu trabalho. Para além do que podia constatar olhando diretamente para a peça em suas mãos e também para sua imagem no espelho vestindo-a, considerava que, tendo o cliente braços mais musculosos do que os dele e mais volume na região do peito, a manga o vestiria de um certo modo particular.

Não se trata aqui, evidentemente, apenas de “aprender olhando”, mas principalmente, de “aprender a olhar” e de conquistar para si a capacidade de ter um *golpe de vista*⁸². Assim,

⁸¹ Em São Paulo, as referências dos alfaiates à Alfaiataria Minelli apontam-na como uma das maiores que a cidade teve entre as décadas de 1970 e 1980. A alfaiataria esteve sediada na rua Barão de Itapetininga, no centro da capital, onde trabalhavam aproximadamente 120 alfaiates, sob o comando de Rafaelle Minelli, imigrante italiano que chegou no Brasil em 1938. A empresa chegou a tornar-se uma rede de 18 lojas com cerca 450 funcionários, oferecendo ternos sob medida, prontos e semi-prontos, mas encerrou suas atividades na década de 1990.

⁸² Em pesquisa realizada com alfaiates mineiros, Barbosa também registra o uso da expressão “golpe de vista”. A este respeito, diz ela: “Entre as falas recorrentes dos alfaiates pesquisados é comum ouvir expressões como “cortar no olho” e “golpe de vista”, que evidenciam um tipo de saber que eles possuem” (2015, p.83) e, mais adiante, “Ao

quando o alfaiate conta, por exemplo, que teve uma aprendiz mas que não lhe ensinou nada, apenas disse: *vai olhando e aprendendo*, não está de forma alguma se abstendo da responsabilidade ou do compromisso com ela, mas indicando um modo específico de aprender, que se dá na ação de olhar. Jean Lave parece ter se deparado com situação semelhante, tendo ouvido dos aprendizes de alfaiate da Monrovia que o caminho para aprender era observar até saber como fazer toda a roupa. “Certamente, a observação dependia do trabalho em curso na alfaiataria e não de uma demonstração pedagógica (LAVE, 1993, p.72, tradução minha)⁸³”.

O aprendizado pelo/do olhar, entretanto, não diz respeito apenas à condição de aprendiz, perpassa toda vida profissional do alfaiate. *Você aprende muita coisa de olhar. O paletó tem uma dinâmica muito grande de engenharia do que funciona na roupa, pra cima, pra baixo, torceu, não torceu, o ombro do paletó tem um posicionamento que se colocar errado fica torcido*. Para além de atuar na apreensão das características do cliente, o *golpe de vista* atua em todo o processo de confecção do terno, no entendimento do que incomoda o cliente no caso de uma roupa que precisa ser ajustada, na checagem final do que está para ser entregue ao freguês e em toda a lida com os materiais, instrumentos, ferramentas, *patrões* e oficiais. O *golpe de vista* está presente também na sondagem das expectativas e da satisfação do cliente. *Às vezes é mais difícil entender o que o cliente quer do que fazer a roupa. Tem vezes que, invés de olhar pra roupa, eu olho é pro rosto do cliente pra ver se ele tá satisfeito ou não*.

Esse “saber olhar” dos alfaiates, portanto, não diz respeito a isso ou aquilo especificamente. Não se refere a um conjunto pormenorizado de itens dados por antecipação, mas sim a um estado amplo de atenção por meio do qual se estabelecem relações com os clientes e seus corpos, e com os materiais e suas dinâmicas. Assemelha-se, portanto, como sugere Ingold (2000, p.37) a respeito dos caçadores novatos, a uma consciência perceptiva sofisticada das propriedades do ambiente e das suas possibilidades de ação dentro dele. “Ouvir ou olhar, neste sentido, é acompanhar um outro ser, seguir – mesmo se apenas por um breve momento – o mesmo caminho que este ser percorre pelo mundo da vida, e tomar parte na experiência que a viagem permite” (Ingold, 2000, p.22). Trata-se, portanto, para usar palavras de Ingold, de

preparar os retalhos de tecido para a confecção dos bolsos internos e externos do paletó, percebe-se que o alfaiate não utiliza a fita métrica em nenhum momento. Todas as partes são cortadas e vincadas no ‘golpe de vista’ [...]” (2015, p.101).

⁸³ “Certainly observing was dependent on the ongoing work in the shop rather than on pedagogical demonstration (LAVE. 1993, p.72)”.

“afinar” seu sistema perceptivo colocando-o no estado de prontidão necessário para apreender determinados aspectos do contexto no qual se está inserido.

Apenas quando é colocada no contexto das habilidades adquiridas através desta experiência anterior, a informação especifica uma rota compreensível, que pode ser seguida na prática, e apenas uma rota assim especificada pode levar ao conhecimento. É neste sentido que todo conhecimento está baseado em habilidade [...] Não se trata de conhecimento que me foi comunicado; trata-se de conhecimento que eu mesmo construí seguindo os mesmos caminhos dos meus predecessores e orientado por eles. Em suma, o aumento do conhecimento na história de vida de uma pessoa não é o resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada (INGOLD, 2010, p.19)

Desenvolver o “golpe de vista” não é, portanto, apenas aprimorar uma habilidade física em específico (olhando isso ou aquilo, tirando essa ou aquela medida, fazendo um ou outro cálculo), mas sim incorporar uma disposição para lidar com os corpos dos clientes, com suas expectativas, com as possibilidades e limites dos oficiais, dos materiais e dos tecidos com os quais se trabalha, buscando proativamente lidar com as exigências que o campo de trabalho coloca.

4.4 Atender clientes

Os clientes de uma alfaiataria põem em atividade o fluxo de trabalho desses locais não só por meio das encomendas que realizam e dos desafios que seus corpos e expectativas colocam às habilidades dos alfaiates, mas também porque, com regularidade, fomentam suas redes de relações (amigos, familiares e colegas de profissão) a utilizar os mesmos serviços. *Eu tenho um site mas a clientela chega mesmo é por indicação.* São, portanto, tratados como uma conquista obtida, não em função da propaganda e da divulgação dos serviços do estabelecimento, mas sim por meio do bom atendimento e da própria oferta de um trabalho *de qualidade*, cuja retribuição se dá com o devido pagamento acordado e, eventualmente, também com amizade, consideração e recomendações dos serviços da alfaiataria para outras pessoas.

Você precisa conquistar o cliente. O cliente sempre tem razão. [...] O alfaiate, ele é muito observador [...] O cliente põe a mão no bolso, puxa a mão do bolso

e já vem o forro junto. Por quê? Aquela calça não foi feita de acordo com o tamanho da mão dele. Você tem que observar tudo isso. Tem gente que tem a mão grande, mão pequena. Tem gente que não usa, por exemplo, esses bolsinhos aqui assim [mostra um bolso embutido colocado perto do cócs da calça]. Por isso que é bom o alfaiate chegar e sem pressa sentar, conversar, perguntar: “Como é que você faz isso? Como é que você faz aquilo? Qual o seu dia a dia? ”; “Ah, fico o dia todo sentado”. Então tem que ser uma peça um pouco mais folgada. “Não, eu fico todo o dia em pé”. Então pode fazer [uma calça] mais justa?” [...] Ele tem que conhecer o cliente dele, porque se ele agrada o cliente, esse cliente volta e acontece o quê? Ele indica para outro (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

A longevidade e abrangência dos laços estabelecidos com os clientes é exemplificada, por vezes, na referência ao atendimento de duas ou três gerações de uma família, a um grupo profissional (advogados, juízes, apresentadores) ou a uma comunidade específica (de judeus, italianos, etc). *Tenho aqui gente muito importante, mas não dá pra ficar dizendo nome que eles não gostam disso.* Clientes em posições políticas e corporativas de destaque (tais como ministros, governadores, prefeitos, deputados, diretores e proprietários de empresas) são também apontados como referências, a serem discretamente dadas, do renome da clientela atendida e, por conseguinte, do prestígio do próprio alfaiate.

Tem o [nome do cliente] que é um bom cliente. Ele faz muita encomenda. E não só faz muita encomenda como indica outros clientes bons também. Ontem eu tava no boteco, ele me telefonou. Tava tomando uma cerveja. Ele perguntou ‘Tá bêbado?’. Eu falei ‘não!’. ‘Vou mandar meu filho passar aí’. Aí o filho dele foi lá me pegar. Ele emagreceu, tá precisando ajustar muita roupa. Saí de lá [da casa do cliente] era umas dez da noite já (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Fonte de relações de camaradagem e base sobre a qual se fundamenta o crescimento de uma alfaiataria, o atendimento aos fregueses exige habilidades específicas não apenas para apreender as características do corpo do cliente e para confeccionar adequadamente a roupa, mas também para negociar descontos e formas de pagamento, para conversar e sugerir combinações, tecidos, modelos, e também lidar com as reclamações, pedidos e observações dos clientes. Avaliando a sociedade estabelecida entre dois alfaiates, um outro profissional comentou a divisão de trabalho entre os sócios da seguinte maneira:

Quando era vivo, o [sócio 1] cortava, passava o trabalho pros oficiais, fazia tudo igual com o sócio. Só que não atendia cliente. Atender, quem sempre

atendeu foi o [sócio 2]. Ele sempre atendeu. É que o [sócio 1] era alfaiate mas... mas... ele não era assim... polido pra falar com cliente, sabe?
(Proprietário de alfaiataria, Curitiba)

Apesar de ser valorizado entre os proprietários de alfaiataria, o atendimento aos clientes é também considerado, em algumas situações, uma atividade desgastante e, como já falamos anteriormente, que exige *paciência*. Falando de uma de suas clientes, um alfaiate contou que ela tinha um problema de coluna e tinha *um lado mais esticado do que o outro*. Depois de pronta a calça, quando provava, ela pedia para diminuir meio centímetro. Depois pedia para aumentar no mesmo lugar. Num dia, o problema da coluna estava agravado, a calça tinha que ser diminuída, depois, quando estava melhor, precisava ser alongada. Esta mesma cliente traz quatro pares de sapatos diferentes com os quais testa o comprimento adequado das calças. *Só eu mesmo pra aguentar. Eu quase fico louco. Um dia ela disse que eu podia colocar mais um espelho ali no provador. Eu falei: ‘só se for pra vocês me deixarem louco. Você que me matar de infarto desse jeito’.*

Se não são frequentes, os episódios de desgaste entre clientes e alfaiates também não são raros, incidindo nem tanto em problemas relativos a formas de pagamento e/ou calotes, mas sim no resultado final da encomenda realizada e no volume de retrabalho necessário para que ela alcance a expectativa do cliente. O que está em xeque nesses casos não é apenas a roupa em si, mas o nível de exigência do cliente e o modo como o acordo sobre a adequação do terno é conduzido pelo cliente e pelo alfaiate. *Tem uns [clientes] difíceis. Mas tem um, o [nome do cliente], aquele ali que tudo que eu fazia pra ele, ele gostava.* Relembrando a época em que atuou como contramestre em uma alfaiataria, outro alfaiate avaliou a clientela do seguinte modo:

A clientela da alfaiataria hoje é de gente muito educada. Tem pessoas aí que são grandes, gente de dinheiro e posição e tudo, mas são [como] uma moça pra falar com gente. Mas teve um que eu lembro que aquele ali era muito chato. E grosseiro. E eu tenho pavio curto, viu. Falta de educação, não admito. Não é ser chato. Teve um [outro cliente] que ele era chato. Um cara muito minucioso. Tudo, ele olhava. Mas era tão educado, tão educado. Um dia ele disse pra mim: “olha, tenha paciência comigo que eu sou muito detalhista”. Ele disse isso. Educado né? Eu não tive problema nenhum com ele. Não esqueço disso (Paletoeiro e mangueiro, São Paulo).

O proprietário de uma alfaiataria contou que seu pai, ao longo dos anos, foi cansando-se do contato com os clientes e progressivamente passou a se ocupar menos do atendimento. *A gente via que ele ficava nervoso. Às vezes [ele] largava o cliente lá no provador. Aí eu corria pra ir atender.* Sobre seu processo de aprendizagem, este alfaiate contou que depois que passou a dominar a produção das calças, seu pai lançou-o no atendimento aos clientes, orientando como tirar as medidas. Embora tenha lhe mostrado como cortar calças, não ensinou, entretanto, como cortar paletós. *O pai cortava paletó e eu cortava calça, e a gente levou assim muitos anos.* Quando o pai sofreu um problema de coração e teve que ser internado às pressas, o alfaiate, para manter o estabelecimento em atividade durante a hospitalização paterna, pegou os moldes que o pai fizera para os clientes e foi aprendendo, *sozinho*, a fazer o corte do paletó. Sabendo que os dois trabalhavam na mesma sala, um em frente ao outro, cada um em seu balcão, comentei nessa conversa: “Mas antes você já tinha visto seu pai cortar várias vezes, não é? ”. Ao que ele respondeu que: *Sim, já tinha visto. Mas ver não é fazer.*

A situação aponta bem como a prática da alfaiataria se dá por meio de um engajamento ativo do alfaiate com os desafios postos cotidianamente neste ambiente. Se, por um lado, o olhar – o golpe de vista – é um importante elemento da prática do atendimento e se desenvolve na medida em que o alfaiate cortador se engaja, não apenas na confecção do terno, mas também no convívio com os clientes; por outro, *ver não é fazer*. É preciso “pôr mãos à obra” pois o alfaiate aprende a alfaiataria na prática cotidiana do trabalho, na lida com os materiais e com as situações que se colocam, na convivência com os oficiais (e suas características) e com os clientes (e seus diferentes corpos e níveis de exigência). Aprende, portanto, não por meio da reprodução ou aplicação do que vê no trabalho de outrem, mas sim pela experimentação de si mesmo em ação.

Assim como ocorre com os boxeadores descritos por Wacquant (2002), entre os alfaiates pesquisados é preciso aprender pelo corpo, na experiência concreta de fazer. Trata-se como sugere Ingold (2013) de reconhecer que o fazer é uma confluência de forças e materiais, de sorte que se queremos saber como as coisas são feitas é importante lembrar que, mesmo que os fazedores tenham formas na mente, não são elas que criam o trabalho, mas sim o engajamento com os materiais. O aprendizado do olhar, neste contexto, não é saber por antecipação como resolver um desafio posto, mas sim como “abrir um caminho e improvisar uma passagem”⁸⁴ (INGOLD, 2013, p. 69, tradução minha).

⁸⁴ “[...] but opening up a path and improvising a passage” (INGOLD, 2013, p. 69).

4.5 Riscar, cortar, primeira prova

O corte de terno leva aproximadamente quarenta minutos. Os alfaiates esticam o tecido, dobrado em sua largura, sobre seu balcão de trabalho, alisando-o com as mãos para que nenhuma ruga atrapalhe o andamento da tesoura. Aproveitam este momento para checar o tecido verificando se há nele algum defeito. Se necessário, passam-no a ferro para eliminar as marcas de dobras e amassados. Feito isso, utilizam os esquadros, as réguas de alfaiataria e a fita métrica, que mantêm em volta do pescoço, para traçar com giz as linhas que vão orientar a tesoura. O momento exige alguma concentração e é comum que os alfaiates realizem o corte do terno em silêncio, parando às vezes para observar os traços que estão realizando, para lembrar de um detalhe do corpo do cliente ou para tomar alguma decisão sobre os próximos gestos.

Para corrigir uma linha mal traçada, batem no tecido com uma das réguas, fazendo o pó do giz levantar. Se a metragem está muito justa (em geral, porque o tecido foi trazido pelo cliente, e não comprado sob orientação dos alfaiates por meio dos mostruários da alfaiataria), o serviço exige mais planejamento e é preciso pensar bem como vai se distribuir o riscado para que não falte tecido nem para as peças maiores (mangas e partes dianteiras e traseiras de paletós e calças) nem para as menores (passadores, bolsos, debruns, cós e golas). O tecido é dobrado pelo seu lado avesso e observando-se a direção do seu *pé*⁸⁵, ou seja, do fio do urdume⁸⁶. Ao analisar qual é a melhor forma de distribuição do riscado das peças sobre o tecido, é importante garantir que as eventuais listras que o estampam sejam coincidentes nos lados direito e esquerdo das roupas.

A aureola do tecido, uma faixa longitudinal que acompanha toda a metragem do rolo (onde estão registrados seu tipo, composição e também o nome da tecelagem que o produziu) é posicionada próxima aos alfaiates. As primeiras linhas riscadas, por onde já é possível reconhecer qual peça de roupa está sendo confeccionada, são perpendiculares umas às outras e definem a posição das medidas de comprimento. Feitas com régua e esquadros, elas são, nas

⁸⁵ O *pé do tecido* indica a direção do entrelaçamento dos fios do urdume e da trama. Em certos tipos de tecido, como os acamurçados, o corte das peças da roupa, ora a favor do pé ora no seu sentido contrário, pode incidir em diferenças de tonalidade na cor do tecido, fazendo parecer que a roupa foi feita com dois tecidos diferentes.

⁸⁶ Fios que são esticados longitudinalmente em um tear na tecelagem. Os fios da trama atravessam horizontalmente os fios do urdume, compondo o tecido.

calças: as alturas da cintura, do quadril, do joelho, do comprimento da calça e da barra. Nos paletós: as linhas do colarinho, do tórax, da cintura e da barra. Em seguida, as medidas de largura são traçadas. Apoiada em torno do pescoço, a fita métrica é também utilizada. Às linhas perpendiculares riscadas se somam, então, as curvas feitas com a régua de alfaiate, com a curva francesa⁸⁷ e também à mão livre. Por meio delas, se formam ganchos, afunilamentos, lapelas e barras de paletó arredondadas. Aos poucos, se delineia sobre o tecido o desenho das roupas em confecção, com seus bolsos, pences e a indicação da posição dos botões (Ver ilustração 7).

À medida que vão sendo cortadas, as partes do terno são levemente dobradas e colocadas de lado. O tecido desliza, então, sobre o balcão se aproximando dos alfaiates que se debruçam sobre ele redirecionando a tesoura para o corte. Como os lados direito e esquerdo que compõem o paletó são cortados simultaneamente, pequenos *piques*, realizados com a ponta da grande tesoura, vão sendo feitos para indicar os pontos de coincidência entre as peças. Essa marcação, importante para garantir a simetria, orienta posteriormente os oficiais durante o entretelamento e a costura das roupas.

⁸⁷ Régua de modelagem usada para riscar a forma de cavas e decotes.

Ilustração 7. Riscar e cortar

Antes de cortar o tecido, o alfaiate riscar com giz as formas da roupa a ser confeccionada (na ilustração acima: uma bermuda). Para o corte do tecido utiliza, em geral, grandes e pesadas tesouras.

A atividade do alfaiate que risca e corta o tecido é considerada de grande responsabilidade não só porque lida com tecidos caros, mas também porque, diferente das costuras que podem ser desmanchadas e refeitas até alcançar o resultado desejado, o corte interfere definitivamente no tecido e orienta o trabalho de todos os demais alfaiates envolvidos na produção da roupa. No desenvolvimento do riscado do terno, os cortadores precisam não apenas aplicar as medidas do cliente em um desenho pré-definido, mas considerar como os encurtamentos e prolongamentos de determinadas linhas vão alterar as curvas e inclinações das demais, interferindo no equilíbrio da roupa quando estiver entretelada e costurada. Nesse sentido, além de calcular os locais onde é importante deixar sobras de tecidos que permitirão o ajuste adequado, o corte leva em consideração a própria dinâmica da roupa (o que *puxa, aperta, pesa, sobra*) e do tecido (como *encolhe, se dobra* ou *resiste*).

As condições nas quais se realizam as provas do terno variam de um alfaiate e de um atendimento para outro, a depender da disponibilidade do cliente (maior, em geral, quando são ternos confeccionados para casamentos e outras ocasiões especiais), da urgência em relação à entrega do serviço e das dificuldades postas pelo corpo do freguês atendido e pelo tecido com o qual se trabalha. Em geral, os alfaiates que cortam o terno – e que, via de regra, hoje em dia, são proprietários das alfaiatarias – são também quem *prepara* a roupa para a prova inicial. Para isso, *encorpam* as frentes do paletó aplicando, com o ferro de passar, uma primeira entretela de viscose, muito leve e maleável, e costuram à máquina ombros e laterais. *Primeiro eu tiro a medida, depois faço duas provas. Na primeira, a roupa está só alinhavada e sem manga. É um projeto da roupa.* A primeira prova deve ser breve, não passando de dez minutos, mas pode se estender bem mais em função de conversas que se alongam. Realizada pouco depois (às vezes no dia seguinte) da encomenda do terno, ela serve para a checagem do comprimento do paletó, do posicionamento dos botões e das pences.

No paletó, os alfaiates observam ainda a altura do colarinho e a altura e largura dos ombros. Posicionam as ombreiras, calculando qual espessura delas é a mais adequada para o cliente e riscam com giz a cava, indicando ali a linha do novo corte. Se o cliente exagera na rigidez da postura, é preciso pedir que solte um pouco os braços e ombros. Para ajustar o comprimento das pernas, ajoelham-se para alcançar a barra da calça. Para avaliar a roupa, os alfaiates se aproximam e se afastam do cliente, marcando com alfinetes as medidas que precisam ser reduzidas. Seus olhares ora se dirigem diretamente para o paletó ora para o espelho, que desempenha aí um papel importante na observação do trabalho. *O alfaiate precisa*

*entender isso, [...] perceber quando há algo empinado*⁸⁸. Em meio a conversa amena sobre os mais variados assuntos, confirma-se a adequação dos tamanhos e as opções do modelo (número de aberturas, de botões e formato da lapela).

Ilustração 8. Primeira prova

O alfaiate circula o corpo do cliente checando o comprimento das calças e a adequação do paletó. O cliente e o alfaiate olham para a roupa através do espelho.

⁸⁸ O paletó empinado é considerado um defeito no caimento da roupa. Se refere, principalmente, a sua parte dianteira, que contradizendo o bom caimento, fica levantada.

Terminada a primeira prova, as costuras do paletó (ainda sem mangas) são imediatamente desfeitas. Os alfaiates estendem as peças que o compõem novamente sobre o balcão de corte e, visto que observaram, durante a primeira prova, seu **caimento** sobre o cliente, *acertam* os ajustes que lhes são necessários cortando-as, agora de uma forma mais precisa. Nesta etapa, que antecede a entrega dos paletós aos paletozeiros, cortam também o tecido do forro e as variedades e quantidades necessárias de entretelas, reunindo, então, todas as partes cortadas e *já acertadas* aos demais aviamentos (zíperes, botões, fios, forro, etiquetas e ombreiras). Para cada peça de roupa (calça, colete e paletó), formam um rolo com os cortes e materiais selecionados que, amarrado com aureola do próprio tecido da roupa, será entregue aos oficiais a quem eles repassarão o trabalho.

Veja bem, hoje, modéstia à parte, eu sou um mestre alfaiate [...] o mestre vai anotar a medida do freguês, vai anotar o tipo do modelo [...] pega isso e corta o pano. Esse é o serviço do mestre alfaiate. Prova no freguês, acerta nos mínimos detalhes, depois ele passa pro oficial e fala “olha, faz esse paletó assim assim, com esse bolso”. Esse é o serviço do oficial alfaiate (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Vale observar que as medidas e todos os detalhes que o alfaiate “registra” na discreta observação que realiza do corpo dos clientes (ao tirar as medidas, nas provas e ao longo dos anos em que os atendem) estão sempre sujeitos não só aos modelos de ternos na moda, mas também às características dos demais materiais com os quais o alfaiate vai trabalhar. Com o desenvolvimento tecnológico do ramo têxtil, os tecidos têm se tornado cada vez mais leves (passando de um peso médio de 380 gramas para 250 gramas por metro, nos últimos dez anos⁸⁹) e novas entretelas têm sido desenvolvidas. *Quando o tecido é caro, eu cobro mais pela mão-de-obra. Que a responsabilidade é maior, né?* É preciso, apontam os alfaiates, aprender a lidar com esses novos materiais, observando seu funcionamento, seu **caimento** e suas reações ao vapor dos ferros de passar, aos pontos das máquinas de costura e ao trabalho de entretelamento que lhes é aplicado. Essa multiplicidade de elementos ativados a cada encomenda realizada pelos clientes e aceita pelos alfaiates, bem demonstra o ajustamento particular de gestos, materiais e instrumentos de trabalho que são postos em relação e em movimento para que a roupa seja realizada.

⁸⁹ Segundo informação fornecida por Felipe Jarnallo, presidente da Associação de Alfaiates do Estado de São Paulo e gerente e herdeiro da Erlu Tecidos (em comunicação oral, em 2013).

4.6 Fazer calças

A confecção das calças se dá principalmente à máquina e leva em média uma hora de trabalho, mas nas mãos de um profissional que seja experiente e rápido, pode levar menos que isso. Quando atuam dentro das alfaiatarias dos *patrões*, os calceiros costumam também realizar serviços de ajustes e reformas, pois nem sempre o volume de encomendas de calças é suficiente para ocupá-los por todo um dia de trabalho. Em casos de calceiros que trabalham em casa, para fazer valer o deslocamento do profissional pela cidade, os proprietários das alfaiatarias aguardam que duas ou três encomendas se acumulem antes de chamá-los para buscar o serviço. A feitura da calça é sempre remunerada com valores menores do que a confecção de paletós, de modo que o ganho se dá principalmente pela rapidez na produção de um certo volume de unidades⁹⁰.

Depois de receber dos proprietários das alfaiatarias as peças devidamente cortadas, os calceiros trabalham na *montagem*, etapa na qual tratam de *aviar as calças*, preparando as vistas⁹¹ de bolsos, bolsos, braguilha⁹² e pertingal⁹³, vistas do zíper, passadores e cóis. Neste processo, que antecede a costura dos quartos dianteiros e traseiros da roupa e a finalização da calça, com a aplicação dos botões e realização da barra, os alfaiates cortam, *overlocam* e costuram as partes miúdas que vão compor principalmente a região superior da calça. Muito utilizada em pequenas e médias indústrias de confecção de roupas, as máquinas *overlock* costuram vários tipos de tecidos leves e pesados e, sendo diferentes das máquinas de costura mais antigas dos alfaiates, exigem o aprendizado de novas formas de trocar agulhas, passar linhas, instalar, regular e usar acessórios.

O uso de máquinas *overlock*, que a um só tempo costuram e cortam as rebarbas do tecido, agilizou sobremaneira o serviço pois eliminou a necessidade de *chulear à mão* toda a

⁹⁰ Durante 2016, em Curitiba, o valor pago por calça confeccionada estava em torno de 50 e 60 reais. Já em São Paulo, neste mesmo período, os calceiros recebiam entre 60 e 100 reais por peça feita.

⁹¹ As vistas podem ser de dois tipos: de bolso ou de zíper. As vistas de bolso são pedaços de tecidos utilizados na parte interna dos bolsos, nos quais são costurados os forros dos bolsos. Já as vistas do zíper têm duas funções: serve à fixação dos zíperes e é colocada abaixo dele, protegendo-o da roupa de baixo.

⁹² Abertura da parte dianteira de quaisquer calças, calções, cueca.

⁹³ Espelho dianteiro de qualquer peça (calça, bermuda, saia) com zíper. Tem a função de prender a costura do zíper e dar acabamento de costura na abertura.

extensão das bordas das partes cortadas para evitar que o tecido desfie⁹⁴. Com a máquina *overlock*, essa tarefa – que exigia mais de quarenta minutos de trabalho e era o modo pelo qual os aprendizes começavam a costurar nas alfaiatarias – passou a ser realizada em menos de cinco minutos. Menos utilizada pelos paletizeiros, que forram os paletós e evitam assim o contato do corpo do cliente com o avesso do tecido e das costuras, a *overlock* é uma máquina associada principalmente ao trabalho dos calceiros, que fazem forros apenas ocasionalmente, e precisam garantir que as costuras realizadas não se desmanchem pelo atrito com o corpo do cliente.

Uma vez preparados os bolsos, os calceiros colocam o zíper, fazem o entretelamento do cóis e posicionam os passadores, costurando-os entre as pernas e o cóis da calça. Juntam, então, as frentes às partes traseiras da roupa fechando as laterais externas e as entrepernas. Mantêm perto de suas máquinas de costura alfineteiros, tesouras de tamanho médio, para cortar o tecido, e pequenas, para o desmanche de costura. Durante todo o processo, alfinetam e alinhavam o tecido preparando as várias dobras que compõem as vistas, lapelas de bolsos e extremidades do cóis para costura à máquina. Nesse ínterim, sentam-se e levantam-se várias vezes, revezando-se entre a máquina de costura e o ferro de passar com o qual *abrem* ou *tombam* as costuras, achatando seus volumes e direcionando suas margens para um lado ou outro (ver ilustração 9).

Realizados com o ferro de passar e com um pequeno pedaço de madeira de aproximadamente 6cm de largura, 3cm de altura e 15cm de profundidade, a *abertura* e o *tombamento* das costuras são feitos ora diretamente sobre o balcão de passar roupa ora com a ajuda de almofadas e de cavaletes de alfaiate. Com a mão direita, o alfaiate desliza o ferro de passar sobre a costura para logo em seguida passar no mesmo local, com o braço esquerdo, o pequeno pedaço de madeira. *Quando a gente trabalha com vincos e dobras de tecido, a gente sempre usa a madeira junto com o ferro [de passar]. O tecido tá quente e ela esfria o tecido. Ajuda a assentar as costuras.*

⁹⁴ Chulear é dar pontos na borda de um tecido cortado para evitar que se desfie. O chuleado é visível apenas em peças que não são forradas, como as calças. Antes feito manualmente, hoje é realizado à máquina.

Ilustração 9. Abrir e tombar costuras

Ao longo do trabalho de confecção das roupas os alfaiates, em variados momentos, abrem e tombam as costuras. Para isso, com o avesso da roupa voltado para cima, separam as margens de costura para lados opostos, abrindo-as, ou viram-nas para um mesmo lado, tombando-as. Para mantê-las as costuras nas posições desejadas, usam o ferro de passar, na mão direita, e um pedaço de madeira (liso e sem farpas) na mão esquerda. O ferro de passar umedece e esquenta as costuras e o pedaço de madeira resfria-as na posição desejada.

O desenvolvimento, transformação e experimentação de ferramentas e instrumentos de trabalho que facilitem o processo da confecção é bastante comum nas alfaiatarias. Um alfaiate mostrou-me uma experiência que estava fazendo com uma desempenadeira que tinha acabado de adquirir. Para *abrir e tombar* as costuras, queria uma madeira maior, que cobrisse não apenas uma pequena área da roupa, mas um pedaço mais amplo do tecido. Depois de muita procura, conseguiu comprar uma desempenadeira (ferramenta habitualmente utilizada por pedreiros) feita em madeira nobre, bem lixada, muito lisa e macia. Na semana em que nos encontramos, ele estava fazendo testes, checando se ela substituiria a contento a madeira de tamanho menor costumeiramente usada. Outro alfaiate conformou um fio de arame para facilitar o trabalho de *desvirar* os passadores, sempre costurados pelo lado avesso.

E há ainda determinados objetos, como cavaletes, molhetas⁹⁵ e almofadas de passar roupa que são tradicionalmente preparados pelos próprios alfaiates. Em relação às almofadas, por exemplo, eles costumam preenchê-las com serragem molhada. Uma vez seca, a serragem “estufa” ocupando mais espaço e tornando a almofada mais rígida. A medida que os panos que as envolvem se tornam desgastados e brilhantes pelo uso, os alfaiates cobrem as almofadas com novos tecidos ou desmancham-nas para refazê-las. Outro alfaiate mostrou-me as *experiências* feitas com tipos diferentes de entretelas para verificar sua aderência aos tecidos.

Eu testo as entretelas. Colo e depois lavo pra ver como reage. Também tem que colar bem direitinho. Não é só a qualidade da entretela. Precisa ficar o tempo certo com o ferro em cima. Se não dá bolha. Não dá na hora, que não aparece. Mas dá bolha depois. Mas hoje tem entretela muito boa no mercado. Tem que saber usar (Calceiro, Curitiba).

Mais utilizado pelos oficiais do que pelos alfaiates cortadores, o ferro de passar conforma curvas que ajudam as calças a vestir melhor, participa do entretelamento da roupa e é fundamental no bom acabamento das costuras. *Tem que passar. O ferro é o melhor amigo do alfaiate.* De caráter *profissional* ou *industrial*, os ferros de passar roupa utilizados nas alfaiatarias diferem daqueles de uso doméstico por serem mais potentes e por serem conectados a reservatórios de água instalados nas paredes. Usados durante toda a jornada de trabalho, eles são ligados no início da manhã, logo que os alfaiates chegam nas alfaiatarias, e desligados assim que o estabelecimento está para ser fechado. Para evitar a ocorrência de incêndios e também que, por um esquecimento, permaneçam acionados durante toda noite, são, às vezes, acoplados a luzes que indicam se eles estão ligados ou não. Um profissional destacou o quanto o manuseio do tecido com o ferro de passar roupa durante a *montagem* é valioso, dizendo:

O ferro de passar é muito importante. Tem muita coisa que só com ele pra dar o acabamento certo. O tecido precisa ser trabalhado para chegar no formato correto. Muito disso se faz com o ferro de passar roupa. Na calça listrada de um homem gordo, por exemplo. Aí tem que trabalhar os joelhos com o ferro de passar. Vai ali fazendo com jeito pras listras irem ficando inclinadas pelo ferro. Quando for vestir no corpo do cliente, isso faz de um jeito que elas parecem retas. Isso aí é tudo trabalho no ferro de passar (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

⁹⁵ Amarração de retalhos usada para umedecer os tecidos, quando passados a ferro. Alguns alfaiates a substituíram por borrifadores.

Ao final da confecção da calça, restos e fiapos de tecido espalham-se pelo chão do lugar, enquanto, trabalhando à mão, os calceiros fazem a bainha, pregam botões com uma linha de costura encorpada com cera de abelha e passam a calça a ferro, colocando-a no cabide. O processo de *montagem* sofre variações de um calceiro para outro, pois cada um desenvolve suas maneiras próprias de lidar com certas tarefas e tem sua sequência de passos preferida. Todos, entretanto, precisam lidar com as orientações e preferências dos donos de alfaiataria para quem prestam serviço. *Cada um tem uma maneira de fazer. O resultado, no fim, fica o mesmo, mas cada alfaiate tem seu jeito de fazer.* De modo geral, os acordos sobre como fazer determinados detalhes das calças (e também dos paletós) vão sendo estabelecidos no próprio desenvolvimento da parceria de trabalho, à medida que as roupas são confeccionadas. Em especial, quando os proprietários das alfaiatarias checam o serviço trazido pelos oficiais, momento no qual vão dizendo como preferem que determinados detalhes da *montagem* sejam feitos. *Cada alfaiate corta de um jeito e gosta do trabalho de um jeito.*

O serviço do calceiro é avaliado pela capacidade do profissional de costurar os diversos modelos da peça e também de realizar costuras retilíneas, regulares e firmes, o que se obtém não apenas pelo domínio da máquina de costura, mas de um conjunto de gestos e modos de dobrar, passar, alinhar e alfinetar os tecidos. A produção de calças exige não só pouca costura à mão, mas também pouco trabalho de entretelamento. Muito mais rápida que a confecção de paletós, cuja a produção implica a conformação de um conjunto variado de volumes, que acompanhem e aperfeiçoem o torso do cliente, nas calças se enfatiza a falta de volume dos bolsos, a lisura e o caráter apurado das costuras.

Por mais excelente que seja, vale observar que este trabalho não recebe a mesma apreciação que aquele empregado na confecção de paletós. Mesmo reconhecendo o quanto as calças de um ou outro calceiro são *bem feitas*, para mostrar a qualidade do serviço realizado em suas alfaiatarias, os proprietários delas convidam seu público a observar a beleza, o **caimento**, os caseados e os detalhes dos paletós, não das calças. São também os paletós que são colocados em exposição nos manequins. Em São Paulo, os sócios proprietários de uma das alfaiatarias da “nova geração” (apresentadas no tópico 3.6 do capítulo anterior), indicando o zelo que mantêm com as roupas ali realizadas, reforçam o lugar menor das calças entre as demais peças de roupa produzidas nas alfaiatarias: *Aqui até os caseados de calças são feitos a mão.*

Realizado em áreas menores e apenas com *entretela colada* (também denominada fusionável ou termocolante), o serviço de entretelamento nas calças serve para enrijecer e tornar

mais resistentes aberturas de bolsos, vistas de zíper e também o cóis. Aplicada no tecido sob o efeito do vapor e do aquecimento com o ferro de passar, a *entretela colada* é amplamente utilizada nos paletós produzidos por grandes confecções que fazem uso de prensas (cuja presença é rara nas alfaiatarias). Introduzida nos armarinhos na década de 1980, a *entretela colada* modificou também a preparação dos paletós pelos alfaiates, que antes trabalhavam apenas com *entretelas costuradas*⁹⁶.

Eu fui um dos primeiros aqui que adotou [a entretela colada em Curitiba]. A primeira vez que eu vi ela foi um terno italiano. Me pediram pra ajustar esse terno, aí eu vi. É muito boa. E não dá mais trabalho. Só que tem que usar uma de material bom. Antes era só enquartada. Mas eu acho a colada melhor. Aí nem o tecido nem a entretela encolhem, sabe? Pode lavar que não sai. Eu tinha um cliente que ele antes fazia [ternos] com outro alfaiate que não usava entretela colada. Depois que começou a fazer aqui comigo ele disse “vi que os ternos não mexem mais”⁹⁷. Dura mais. Fica certo (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Criticada por alguns profissionais que identificam aí uma espécie de afastamento das técnicas mais tradicionais e artesanais da alfaiataria, o uso da *entretela colada* na confecção de paletós é, às vezes, interpretada como uma concessão dos artesãos a formas mais industriais de produção. *Se você analisar ela [a entretela colada] gruda no tecido, então na minha maneira de ver ela não tem sentido porque o tecido foi feito fininho, foi feito delicado, põe uma [entretela] colante, perde todo sentido dele, perdeu a beleza do tecido.* Para outros, o uso dela modificou a própria percepção dos clientes sobre os ternos: *O freguês já se adaptou a uma coisa mais flexível. Não quer mais usar [enquartado]. Antigamente sobre a crina se usava ainda uma porção de entretela de linho e aquilo ficava uma armação.* Em outras alfaiatarias, o entretelamento feito à mão é destacado com o diferencial e como a marca da artesanidade do processo de confecção empregado:

Essa roupa não tem nada de cola. É uma roupa 100% feita a mão. 100% full canvas⁹⁸. É um trabalho de alfaiataria tradicional antiga mas com um shape,

⁹⁶ Também chamadas de *enquartadas*.

⁹⁷ No sentido de que não se deformam ou alteram mais.

⁹⁸ A expressão *full canvas* refere-se a uma forma de entretelamento de paletós na qual aplica-se a entretela de crina de cavalo em uma grande extensão da frente do paletó (do ombro até a barra). Já *half canvas* designa um trabalho mais restrito, realizado apenas do ombro até a cintura do paletó. Estas expressões não são utilizadas no cotidiano das alfaiatarias pesquisadas em Curitiba. Sua presença na fala citada acima é também indicativa do lugar diferenciado daquele que a utiliza. Atuando em São Paulo, o alfaiate que utilizou faz parte de um conjunto restrito

*com design, com uma vestibilidade moderna. Então, é uma roupa feita pra durar, com um conceito moderno mas com a tradição da vecchia sartoria italiana*⁹⁹ (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Motivo de controvérsia na confecção de paletós, a *entretela colada* é, no entanto, livremente empregada pelos alfaiates calceiros, sobre os quais nenhuma crítica a respeito do uso desse material é levantada. Isso bem aponta a hierarquia estabelecida entre as diversas funções da alfaiataria e também entre as peças produzidas. Temos, portanto, que entre as diversas peças de roupa que podem ser confeccionadas nas alfaiatarias, os ternos têm lugar privilegiado e são tratados como produto por excelência do trabalho dos alfaiates; entre os três tipos de peças de roupa que compõem o terno (calça, colete e paletó), é a calça aquela de menor prestígio, em termos da técnica, entre os alfaiates. Calças não são como paletós assim como alfaiates calceiros não são como alfaiates paletizeiros.

As diferenças entre o trabalho desses alfaiates, como temos visto, entretanto, não são do mesmo modo interpretadas por uns e outros. Menos afeitos à ideia de que sua atuação nas alfaiatarias tem um fundo vocacional, os calceiros por vezes afirmam sua recusa deliberada em percorrer o caminho do *avanço* na profissão. Um calceiro relatou que o *patrão*, com quem aprendeu a fazer calças aos dezoito anos de idade, e para quem trabalhou por mais de trinta anos, quis lhe ensinar a fazer paletós, mas ele recusou: *Eu não quis não. Fiquei só com a calça que é trabalho suficiente*. Outro, tratando do assunto em termos financeiros, apontou: *Quem precisa de dinheiro, aprende a fazer calça e aí já não vai adiante porque precisa ganhar. Não pode ficar muito tempo aprendendo*. Também ocorre que, passando da condição de aprendizes à de profissionais, muitos alfaiates se viram em condições de casar e assumir, então, responsabilidades em relação ao sustento de suas famílias. O que, entretanto, por vezes, também acabou por inviabilizar sua dedicação ao lento aprendizado da confecção de paletós.

4.7 Mulheres na alfaiataria

de alfaiates descritos no tópico 3.6 do capítulo anterior, cuja formação inclui viagens ao exterior, em especial à Inglaterra, onde as expressões acima são utilizadas.

⁹⁹ Fala extraída de vídeo publicado no dia 30 de setembro de 2016 no perfil do Instagram de Vasco Vasconcelos, proprietário da alfaiataria Vasco Vasconcelos, único ateliê autorizado no Brasil, pela tradicional alfaiataria inglesa Scabal. No vídeo, o alfaiate filma a primeira prova de um paletó produzido em sua alfaiataria.

Muitas mulheres costumavam *antigamente* prestar serviços para as alfaiatarias, trabalhando em suas próprias casas como oficiais calceiras, e sendo remuneradas por peça confeccionada. Hoje em dia, entretanto, em Curitiba, essas profissionais são raras. Encontrei apenas duas em atividade durante o trabalho de campo: ambas eram esposas de proprietários de alfaiatarias que se dedicavam aos afazeres domésticos pela manhã e iam à tarde para os estabelecimentos dos maridos, período no qual trabalhavam costurando calças. Outras esposas de alfaiates frequentavam as alfaiatarias do mesmo modo, no período vespertino, mas realizavam ali apenas costuras pessoais (para si mesmas e para seus filhos e netos) e de peças de artesanato para casa. Utilizavam, nesse caso, pequenas máquinas portáteis de motor elétrico, chamadas de máquinas *ziguezague*, bem diferentes daquelas usadas pelos alfaiates, que são de ferro e de motor mecânico¹⁰⁰.

Em seu trabalho sobre as experiências e conhecimentos femininos ligados à produção de vestuário em São Paulo na primeira metade do século XX, Wanda Marelonka observa que as tentativas femininas de trabalhar na confecção da indumentária masculina sofriam forte resistência. Apenas quando havia muito serviço e a mão de obra era escassa, sugere a autora, os alfaiates superavam seu apego à profissão e também o medo da concorrência, e recorriam ao trabalho feminino. “Desse modo, os alfaiates confeccionavam tanto a roupa masculina, com exceção das calças costuradas pelas mulheres, como os trajes femininos. As costureiras cosiam vestidos e outras peças da indumentária feminina e preparavam a roupa pessoal e de uso da casa” (MARELONKA, 2007, p.27).

Se a presença feminina nas alfaiatarias não é de todo incomum, é certamente minoritária e atrelada, de modo geral, aos serviços de menor remuneração ou mesmo não-remunerados¹⁰¹. As esposas dos proprietários também costumam, sempre que necessário, fazer os serviços bancários e as compras de aviamentos. Sua contribuição é referida pelos alfaiates e por algumas delas mesmas como uma *ajuda*. Trabalho, portanto, de natureza diferente daquele que é

¹⁰⁰ A presença vespertina das esposas nas alfaiatarias é possibilitada pelo fato de que, com o crescimento dos filhos, em sua quase totalidade adultos, as mulheres já não precisam cuidar deles e o próprio volume de trabalho doméstico diminui.

¹⁰¹ Os monopólios profissionais e suas regras tradicionalmente fixadas e registradas pelas corporações desempenharam, destaca Gilles Lipovetsky (1989), um papel muito importante na produção de moda até a metade do século XIX, pois o alto grau de divisão do trabalho, a organização minuciosa e a regulamentação coletiva que promoveram foram a condição de uma produção de altíssima qualidade. No que diz respeito à divisão entre as diferentes categorias, o autor indica que apesar das Corporações de ofício estarem já bem organizadas na metade do século XII, nas cidades medievais, foi apenas em 1675 que se constituiu uma corporação de costureiras que obteve autorização para fazer os trajes femininos (LIPOVETSKY, 1989, p.52).

realizado pelos seus maridos, pelos oficiais e, também, pelas calceiras¹⁰². Não se trata aqui, é claro, de uma característica fortuita deste ambiente de trabalho, mas sim de um esforço deliberado para distinguir habilidades, responsabilidades e tarefas pertinentes a maridos e esposas, a homens e mulheres. Como sugere Maria Ignez Paulilo (1987), tratando da fumicultura do sul do Santa Catarina, a distinção entre o trabalho “leve”, atribuído a mulheres e crianças, e o “pesado”, imputado aos homens, diz respeito não à natureza do trabalho realizado mas sim à hierarquia familiar aí posta. A menor remuneração paga às mulheres e crianças decorre, sugere a autora, da

[...] valorização social do homem enquanto “chefe de família”, responsável pela reprodução de seus “dependentes”. Assim, o trabalho desses últimos fica em plano secundário, cabendo, nestes casos, uma remuneração que apenas “ajuda” a composição do orçamento familiar. A conclusão, portanto, é clara: o trabalho é “leve” (e a remuneração é baixa) não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar (PAULILO, 1987, p.7).

Não é sem razão que, indicando seus maridos como os *profissionais* da área, algumas esposas, mesmo tendo prática na atividade de corte e costura, afirmam que pouco ou nada sabem de alfaiataria. Depois de me contar sobre os diversos pijamas e fantasias que tinha costurado para seus filhos e netos, e de também mostrar os ajustes que providenciara em suas próprias roupas, a esposa de um alfaiate respondeu a minha pergunta sobre com quem ela tinha aprendido a costurar dizendo que não sabia costurar. *Faço minhas coisinhas. Dou um jeito aqui e outro lá e vou fazendo, mas não sei costurar. Serviço de alfaiate não sei.* Referindo-se aos panos de prato que a esposa de outro alfaiate fazia, disse: *Você viu, ela também não sabe. Mas faz os paninhos lá dela.*

Para alguns alfaiates, incentivar suas esposas (ou filhos) a trabalhem nas alfaiatarias é razoável apenas como um último recurso em contextos de necessidade familiar, quando torna-se então algo *preciso*. Foi nesse sentido que um oficial paletoeiro, que trabalha em um pequeno atelier em sua própria casa, contou-me que, há muitos anos atrás quando sua esposa começou a aprender o serviço de calceira, ele tratou de demovê-la da ideia dizendo: *Chega. Pra quê isso?*

¹⁰² Aued e Eissler, em pesquisa realiza em Jaraguá do Sul (SC) observam, em referência a filhas de alfaiates que entrevistaram: “Elli, Elza Buck (filha de Jacob Buck), Odila Borges (filha de Heleodoro Borges) são exemplos da presença feminina na alfaiataria. A elas cabia **auxiliar** na confecção da roupa sob medida. Contudo, nesta pesquisa, não constatamos mulheres proprietárias de alfaiatarias” (2006, p. 115, grifo nosso).

Já basta eu nessa vida. Não precisa. Na sequência, sobre a situação da esposa do proprietário de uma alfaiataria, que atua como calceira, o oficial considerou: *Não precisaria estar fazendo isso. Eles já têm dinheiro. Não teria necessidade de ocupar a esposa neste trabalho.*

O trabalho feminino na costura de calças, entretanto, já foi bastante comum, sendo considerado uma atividade interessante em especial para as mulheres casadas que podiam, na condição de calceiras, conciliar as responsabilidades domésticas com uma atividade remunerada¹⁰³. Já as calceiras que trabalhavam dentro das alfaiatarias, e não em suas próprias casas, parecem ter sido principalmente aquelas que eram aparentadas dos proprietários dos estabelecimentos. Um alfaiate contou que seu aprendizado se iniciou na infância, na alfaiataria do seu pai, como auxiliar de sua mãe, que era calceira. Sua responsabilidade como aprendiz era fazer à mão as barras de calça e realizar todos os passos da confecção que são feitas com o ferro de passar. Ficava, portanto, em pé ao lado do balcão de passar roupa enquanto sua mãe permanecia sentada à máquina. Evitavam deste modo o deslocamento dela entre um lugar e outro e o trabalho assim ia rápido. Acompanhando a mãe, ele ia aprendendo o trabalho ao mesmo tempo em que ajudava na sua realização.

¹⁰³ Chama a atenção também a quase completa ausência de referências a mulheres que atuam ou atuaram como oficiais paletozeiras ou como proprietárias de alfaiatarias. Os casos excepcionais eram lembrados pelos alfaiates, principalmente, por estímulo meu, que sempre busquei referências nesse sentido. Os poucos, e alquebrados, relatos que obtive faziam referência a histórias de mulheres sobre as quais os profissionais “ouviam falar”: em geral, esposas de alfaiates que, tendo acompanhado de perto o trabalho de seus pais e maridos, diante do falecimento dos companheiros e da impossibilidade dos filhos de tocarem o negócio, assumiram o papel de paletozeiras e/ou de proprietárias das alfaiatarias. Apenas em uma das alfaiatarias pesquisadas, em São Paulo, encontrei uma oficial paletozeira trabalhando dentro da oficina. Tivemos, entretanto, poucas oportunidades de conversar.

Ilustração 10. Máquinas de costura presentes nas alfaiatarias

- (A) Máquina de costura usadas pelos alfaiates
- (B) Máquina de costura usadas pelas esposas dos alfaiates
- (C) Máquinas de costura do tipo overlock usadas principalmente pelos calceiros.

4.8 Bolsos

A preparação e a colocação dos bolsos em calças pouco se diferenciam da preparação e colocação de bolsos em paletós, de sorte que a confecção de variados tipos deles (chapados ou embutidos, com um ou dois vivos¹⁰⁴, com portinhola e dois vivos, com portinhola e um vivo, inclinado ou reto e tipo faca) é um procedimento igualmente dominado por calceiros e paletizeiros. A realização dos bolsos é composta de diversos passos e gestos que tratam não apenas do ato de costurar e passar a ferro, mas também de esticar e tensionar as costuras e/ou os pedaços de tecido de modo a, preparando-os do lado avesso, fazer com que uma vez desvirados para o lado direito, apresentem-se de um determinado modo. Assim, ao preparar por exemplo um bolso de tipo faca para uma calça, os alfaiates devem, reunindo pela costura à máquina os diversos pedaços de tecido que o compõe, esticar um deles em específico para conformá-lo de tal forma que fique mais ajustado. *Precisa esticar bem porque assim o bolso fica fechado, assenta melhor. Assim, cria uma curva nesse pedaço, quando for virar do avesso [para o lado direito], o bolso tende a fechar.*

Na realização de bolsos de um ou dois vivos, o trabalho começa pelo entretelamento do local no qual será realizada sua abertura, o que garante que o tecido não desfie e que se torne mais resistente ao abre e fecha que é a movimentação habitual dessa parte da roupa (ver ilustração 11). Os calceiros reforçam o risco feito pelo cortador onde será realizada a abertura do bolso e fixam com alfinetes as vistas de tecido que conformarão os dois vivos, uma do lado inferior da linha de abertura e a outra na parte superior. Com a máquina, costuram duas linhas rigorosamente paralelas a meio centímetro do riscado feito a giz e, seguindo a linha traçada, cortam o tecido resguardando de ambos os lados um centímetro. Nos cantos da abertura dos bolsos fazem dois *piques* diagonais. Para garantir a finalização correta do trabalho, os cortes devem ser feitos com muita precisão pois o descompasso entre uns e outros pode entortar as laterais do bolso, deixando-o *feio*. Na sequência, os alfaiates *viram o bolso*, passando as vistas com os quais conformarão os vivos para o lado avesso da peça. Dobram e vincam as vistas, passando-as à ferro para fixar seus tamanhos. A partir de então, passam a trabalhar, todo o tempo, olhando ora para o avesso ora para o direito. Costuram as laterais dos bolsos, fixam o forro e fazem as costuras de acabamento na frente.

¹⁰⁴ Ver ilustração 11.

Ilustração 11. Preparação de bolso de dois vivos

- (A) Riscado em giz onde será realizada a abertura do bolso
- (B) Entretelamento
- (C) Aplicação das duas vistas
- (D) Corte da abertura do bolso e piques laterais em diagonal
- (E) Vistas viradas para o avesso do tecido
- (F) Vistas viradas no lado avesso do tecido
- (G) Bolso com dois vivos

Apesar de ser realizada com rapidez, a confecção dos bolsos exige cuidado pois os cortes, os piques, as dobras e as marcações devem ser feitas com precisão, de modo que correspondam milimetricamente ao tamanho estabelecido. Essas medidas pequenas (um centímetro, meio centímetro e um milímetro) são todas *tomadas no olho*, sem uso de régua ou fita métrica. Do mesmo modo, as costuras, precisamente iguais e paralelas, exigem o domínio de um modo de conduzir o tecido adequadamente no pé da máquina de costura¹⁰⁵. Alinhavando, costurando e pespontando o bolso, os alfaiates realizam um conjunto variado de movimentos pequenos (puxar, segurar, alisar, vincar e esticar) por meio dos quais acomodam os cantos, costuras e dobras de tecido de modo a conseguir que estes se apresentem achatados e retilíneos.

Na confecção de calças, assim como ocorre com os paletós, os bolsos são preparados todos em uma única leva, de sorte que uma vez finalizados, possa se passar, então, a uma outra etapa do processo de *montagem*. Durante meu aprendizado, fui orientada a fazê-los sempre em sequência, cuidando primeiro dos bolsos traseiros e depois dos dianteiros, o que ajudava a garantir que eles ficariam mais semelhantes entre si. Recebi também a recomendação de não *parar pela metade*, mas sim ao fim da realização dos pares de bolsos direitos e esquerdos. Essas orientações diziam respeito não apenas à produção de bolsos simétricos. Eram também um incentivo ao desenvolvimento de um determinado ritmo de trabalho que tornaria a tarefa mais fácil e bem-sucedida.

Explorando o vínculo entre a mão e a cabeça, Sennett (2012) sugere que, ao contrário dos educadores que pregam que o interesse mental e emocional leva a concentração, a observação do desenvolvimento de longo prazo das habilidades manuais mostra que é a capacidade de se concentrar por longos períodos que leva a pessoa a envolver-se emocional ou intelectualmente: “O ritmo tem dois componentes: o acento de uma batida e o andamento, a velocidade de uma ação [...] a acentuação repetida de uma cadência estabelece a forma-tipo” (p.197). Partilhando uma ideia próxima, Leroi-Gourhan (1987) enfatiza a preeminência do gesto, do ritmo e dos processos sobre produtos e as ferramentas: “Os ritmos, pelo menos para o sujeito, são criadores do espaço e do tempo; espaço e tempo só existem como vividos na medida em que se tenham materializado num invólucro rítmico. Os ritmos também são criadores de formas” (p.117).

¹⁰⁵ Diante da minha dificuldade de costurar as linhas retas e paralelas, fui instruída a usar a largura do pé da máquina para me orientar em relação a linha tracejada em giz. Essa solução ajudaria no começo, mas não funcionaria caso eu mudasse de máquina de costura, pois nem todas têm pés iguais. A ideia é que com a prática e o maior domínio da própria máquina de costura aumentaria também a minha capacidade de alinhar e de iniciar e interromper a costura nos momentos corretos

Neste aspecto merece atenção também o fato de que, quando os alfaiates tinham que parar para me explicar algo sobre o serviço, diminuindo o ritmo do que estavam fazendo, acabavam se atrapalhando na própria feitura da tarefa. Isso ocorria não porque não soubessem suas etapas, claro, mas sim porque tendo que falar sobre elas, perdiam-se na concatenação dos passos, desconectando-se do ritmo de trabalho ao qual estavam habituados. O mesmo não acontecia, entretanto, quando, durante o trabalho, contavam-me episódios, histórias e causos de alfaiatarias ou opinavam sobre os assuntos mais diversos. Ocasões nas quais, apesar de estarem falando sobre assuntos alheios ou paralelos às atividades que estavam realizando, permaneciam integrados nas ações em curso.

4.9 Fazer paletós

Os paletós exigem dos paletozeiros cerca de um dia e meio de trabalho. Feitos predominantemente à mão, são formados não só pela costura, mas também pelo processo de sobreposição de diversas entretelas por meio das quais os ombros e o peito dos paletós ganham volume e as barras, golas e lapelas ganham firmeza, inclinações e curvas. Nos paletós o entretelamento corresponde a justaposição de entretelas de materiais, gramaturas e tipos diferentes em partes específicas da roupa (o que se faz ora por meio da colagem com ferro de passar ora por meio da costura). Este trabalho abrange uma área grande da peça e dá volume e estrutura a junção de ombro, peito e *cabeça da manga*, sendo, em grande parte, responsável pelo seu **caimento**. O entretelamento também interfere na durabilidade da roupa pois garante que sua forma permanecerá a mesma ao longo dos anos. Se bem-sucedido, ele valoriza o corte. Mal feito, entretanto, pode *matar* um tecido, alterando suas propriedades de maleabilidade e peso, ou mesmo dificultando os movimentos do cliente.

Apreciados em suas características (*acetinado, macio, leve, bonito, quente, fresco*), os tecidos resistem ou facilitam determinadas ações e se afinam (ou não) com certos tipos de entretela. *Os tecidos mudaram muito. Estão melhores. Mas não pro alfaiate. São tecidos cada vez mais leves e mais difíceis de trabalhar.* Suas qualidades e valores interligam-se à qualidade e ao valor do trabalho dos próprios alfaiates visto que é corrente a ideia de que nem todos os profissionais estão habilitados a lidar com os tecidos de custo mais alto e características especiais. Admirados pela sua qualidade, pelo conforto e também tecnologia que carregam hoje em dia, os tecidos são também considerados *difíceis* pois desafiam a responsabilidade dos

alfaiates cortadores, que não devem pôr em risco um material de tal modo caro, e as habilidades do paletozeiros, que precisam imprimir-lhe formas tridimensionais.

A distribuição do serviço entre os alfaiates leva em conta não apenas a disponibilidade do paletozeiro, mas também as características da roupa, do oficial e também do tecido. *Tem que ver se [o funcionário] tem mão pesada ou leve. Os que tem mão pesada só recebem tecido pesado para costurar, porque se não vão marcar o tecido com pontos que aparecem mais.* Diante de uma encomenda de paletó de veludo, um proprietário de alfaiataria considerou que era melhor não o repassar para determinado paletozeiro pois, apesar de estar disponível para receber um novo serviço naquele momento, ele tinha um *problema de fraqueza nos braços* e não corresponderia bem à força exigida para costurar o tecido. Em uma outra situação, um paletozeiro, após levar o serviço de montagem de um paletó para casa, retornou à alfaiataria sem tê-lo realizado. Feito em um tecido de malha moletom, um material muito diferente das lãs¹⁰⁶ com as quais o paletozeiro habitualmente trabalhava, o paletó exigia, na opinião do profissional, um tipo de trabalho diferente daquele que ele sabia fazer. Apesar de ter considerado inicialmente que poderia realizar o serviço, ao começar a trabalhar na peça achou melhor sugerir que o proprietário da alfaiataria a repassasse para outro paletozeiro.

O trabalho de *montagem* do paletó contempla um conjunto variado de tarefas: a) a costura das laterais direita e esquerda da frente do paletó às ilhargas¹⁰⁷; b) o *tirar a marcação* (alinhavando as principais linhas do riscado do paletó); c) a união, com costura à máquina, das laterais direita e esquerda que compõem as costas; d) a preparação e aplicação dos bolsos externos (se houverem); e) a preparação do forro e dos bolsos internos; f) a montagem e aplicação do *reforço de peito*; g) a preparação da lapela e aplicação do *cadarço*; h) a costura do forro; i) a preparação das aberturas das costas; j) a união das frentes e das costas do paletó e a preparação da sua barra; k) a colocação da *cachaceira*¹⁰⁸; l) a costura do forro das costas; m) a montagem dos ombros; n) a preparação da gola e do *baixo de gola*; o) a costura da gola no paletó e a colocação da *capa da gola*; q) a preparação e união da manga com seu forro; r) a preparação da ombreira, do *tapa miséria*¹⁰⁹ e a costura e colocação da manga do paletós e, por

¹⁰⁶ Sendo um tecido, a lã é o resultado do entrelaçamento de dois conjuntos de fios (urdume e trama) que formam entre si um ângulo de 90°. Já malha é composta de fios têxteis, tramados na direção horizontal. Compõe-se, portanto, de um conjunto de carreira que entrelaçadas umas nas outras sobem em colunas.

¹⁰⁷ Parte lateral do terno (Ver ilustração 13)

¹⁰⁸ Entretela cortada em viés colocada nas costas do paletó na região onde parte da gola será fixada (Ver ilustração 16).

¹⁰⁹ Reforço feito em espuma torna a queda da manga suave na região da cabeça da manga.

fim, a colocação dos botões e a feitura do caseado, dos *mosquitinhos*¹¹⁰ e do *ponto picado*¹¹¹ na barra e contorno da gola.

Uma das primeiras ações do paletozeiro, o ato de *tirar a marcação* consiste em alinhar os traços mais importantes do paletó (ou seja, as linhas da cintura, da bainha, do ombro, do meio de costas e da lapela) com um ponto frouxo, feito em linha simples de algodão em cor contrastante à do tecido, em geral branca. Ao *tirar a marcação* o alfaiate garante que as linhas de orientação do serviço, riscadas pelo profissional cortador, permaneçam indicadas no tecido mesmo que o traçado a giz seja apagado em função da movimentação das peças cortadas de um lugar a outro¹¹². Menos usadas na atualidade, visto que com a redução dos serviços as peças cortadas esperam menos para serem confeccionadas e, portanto, correm menos risco de terem seu riscado de giz apagado, essas linhas orientam o posicionamento simétrico das partes esquerdas e direitas da roupa e, somadas a outros alinhavos que serão feitos no desenvolvimento do paletó, podem nele permanecer até a sua última prova.

Ilustração 12. Tirar a marcação

Para *tirar a marcação*, os alfaiates alinhavam com ponto frouxo as principais linhas da roupa riscadas a giz. Logo em seguida cortam esse alinhavo separando os lados esquerdo e direito da roupa.

¹¹⁰ Ornamento feito com linha na qual costura-se um ponto com um pequeno volume.

¹¹¹ Ornamento que marca com pequenos pontos regularmente espaçados o contorno da lapela e da abertura frontal do paletó.

¹¹² Em desuso em Belo Horizonte (MG), esta prática é descrita por Barbosa do seguinte modo: “A técnica consiste em marcar as principais linhas do traçado do paletó no tecido, tais como as linhas da cintura, bainha, quebra de lapela, entre outras. Isto é realizado por meio de pontos de alinhavo frouxos, com linha simples, e posterior separação das partes e corte da linha fazendo com que a marcação de linha permaneça em ambas as partes” (BARBOSA, 2015, p.99).

4.10 Reforço de peito

Os ombros, a cabeça da manga, a gola e o peito do paletó são especialmente importantes para que esta peça do terno tenha o que alfaiates chamam de um **bom caimento**, ou seja, para que se ajuste as dimensões e volumes do cliente, acompanhando sua silhueta sem apresentar sobras, rugas, franzidos, ondulações ou vincos. Essas partes devem conformar o espaço que vai abrigar o corpo do cliente se unindo umas às outras, de modo a, costuradas entre si, permanecerem principalmente justas e lisas. Localizadas na parte superior do paletó, elas são consideradas importantes, entre outras coisas, porque emolduram a cabeça de quem veste a roupa e também porque ficam à altura da vista de quem se aproxima do cliente. Como veremos neste tópico, cuidadosamente entretelado, o peito do paletó é construído de modo a corresponder as medidas do freguês, mas não a decalcá-las. Se, por um lado, a alfaiataria **sob medida** toma de empréstimo os contornos dos clientes que encomendam as roupas, por outro, lhes dá novas formas, atribuindo-lhes alinhamentos, volumes e uma lisura que não lhes são próprios.

Responsável, em parte, pelo peso da peça de roupa, as formas de entretelamento variam não apenas de um alfaiate para outro, mas também a depender das peças em confecção e da estação do ano para a qual roupa está sendo confeccionada. Sobretudos e casacos longos precisam de entretelamento que sustente toda a extensão de tecido que os compõem. Já os paletós de verão costumam ser feitos com um entretelamento mais leve que não aqueça o cliente que o veste. Composto pela sobreposição de entretelas de três variedades de materiais cortadas em formatos e tamanhos diferentes, o reforço de peito é uma base interna por meio da qual se molda o corpo do paletó. Parte importante do processo de entretelamento, ele é preparado depois que as peças de meio frente são costuradas às ilhargas, o reforço de peito é montado de acordo com o tamanho dessas duas partes unidas.

A primeira camada que o compõe, a maior de todas, é feita em entretela de linho ou de algodão. Menor, a segunda camada é feita em entretela de crina ou de lã. Curta e feita em flanela, a terceira camada tem, em uma de suas laterais, a forma de um “s”. Recobrimo apenas uma região restrita da parte superior do peito do paletó, ela acompanha as linhas da cava e do ombro. Mais macia que as duas primeiras, a última camada de entretela suaviza o contato do reforço de peito com corpo do cliente.

Ilustração 13. Reforço de peito¹¹³

O reforço de peito é composto pela justaposição de três camadas de entretela. A primeira é feita em linho ou algodão. A segunda, de crina de cavalo. E a terceira, em feltro. Duas pences, uma fechada no tórax, e outra aberta na linha do ombro ajudam a moldar o formato do reforço de peito.

O reforço de peito ganha forma, entretanto, não apenas pelo volume obtido com a reunião destas entretelas, mas também porque os alfaiates lhes aplicam duas pences. Uma, feita na primeira entretela, localiza-se no meio do tórax e é costurada de modo a permanecer fechada, constituindo assim uma proeminência suave nesta região. A segunda pence, realizada na segunda camada de entretela, é costurada de maneira que permaneça aberta, o que amplia o comprimento do ombro e facilita a movimentação do braço do cliente. Antes de ser costurada às demais, a terceira camada de entretela é trabalhada no ferro de passar para que, sob o efeito do aquecimento, sua borda superior (na linha do ombro), seja alargada, acompanhando, assim, a curvatura da pence realizada na camada intermediária.

A união dessas três camadas de entretela é feita por meio de pontos diagonais chamados pelos alfaiates de *espinha de peixe*. Realizado em toda a extensão das peças unidas (e não apenas

¹¹³ Na realização desta ilustração tomou-se como referência fotos do manual de paletó, desenvolvido por Barbosa em sua dissertação de mestrado (2015).

em suas laterais ou bordas), este ponto é usado em diversos momentos da confecção do paletó, não só porque costuram uma coisa à outra, mas principalmente porque ajudam a conformar volumes e a direcionar entretelas e tecidos para um lado ou para outro, ao mesmo tempo em que mantêm a flexibilidade desses materiais. Para fixar o reforço de peito no tecido do terno, os alfaiates costuram uma entretela chamada *cadarço*¹¹⁴ em toda a borda da frente do paletó, do início da linha da quebra da lapela até o fim da curva que alcança a barra. Fazem isso primeiro por meio do alinhavo e depois com o ponto *pé de galinha*.

Diferentemente do ponto *espinha de peixe*, no qual os alfaiates usam a mão esquerda como um apoio para formar a tensão necessária para curvar tecido e entretela na posição desejada, o ponto *pé de galinha* é realizado de modo a prender o tecido sem interferir em seu caimento. Feito do modo adequado, ele prende a linha de costura nos fios de urdidura do tecido, sem que chegue, entretanto, a atravessá-los. O ponto invisível, por sua vez, é trabalhado com a bainha do tecido dobrada sobre si mesma. Os alfaiates fazem um zigue-zague com a linha, pegando em cada camada do tecido apenas um ou dois fios dele. Para que os pontos fiquem de fato invisíveis, é preciso aí controlar a tensão da linha que não pode ficar esticada demais.

Ilustração 14. Ponto espinha de peixe, ponto pé de galinha e ponto invisível

Além de ser utilizado na confecção do reforço de peito, o ponto *espinha de peixe* é utilizado na realização de lapelas, golas e ombreiras. Os pontos *pé de galinha* e *invisível* são utilizados na realização em acabamento e também na colocação da entretela *cadarço*.

Depois de costurar, por meio do *cadarço*, o reforço de peito na frente do paletó, os paletozeiros cuidam, então, do entretelamento da lapela. Como ela deve voltar-se para fora do

¹¹⁴ Tipo de entretela que pode ser comprada em rolo ou feitas com entretelas cortadas no tamanho de uma fita de 1,5 centímetro de largura.

paletó, os alfaiates aplicam o ponto *espinha de peixe* (agora em uma versão menor e mais próxima) conformando uma inclinação que facilitará a *quebra da lapela*, ou seja, a dobra (para o lado de fora do paletó) que a caracteriza. Além disso, posicionam a entretela e o tecido de modo que ambos se curvem sobre sua mão esquerda, com a qual vão modelando a inclinação da lapela, enquanto com a mão direita usam a agulha e linha.

Ilustração 15. Entretelamento do contorno da frente e da lapela¹¹⁵

O entretelamento do contorno do paletó é feito de modo a tensionar o tecido para dentro. Já o entretelamento da lapela é feito de modo que tenda a virar para fora.

Se na lapela o entretelamento é feito de modo a fazer o tecido virar para fora; na parte inferior do paletó, na curva das extremidades da barra, a aplicação do *cadarço* é feita com uma tensão que visa inclinar suavemente essa parte da roupa para dentro. Para isso o alfaiate costura o *cadarço* de modo que este puxe o tecido ao qual está sendo costurado para dentro do paletó. A construção desse jogo de tensões por meio do qual a lapela e curva da barra voltam-se

¹¹⁵ Na realização desta ilustração tomou-se como referência fotos do manual de paletó, desenvolvido por Barbosa em sua dissertação de mestrado (2015).

respectivamente para fora e para dentro, exige também o uso do ferro de passar e das almofadas de passar roupa, com as quais reforçam-se as curvas e inclinações desejadas.

4.11 Forro, aberturas e *cachaceira*

Terminado o reforço do peito e feita a lapela, os paletozeiros preparam o forro sob o qual todo o trabalho de entretelamento ficará encoberto. Na curva da barra das frentes do paletó, os alfaiates fazem pequenos piques que impedem que o tecido repuxe ao ser desvirado. No canto da lapela, aparam uma ponta do tecido para evitar o volume depois que a costura for aberta. Feitas as costuras, piques e cortes, é preciso desvirar a frente do paletó. Os alfaiates acomodam as costuras abertas de modo que as inclinações, para fora, na região da lapela, e para dentro, na curva da barra, obtidas por meio do entretelamento, não se percam. Na sequência, alinhavam e passam a ferro a frente do paletó, cuidando para que as costuras abertas e desviradas fiquem retilíneas.

Antes de aplicar o forro nas costas do paletó, é preciso entretelar o contorno da gola com a *cachaceira*, uma entretela cortada em viés¹¹⁶ que serve à sustentação do decote onde a gola do paletó fica presa. Os alfaiates entretelam também as aberturas do paletó, que podem ser em número duas ou uma. Feita na linha de costura do meio das costas do paletó ou naquelas que unem as ilhargas às costas, as aberturas, assim como a barra do paletó, são entreteladas, vincadas, passadas a ferro e unidas ao forro do paletó com o *ponto invisível*. Os paletozeiros unem, então, o revel¹¹⁷ com o forro e tratam de costurar as etiquetas indicando a marca do tecido usado e também a alfaiataria onde o terno foi confeccionado (Ver ilustração 16). Alguns acrescentam também aí a indicação, datilografada em máquinas de escrever, do nome do cliente e da data de entrega do terno.

O forro das costas é preparado com o cuidado de se realizar uma prega no centro dele. Alfinetada, alinhavada e depois vincada com ferro de passar, essa prega facilita os movimentos de quem veste o paletó e permite que o forro seja suavemente movimentado pela camisa do

¹¹⁶ O corte oblíquo, chamado de corte “em viés”, é feito no tecido ou nas entretelas para dar mobilidade as partes da roupa.

¹¹⁷ Peça do mesmo tecido da roupa usadas no acabamento da parte interna das roupas. Nos paletós é utilizada nas aberturas (da frente e das costas e também nas barras de manga e do blazer). Também pode ser utilizado em cavas de roupa. Tanto serve para ajudar a dar sustentação a parte da roupa quanto para dar-lhe uma boa finalização. (Ver ilustração 16).

cliente sem que se esgarce ou rasgue. Toda a confecção do paletó exige a realização de alinhavos e de pequenos piques em determinados pontos. Esse cuidado na realização das dobras e vincos e das costuras que permanecem discretas – quando não, de fato, invisíveis – faz com que o interior do paletó se apresente tão bem finalizado quanto o exterior, de modo que ao mostrarem os paletós para os clientes (e para uma pessoa interessada, como era meu caso), os alfaiates fazem questão de abri-los, exibindo também os acabamentos internos da peça de roupa.

Ilustração 16. Visão da parte interna do paletó

A cachaceira é uma entretela cortada em viés que serve à sustentação do decote onde a gola do paletó será presa.

4.12 Gola, ombros e manga

A gola do paletó é constituída por duas partes: a capa e o baixo. A capa da gola é confeccionada no mesmo tecido do paletó e é a parte que, anexa à lapela, fica à vista. Escondido pela capa da gola, o baixo da gola é confeccionado pela associação do tecido (em geral, da mesma tonalidade do paletó) com entretela de linho. Responsável pela forma curva e dobrada

da gola, o baixo da gola é realizado por meio da aplicação de inúmeros pontos. Traçada de acordo com o contorno do decote das costas e também acompanhando a linha da quebra da lapela, a gola deve assentar sobre a curva do pescoço do cliente, sem que fique excessivamente alta, cobrindo a gola da camisa que ele veste, nem baixa. Sendo uma peça que dobra sobre si mesma, a gola é formada pela junção do feltro e da entretela de linho, que compõem o *baixo da gola*, e também pelo tecido do terno, com o qual se faz a *capa da gola*. Cortados em viés, esses materiais precisam ser explorados em toda a sua flexibilidade para que o formato adequado seja alcançado. *O tecido tem de estar bem molinho pra fazer a curva direito.*

Responsável pela curva e pela dobra da peça, a confecção do *baixo da gola* se inicia quando os alfaiates molham a entretela de linho para evitar que ela encolha ou deforme quando a peça estiver pronta. Depois de alinhavá-la na entretela de feltro, os alfaiates, acompanhando o riscado central, costuram, com ponto corrido e fio de seda, a linha de *quebra da lapela*, por onde fazem o tecido correr de modo a dividir a gola em dois lados levemente franzidos. Dobrando a gola longitudinalmente, os alfaiates trabalham toda sua extensão com o ponto *espinha de peixe*. No pé da gola, o lado menor dela, aplicam pontos pequenos e próximos em uma mesma direção conformando uma curva redonda¹¹⁸. No lado mais amplo, trabalham o ponto *espinha de peixe* em uma versão maior e em direções opostas do lado esquerdo e do direito. Terminado esse trabalho, os alfaiates cortam as bordas da entretela de linho e levam a gola para o balcão de passar ferro, onde intensificam e conformam novamente, com o aquecimento e o vapor, as curvas já criadas. *Tem que controlar bem o ângulo.*

¹¹⁸ Peça que costuma ficar escondida, o feltro que compõe o verso do baixo de gola tem sido recentemente utilizado por alguns clientes em cores vibrantes que ficam a vista apenas quando estes, por exemplo, num dia frio levantam as golas dos paletós para proteger o pescoço do vento. Em ternos para casamentos, alguns clientes solicitam que uma pequena frase ou a data da ocasião seja bordada no terno, trabalho feito à máquina pelos alfaiates (ou repassado a bordadeiras que o fazem à mão ou à máquina) esse serviço é feito antes da próxima etapa de confecção do terno.

Ilustração 17. Preparação da gola

- (A) Alinhavando a entretela de linho na de feltro
- (B) Conformando a curva da quebra da lapela com ponto *espinha de peixe*
- (C) Corte das bordas da entretela de linho
- (D) Passando a ferro para fixar a curva da linha de quebra do paletó
- (E) Baixa de gola pronto

Finalizada a estrutura do baixo da gola, os alfaiates fixam-na no corpo do paletó, na região antes reforçada pela *cachaceira*. Trabalhada em viés, a capa da gola cobre todo o entretelamento do baixo de gola curvando-se sobre a dobra da lapela. *Quando o tecido permite trabalhar, fica perfeito*. Feita com pontos pequenos e discretos, a fixação da capa não deve alterar a dinâmica da gola nem impedir que a curvatura ali realizada se movimente com o tirar e colocar do paletó. A lã, tecido tipicamente usado na confecção dos ternos, facilita essa atividade: *A lã aceita o trabalho, vai trabalhando, vai fazendo. Fica no jeito*. Nas pontas da gola que vão se encaixar na lapela o trabalho é feito com pontos miúdos.

Ilustração 18. Colocação da gola

- (A) Analisando a curva do paletó onde será colocada a gola
- (B) Ajustando a gola no corpo do paletó
- (C) Costurando gola ao corpo do paletó
- (D) Avaliando a adequação da curva da gola em seu encaixe com a lapela.

Importantes na definição da silhueta de um paletó, os ombros podem ser confeccionados de modo mais reto ou curvado, macio ou duro, justo ou amplo, o que ajuda a identificar o modelo do paletó como mais “americano”, “inglês” ou “italiano” e também como mais “formal ou casual”. Sua preparação depende não apenas das características do trabalho de cada alfaiate, mas também do modo como estes desejam reconstruir o corpo do cliente na roupa: corrigindo ombros caídos e problemas posturais ou suavizando o contorno dos ombros largos de um cliente para não os tornar mais proeminentes do que já são. As diferenças entre os ombros dos paletós são dadas principalmente pelos variados modos de os entretelar: com mais ou menos camadas de ombreiras ou mesmo sem nenhuma. Tratam-se não apenas de variações estéticas, são também diferenças relativas ao conforto e à mobilidade do braço de quem veste a roupa.

Eu aprendi a fazer o ombro com um japonês. O cara era um alfaiate excelente, só que gostava de jogar e acabou que não cresceu muito na alfaiataria. Ele me mostrou como fazia. Eu olhei umas duas ou três vezes e já aprendi. Adotei esse sistema. Um dos meus oficiais aqui, ele tem um trabalho muito bom. Ótimo mesmo. Só que o ombro ele não consegue acertar. Aí chega aqui na alfaiataria e eu tenho que refazer. Desmancho e faço de novo. Eu já mostrei

como faz, mas ele não conseguiu pegar. Ele se esforça, mas não conseguiu. Eu vi duas ou três vezes o japonês [fazendo] e já comecei a fazer (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

De modo geral, os ombros das costas de um paletó são cortados com cerca de 1,5cm a mais que os ombros das partes dianteiras. Isso porque para acompanhar a curvatura do ombro dos clientes, cujos cantos se projetam ligeiramente para frente é preciso que se constitua uma curva delicada do ponto mais próximo do pescoço do cliente até a extremidade perto do braço. Para que essas duas partes de tamanhos diferentes sejam unidas em curva, o alfaiate trata de *embeber* a costura, trabalhando o excesso de tecido para distribuí-lo uniformemente ao longo da extensão dela. Essencial também para a colocação das mangas do paletó, o *embecimento* permite que o alfaiate costure um pedaço de tecido de tamanho maior em outro de tamanho menor sem, para isso, conformar pences, pregas ou franzidos.

O trabalho aproxima-se do fim quando é hora de *pregar* a manga. Composta de duas folhas (a de fora e a de dentro), por uma parte chamada de *cabeça* e por outra chamada *boca*, ela é considerada uma das etapas mais difíceis do processo de confecção dos ternos, de sorte que alguns proprietários de alfaiatarias preferem eles mesmos realizar essa tarefa. Em alfaiatarias nas quais há bastante volume de trabalho, há paletizeiros que são contratados para atuar exclusivamente como mangueiros. Diferentes de parte daquelas produzidas industrialmente, as mangas de alfaiate têm uma abertura na altura do punho, fechada com botões, que possibilita que o cliente arregace as mangas do paletó até a altura do antebraço. Detalhe por meio do qual, apontam vários alfaiates, pode-se reconhecer os *paletós de alfaiate* (Ver ilustração 19).

Ilustração 19. Manga

Na produção das mangas, o *embebimento* é o que torna possível que a circunferência da cabeça da manga, sendo maior do que abertura da cava, possa nela se encaixar sem que a manga seja franzida. Importante para que os braços do cliente possam se mexer com conforto na roupa, o ajustamento adequado da manga no corpo do paletó é o que garante o bom **caimento** da manga, ou seja, que ela não fique nem excessivamente inclinada para frente nem para trás e que nela não se apresentem rugas nem repuxes.

Ilustração 20. Embeber

Para embeber a manga do paletó, o alfaiate realiza duas costuras corridas na cabeça da manga. Em seguida puxa as linhas conformando um leve franzido que distribuirá ao longo dos pontos. Passa a ferro o tecido apenas na parte que será encaixada no ombro. Esse processo elimina os franzidos.

Assim, entre os diversos defeitos que os alfaiates consideram que é preciso saber reconhecer e consertar, alguns dos mais trabalhosos são aqueles que se apresentam nas mangas: se elas ficam com ondas horizontais é preciso verificar se a cabeça da manga não ficou demasiado alta. Se apresentam rugas enviesadas, é preciso girá-las na cava até encontrar o ajuste correto. Determinadas rugas ocorrem porque a cabeça da manga está baixa e é preciso então cortá-la de modo a tornar sua curva mais íngreme. Se uma prega se forma no tecido na parte da frente da manga, o alfaiate precisa eliminar o tecido em excesso no local. Para realizar tais ajustes, os alfaiates alinham, viram e desviram as mangas várias vezes observando seu encaixe na cava. Alguns vestem o paletó para verificar o caimento da manga através do espelho.

Realizado o entretelamento da boca, a costura de sua abertura, a colocação do forro e a união das folhas de fora e de dentro, os alfaiates passam a trabalhar na cabeça das mangas (Ver

ilustração 21). Costuram à máquina duas carreiras de pontos retos por meio dos quais fazem o tecido correr curvando-se de modo a fechar a cabeça da manga. Neste ponto trabalham a *brandura* da peça, distribuindo o tecido na costura para construir as curvas que desejam. A *brandura*, sendo uma forma de distribuir o tecido e conformar a curva da manga, é o que permite que o tecido se movimente, fique *mole* e não *duro*. Não é algo, entretanto, que se distribua uniformemente: na parte inferior da frente da manga os alfaiates dão pouca *brandura*; no ponto mais alto da cabeça da manga, nenhuma *brandura*; já na parte de trás da manga e também naquela que desce do topo da cabeça até a metade da frente, *precisa ir dando brandura, ajeitando*. Ao final, os alfaiates passam a ferro apenas a parte da cabeça da manga que foi curvada para se encaixar no interior da cava. Com o ferro trabalham o tecido para que apresente não franzido, mas sim liso e curvo.

Para dar suporte e tornar a *queda* da manga *macia*, os alfaiates aplicam nela um reforço feito em espuma que chamam de *tapa miséria*. Sentados em frente às suas máquinas de costurar, eles colocam um dos pés na máquina de costura ou na própria cadeira, de modo a manter um de seus joelhos mais alto que o outro. Apoiam aí o paletó e, trabalhando pelo lado avesso da roupa, encaixam a cabeça da manga na cava do paletó, alfinetando uma na outra. Antes de costurá-las à máquina, olham-nas pelo lado direito avaliando o sucesso ou não da empreitada.

Ilustração 21. Tapa de miséria / Observação do caimento da manga

4.13 Caseados, mosquitinhos, ponto picado, segunda prova

Terminado o trabalho dos calceiros e paletizeiros, as peças voltam para as mãos do proprietário da alfaiataria que checa o serviço, passa as roupas e as coloca no cabide ou manequim à espera da segunda prova. A realização dos caseados, sempre feitos à mão, cabe em geral aos paletizeiros, que gastam cerca de vinte minutos de trabalho em cada um. Já o ponto picado e os *mosquitinhos* são ornamentos que não estão presentes em todos os paletós, e sua realização depende do que foi combinado com o cliente, do interesse do alfaiate de fazer uma espécie de agrado e também da urgência da entrega. Feitos à mão com pontos muito pequenos, próximos e uniformes, estes três elementos são apreciados como detalhes que tornam os paletós *bem acabados* e mais *bonitos*.

Os caseados, entretanto, destacam-se como a pedra de toque do serviço dos alfaiates. Indício do valor do trabalho realizado e do cuidado nos acabamentos, sua confecção exhibe as habilidades do alfaiate com a agulha. Sua realização é um trabalho minucioso que começa pelo corte do tecido e pela costura, com linha de algodão, da abertura feita para passagem do botão (Ver ilustração 22). Para criar volume nos pontos, os alfaiates usam uma guarnição chamada *milanesa*, um fio metálico recoberto. Para casear, prendem com a mão esquerda o tecido enquanto com a mão direita lidam com a agulha e com a linha. A cada ponto realizam um laço com o fio de seda que corre por cima da milanesa e por trás a agulha. Uma vez puxado, esse laço se transforma em um pequeno nó. A regularidade no comprimento milimétrico dos pontos dados e na tensão aplicada para realizar este nó é o que *dá beleza* ao trabalho. No furo redondo da casa de botão, os alfaiates continuam a realizar o mesmo ponto descrito acima, mas utilizam aí a agulha em um ângulo inclinado. A linha de seda, antes puxada para baixo passa a ser puxada para o lado de modo a acompanhar a curvatura do furo da casa de botão. Para arrematar o caseado, os alfaiates fazem um laço perpendicular na lateral e o envolvem com outros laços realizados no sentido horizontal.

Ilustração 22. Caseado

- (A) Riscado do caseado
- (B) O alfinete conforma a curva de uma das extremidades
- (C) Costura da abertura com linha de algodão
- (D) *Milanesa* esticada
- (E) Enquanto, à esquerda, a *milanesa* é segurada, os pontos são realizados
- (F) O resultado do caseado depende da uniformidade dos pontos dados.

Especialmente elogiados e exibidos pelos alfaiates, os caseados parecem funcionar à semelhança dos modelos reduzidos sobre os quais Lévi-Strauss trata em “A ciência do concreto”. Capazes de operar uma inversão do processo de conhecimento, eles têm uma vocação estética, provocam uma experiência sobre o objeto pois suas dimensões reduzidas possibilitam que o conhecimento do todo preceda o das partes. O caseado funciona como a metáfora de princípios que são operados, de diferentes maneiras, na confecção de todo o terno (bonito, bem feito, de qualidade) mas que, para que o trabalho seja bem sucedido, precisam ser protegidos pelo forro, pelo tecido, pela capa da gola e pelos pontos invisíveis: “A virtude intrínseca do modelo reduzido é que ele compensa a renúncia às dimensões sensíveis pela aquisição de dimensões inteligíveis” (1989, p.41)

Os botões são colocados também na finalização do trabalho. Para se tornar mais resistente, a linha a ser utilizada é algumas vezes passada na cera de abelha. Os alfaiates as esticam aquecendo-as pela fricção dos dedos em sua extensão ou passam-nas a ferro, entre dois pedaços de tecido de algodão, para garantir que a cera fique bem aderida à linha e não se despedace durante o trabalho. Os botões de casacos grossos são pregados afastados cerca de um centímetro do tecido para facilitar o abotoamento. Bem fixos, dificilmente se despregam da roupa.

As moscas ou mosquitinhos, assim como o ponto picado, são feitos mais para embelezar a roupa do que prender qualquer coisa, mas podem também arrematar pregas e ajudar a firmar o trabalho. Feitos com linha de seda, são pequenos volumes de menos de meio centímetro colocados em pontos como laterais de bolsos, aberturas traseiras ou aberturas de punho. O ponto picado costuma ser o último a ser feito e é normalmente aplicado no contorno das aberturas frontais do paletó, nos vivos e abas dos bolsos e também no contorno da lapela. Entre a realização desses acabamentos e a entrega do terno, várias provas podem ocorrer, mas, de modo geral, o trabalho do paletozeiro e do calceiro que atuam em suas próprias casas é dado como terminado no momento em que entregam o serviço ao proprietário da alfaiataria. *O patrão tem que saber fazer uma prova bem-feita para não ter que consertar o que o paletozeiro fez.* Se não tem oficiais trabalhando em sua alfaiataria, ele mesmo trabalha no terno até que este esteja pronto. Esta condição, entretanto, como é possível notar na narrativa de um atendimento apresentada a seguir, não está dada apenas no estado do terno em si, mas no modo como ele se comporta sobre o corpo do cliente e dos acertos que vão sendo realizados entre os clientes e o alfaiate.

A segunda prova é realizada com já os caseados feitos (Ver ilustração 23). O alfaiate circula o corpo do cliente do mesmo modo que na primeira prova, mas desta vez trata-se muito mais de uma checagem do trabalho. O cliente e o alfaiate olham seguidamente para o espelho, observando o terno e analisando-o. É comum que os clientes movimentem seus braços, verificando se algo limita seus movimentos. Antes dessa prova, que pode se tornar o momento da entrega, o terno é escovado, para retirar os fios que possam ter ficado nele e cuidadosamente passado a ferro. Se algum defeito for encontrado na segunda prova, o paletó terá que ser descosturado, corrigido, e novamente costurado e passado a ferro.

Apesar de ser possível finalizar o terno com a realização de apenas uma prova, há situações nas quais os alfaiates realizam duas e, às vezes, três ou mais delas. Nesses casos, além da primeira, feita com o tecido apenas levemente entretelado, faz-se também a chamada *prova de frente virada*, quando o trabalho de entretelamento do paletó apresenta-se mais avançado, com lapela, bolsos externos e também baixo de gola já aplicados. Nesta segunda prova, o cliente experimenta um paletó que já passou pelas mãos do oficial paletozeiro e, por isso mesmo, recebeu todas as camadas de entretelas referentes à região do peito e ombros, tendo, portanto, um **caimento** mais próximo daquele que terá ao final do serviço. Neste ponto da confecção o paletó encontra-se todo ele marcado pelas linhas de alinhavo que os paletozeiros usam para

fazer com que costuras, entretelas e tecidos se acomodem nas direções corretas, conformando as curvas e volumes da roupa.

Ilustração 23. Segunda prova

O paletó é provado já com mangas. Se o caimento sobre o corpo do cliente é considerado adequado, o terno pode ser entregue neste mesmo dia e o alfaiate recebe a segunda parcela do pagamento acordado. Em caso de algum ajuste ser necessário, a roupa retornará às mãos dos alfaiates.

4.14 Terceira, quarta, quinta prova

Um noivo, acompanhado dos seus pais, apareceu na alfaiataria no final da tarde. A mãe explicou: o filho tinha comprado um terno pronto, um Ermenegildo Zegna¹¹⁹, em uma loja de Curitiba, famosa pela venda de marcas de luxo, mas na realização do ajuste *o alfaiate da loja estragou o terno*. O casamento ocorreria em dez dias e decidiram encomendar um terno **sob medida**. Daria tempo? O alfaiate assegurou que sim. Era a primeira encomenda daquela família na alfaiataria. Mostrando o muque obtido com a musculação, o noivo explicou que um dos problemas que enfrenta na hora de comprar roupas é que seus braços quando estendidos tem uma circunferência bem menor do que quando estão dobrados.

Tiradas as medidas, definido o modelo, calcularam o custo do tecido e também do feitiço do terno: R\$ 6.500 a calça, o colete e o paletó. No momento da encomenda, os alfaiates costumam receber uma entrada no valor correspondente ao custo do tecido. Naquele dia, entretanto, a máquina de pagamento via crédito e débito não estava funcionando. Como o pai do noivo estava sem cheque, se comprometeu a acertar o pagamento da entrada no dia seguinte. Terminado o atendimento, o alfaiate ligou imediatamente para São Paulo, encomendou o tecido escolhido, combinou que pagaria em duas vezes, e solicitou que a encomenda fosse enviada o mais rápido possível por um serviço de entrega dos correios, que era mais caro, mas garantia a entrega no dia seguinte antes de 10 horas da manhã.

Realizado o corte do terno, o noivo voltou para primeira prova do paletó. Estava sozinho dessa vez e, entretido com a conversa com o alfaiate, acabou não fazendo o pagamento acertado. *Ele estava com o cheque em mãos, mas acabou que ficamos conversamos e ele foi embora*. Como o paletizeiro viria naquele mesmo dia buscar o serviço, o alfaiate se apressou para acertar o corte. Poucos dias depois, terminados os trabalhos do paletizeiro e também do calceiro, a segunda prova foi marcada. O noivo retornou com o pai, a mãe e também a noiva. *Todo mundo deu opinião. Vi ali que esse terno vai dar trabalho. O rapaz é bem fortinho*. A mãe do rapaz viu uma ruga na calça na região abaixo das nádegas. Também observou que o bolso lateral da calça parecia muito aberto, mas o próprio noivo considerou que estava bom: *nas outras calças que eu tenho isso aparece mais*. O alfaiate disse que podia melhorar um pouco aquilo, mas não

¹¹⁹ Empresa italiana que fabrica tecidos para alfaiataria, ternos sob medida e também prontos. Os tecidos da marca são referidos pelos alfaiates locais como os melhores do setor. *É o mais famoso que tem*. Esse aqui parece seda, mas é uma lã *australiana*.

demais porque não ficaria bom. No paletó, *queriam tudo bem justo, nenhuma ruginha em lugar nenhum mas eu falei ó vai ficar sem mobilidade nenhuma, não vai nem poder abraçar uma pessoa*. O corpo do rapaz também dificultava a tarefa: *Ele é cadeirudo mas tem cintura*. A entrada do terno foi dessa vez paga.

Terminada a prova, o alfaiate passou a trabalhar no terno. Como o noivo tem um peitoral pronunciado, o paletó não estava caindo rente ao seu tórax. *Fica que parece que o paletó tá abrindo*. Na região embaixo da lapela, o alfaiate utilizou um ponto que ajudava modificar o caimento ali. Na cava, foi necessário corrigir também uma leve ruga. Durante toda a tarde trabalhou no paletó descosturando, alinhavando, observando e costurando-o diversas vezes: ora sentava-se à máquina, ora observava em pé o caimento do ombro e da manga, ora vestia o terno e analisava-o na frente do espelho.

Na terceira prova, o noivo retornou com os pais. Identificaram uma pequena ruga que se formou nas costas do paletó perto das axilas. O alfaiate precisou voltar ao trabalho no terno. O problema, considerou, não seria nem mesmo notado por muitos clientes. *Mas estes estão ressabiados, muito preocupados com tudo*. Também era necessário ajustar as mangas do paletó cuja costura ficou um pouco franzida e fazer um pequeno acerto no colete. *Esse tecido do Zegna, é bem fino e leve, por isso mais difícil de se trabalhar*. O alfaiate testou vários ajustes para corrigir o problema nas costas do paletó. Primeiro mexeu no ombro. Depois reduziu a cava. Também descosturou e mudou a posição da costura lateral que liga a frente às costas do paletó. A cada uma dessas tentativas, vestia o paletó observando-o longamente no espelho. *Precisa imaginar que o noivo é mais forte, né. Aqui eu vou reduzir uma sobra de tecido que está marcando o paletó. Avisei pra eles que ia cortar essa sobra e que se depois quisessem ajustar o paletó, vai ficar mais difícil*. Antes de fazer isso, entretanto, resolveu verificar se a realização de vários piques na cava da manga não minimizaria o problema. Deu certo.

Ajustes feitos, o alfaiate passou ao acabamento: fez o ponto picado em torno da lapela, no contorno da frente do paletó e no bolsinho do peito. Picou também o contorno da frente do colete. À espera do noivo e da sua família que chegaria às 15 horas pra buscar o terno, o alfaiate disse brincando que estava mais nervoso do que o noivo. *Quero ver esse dinheiro cair na minha conta e aí beber uma!* Contou então a seguinte história: o diabo queria ter um filho pois via que Cristo tinha muitos. O diabo resolveu que também queria um. Quando a criança nasceu, ele alisou tanto a criança que, com suas unhas longas e afiadas, acabou furando o olho do filho. Disse que estava nessa situação. Já fez tudo que podia pelo paletó do noivo. Se continuasse mexendo naquele momento corria o risco de acabar estragando algo.

Durante a espera, o alfaiate passou tudo mais uma vez: calça, colete e paletó. Disse que estava estressado com essa entrega. O noivo veio acompanhado da noiva e dos pais. A mãe do noivo apreciou cuidadosamente o paletó enquanto este estava exposto no manequim na porta de entrada. O noivo disse que até rezou naquela noite para que desse tudo certo. O alfaiate então respondeu: *Só você? Estamos tudo rezando aqui para essa roupa dar certo!* O pai do noivo disse que não via a hora de tudo terminar para poder relaxar um pouco. A mãe do noivo observou todos os detalhes. O problema das rugas na parte de trás do paletó tinha sido resolvido, entretanto, embaixo do braço direito havia um repuxado que fazia o paletó parecer franzido. Esse defeito só surgiu nesta prova. Tudo mais estava certo e a mãe comentou que o rapaz *agora sim, está com cara de noivo!* Na despedida, após combinar que viria no dia seguinte às 10 horas da manhã pegar o terno, o noivo agradeceu o alfaiate por ter aceito sua encomenda assim de última hora.

O alfaiate voltou ainda um pouco preocupado com o novo defeito que havia surgido: *Tem coisa que a gente nem sabe como resolver.* Comentou que avaliando o paletó *na mão*, olhando-o fora do corpo do cliente, a manga estava perfeita. Considerou então que talvez o rapaz tenha um braço mais grosso que o outro. Depois avaliou que talvez o ajuste feito para acertar as costas do paletó tenha provocado aquilo. Disse que estava usando todas as suas armas na confecção daquele paletó. Decidiu desmanchar toda a costura lateral da manga e refazê-la dando mais brandura. Voltou, portanto, a trabalhar no paletó. No dia seguinte, quando o noivo vestiu o terno, uma das frentes ficou saltada, como se estivesse com a frente empinada. Um problema grave e certamente mais demorado de se resolver do todos os demais. Mas o próprio noivo disse: *Peraí!* E tirou uma carteira enorme que carregava no bolso da frente da calça. O alívio foi imediato. O paletó caiu perfeitamente.

4.15 Técnicas da alfaiataria

A descrição desse processo variado e composto por diversas etapas, procurou aproximar o leitor do cotidiano do trabalho dos alfaiates, evidenciando as características do trabalho por eles desenvolvido. Como se pode notar, trata-se de uma atividade composta de diversas etapas cuja execução pode se alongar ou reduzir a depender de vários fatores. Destacou-se que, apesar de se dizer que são *tiradas* dos clientes, as medidas com os quais os alfaiates trabalham correspondem simultaneamente ao corpo do cliente e à roupa que será confeccionada e também que, mesmo sendo cuidadosamente conduzido, o acesso ao corpo alheio, experimentado nas provas das roupas, é percebido como potencialmente embaraçoso, não apenas porque envolve a observação e toque (ainda que ritualizado) do corpo do cliente, mas principalmente porque o coloca em análise.

Sugeriu-se que as técnicas que compõem o trabalho nas alfaiatarias não apenas dizem respeito a confecção das roupas, mas também à capacidade de ser rápido, no caso dos calceiros, e minucioso, no caso dos paletizeiros. Entre os cortadores e proprietários de alfaiatarias é importante que se *aprenda a olhar* o corpo do cliente e também a atendê-lo de modo a estabelecer relações duradouras. Tendo em vista a importância do *golpe de vista* e também a constatação de que *ver não é fazer*, percebeu-se não só a importância do engajamento na profissão, mas também as diferenças entre os modos como proprietários de alfaiatarias e oficiais estabelecem-se como “alfaiates”. Enquanto os proprietários enfatizam a “completude” de sua formação, os oficiais valorizam a “autonomia” da qual desfrutam por não ter que lidar com os clientes e suas vontades.

Apesar de não ser incomum, a presença das mulheres nas alfaiatarias revelou-se, de modo geral, restrita. Como clientes, elas precisam adequar seus pedidos a determinados tipos de roupa (terninho, saia reta, blazer), tratadas como derivadas, uma versão feminina, daquelas que são masculinas e, portanto, tipicamente “de alfaiataria”. Na condição de trabalhadoras desse ramo, sua participação é restrita às tarefas tidas como mais fáceis e percebidas como “ajuda”, paralela e secundária, ao trabalho masculino, central e prioritário.

No processo de confecção de roupas em alfaiatarias foi possível observar no trabalho aí realizado um conjunto de procedimentos por meio dos quais os alfaiates tratam de realizar ternos *bonitos e de qualidade*, o que se traduz em um variado repertório de cuidados, que tornam, do ponto de vista desses profissionais, seu trabalho diferente daquele feito de forma

industrial. O esforço dos alfaiates se dirige a realização de uma roupa que fica com mais *estrutura e dura mais*, mas também que tenha um **bom caimento**, ou seja, que vista o cliente de uma forma específica por meio da qual seus defeitos sejam atenuados ou corrigidos. Paletó e cliente devem corresponder um ao outro, assim como espera-se que o alfaiate corresponda ao cliente e também que os calceiros, paletizeiros e coleiteiros correspondam aos cortadores e proprietários da alfaiataria. O *reforço de peito* reconstrói o corpo do cliente seguindo suas formas ao mesmo tempo em que as aperfeiçoa. A colocação do forro, da cachaceira, a preparação das aberturas, a realização dos ombros, da gola e das mangas, a realização dos acabamentos, mobilizam um conjunto de gestos e habilidades que não podem ser pensados em separado das coisas que estão sendo produzidas, e que não são apenas ternos, mas também novas versões, aperfeiçoadas, dos corpos dos clientes, com alinhamentos, volumes e uma lisura que não lhes são próprios.

Essa correspondência se traduz, no plano do detalhe, na ficha do cliente que é composta de duas caligrafias (a do cliente e a do alfaiate) e nas medidas ali anotadas, que correspondem simultaneamente ao corpo do cliente e à roupa que será confeccionada. No plano geral, temos que alfaiates e clientes estão engajados entre si e com o conjunto de gestos, materiais e instrumentos de trabalho que são postos em interação diante de uma encomenda. Não sem razão os alfaiates dizem: *esse é um cliente que faz muita roupa* ou *quando o cliente se aposenta para de fazer roupa, aí o alfaiate fica sem cliente*. A roupa feita sob medida é feita pra alguém. Pra citar novamente Lévi-Strauss, “it addresses somebody” (1989, p.36). Tal como o *bricoleur*, trabalha por analogias e aproximações. Nos engajamentos estabelecidos entre ternos, alfaiates e clientes, aperfeiçoa-se, ao mesmo tempo, o corpo do cliente, que é modelado pela roupa sob medida adquirida, e o corpo do alfaiate, cujas habilidades e condição de *profissional* são modelados pela roupa sob medida fornecida.

É também importante evidenciar que o que chamamos aqui de “técnicas” não corresponde a um conjunto de procedimentos específicos, mas de habilidades desenvolvidas de modo diferenciado entre os alfaiates. Essas habilidades tanto dizem respeito a saber confeccionar as roupas em si quanto a saber lidar com clientes, com colegas de trabalho, com *patrões* ou com funcionários. E também com materiais, instrumentos e ferramentas, tecidos, entretelas, expectativas, limites e condições de trabalho.

5. Sob medida

Este capítulo busca entender o contexto no qual a ideia de extinção dos alfaiates se faz ressoar. Longe de querer validar ou desmentir tal afirmação, a reflexão trata não de checar se a extinção dos alfaiates corresponde (ou não) a “realidade dos fatos”, mas sim de entender o contexto no qual ela ganha sentido e efeito. A análise é conduzida pela observação de três elementos que se destacaram, durante o trabalho de campo como evidências significativas da mudança dos tempos, da constituição de um novo campo de forças no qual *quase-ninguém-mais-sabe-o-que-é-alfaiataria* e de um cenário onde o artesanal aparece como antítese do industrial. O primeiro deles diz respeito aos fins dados a determinadas ferramentas de trabalho das alfaiatarias. O segundo trata da escassez de aprendizes. E o terceiro, fala da perspectiva do fim do sistema de produção artesanal de ternos. O último tópico do capítulo trata da ideia de **sob medida**.

Alfaiatarias e os alfaiates são cada vez mais raros. A franca redução do número de estabelecimentos, uma constatação dos profissionais do ramo, é motivo de anedota na pequena antessala da loja de aviamentos localizada no nono andar do Edifício e Galeria Tijuca. Reunidos fortuitamente enquanto buscavam entretelas, botões e zíperes, os alfaiates trocam notícias sobre quem adoeceu, se aposentou ou faleceu recentemente. Aliviando o tom grave da conversa, alguém diz que, de agora em diante, não vai mais dizer que é alfaiate. *Se lá em cima ouvem isso, já mandam buscar. Viu, agora é assim, se perguntarem se você é alfaiate, tem que dizer que não.* A recomendação feita em tom de galhofa sugere que na *contabilidade divina*, os alfaiates, sendo quase todos velhos, já podem ser convidados para o *convívio dos eleitos*. Querendo evitar o chamado derradeiro é melhor despistar, negando a profissão.

Como já foi dito na introdução deste trabalho, dado como um fato certo, o fim da profissão de alfaiate está presente, como alerta ou como constatação, em notícias da imprensa, na literatura acadêmica brasileira sobre o ofício e também na fala dos próprios alfaiates pesquisados. Se a noite anunciada da profissão ainda não tornou todos esses gatos pardos, encerrando a diversidade desses profissionais em uma única categoria chapada e indistinta, como é dado às profissões mortas, não se pode também dizer que a luz lançada sobre esse crepúsculo, restrita e cambaleante que é, reúna esforços ou mobilize ações preservacionistas. A denúncia do fim da profissão funciona mais como uma reflexão sobre a passagem do tempo e como um argumento para a valorização do trabalho dos alfaiates do que como um organizador de qualquer ação militante.

É certo, entretanto, que o exercício do debate sobre o que é, ou não, alfaiataria, e sobre quem é, ou não, alfaiate se faz presente nas salas de trabalho desses profissionais. Motivadas pelas notícias trazidas pela imprensa, pelos clientes, pelo contato com as lojas de tecidos e também pela observação dos ternos que são trazidos para ajustes, consertos e reformas, as posições e argumentos não giram em torno da regulamentação, registro e fiscalização da profissão, mas sim das práticas que caracterizam, ou não, a *vecchia sartoria*, aquela que é *artesanal, de verdade*, aquela de *antes*, aquela que se faz *hoje como era antes*, que é *diferente da que tem aí hoje*, da *roupa pronta*, da *confeção*, da *indústria*, da *moda*, do que os *estilistas* fazem.

Como será desenvolvido adiante, em certa medida, é um debate sobre autenticidade, mas também sobre o que é, ou não, *bonito, bem feito e de qualidade*. Trata-se, é claro, de um debate multifacetado e intrincado, um jogo sem fim, pois, como sugere Manuela Carneiro da Cunha a “autenticidade é uma questão indecível” (2017, p.338). Mas é também um exercício

corriqueiro de pôr em movimento ideias, perspectivas e considerações a respeito de um contexto particular no qual estes alfaíates construíram, ao longo de muitos anos, uma morada que conhecem intimamente, uma forma de estar no mundo, algo próximo do que Ingold chamou de “perspective of dwelling” (2000, p.330)¹²⁰. Contexto no qual veem não apenas a cidade, os tecidos, os materiais, os clientes e os hábitos de vestir mudarem, mas também novos alfaíates, tipos e modelos de alfaíataria ganharem espaço e visibilidade.

O anúncio da extinção, no contexto das alfaíatarias e dos alfaíates pesquisados, esforça-se por retirar esses profissionais (a sua prática e também os produtos que confeccionam) dos fluxos da vida cotidiana, lançando-os em uma dinâmica específica dos ofícios, atividades e bens “raros”. Afinal, muitas coisas acabam, mas apenas algumas “entram em extinção”. A dinâmica cultural que constitui tal “raridade” não tem um impacto uniforme sobre todos os alfaíates e alfaíatarias, mas tem um efeito específico sobre o valor econômico dos serviços de alguns desses profissionais, pois reconhece (e ao mesmo tempo lhes atribui) um certo encantamento. Mas também instala um enfrentamento entre passado e presente, entre o autêntico e o falso, entre o artesanal e o industrial, que passam, então, a ser tomados como estatutos polarizados.

Se, como sugere Antônio Augusto Arantes, um dos ímpetus básicos da preservação é o “de construir vias de acesso concretas do presente em direção ao passado” (1989, p.13), os alfaíates, a atividade da alfaíataria, os ternos que eles confeccionam, as notícias e pesquisas sobre o tema, têm tratado exatamente de construir tais fronteiras entre *antigamente* e *hoje em dia*. Tudo isso se faz, irremediavelmente, em face da ameaça de destruição, de extinção. A *alfaíataria-em-vias-de-desaparecimento* existe (e só pode existir, ou quase existir) diante de um mundo em que *quase-ninguém-mais-sabe-o-que-é-alfaíataria*. Diante de um mundo supostamente globalizado, percebido como massificado e perigosamente igualitário, para usar as palavras de Stelio Marras, em comunicação breve sobre patrimônio em laboratórios de ciências naturais. Percepção esta, alerta o autor, “muito derivada de uma visão sociológica panorâmica, visão de sobrevoos e muito aderida à autoimagem, cada vez mais frágil ou insustentável, dos modernos sobre si mesmos (informação pessoal)” (2012, p.4)¹²¹.

¹²⁰ Capaz de abranger todas as configurações da vida cotidiana (a casa, a rua, o bairro ou o local de trabalho), a perspectiva da morada coloca o foco sobre o processo pelo qual as características de um ambiente assumem significados locais específicos por meio da sua incorporação em padrões de atividade cotidiana de seus habitantes. “Home, in this sense, is that zone of familiarity which people know intimately, and in which they, too, are intimately known” (2000, p.330).

¹²¹ Apresentação intitulada “Ação dos objetos, ação dos cientistas: por uma noção reticular de patrimônio em laboratórios de ciências naturais” no Simpósio CPC-USP: experiência cultural e patrimônio universitário,

Nesse sentido é esclarecedora a observação de Walter Benjamim sobre a ligação íntima entre preservação e destruição: “O caráter destrutivo está na linha de frente dos tradicionalistas. Alguns transmitem as coisas tornando-as intocáveis e conservando-as, outros as situações, tornando-as manejáveis e liquidando-as. Estes são chamados destrutivos” (2011[1931], p.4). Não é, portanto, apenas curioso, mas significativo, como bem caracteriza Santoni Rugiu, que seja entre os séculos XVII e XVIII, exatamente quando a educação pelos mestres de artes e ofícios se enfraquece, que os educadores tenham tentado recuperar o valor pedagógico da experiência artesanal. “Observando bem, é exatamente a indústria o ‘bicho-papão’ que motiva intrépidos profetas de uma educação nova, novíssima, a fazerem uma exceção para recuperar do passado o modelo artesanal, não obstante aparecesse já, sem dúvida, vencido” (1998, p.13). Lembrando a famosa metáfora hegeliana da coruja de Minerva, que levanta voo só depois do pôr-do-sol, Santoni Rugiu questiona: por que tanto sentimento de passado?

Vale aqui retomar as observações de Lévi-Strauss quando este aponta as analogias entre os *churinga*¹²², usados na Austrália central, e os documentos de arquivos que “metemos em cofres ou confiamos à guarda secreta dos notários e que, de tempos em tempos, inspecionamos com os cuidados devidos às coisas sagradas” (1989, p.287). Parafraseando Durkheim, Lévi-Strauss pergunta: se os arquivos são, no fim das contas, pedaços de papel, assim como os *churinga* são, ao fim e ao cabo, objetos de madeira e de pedra como tantos outros, por que sentir sua perda? O que se perde, sugere o autor, não é o passado. Desdobrado na sincronia, o passado é a todo tempo reconstituído pelos historiadores, pelos cronistas, pelos mitos e pelos narradores. O que os *churinga* e os arquivos fazem não é guardar o passado, mas sim dar uma “existência física à história”.

A virtude dos arquivos é a de nos colocar em contato com a pura historicidade [...] Mesmo se a história mítica é falsa, não deixa por isso de exibir em estado puro e sob a forma mais marcada [...] os caracteres próprios do fato histórico que, por um lado, estão ligados a sua contingência: o antepassado apareceu em tal lugar, foi ali e depois acolá, fez tal ou tal gesto...; por outro lado, a seu poder de suscitar emoções intensas e variadas (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.283-284).

realizado no Centro de Preservação Cultural da USP, no Teatro da Faculdade de Medicina USP, em 09 de março de 2012. Texto fornecido pelo autor, Stelio Marras, por e-mail, em 25 de março de 2013.

¹²² Objetos de pedra ou de madeira, de forma oval com as extremidades pontudas ou arredondadas, os *churinga* são usados principalmente pelos povos *aranda* ocidentais e setentrionais e representam o corpo físico de um ancestral determinado que é passado de geração em geração a pessoa que se acredita ser esse ancestral reencarnado (p.278).

Em outro momento, afirmou-se aqui que para fazer avançar a compreensão do exercício da atividade da alfaiataria, em seus movimentos concretos de efetivação, é preciso abordá-la não como um ente limitado e autocontido, mas sim como um sistema aberto por onde circulam artefatos, saberes e pessoas. Sem deixar de ter em conta o alarme sobre a extinção da profissão, os próximos tópicos deste capítulo se dedicam a, seguindo os itinerários de circulação de determinados objetos, da escassez de aprendizes e do fim do artesanal, entender as dimensões criativas próprias desta situação.

5.1 Tesouras, máquinas de costura e enciclopédias de alfaiataria

Uma vez apoiadas sobre o balcão de corte, que sustenta seu peso, as tesouras deslizam contra o tecido. O seu tamanho (algumas chegam a quarenta centímetros de comprimento e pesam mais de meio quilo) não atrapalha; pelo contrário, ajuda na realização do corte. Suas alças são, às vezes, enroladas com trapos e fitas isolantes para amaciar o contato com os dedos e evitar a formação de calos nas mãos dos alfaiates. Entre as diversas outras coisas (materiais, móveis, ferramentas e instrumentos de trabalho) presentes nas alfaiatarias, as tesouras, as máquinas de costura e as enciclopédias e livros de alfaiataria em especial, se destacam por terem sido muitas vezes “herdadas” de colegas de trabalho (*patrões* ou *funcionários*) em geral por ocasião de sua aposentadoria ou partida para outra cidade. A passagem desses objetos de um alfaiate a outro, como presentes ou mesmo quando envolve algum pagamento, se apresenta sempre como uma forma de demonstrar consideração aos colegas de profissão e também com os objetos em si.

Especialmente valorizadas, as tesouras são difíceis de substituir. Nos armazinhos de Curitiba e São Paulo é possível encontrar tesouras novas, mas essas nem sempre são consideradas *grandes, pesadas e de qualidade*, como as antigas. De uso particular, elas não costumam ser emprestadas entre os alfaiates e são, em geral, mantidas fora do alcance dos oficiais, das esposas e de visitantes que possam, eventualmente, estragá-las, por exemplo, deixando-as cair sem querer¹²³. Do conjunto de várias tesouras sem uso que guardava, um

¹²³ Durante todo o período em que fui aprendiz tive acesso a praticamente todos os instrumentos de trabalho do alfaiate com quem convivi: utilizei sua máquina de costura durante alguns dias, até que uma outra foi preparada para meu uso; compartilhamos seu balcão de trabalho, suas réguas, esquadros e sua tesoura de cortar miudezas, que ficava próxima ao balcão de passar ferro, sempre à disposição. No momento em que comecei a aprender como

alfaiate destacou duas: uma, que havia pertencido a seu pai e que ele mesmo tinha utilizado por vinte e cinco anos, e outra da marca Vitry (de origem francesa, já não mais fabricada atualmente) que fora recebida de um colega de trabalho.

Essa tesoura é muito boa. Só que precisava afiar. Eu levei num cara ali no centro. O cara cagou com o fio da minha tesoura. Até bateu nela com martelo. Acabou com a tesoura. Olha que eu tentei consertar, mas não teve jeito. Esse alfaiate que me deu essa tesoura, ele era português. Ele tinha uma outra tesoura que era maior ainda que essa. E ele só afiava a tesoura no Rio de Janeiro. Num amolador que ele conhecia lá. Uma vez por ano ia lá pra visitar o filho e fazer isso. Ele fazia até seguro da tesoura pra viajar (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Assim como ocorre com as tesouras, que mesmo sendo pouco utilizadas ou após perderem seu uso são regularmente mantidas e guardadas nos estabelecimentos, também enciclopédias de alfaiataria costumam ser passadas de um alfaiate para outro. Assim, ao retirar da gaveta o livro “Método Toutemode. Corte, alta costura, chapéus e alfaiates”, publicado em 1958 pelo “Professor J. Dias Portugal”, o alfaiate explicou que o tinha recebido como presente de um colega de trabalho, já falecido. *A gente não usa [o livro]. Porque aprendi de outro jeito [...] Mas de vez em quando a gente dá uma olhada.* Apesar de ser mais folheado do que lido, o livro era considerado um objeto valioso e por isso mesmo permanecia dentro do seu balcão de trabalho, um espaço notadamente de uso restrito.

O valor monetário que essas enciclopédias e tesouras podem alcançar se vendidas no comércio de materiais usados e sebos (ainda que não ultrapasse o montante de 300 reais) parece, às vezes, atrair larápios, de sorte que essa é uma das ressalvas à presença de aprendizes ou novos funcionários dentro das alfaiatarias. Em um dos estabelecimentos, o sumiço de uma tesoura esteve entre os motivos que levaram à dispensa de um funcionário. Outro alfaiate considerava que um rapaz, que apareceu se oferecendo para trabalhar como aprendiz, foi o responsável pelo roubo da enciclopédia de alfaiataria que ele tinha adquirido na Argentina, para onde se mudou durante alguns meses na década de 1960 para se aperfeiçoar na profissão. A lembrança do acontecido reavivou a irritação com o fato e o alfaiate praguejou insistentemente contra o rapaz que não via há mais de quinze anos. Num outro caso semelhante o alfaiate,

cortar calças, entretanto, fui orientada a usar sempre uma tesoura menor, e não a grande, que era dele, pois o mal-uso da tesoura, efetuado por alguém inexperiente no seu manuseio, como era o meu caso, poderia por si só fazê-la perder o fio.

percebendo que o ex-aprendiz não atendia mais seus telefonemas, pediu que sua filha, que é advogada, telefonasse para o rapaz e o intimasse a devolver a enciclopédia emprestada. *Eu emprestei, não dei.*

O valor dispensando a esses objetos, é claro, não está ligado à sua utilidade, no sentido estrito do termo, visto que mesmo “sem uso” tesouras e enciclopédias são cuidadosamente guardadas e trazidas à vista de vez em quando. Tratando do que chamou de *a bíblia do alfaiate*, o dono de uma alfaiataria mostrou-me o livro intitulado “Método mundial do corte anti-provas”, de autoria do “Professor Aníbal Martins”, publicado em 1950. O livro, que tinha sido comprado em conjunto com os esquadros ainda utilizados, por meio de um vendedor, que passava de alfaiataria em alfaiataria, era um manual técnico que sistematizava observações sobre as formas, volumes e os defeitos corporais mais comuns. Rico em ilustrações, seu conteúdo indicava como cortar ternos para pessoas com peito saliente, ombros abaulados, caídos, largos, com corcunda, entre outros. O alfaiate não adotou o método anti-provas, mas considerava ter aprendido muito com aquele livro. *Em caso de cliente que tá longe e não pode vir à Curitiba, eu faço [o terno] sem provas. Mas prefiro provar.*

Publicadas entre as décadas de 1940 e 1960, as enciclopédias encontradas nas alfaiatarias dedicam-se principalmente a ensinar o corte do terno, não sua montagem. De modo geral, além de orientar como tirar medidas e distribuir as partes a serem cortadas sobre o tecido, as enciclopédias apresentam os traçados de diferentes tipos e modelos de roupas (paletó acinturado com três pinchais¹²⁴ e três botões, jaqueta transpassada com seis botões, *smoking*, túnica militar, casaca, sobretudo) e também o traçado de roupa para determinados tipos de corpos (magro, normal, gordo; encurvado, corcunda, com um ombro mais baixo, com peito amplo, com ombros altos, obesos altos, obesos baixos, com pernas arqueadas ou voltadas pra dentro). Em Curitiba, os alfaiates que as guardam, todos donos de alfaiatarias que atuam no corte do tecido, recorrentemente afirmam não ter aprendido o trabalho, principalmente, por meio delas, mas gostarem de dar *uma olhada*¹²⁵.

Os elogios à qualidade desses objetos “herdados”, comprados ou que foram roubados são frequentes, e as suas histórias, profícuas. Apontando-me o volume coberto por um plástico muito empoeirado e encostado em um canto, um alfaiate contou que aquela era a máquina de

¹²⁴ Pences.

¹²⁵ Em São Paulo, um dos alfaiates que conheci tinha uma pequena coleção de livros relacionados a alfaiataria e a corte e costura, que disse usar também, *às vezes, pra consultar, folhear*. A biblioteca da Escola Sob Medida, escola coordenada pela Associação dos Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo, mantém uma coleção de cerca de cinquenta enciclopédias recebidas como doação.

costura de uma calceira agora já aposentada. Ela aprendera a profissão e trabalhara durante muitos anos com seu pai. Envelhecida, precisou morar com sua filha, mudando-se então de uma casa para um apartamento. Como os vizinhos reclamavam do barulho do motor, a calceira pediu, então, que o alfaiate a guardasse na alfaiataria. Sem uso, a máquina de costura estava *ali de lado* perto de uma antiga máquina registradora e de vários ferros de passar roupa.

Ela queria que ficasse aqui. Sustentou os filhos dela com o trabalho nessa máquina, né. Mandou pra cá, como um presente, né. Ela tinha muita consideração com meu pai. E era uma calceira muito boa. Aprendeu o começo com meu pai, mas ela se desenvolvia sozinha. Seu trabalho melhorou assim. Ela mesma ia se desenvolvendo (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Resistentes, algumas dessas máquinas de costura são, às vezes, octogenárias, ou mesmo, centenárias. Sua manutenção fácil (realizada, em geral, pelos próprios alfaiates) permite que a qualquer momento possam ser limpas, azeitadas e postas em uso novamente. O baixo valor pelo qual são comercializadas hoje em dia como material usado contrasta com o alto custo que parte delas tinha na ocasião de suas compras. Muitos alfaiates aprenderam e trabalharam por muitos anos com máquinas de costura alheias, de seus *patrões* ou parentes, exatamente em função do investimento necessário para adquiri-las. Um paletozeiro contou que apenas após dez anos trabalhando nesta função, que é melhor remunerada do que a de calceiro, conseguiu reunir as economias necessárias para adquirir sua máquina de costura própria. A compra, que lhe permitiu passar a trabalhar em casa e não mais dentro das alfaiatarias dos *patrões*, foi realizada no fim da década de 1960 e exigiu uma viagem de Curitiba até São Paulo, feita com a ajuda de um amigo motorista de caminhão com quem pegou carona.

Outro alfaiate, contaram-me, muito cuidadoso com sua máquina de costura, a cobria com um pano todos os dias ao sair da alfaiataria, evitando assim que ela empoeirasse. Quando se aposentou, em função de um derrame, preferiu vendê-la para o proprietário da alfaiataria na qual trabalhava a levá-la para casa, onde teria pouca serventia.

Comprei por um preço simbólico. Em dinheiro de hoje seria tipo uns duzentos reais. É uma máquina boa demais. Eu usava outra, mas aí larguei e fiquei só usando essa aqui. E ele vendeu mais pra não deixar ela sem uso em casa. Ele tinha dó de colocar essa máquina que ele usou a vida inteira dele, colocar no lixo, por exemplo. Depois a família, a esposa, a filha... nem ia cuidar, acaba que vendiam como qualquer coisa e a máquina ficava largada por aí. Aí ele preferiu deixar comigo (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Um dos alfaiates entrevistados destacou que a máquina que utilizava era a mesma com a qual seu pai trabalhara. Ela acompanhou a mudança do pai do interior para a capital, sendo importante para a trajetória de toda sua família. *Quando eu fazia traquinagem ele me deixava de castigo aqui do lado dessa máquina. Ele morreu em 85 e ainda tava trabalhando. Morreu na máquina.* Muito frequente, a expressão *morrer na máquina* indica alfaiates que, mesmo envelhecidos, não se afastaram do cotidiano das alfaiatarias e permaneceram ali trabalhando até os últimos dias de vida. Diferentes das tesouras e das enciclopédias, marcadamente guardadas pelos profissionais que trabalham com o corte do terno, as máquinas de costura são uma ferramenta de trabalho comum a todo e qualquer alfaiate, independentemente de sua clientela, tipo de serviço (**sob medida** ou consertos), função ou especialidade. *Morrer na máquina*, portanto, é evento que iguala todos os alfaiates.

Evidentemente, estas tesouras, máquinas de costura e enciclopédias, especialmente passados de um alfaiate a outro e tomados como indício de consideração e afeto, destacam-se de uma multiplicidade de outros instrumentos de trabalho de uso comum e frequente nas alfaiatarias que, apesar de serem igualmente importantes para a atividade, não são lançados neste fluxo específico de trocas. Assim, fitas métricas, almofadas, cabides, pequenas tesouras, agulhas, dedais, ferros e cavaletes de passar roupa, molhetas, caixas de afiar giz, cadeiras, balcões de trabalho, alfineteiros etc. somam-se a um sem número de objetos que são intensamente utilizados pelos alfaiates, e compõem a correnteza de coisas dos universos das alfaiatarias, mas não são passados de um alfaiate a outro como gestos de reconhecimento em momentos específicos.

Como se pode notar em todos os casos relatados neste tópico os objetos despertam (e carregam) memórias que remetem seus proprietários a sentimentos e episódios do passado. A sua transferência ou aquisição em contextos solenes (ainda que triviais, como mudanças de cidade, aposentadorias, presentes e vendas) evidenciam sua importância tornando-os reconhecidamente relevantes pelo que são (*máquinas centenárias; tesouras grandes, pesadas, de qualidade; bíblias da alfaiataria*) e também pelas histórias que podem se fazer lembradas através deles. Correndo aqui algum risco em termos comparativos, se poderia talvez dizer que o processo por meio do qual estes objetos saem dos (ou são realocados nos) seus contextos de uso (para ocupar uma posição, a princípio, diferente daquela que tinham antes de serem passados adiante), pode lembrar, em alguma medida, uma variedade de outros processos costumeiramente abarcados pela chave-geral da “patrimonialização”.

É possível sugerir, portanto, que, as tesouras, máquinas de costura e enciclopédias, no contexto íntimo das alfaiatarias, parecem desempenhar um papel análogo àquele que, no plano público, os patrimônios culturais, investigados por José Reginaldo Gonçalves, desempenham na formação de uma “autoconsciência individual e coletiva” (GONCALVES, 2005, p.66). Explorando a ideia de que os objetos não são inertes e que não apenas representam¹²⁶, mas constituem a vida social tomando parte, como agentes, dos contextos sociais nos quais se encontram, torna-se possível pensar não apenas naquilo que os humanos fazem com as coisas, mas também no que elas fazem nas redes de conexão que estabelecem com os humanos. Citando o poeta Rilke, Roy Wagner bem observou que

Mesmo as ferramentas constituem menos dispositivos utilitários puramente “funcionais” do que uma espécie de propriedade humana ou Cultural comum, relíquias herdadas que obrigam seus usuários a aprender a usá-las. Pode-se mesmo sugerir, como o poeta Rainer Maria Rilke, que as ferramentas “usam” os seres humanos, os brinquedos “brincam com” as crianças, as armas nos incitam à batalha. [...] Em nossa vivência desses brinquedos, ferramentas, artigos e relíquias, desejando-os, estimando-os, admitimos em nossa personalidade todo o conjunto de valores, atitudes e sentimentos – a própria criatividade – daqueles que os inventaram, usaram, conheceram e desejaram ou legaram a nós. Ao aprender a usar ferramentas, estamos secretamente aprendendo a usar a nós mesmos: como controles, as ferramentas apenas mediam a relação, objetificam nossas habilidades (WAGNER, 2012, p.192-3)

Mais do que meros adjuntos mecânicos do corpo, as ferramentas, sugere Ingold (2000, cap. 16), se referem à pessoa dos sujeitos habilidosos, por meio dos quais elas se movimentam, como um todo. Elas não entregam um conjunto de comandos dados pela mente, diz ele. Elas providenciam a própria imersão do ser (seja ele um artesão, um músico ou o trabalhador de uma fábrica) no fluxo do engajamento com os materiais por meios dos quais a ação se desenvolve. O artefato, portanto, engaja o fazedor no padrão da atividade habilidosa. Tomadas deste modo, aponta Ingold, as ferramentas se assemelham aos presentes dados e recebidos nas trocas e atuam como mediadoras do engajamento ativo e intencional entre as pessoas e seus ambientes:

¹²⁶ “Considérez des choses, vous aurez des humains. Considérez des humains, vous êtes par là même intéressé aux choses [...] Nous ne pouvons même pas définir précisément ce qui rend les uns humains et les autres techniques, alors que leurs modifications et remplacements, leurs chassés-croisés et leurs alliances, leurs délégations et représentations, nous pouvons les documenter avec précision. Faites de la technologie, vous voici sociologue. Faites de la sociologie, vous voilà tenu d’être technologue” (Latour, 1993, p. 45).

Na verdade, existe um certo paralelo entre o uso de ferramentas na produção e a entrega e recebimento de presentes em troca. A ferramenta tem um impacto na matéria-prima, como o presente tem um impacto em seu destinatário, somente desde que seja animado por uma intenção que emana da pessoa do usuário ou do doador. Separada do contexto de produção, a ferramenta retorna à sua condição original como um objeto inerte. Do mesmo modo, o presente é inerte fora do contexto social de troca (Mauss 1954 [1925]: 10). Tanto a ferramenta quanto o presente mediam um envolvimento ativo e proposital entre pessoas e seus ambientes¹²⁷ (INGOLD, 2000, p.319, tradução minha).

É possível, portanto, sugerir que, se é certo, como afirma Ingold, que os objetos se tornam ferramentas na medida em que são conjugados a determinadas técnicas; não parece que a falta de uso das ferramentas aqui em observação as transforme exatamente em objetos inertes. Dar e vender máquinas de costura, tesouras e enciclopédias de alfaiataria, é um jeito de mantê-las em seus contextos sociais, em suas moradas. Tomando-se em conta, a lição de Appadurai (2008) a respeito das trajetórias de vida dos objetos parece que, assim como a “mercadoria” não é algo em si mas um estágio na trajetória de um objeto, também a condição de “ferramenta” é apenas uma das etapas da vida social desses objetos. Como o próprio Mauss afirma: “O que no presente recebido, trocado, obriga, é o facto de a coisa recebida não ser inerte. Mesmo abandonada pelo doador, é ainda qualquer coisa dele” (Mauss, 2001, p.64).

O que temos, no caso das tesouras, enciclopédias e máquinas de costura transferidas de um alfaiate a outro é o reconhecimento de uma equivalência, ou mutualidade, entre parceiros profissionais, que salva do anonimato e do esquecimento aqueles que se afastam da profissão, de um lugar ou de colegas de trabalho importantes para sua pessoa. Assim, mesmo sem uso, as ferramentas permanecem guardadas. Mesmo empoeiradas ou cegas, elas continuam ativas, fazendo alfaiatarias e alfaiates.

5.2 Aprendizizes e escolas

¹²⁷ Indeed there is a certain parallel between the use of tools in production and the giving and receiving of gifts in exchange. The tool has an impact on raw material, as the gift has an impact on its recipient, only so long as it is animated by an intention that issues from the person of the user or donor. Divorced from the context of production, the tool reverts to its original condition as an inert object; likewise the gift is inert outside the social context of exchange (Mauss 1954[1925]: 10). Both tool and gift mediate an active, purposive engagement between persons and their environments (INGOLD, 2000, p.319).

Em Curitiba, quase todos os alfaiates, hoje com mais sessenta anos, entraram na profissão atuando como aprendizes. Vários, quando tinham perto de dez anos de idade. A decisão sobre o trabalho que iriam aprender, por vezes, era responsabilidade dos seus pais. Morando na cidade, alguns diversificavam as áreas de atuação de filhos e filhas, conduzindo-os para diferentes profissões. *Minha família, por exemplo. Eu fui trabalhar numa alfaiataria e meu irmão foi numa gráfica. Meu outro irmão foi numa farmácia. A minha irmã foi de telefonista. E todos nós nos aposentamos na profissão que nós começamos.* Outros, ligados ao campo, encaminhavam as crianças mais fracas, doentes ou com limitações físicas para o aprendizado da alfaiataria, por comparação percebido com serviço *limpo e mais leve*. Muitos trabalharam de graça durante os anos iniciais de seu aprendizado ou mesmo pagaram para poder frequentar as alfaiatarias. *Antigamente você aprendia alfaiate porque você não tinha onde ir, não tinha o que fazer, entendeu? Não tinha nem televisão.*

Além de não serem mais tão jovens, os aprendizes que *aparecem agora* têm expectativas e também ideias diferentes daquelas que os alfaiates tinham quando começaram a aprender o trabalho. A maior parte tem mais de dezoito anos. Destes, uns estão desempregados e continuam procurando trabalho enquanto frequentam as alfaiatarias, de modo que, ao surgir oportunidades remuneradas, afastam-se da condição de aprendizes. Além dos que estão tentando mudar de profissão, há ainda os que têm alguma experiência com confecção e desejam apenas se aperfeiçoar, pois consideram que já sabem costurar. E, também, os estudantes de moda que procuram uma espécie de estágio. *Hoje as pessoas não aprendem mais. Apenas copiam conteúdos.* Interrompidas com frequência, em geral por iniciativa dos aprendizes, essas experiências se dão em novas condições, de sorte que raramente os aprendizes tornam-se oficiais de alfaiataria ou desejam se tornar alfaiates.

Para se tornar um bom profissional a pessoa precisa começar antes de 20 anos e trabalhar para ter seu auge profissional mais ou menos entre 45 e 50 anos, que é quando começa a ficar bom e quando já tem sua própria alfaiataria. Quem começa depois de 20 anos já tem muitos vícios, ideias diferentes, não consegue se afinar com o trabalho adequadamente, é difícil (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Não é, entretanto, apenas aquilo o que “falta” aos aprendizes de hoje em dia que limita a formação de novos profissionais. Além de exigir disposição e ânimo, o engajamento na

profissão exige *tempo*¹²⁸. E tempo é algo que não só os aprendizes, mas também os próprios alfaiates consideram que não têm mais. Os aprendizes eram ensinados *antigamente* aos poucos, no dia-a-dia do trabalho e por diferentes profissionais. Todos os alfaiates do estabelecimento ensinavam algo, mas ninguém perdia muito tempo de seu próprio trabalho lhes dispensando atenção. Ter um aprendiz *hoje* na alfaiataria implica, portanto, *parar o serviço* e dedicar tempo a ensinar, investindo em alguém que nem sempre *vai adiante* ou corresponde a expectativas de disciplina e lealdade daquele que o recebe em seu ambiente de trabalho.

Além disso, como as alfaiatarias reduziram-se e passaram a comportar um número cada vez menor de funcionários, que têm hoje idade mais avançada, o ensino foi sendo inviabilizado também pela falta de condições desses locais de receberem aprendizes.

E também é uma profissão difícil. A pessoa entra como adulto hoje e é muito difícil para aprender direito, demora. Antes, para aprender a costurar, tinha que amarrar o dedo, porque o dedal é aberto. Depois de aprender a fazer o caseado, se aprende a costurar a máquina, colocar entretela, já começa a trabalhar no paletó, aprender a fazer a manga, o forro, os bolsos, depois a montagem, até aprender tudo. Para aprender bem, leva uns 5 anos. Mas agora o curso em São Paulo leva um ano apenas. Mas aí sai sem experiência. Experiência vem com o tempo. Antes ia pegando experiência porque ficava tempo aprendendo. Até passar para os outros. A gente aprende trabalhando, vendo os defeitos, vendo como vai sanar aqueles defeitos. Você faz o corte, vai provar no cliente, vê que têm defeito, tem que saber tirar aquele defeito. Se não, aumenta mais. Tem de saber como você tem que fazer para corrigir. Com o tempo pega essa experiência (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Em São Paulo, a Associação de Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo criou em 2006, o Projeto Sob Medida Escola de Alfaiataria. Além das diversas escolas de corte e costura que também ensinam a confecção de paletós, blazers e outras *roupas masculinas*, também está disponível na capital paulista a Escola de Moda Italiana, conduzida pelo alfaiate Maurício Messias em sua própria alfaiataria. Em paralelo ao atendimento a clientes e à realização de consultorias para indústrias, a Escola de Moda Italiana, localizada na Rua Augusta (que já foi uma rua de grande concentração de alfaiatarias), realiza cursos semestrais com, em média, seis alunos por turma.

¹²⁸ Entre outras coisas: tempo para fazer, desfazer e refazer: um alfaiate contou que ao ver um aprendiz fazendo algo errado, deixava que ele continuasse. Só depois de terminado o malfeito, falava para ele desmanchar o serviço e fazer direito, *pois é assim que se aprende*.

Já o Projeto Sob Medida localiza-se na Rua Ipiranga. Concebido, desenvolvido e conduzido por quase dez anos, pelo alfaiate Valério Fávero, a escola de alfaiataria dispõe de sede própria e de um espaço amplo (composto por diversas salas, com ambientes de recepção, biblioteca, sala de vídeo, secretaria e salas de aula), no qual são oferecidos cursos semestrais ministrados por uma equipe variada de professores. Em ambos os casos, no Projeto Sob Medida e na Escola de Moda Italiana, o ensino está organizado em “cursos” ou “módulos”, distribuídos em conjuntos de 35 a 270 horas, que podem ser realizados isoladamente ou na sequência mais conveniente para o aluno. Os conteúdos, sendo divididos por peça (calça, blusa, camisa, colete, gravatas, saias e paletós) e por gênero (blazer feminino, paletó masculino, calça feminina e calça masculina), tratam separadamente a montagem e a modelagem da roupa, incluindo neste último item o corte.

Lá em São Paulo já existe uma escola que é uma esperança. Também eles têm um poder aquisitivo maior. E têm uma clientela mais rica. Em Curitiba, alfaiates que passaram pela presidência, tesouraria e outras funções da Associação dos Alfaiates do Estado do Paraná e do Sindicato da Indústria de Alfaiatarias do Estado do Paraná, demonstram interesse na constituição de uma escola de alfaiataria semelhante àquela aberta em São Paulo pela associação paulista, mas enfrentam dificuldades em relação ao pequeno número de associados e filiados, e ao contingente ainda mais reduzido de alfaiates dispostos a se engajar na administração destas instituições. Entre as iniciativas já realizadas nessa direção está um curso promovido na década de 1980 pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná em conjunto com o sindicato patronal¹²⁹.

Só tinha um professor, mesmo porque a gente fez assim pra vinte alunos só. E vinte alunos o professor dava conta tranquilamente, da maneira que a gente tinha de ensinar, sabe? Ensinar conforme tem que ser para alfaiate né. Nas inscrições deu uma certa euforia. Tinha gente demais. Mas logo no começo o pessoal a debandar, debandar. Tivemos que fechar o curso, não teve [...] eles não se adaptam... ‘não sei o quê’, ‘é muito trabalhoso’ e ‘não é isso que eu quero’... e aí começa os problemas né... (Ex-presidente do Sindicato da Indústria de Alfaiatarias do Estado do Paraná, Curitiba).

Desejadas e consideradas uma iniciativa necessária e importante, pelo esforço que representam na direção da continuidade do ofício, as escolas de alfaiataria são também

¹²⁹ O Serviço Social do Comércio do Paraná também já manteve, durante alguns anos na década de 1990, um curso de corte e costura ministrado por um alfaiate. Seu conteúdo, entretanto, não contemplava a confecção de paletós, mas sim outras roupas tanto masculinas quanto femininas.

criticadas por não *ensinar nada*, por pouco preparar para a atuação concreta e também por não formar alfaiates, e sim profissionais que vão trabalhar na indústria da confecção. Não sendo, necessariamente, construído no *fazer*, o saber transmitido nas escolas e nos cursos, ainda que não sejam exatamente percebidos como *teóricos* (tal como aqueles produzidos na universidade, por exemplo), não são considerados um saber que capacita para o dia a dia do trabalho das alfaiatarias. Isso, principalmente, porque sendo um trabalho manual, é preciso não apenas *copiar conteúdos* mas construir, no próprio corpo, o *saber fazer*.

Não, não, esses cursos que tem aí, de 120 horas, esses cursos eles não ensinam a costurar exatamente, né, costurar mesmo. Ele dá uma deslanchada na costura, mas não ensina mesmo. [...] porque aqui é sob medida né. E é artesanato. [...] É à mão, pregado botão à mão, tudo é feito à mão. Quase né, metade. Mais da metade do paletó é feito à mão (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Para aprender bem tem que ser ensinado por alguém que também é bom. E tem que aprender dentro [da alfaiataria], com gente dizendo ‘olha aqui’ e ‘lá’, e tal. As escolas só ensinam a trabalhar à máquina. Não ensina a fazer o que precisa ser feito à mão. Não ensina a chulear, guarnecer, casear e fazer o ponto espinha. Quem aprende na escola só aprende a fazer a máquina. Não adianta. Porque a máquina faz a parte dela. E na hora que você tiver que fazer a sua, não sabe fazer (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

As escolas e cursos são, portanto, entendidas como produtoras de um conhecimento de natureza diferente daquele obtido na confecção artesanal de roupas masculinas, de forma eminentemente manual, pelo convívio com os alfaiates mais experientes. *As escolas de costura que existem ensinam mas é muito diferente da alfaiataria. Alfaiataria e costura tem muita diferença. A técnica, o manuseio, a dificuldade em fazer um paletó é muito diferente.* A despeito disso, são elas também o caminho coletivamente imaginado para dar continuidade a transmissão desse saber.

Entretanto, é preciso observar que a constituição de escolas de alfaiataria não é exatamente uma experiência recente. Boa parte das enciclopédias do ramo disponíveis nas alfaiatarias foram produzidas por alfaiates que conduziam escolas de alfaiataria e que, por isso mesmo, são anunciados nas capas dos livros como “professores”, palavra nunca utilizada pelos alfaiates pesquisados para referir-se aos profissionais de quem foram aprendizes. Na introdução e nas primeiras páginas dos livros “Método geométrico e prático” e também do “Novo modelo de corte para alfaiates”, publicados na década de 1930, o autor, Pedro Frolidi, fundador e diretor

da Escola de Corte Brasileira, faz referência às centenas de profissionais que diplomou em todo o Brasil. No “Método mundial de corte anti-provas”, publicado na década de 1950, o “Professor Aníbal Martins”, informa seus planos de abrir uma escola de confecção em Belo Horizonte, “a fim de auxiliar os alfaiates do Brasil, que desejarem e precisarem”.

Ainda que sejam sistematicamente tomadas como menos relevantes do que as experiências vividas dentro das alfaiatarias, passagens por escolas e cursos de alfaiataria também fazem parte das trajetórias de alguns dos alfaiates pesquisados que frequentaram, por exemplo, em Curitiba, a Escola de Artífices Aprendizizes do Paraná (depois tornada Escola Técnica Federal do Paraná) onde, a partir de 1938, foram ministrados cursos de mecânica, marcenaria, carpintaria, sapataria e, também, de alfaiataria.

Comecei a aprender na Escola Técnica Federal do Paraná em 1954. Fiquei internado lá por três anos e meio. Mas aprendi mesmo foi quando comecei a trabalhar com [nome do alfaiate] e seu irmão, em 1958. Trabalhava sem registro nem nada, mas ele era meu amigo. Já no primeiro dia ele me entregou a chave da alfaiataria. Foi um pai pra mim. Me ensinou muita coisa (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Além dos poucos que se deslocaram até São Paulo ou até a Argentina, para frequentar escolas ou cursos de alfaiataria, há ainda aqueles alfaiates que fizeram cursos de corte e costura do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná, do Serviço Social do Comércio ou mesmo outros promovidos por instituições particulares. Experiências estas que não são desprezadas, mas que são entendidas como uma espécie de formação complementar àquela que se desenvolvia no cotidiano das alfaiatarias. Nessa direção, o professor de um curso de alfaiataria de São Paulo, afirmando que nem mesmo seu curso poderia ensinar tudo que se aprende *dentro* da alfaiataria, disse: *A alma da alfaiataria e o cheiro de mofo nem meu curso ensina.*

Apesar de desejadas e consideradas importantes, as escolas e cursos parecem ter um efeito menor na organização da experiência de vida daqueles que trabalham no ramo da alfaiataria e também na constituição da sua autoridade na área. Assim, mesmo quando reconhecem que suas trajetórias não correspondem àquela idealizada do aprendizado do ofício (de aprendiz a calceiro, paletizeiro, contramestre e mestre) o eixo do aprendizado do trabalho assenta-se na prática da alfaiataria e na convivência com os alfaiates. Em Curitiba, um dos sócios de uma alfaiataria dedicada principalmente à confecção de uniformes **sob medida**, mas

que também realiza ternos, contou que montou sua primeira alfaiataria após um ano de aprendizado, trabalhando com um tio alfaiate e explica sua formação do seguinte modo:

Antes as pessoas começavam um pouco antes. Então o aprendizado era um pouco diferente. Nós não fizemos a escola clássica como a maioria dos alfaiates. O alfaiate amarrava o dedo para começar a aprender, ficava um ano só alinhavando, depois passava para a calça. Então, o [nosso] aprendizado foi diferente, até porque nós fomos acompanhando um pouco a evolução. Antigamente o pessoal demorava muito nas fases. Uma, para aprender muito bem e, outra, porque tinham tempo. Não é como hoje que as coisas são muito rápidas, ninguém tem tempo para ficar vindo até aqui, esperando a roupa. Então nós acabamos entrando nessa linha (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Neste aspecto, vale observar que os proprietários das novas alfaiatarias de São Paulo, mesmo apontando sua posição diferenciada em relação aos alfaiates mais antigos, também pouco chamam atenção para os cursos de corte e costura, modelagem ou alfaiataria que, eventualmente¹³⁰, fizeram, preferindo reforçar em suas próprias histórias as conexões familiares (*neto de alfaiate, sobrinho de alfaiate*) e convívio com alfaiates no trabalho em lojas de confecção de roupa masculina, na indústria e, também em ateliês de alfaiataria¹³¹.

Aprendi tudo isso em 2012. Saí, fiquei na Sicília uma temporada. Fiquei dois, três meses numa alfaiataria dentro da Sicília, no miolo da Sicília, numa cidadezinha de 2.900 habitantes [...] De lá eu fui pra Puglia, então tem um grande amigo [...], que é um mestre alfaiate que me ensinou e me ensina toda vez que eu vou lá, ele me dá umas dicas, é um segundo pai que eu tenho lá. Fiquei uma temporada na Puglia e fiquei uma temporada em Londres também. Nisso a gente acabou pegando várias referências, várias técnicas, várias maneiras de construir (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

Uns e outros, portanto, confirmam-se alfaiates não pela diplomação, mas sim aprendendo *sozinhos*, se *desenvolvendo sozinhos*, consolidando em si a prática da alfaiataria.

¹³⁰ O proprietário de uma dessas alfaiatarias contou: *Eu fiquei 12 anos lá no Ermenegildo Zegna cuidando do departamento sob medida da América Latina inteira. E aí também foi onde eu me apaixonei pela parte de alfaiataria e comecei a fazer especializações, fiz curso na Itália, curso dentro do Zegna pra entender realmente o universo da alfaiataria.*

¹³¹ Em uma matéria publicada no jornal Valor Econômico, um desses alfaiates é apresentado da seguinte forma: “[...] é formado em direito e diz que desde cedo desenhava suas próprias roupas. Considera-se autodidata na arte das tesouras, mas afirma ter recebido orientação de um mestre alfaiate que hoje, aos 83 anos, faz parte de sua equipe” (PEDROSO, 2014, p.D4).

5.3 Semi-industrial

Entre os proprietários de lojas de tecidos importados também é evidente a ideia de que a produção artesanal de roupas masculinas está em extinção. *É uma profissão antiga e o aprendizado leva muito tempo. Atendendo empresas de porte pequeno e médio, esses comerciantes concordam que aquele [alfaiate] que faz [o terno] do começo ao fim está se extinguindo e reafirmam a escassez da mão-de-obra e a diminuição da demanda. O proprietário de uma dessas lojas destacou a redução do tamanho das alfaiatarias. Não tem mais alfaiataria com vinte, trinta funcionários. Não tem demanda pra isso. E o bespoke¹³² produz hoje no máximo quinze roupas por mês, então, tem que pensar o quanto o bespoke é relevante para o mercado.*

Analizando a atividade a partir da perspectiva de quem é fornecedor de um produto de alto custo (tecidos importados) para estabelecimentos de todo o país constata-se que, para esses comerciantes, a perspectiva do fim dos alfaiates não exatamente coincide com qualquer possibilidade de fim da alfaiataria. Analisando os horizontes da atividade, o proprietário de uma loja paulistana de *tecidos finos* considerou o seguinte: *Vejo um mercado crescente. Não vejo só uma sobrevida, mas um futuro. As vendas não têm caído.* Habitados a viajar para o exterior e a participar de feiras do setor, onde estabelecem relações de negócio e acompanham as inovações do campo do vestuário, esses comerciantes, que são em certa medida os responsáveis pela seleção que vai compor os mostruários de tecidos presentes nas alfaiatarias, em contraste com o esmorecimento do fim dos alfaiates, destacam o quanto o campo da tecelagem avança intensamente e tem se renovado na oferta de tecidos diferenciados.

Tem uma contradição entre conforto e estética. O conforto está associado a fibra natural, não calorenta. E a estética está associada ao poliéster. Hoje o desafio da indústria é oferecer beleza e benefícios. Agora tem o tecido confeccionado com o high twist¹³³ que é um fio muito torcido que amassa menos. Tem os que são impermeáveis, os que são mais respiráveis. Tem os que são bactericidas, feitos para aquelas pessoas que viajam e não querem, ou não podem, gastar tempo enviando o terno para a lavanderia. E tem também esses como o linho que é muito confortável mas amassa mesmo. E

¹³² Feito sob medida.

¹³³ Fio de alta torção.

todo mundo sabe e aceita o tecido desse jeito (Proprietário de loja de tecidos, São Paulo).

Avaliando as relações entre alfaiates e clientes a partir de outras variáveis, eles sugerem que para atender bem os clientes hoje não basta saber fazer uma roupa bem-feita, é preciso levar em conta a importância da afinidade e do relacionamento interpessoal para o negócio da alfaiataria. *É importante ter assuntos em comum, que quem te atenda possa fazer sugestões interessantes, conversar. O cara, de repente, te recomendar, por exemplo, um dermatologista.* Essa afinidade, consideram, por um lado tem sido prejudicada pelo envelhecimento dos alfaiates (e pela falta de renovação da mão-de-obra). Por outro, pelas características dos homens brasileiros que, em contraste como os europeus, são percebidos como uma clientela que valoriza pouco o hábito de vestir. *O brasileiro não tem a cultura do vestir. Não tem espontaneidade ao vestir. Tem medo de ousar. Não está no DNA. [...] O nosso trabalho é também um pouco esse de ensinar o valor do vestir.*

Neste sentido, afirmam que *os alfaiates tiveram que se reinventar*, não exatamente no que diz respeito à lida com os materiais e tecidos, mas sim na comunicação com os clientes e na reformulação do próprio negócio, do sistema de produção às formas de venda. Algumas alfaiatarias de São Paulo¹³⁴ são aí apontadas como exemplos de novos negócios do ramo porque investiram em outros processos de confecção de roupas que pudessem atender uma clientela exigente, *que quer o sob medida*, mas que tem uma perspectiva de mundo (e não apenas de roupa) muito diferente dos alfaiates mais velhos. *É um campo muito subjetivo. Tem que trabalhar com isso. Conseguir tratar com isso. Os alfaiates mais novos reúnem uma modelagem e um sentido estético.*

Para estes comerciantes, o futuro da alfaiataria é o semi-industrial. *Pouco a pouco o sob medida está se tornando industrial, desenvolvendo um modo de realizar o trabalho, mas com as medidas específicas do cliente.* Nem de larga nem de pequena escala, o semi-industrial seria não apenas um sistema de trabalho, mas, principalmente, um modelo de negócio no qual a produção de ternos é parcialmente realizada com trabalho manual, o que exige mais mão de obra, mas permite o aperfeiçoamento daquilo que seria o “calcanhar de Aquiles” da produção industrial: a qualidade dos acabamentos da roupa. Desenvolvida em fábricas de pequeno e médio porte com até cinquenta funcionários, e não em ateliês, essa produção semi-industrial de

¹³⁴ O comerciante refere-se aqui a um conjunto de alfaiatarias descritas no tópico 3.6, intitulado “Outras alfaiatarias, outros alfaiates”.

ternos é descrita pelos comerciantes de tecidos importados como um sistema que aumenta a produtividade da empresa e diminui o custo e tempo de confecção da roupa. Ao mesmo tempo, garante que o acabamento do terno seja de melhor qualidade do que aqueles feitos pelas grandes indústrias.

Ainda pouco estabilizada, a noção de semi-industrial, no que diz respeito ao processo de produção, trabalharia, por exemplo, com uma grade com numeração de 38 a 52. O cliente vestiria a numeração mais próxima do seu corpo e os vendedores ou alfaiates trabalhariam somando ou reduzindo medidas negativas e positivas (acrescentando e diminuindo mais ou menos dois centímetros). Com o corte feito eletronicamente e/ou o entretelamento dos reforços de peito já pré-preparados, o número de provas diminuiria e a confecção se tornaria mais rápida.

O proprietário de uma dessas alfaiatarias paulistanas, caracterizadas como *novas*, considerou que ainda estava trabalhando com um processo artesanal. *Agora o que tenho aqui é um processo artesanal. Quer dizer não é totalmente artesanal porque eu tenho aqui um maquinário, tipo prensa, mas é muito artesanal.* Entretanto, pretende, mais adiante, com o crescimento do negócio, abrir uma pequena fábrica. Tendo tido experiências profissionais anteriores em uma indústria de ternos, disse que sua intenção, entretanto, é trabalhar mais adiante com um sistema *semi-industrial*, quando ao invés de ter uma produção reduzida como a que tem agora poderá abastecer, por exemplo, uma loja própria e algumas lojas multimarcas. Parte do processo de confecção talvez fosse terceirizado e funcionasse *por encaixe*, ou seja, levando em conta as medidas do cliente; sua indústria reuniria, *por exemplo, um ombro de numeração 45 com uma manga de um manequim 48*. Essa aproximação com universo da indústria, considera, o afastaria do processo artesanal, mas não da confecção **sob medida**.

Outro proprietário de alfaiataria de São Paulo, explicou as diferenças do processo de confecção dos ternos utilizado na sua alfaiataria do seguinte modo:

A gente fez uma redução de processo, porque nós já temos as quatro modelagens. A gente tem a modelagem slim, regular, tradicional e a oversize. Então conversando com o cliente aqui, a gente percebe primeiro, o biotipo, segundo, o estilo. Com essas informações a gente fala: “A modelagem pra você é essa”. Esse cliente vai pro provador, a gente usa os dois processos aqui, a gente faz a medida do corpo e ele já veste uma roupa. Então a medida do corpo é pra fazer a base. Quando ele veste a modelagem, a gente já começa a fazer a moulagem¹³⁵ nesse processo aqui. É o que a gente fala, é a redução

¹³⁵ Processo de modelagem tridimensional, ou seja, feito sobre um busto de manequim ou sobre o corpo de quem vai vestir a roupa.

*das provas. Tem isso, porque o homem moderno, você precisa agilizar a vida dele. [...] Como funciona? Tomou as medidas lá, a pessoa que toma a medida é que a vai sentar no computador. Aquilo que você viu lá o alfaiate botando o tecido e cortando, é feito da mesma forma, só que no sistema, você integra a tecnologia. [...] e é até mais precisa, porque não vai a mão humana. Vai o tecido e uma mesa de corte, vai a sucção e ele é cortado a laser milimetricamente*¹³⁶ (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

No que diz respeito a comercialização, os proprietários de lojas de tecido enfatizam que as *novas* alfaiatarias tratam de vender não apenas o **sob medida**, mas de construir uma *marca* e também vender um *estilo de vida*. *O semi-industrial é mais atento à moda. Consegue unir demanda e marketing na construção de um estilo de vida*. O deslocamento que os proprietários de lojas de tecidos veem surgir com o fortalecimento de uma alfaiataria semi-industrial, vale observar, não se dá apenas por uma modificação do processo de produção das roupas, mas sim por uma reformulação do próprio negócio da alfaiataria. Diante da minha pergunta se os profissionais que conduziam estas novas alfaiatarias seriam alfaiates ou estilistas, um desses comerciantes considerou: *Se eles têm essa percepção dos desejos da clientela e conseguem realizar um bom trabalho, porque não se vender como alfaiates?*

5.4 Sob medida

Se, para os donos de lojas de tecido, definir quem é ou não alfaiate ou estilista não é o mais importante, do ponto de vista dos alfaiates, as diferenças entre o trabalho que eles realizam e aquele concernente aos estilistas, designers e vendedores são significativas. Por isso mesmo, não deixam de indicar os inúmeros aspectos que afastam as roupas que produzem daquelas que pertencem a uma gama de vestimentas que, mesmo não tendo sido produzidas em alfaiatarias e por alfaiates, tem o *estilo alfaiataria* pois remetem a um conjunto de formas, elementos, tecidos e padronagens característicos do terno.

¹³⁶ Merece nota o software desenvolvido por uma equipe de pesquisadores da Escola de Artes, Ciências e Humanidade da Universidade de São Paulo. Chamado “Clothes for me”, o software é o resultado de uma pesquisa iniciada em 2010 com a intenção de produzir moldes sob medida: “A equipe do curso de sistemas de informação incumbiu-se de desenvolver um algoritmo capaz de adaptar moldes às medidas de um cliente. ‘Não se tratava apenas de criar um molde que crescesse ou diminuísse de acordo com as proporções do corpo do cliente, mas de obter um algoritmo para as medidas informadas’” (MARQUES, 2015, p.43)

Tem a alfaiataria que é estilo. É o uso comercial da palavra. Já alfaiate é a profissão. Tem, por exemplo, a bermuda de alfaiataria, que é feita na indústria e não por um alfaiate, mas recebe esse nome porque do ponto de vista comercial corresponde a um estilo chamado, no comércio, alfaiataria. Não é a técnica, é o comercial (Proprietário de alfaiataria, Curitiba).

Do ponto de vista dos alfaiates, a disparidade entre uma coisa e outra é grande e precisa ser ressaltada. *Alfaiataria não é carregação*¹³⁷. Um alfaiate refletindo sobre os ternos caros vendidos em lojas de confecção, considerou que os clientes acabam investindo muito para levar para casa roupas que, em sua opinião, *apesar de serem novas, são reformadas* pois só podem ser vestidas mediante ajustes realizados pelos alfaiates. No **sob medida**, considera, isso não acontece, pois, a roupa é provada antes de sua conclusão e todos os ajustes são feitos antes que a roupa fique pronta. Outro alfaiate, fazendo referência aos colegas que são contratados para trabalhar em fábricas, destacou que *a indústria evolui fazendo alfaiataria, mas a alfaiataria não evolui fazendo indústria. É uma decadência usar a indústria na alfaiataria.*

No cômputo geral, os alfaiates (sejam eles de Curitiba ou de São Paulo, de alfaiatarias antigas ou *novas*) esforçam-se para mostrar que a alfaiataria não deve ser confundida com os produtos *feitos a tapa, de qualquer jeito*, com defeitos, com *tudo torto*, em *grande quantidade* e para *vender barato*. Ressaltam que os ternos de confecção industrial *se desfazem* por dentro, *perdem a forma* rápido e são uma roupa que *não te dá muita referência, parece uniforme que todo mundo usa*. Mal fixados, seus botões se soltam. Os fios, quando puxados, vão desfazendo as costuras. Os caseados são falsos, apenas enfeitam, não abrem nem fecham de fato.

Por contraste, explicam o que é alfaiataria como aquela que tem *qualidade*¹³⁸. *Fica bem feito. Bonito*. A roupa fica com *mais estrutura e dura mais*. Usa tecidos que *têm presença, destaque*. As calças têm cóis com viés siliconado para evitar que a camisa saia com facilidade e *travete*¹³⁹ no bolso para dar mais firmeza. No encontro entre as duas pernas da calça ou

¹³⁷ Carregaço tambm um termo utilizado para designar levas de roupas ou peas de roupas que so repassadas para costureiras e costureiros que, trabalhando em suas prprias casas, as finalizam colocando bolsos, pregando mangas ou bordando-as a mquina.

¹³⁸ Para Douglas e Isherwood (2013), a diferena de qualidade dos bens se d no devido a qualquer fator que lhes seja intrnseco, mas sim por sua escolha como marcadores hierrquicos. Os bens de luxo tenderiam a servir a eventos pouco frequentes e muito valorizados, revelando, por meio de sua prpria escassez, as posies hierrquicas mais altas. Devotados apenas a operar o sistema de marcao, eles seriam “puros marcadores hierrquicos”, completamente desnecessrios do ponto de vista da utilidade, mas absolutamente efetivos em sua capacidade de constituir esferas sociais restritas.

¹³⁹ Travete uma costura realizada principalmente em cantos de bolso, passadores de cinto e na juno de entre pernas, onde o artigo sofrer maior esforo no uso dirio, necessitando assim ser reforado com uma costura mais resistente.

entre a manga e o peitoral do paletó, as linhas das padronagens dos tecidos se encaixam perfeitamente. E, para deixar o serviço mais *bonito*, se faz o acabamento com pontos picados. O forro do paletó pode ficar à vista pois não esgarça ou fica marcado pelo suor. Os botões são firmemente fixados e não tem fio solto em lugar nenhum. Além disso, os caseados, pedra de toque do serviço do alfaiate, são feitos à mão com pontos muito pequenos, próximos e uniformes, mostrando o cuidado na realização dos acabamentos e o valor do trabalho realizado.

A princípio tudo se passa como se os produtos da indústria fossem semelhantes entre si e sobretudo inferiores aos produtos confeccionados pelos alfaiates. Mas a distinção entre o que é artesanal e industrial, efetivamente, se espraia em um conjunto de possíveis hierarquizações que se apresentam em diversos níveis; e há momentos e contextos nos quais os alfaiates admitem que determinadas roupas, mesmo tendo sido produzidas industrialmente, têm *qualidade*¹⁴⁰. O mesmo ocorre com a antítese entre o trabalho de alfaiates e de costureiras: no plano geral sempre hierarquicamente dispostos, mas em alguns contextos específicos, tomados como igualmente *bem feitos, bonitos e de qualidade*.

Se como demonstra Mol (2008), a realidade não é só feita (e localizada histórica, cultural e materialmente), mas múltipla, é importante observar que esse exercício de diferenciação que os alfaiates fazem, institui uma alfaiataria *de verdade* ao mesmo tempo em que reconhece outras. *Hoje tem o bonito, o confortável e a moda. E a moda é que tem pesado mais. Então é preciso se adaptar*. A abordagem do assunto em um blog de moda, por duas consultoras de estilo pessoal, ajuda a entender o que é, do ponto de vista “da moda”, a alfaiataria:

A gente fala muito em alfaiataria por aqui. Muito, mesmo! A gente também fala muito pras clientes e de repente a gente se tocou (ou alguém deu um toque na gente!) que nem todo mundo é obrigado a saber o que a gente quer dizer quando fala alfaiataria. Ufa! Então é o seguinte, quando a gente mencionar nos nossos textos termos tipo calça-alfaiataria, bermuda-alfaiataria, tecido de alfaiataria a gente está se referindo a peças de roupa que têm alguma referência do terno masculino. Pode ser o corte mais reto, o tecido tipo lã fria, as padronagens (risca-de-giz, príncipe-de-gales, etc), o caimento impecável ou detalhes tipo bolso faca, barra italiana ou abotoamento duplo.

Roupas femininas que a gente chama "tipo alfaiataria" sempre trazem mensagem de refinamento, elegância e somam um tanto de formalidade ao look. Isso porque o terno masculino ou a alfaiataria de verdade é um dos ramos da feitura de roupas mais sofisticados, cheios de regras de acabamentos e carregado de tradição. Sabia que a barra de uma calça (ou bermuda, ou saia ou qualquer outra peça) de alfaiataria não pode ter a costura aparecendo por

¹⁴⁰ Como bem evidencia a fala do alfaiate apresentado no prólogo deste trabalho, realizar ajustes em ternos *bons, de qualidade*, não é o mesmo do que fazê-lo naqueles que são de confecção.

fora? Tem que ser uma costura invisível, sutil, perfeita como se deve ser uma boa alfaiataria!!! (ZANETTI, 2010).

Esta distinção entre um âmbito masculino, estável e sóbrio e outro feminino, oscilante e vistoso, pode-se notar, não está restrita à perspectiva dos alfaiates pesquisados. Também pode ser observada na linguagem utilizada pelo jornalismo de moda que, ao falar do assunto, refere-se à forma como este ou aquele estilista lidam com ou fazem alfaiataria. A descrição de uma estilista brasileira, cujo trabalho é reconhecido por incorporar a alfaiataria em suas coleções de moda, ilustra bem esse movimento. As criações da estilista, sugere-se, produzem um “cruzamento entre os sexos das roupas” (p.40), apropriam-se das referências do universo da alfaiataria, “modernizando” o traje masculino:

Assim como mademoiselle Chanel, Clô Orozco tem um fetiche pela roupa masculina, reformulada, para suas coleções femininas. A alfaiataria, as texturas, as proporções, a gravata, o modelo de calça com prega afunilada em baixo a atraem assim como a camisaria, em especial, a camisa de smoking (“As possibilidades na camisa de smoking são infinitas”). Foi o que levou-a a lançar a Huis Clos Homme, em 1981, que durou apenas 4 anos. A proposta era introduzir ao universo masculino o mesmo conceito de estudos de proporção e de pesquisa de matéria-prima que desenvolve no feminino. Sentia a existência de um nicho inexplorado no mercado de moda masculino, uma roupa que ficasse entre o exagero fashion e o clássico. Uma roupa para um homem que tem vontade de ser moderno, que quer sair do básico, do rigor do clássico absoluto [...]

Incluir tecido masculino nas roupas de festa é uma das maneiras que achou para continuar seu namoro com o masculino. Para quebrar o excesso de códigos femininos de um look, sugere a blusa de festa com calça de alfaiataria ao montar as produções para as vendedoras nos lançamentos semestrais de coleções. O cruzamento entre os sexos das roupas é uma das facetas mais sutis da sensualidade de seu estilo (GARCIA in OROZCO, 2008, p.38-39).

Também na direção dessa distinção entre alfaiataria e moda, temos que, enquanto Paris é a “capital da moda”, localiza-se em Londres, em Savile Row, rua famosa por sua concentração de alfaiates e lojas de tecidos, o que se costuma chamar de “quartirão de ouro da alfaiataria”¹⁴¹. As diferenças entre esses dois pontos, uma cidade e um quartirão, não estão apenas em suas

¹⁴¹ Mairi Mackenzie afirma: “Assim como Paris estabeleceu uma infraestrutura e um renome em função da produção de vestuário no século XIX, chegando a dominar a moda feminina, Londres foi o modelo de classe mundial em alfaiataria e, conseqüentemente, da moda masculina. Savile Row, a rua central da comunidade de alfaiates londrinos desde o século XVIII, tornou-se sinônimo de superlativa habilidade, caimento impecável e essência da indumentária masculina” (2010, p.42).

dimensões, mas também nos princípios de funcionamento de cada um deles, como se vê na fala de um especialista em roupa masculina: “Num mundo em que se considera um estilista superior a um artesão, a Savile Row é um dos últimos bastiões nos quais a produção de uma obra está na mão daquele que a produz de forma artesanal, nomeadamente o alfaiate” (ROETZEL, 2000, p.92)¹⁴².

Se em um plano, temos que a moda *é o que tem pesado mais* e que está posta como valor dominante na sociedade (de sorte que, se diz que, através dela, a alfaiaria pode ser “desconstruída”, “atualizada” e “renovada”, mas não vice-versa), por outro, num plano mais restrito, inverte-se a direção da dominação. Constituindo-se no âmbito do masculino, do estável e do sóbrio, a alfaiataria e os alfaiates negam a superioridade mercadológica dos estilista e da moda, reforçando sua incompatibilidade com uma atividade e tipo de profissional comprometidos com o cliente e com o saber fazer, e não com *coisas diferentes que não vestem ninguém*.

O corpo é uma coisa, moda é diferente [...] O estilista é estilo. Ele cria alguma coisa, bonita, linda, maravilhosa. Ele faz um desenho e tudo. Mas pense aquilo que ele criou com um corpo grande, magro, alto. O estilista é maravilhoso, ele cria alguma coisa. Mas eu vou fazer essa peça para que corpo? Porque não é todo mundo que vai vestir aquilo. Eu acho que se não tivesse estilista, não teria moda, não teria... ele é fantástico. Ele tem que fazer isso, lindo, maravilhoso, porque eles ficam lá imaginando coisas diferentes. Mas, quem vai usar isso? É fulano? É fulana? Esse tipo de coisa... Qual é o corpo dessa pessoa, dessa e dessa... O alfaiate pode criar, mas tem que conhecer o cliente. Tem que fazer para o cliente. [...] O estilista trata da roupa e não de quem vai usá-la. Faz a peça de roupa e quem quiser a usa. O alfaiate faz roupa para alguém (Proprietário de alfaiataria, São Paulo).

¹⁴² Mas, mesmo Savile Row parece sofrer com o avanço da confecção industrial. A rua, que acolhe estabelecimentos bicentenários do ramo, concentrava por volta de 1960 centenas de alfaiatarias. Já no final de 1980, apenas algo perto de cinquenta estabelecimentos ali permaneciam (ROETZEL, 2000, p.92). Em abril de 2012, um protesto organizado pela revista masculina “The Chap”, contra a abertura da megaloja infantil de uma rede americana ganhou alguma atenção da imprensa inglesa, destacando que as alfaiatarias têm perdido espaço na região para a grandes cadeias de lojas de roupas de confecção. Os cartazes empunhados pelos manifestantes, “impecavelmente vestidos, é bom notar” (YAHN, 2012), em frente ao endereço onde seria instalada a nova loja dirigiam-se à rede americana dizendo: “Savile Row. Quality. Style. Tradition. Which are you supplying?”, “Give a three-piece a chance. Save Savile Row from Abercrombie & Fitch” e “Savile Row does not need you”. Um artigo sobre o assunto no jornal britânico “The Guardian”, sugeria que a renomada rua vivia um estado de invasão e que apesar dos manifestantes pensarem que estavam salvando a rua, na verdade, estavam danificando-a, pois “handmade doesn't need to mean heritage. Savile Row needs to adapt its crafts to the modern world – and fast” (PORTER, 2012).

Merece atenção neste cenário a posição singular de um alfaiate de São Paulo que, tendo feito um curso de moda no exterior e atuado como assessor de confecções no que diz respeito a modelagem, também atua na confecção **sob medida** de ternos. Definindo a si mesmo, disse que se considerava tanto alfaiate quanto estilista pois teve uma formação clássica *dentro da* alfaiataria (com tio e pai alfaiates), mas gosta de criar e de abrir outras frentes de trabalho. Em sua opinião, o estilista, o designer e o costureiro são criadores, o alfaiate não. *O alfaiate é um retrógrado, está sempre atrasado, segue o que os clientes pedem e apenas porque os clientes pedem. Não é um profissional antenado com as novidades. É um acomodado. Ele não dita a moda. Existe um abismo entre a alfaiataria e a moda.* Assinalou também três aspectos que, em sua opinião, caracterizam o que é o trabalho de alfaiataria. *Um, é preciso que haja uma encomenda. Dois, é sob medida. A partir das medidas do corpo do cliente. E três, implica em um atendimento personalizado.*

Como é possível constatar, a iminência do fim da alfaiataria se desdobra em numerosos processos de transformação: a cidade cresce, as lojas de aviamentos se reduzem, as entretelas, os tecidos e os modelos de terno mudam, os alfaiates se aposentam, seus ternos se tornam mais caros, suas ferramentas ficam sem uso, seus aprendizes e clientes minguam. A cada nova encomenda realizada por um cliente e aceita por um alfaiate, entretanto, a prática da alfaiataria desperta, os alfaiates se recompõem e múltiplos elementos são acionados para que a roupa seja realizada. Cortes de tecido, botões, entretelas, pontos, alinhavos, fichas de clientes, cortadores, paletózeiros, calceiros, dinheiro e clientes concatenam-se em um ajustamento particular de gestos e movimentos por meio dos quais os ternos vão sendo feitos.

Na iminência do fim, o fim parece, por vezes, um pouco distante, apesar de sempre, claro, um tanto mais próximo. Azeitadas, as máquinas são postas novamente em uso, as enciclopédias revisitadas, as histórias novamente contadas. Máquinas, softwares, cursos, escolas, tecidos, manuais de paletó e aprendizes aparecem. O próprio fim torna-se assunto discutido e problema a ser posto ao exame coletivo nas manchetes de notícias. Senhora das novidades, a moda, a seu jeito, reverencia vez ou outra o trabalho dos velhos alfaiates, os últimos falantes dessa língua em extinção. E novas alfaiatarias, alfaiates, clientes e modos de fazer surgem. Justapostos de tal modo que pareciam indissociáveis, a alfaiataria, o **sob medida** e o artesanal espriam-se, então, de modo a produzir novas combinações.

5. Considerações finais

Este trabalho abordou o universo dos alfaiates e das alfaiatarias buscando descrever e analisar as particularidades dessa prática. A etnografia tratou de observar o cotidiano de uma atividade realizada por um corpo profissional composto, em sua grande maioria, por homens com mais sessenta anos que se dedicam à confecção de roupas **sob medida** e à realização de ajustes, reformas e consertos em roupas prontas. No exercício de identificar o que havia para se dizer sobre o tema para além do recorrente anúncio da extinção da profissão, a etnografia esforçou-se por perceber as ambiguidades e contingências próprios desse universo, colocando em foco a relação entre pessoas e artefatos que compõem as alfaiatarias e também as trocas e habilidades aí estabelecidas. O trabalho desenvolveu-se em três momentos. Primeiro tratou de delinear o *circuito* da atividade em Curitiba, depois de compreender e sintetizar o processo de confecção de calças e paletós e, por último, de, por meio da análise do contexto no qual a ideia de extinção dos alfaiates se faz ressoar, entender o uso que faz da categoria **sob medida**.

A reflexão aqui realizada se beneficia de dados levantados em momentos de pesquisa anteriores à realização do doutoramento, quando entre 2007 e 2010, os primeiros contatos com os alfaiates e as alfaiatarias de Curitiba foram estabelecidos para realização de um livro e de um documentário produzidos no âmbito das políticas públicas de identificação de saberes e técnicas enquanto patrimônio cultural imaterial. A análise que compõe esta tese, entretanto, está principalmente baseada no cotejamento desses dados com aqueles levantados em uma nova incursão a campo, realizada a partir de 2014, quando além de retornar à circulação entre as alfaiatarias, com visitas e entrevistas com alfaiates de Curitiba, investiu-se na experiência de aprendizado do trabalho da alfaiataria. Apesar de não ter alcançado a intensidade necessária para se realizar um trabalho comparativo, o contato com alfaiates de São Paulo e com proprietários de lojas de tecidos e de aviamentos específicos para alfaiataria, foi utilizado como um contraponto em relação aos dados coletados em Curitiba, servindo mesmo como base para a reflexão sobre os diversos horizontes que constituem a atividade.

No desenvolvimento do trabalho, constatou-se que o *circuito* da atividade da alfaiataria é composto pela produção de certos tipos de coisas, pessoas e relações que conectam, em diferentes graus, a prática em Curitiba a planos de circulação que extrapolam a cidade. Resultado da execução de determinados serviços e condição para sua realização, a distribuição das alfaiatarias pela cidade é relevante. No centro e nos edifícios ela se dá pela concentração daquelas dedicadas ao **sob medida**. Já nos bairros, à porta da rua, estão outras cuja atividade principal são os consertos, ajustes e reformas. Os alfaiates, entretanto, não estão apenas instalados nas alfaiatarias, eles circulam, de modo mais restrito ou amplo, dentro e fora delas e entre outros endereços e atividades. A observação dos diferentes modos de circulação dos proprietários de alfaiatarias e dos oficiais, e dos argumentos que alicerçam a experiência da profissão de alfaiate entre uns e outros, indicou como a prática da alfaiataria pode ser vivida tanto como estilo de vida, que compromete integralmente aquele que a ela se dedica, quanto como uma condição profissional contingente, compreendida não como *vocação*, mas sim como *circunstância*.

Nos horizontes da prática da alfaiataria em Curitiba notou-se a presença tanto das cidades do interior do Paraná e de Santa Catarina, de onde muitos alfaiates saíram, como de São Paulo, da Inglaterra, da Itália, da indústria, dos produtos chineses, dos novos alfaiates e das novas alfaiatarias que despontam, à distância, pelas notícias ou, à mão, por meio dos mostruários de tecidos, dos modelos de terno e das próprias roupas que são trazidas pelos clientes para reparo. No que diz respeito aos fornecedores de aviamentos e de tecidos,

evidenciaram-se a redução dos materiais específicos de alfaiataria nos armarinhos locais e também as conexões estabelecidas, em especial, entre os alfaiates dedicados ao **sob medida** e as lojas paulistanas.

Em relação ao processo de confecção de roupas em alfaiatarias, constatou-se que as técnicas utilizadas não são apenas um conjunto de procedimentos específicos, mas também de habilidades desenvolvidas de modo diferenciado entre os alfaiates. Para além das medidas, a confecção dos ternos exige que os alfaiates, em especial os cortadores, *aprendam a olhar*, conformando um *golpe de vista* que lhes permite apreender do corpo do cliente e, por isso mesmo, desenvolver uma roupa que lhe *caia bem*, corrigindo seus eventuais defeitos. Apesar de se dizer que são *tiradas* dos clientes, as medidas com os quais os alfaiates lidam correspondem simultaneamente ao corpo do freguês e à roupa que será confeccionada. Elas são, portanto, índice da negociação e da parceria que são estabelecidas no momento da encomenda e que se alongam durante a realização das provas até a entrega da roupa solicitada. A correspondência constituída entre alfaiates e clientes para que a roupa se realize é o que torna razoável (e possível) se pensar (e dizer), de forma trivial, que, tal como os alfaiates, os clientes *fazem roupa*.

Neste sentido, vale observar que o **bom caimento** não é um atributo do terno em si, mas um efeito dele sobre o cliente. Mais do que decalcar o corpo dos fregueses, as medidas do **sob medida** tratam de estabelecer uma correspondência entre as roupas realizadas e eles. Neste processo, ao mesmo tempo em que as habilidades dos alfaiates são postas à prova e aperfeiçoadas, os corpos dos clientes são interpretados, traduzidos e também melhorados por meio das roupas confeccionadas. O **sob medida**, portanto, destaca-se dos preteridos serviços de ajustes, reformas e consertos, não porque envolva a aplicação de técnicas diferentes daquelas necessárias a realização de reparos, mas sim porque, através de um conjunto de expedientes por meio dos quais os alfaiates buscam realizar ternos *bonitos, bem feitos e de qualidade*, produz não apenas vestimentas e bons negócios mas também as próprias habilidades dos alfaiates e seu lugar na alfaiataria.

Num âmbito em que os cursos e diplomas podem participar apenas de modo periférico da formação profissional, os alfaiates constituem-se como tal, na medida em que desenvolvem destreza para fazer roupas e também para fazer a si mesmos, como profissionais *patrões, funcionários ou autônomos* e como proprietários de alfaiataria, cortadores, paletizeiros e calceiros. Constituindo-se diversamente como alfaiates, os proprietários de alfaiatarias dedicados ao **sob medida** enfatizam a “completude” de sua formação e a disposição para

avancar na profissão enfrentando a lida com os clientes. Já os oficiais valorizam a “autonomia” da qual desfrutam por não ter que se submeter aos caprichos, reclamações e avaliações dos fregueses, desprezando assim uma interação muito valorizada pelos *patrões*.

A abordagem da escassez de aprendizes e da perspectiva da extinção dos alfaiates à luz das iniciativas postas pelas escolas e pelas *novas* alfaiatarias estabelecidas em São Paulo (e sua explícita associação com o valor da moda), permitiu sugerir que, antes justapostos de tal modo que pareciam indissociáveis, a alfaiataria, o artesanal e o **sob medida** experimentaram uma sorte de desdobramento por meio da qual novas combinações desses elementos se fizeram possíveis. Destacando-se do artesanal, o **sob medida** estabelece-se como um domínio próprio por meio do qual a alfaiataria parece poder bem viver, apesar da hipotética extinção dos alfaiates.

Assim, se o exercício de definição do que é, ou não, alfaiataria, e de quem é, ou não, alfaiate, se faz presente nas salas de trabalho dos estabelecimentos pesquisados, é preciso atentar para o fato de que tal debate atua no sentido de, delimitando o que seria uma alfaiataria *de verdade*, lhe dar continuidade, e não de limitar a atuação daqueles cuja formação profissional e modelo de negócio destoam das formas ditas tradicionais. Manuela Carneiro da Cunha aponta que “fazer com que as coisas pareçam exatamente iguais àquilo que eram dá trabalho, já que a dinâmica cultural, se for deixada por sua própria conta, provavelmente fará com que as coisas pareçam diferentes. A mudança se manifesta de fato no esforço para permanecer igual” (2017, p.368). Assim, pode-se sugerir que, à semelhança de outras práticas (como a marcenaria, a ourivesaria, a guasquearia, a tecelagem, etc.), não sendo mais uma prática hegemônica, a alfaiataria estabelece seu lugar social por meio de um debate, permeado de aproximações e afastamentos, com o mundo da moda e da indústria. Neste jogo de espelhos, a continuidade da prática é forjada sob o anúncio do seu fim. Lamentada, atualizada, desconstruída e resgatada, a *verdadeira* alfaiataria se transforma e reinventa, permanecendo de diferentes maneiras.

Referências

- APPADURAI, A. **A vida social das coisas**. Niterói: EdUFF, 2008.
- ARANTES, A.A. A preservação de bens culturais como prática social. **Revista de Museologia**, São Paulo, v.1, n.1, p.12-16, 1989.
- AUED, B.W.; EISSLER, R.J. **Alfaiates imprescindíveis: imigração, trabalho e memória**. Jaraguá do Sul: Design Editora, 2006.
- BALL, C. Fazendo das línguas objetos: línguas em perigo de extinção e diversidade cultural. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, n.32, p.206-221, 2005.
- BARBOSA, J. **Preservação dos saberes tradicionais do alfaiate**. 287f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local). Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2015.
- _____. Novos Alfaiates, Velha Formação. In: COLÓQUIO DE MODA, 9, 2013, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br>>. Acesso em: 17 ago. 2015.
- BENJAMIN, W. O carácter destrutivo. **Revista Punkto**, Porto, n.2, p.3-4, mai.2011. Disponível em: <https://issuu.com/revistapunkto/docs/punkto2bw_norma>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- BONADIO, M.C. **Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- BORBAS, M. C.; BRUSCAGIM, R. R. Modelagem plana e tridimensional – moulage – na indústria do vestuário. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v.8, n.1 e 2, p.155-167, jan./dez. 2007.
- BOURDIEU, P.; DELSAUT, Y. Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie. In: **Actes de la recherche em sciences sociales**. v.1, n.1. p.7-36. jan.1975. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1975_num_1_1_2447> . Acesso em: 18 jan. 2018.
- CAMARGO, G. **Um alfaiate no palácio do Catete: histórias de José De Cicco, o mestre das tesouras no país dos elegantes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.
- CASTRO, P.C. **Ainda há espaço para alfaiates no mundo do 'pronto para vestir'?** 28f. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Moda e Arte, do Instituto de Arte e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.
- CERMIGNANI, T.M. **Enciclopedia del cortador sastre para caballeros**. Buenos Aires: Academia Arbitrer, 1950.
- CINTRA, M.C. **O processo de aprendizado do ofício de alfaiate em Florianópolis (1913-1968)**. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

CUNHA, M.C. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DOUGLAS, M. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p.17-32, dez.2007.

DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

FARACO, J.L.; JANUZZI, D.C.R.; RAZENTE, N. **O Plano Diretor e a Cidade Sustentável**. In: Anais do IV Encontro Nacional e II Encontro Latino Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2007, Campo Grande: Antac, 2007. v.1. p.731-740.

FERRI, L. S.; TEIXEIRA, L.E.F. Entre presenças e ausências: o centro de Curitiba e a rua XV de novembro. **Iluminuras**. Porto Alegre, v.16, n.37, p.297-316, jan/jun.2015.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas. **A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba**. 278f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

FONTENELE PIMENTA, M.E. **Memórias de alfaiates: significados de vida e trabalho**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

FONTENELE PIMENTA, M.E; PARK, M.B. **Lembrança de Ofício, Memória e Vida de Alfaiate**. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas: Associação de Leitura do Brasil. v.1. p.430-456, 2007.

FROLDI, P. **Novo método de corte para alfaiates**. 4ed. São Paulo: Escola de Corte Brasileira, 1933.

_____. **Método geométrico e prático**. São Paulo: Escola de Corte Brasileira, 1933.

FRUGOLI JR, H. A questão da centralidade em São Paulo: o papel das associações de caráter empresarial. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.16, p.51-66, jun.2001.

_____. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.

GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. **Concinnitas**, Rio de Janeiro. Ano 6, v.8(1), p.41-63, 2005.

GOMES, A.M.R.; FARIA, E.L. Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.41, n.spe, p.1213-1228, dec.2015.

GONÇALVES, J.R. **A Retórica da Perda: discurso nacionalista e patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

HOPKINS, A.G. **An Economic History of West Africa**. London: Longman, 1973.

INGOLD, T. Against space: place, movement, knowledge. In: KIRBY, Peter Wynn (ed.). **Boundless Worlds: an anthropological approach to movement**. New York e Oxford: Berghahn Books, 2009.

_____. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n.1, p.6-25, mar.2010.

_____. **Making: anthropology, archaeology, art and architecture**. London: Routledge, 2013.

_____. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling & skill**. London: Routledge, 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994

_____. **La clef de Berlin et autres leçons d'un amateur des sciences**. Paris: La Découverte, 1993.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LATOUR, B.; LEMONNIER, P. Introduction: genèse sociale des techniques, genèse technique des humains. In: LATOUR, B.; LEMONNIER, P. (Org.). **De la préhistoire aux missiles balistiques: l'intelligence sociale des techniques**. Paris: La Découverte, 1994. p. 9-24.

LAVE, J. **Apprenticeship in critical ethnographic practice**. Chicago: University of Chicago. Press, 1993. (The Lewis Henry Morgan lectures).

LENCLUD, G. L'ethnologie et le paysage: Questions sans réponses In: VOISENAT, Claudie (dir.). **Paysage au pluriel: Pour une approche ethnologique des paysages**. Paris: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 1995. p.02-17. Disponível em: <<http://books.openedition.org/editionsmslh/654>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra: memórias e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1987. v. 2.

_____. **O gesto e a palavra: técnica e linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1990. v. 1.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LICNERSKI, J.R. **O processo de verticalização terciária na formação da centralidade urbana em Curitiba**. 93f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, jun.2002.

MARELONKA, W. **Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

MARRAS, S. **Ação dos objetos, ação dos cientistas: por uma noção reticular de patrimônio em laboratórios de ciências naturais**. In: Simpósio CPC-USP: Experiência Cultural E Patrimônio Universitário. 2012, São Paulo/SP.

MARTINS, A. **Método mundial do corte anti-provas**. 2 ed. Belo Horizonte: Tipografia e Papelaria Veloso, 1950.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. “As técnicas do corpo”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 401-424.

MEIRELES, C. Economia da Moda. **O Observador Econômico e Financeiro**. Rio de Janeiro, n.62, set.1939.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.13, n.28, p.33-63, dez.2007.

MOL, A. Política ontológica: algumas idéias e várias perguntas. In: NUNES, João Arriscado e ROQUE, Ricardo (org.) **Objectos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

MOTA, E. **Alfaiatarias: radiografia de um ofício incomparável**. Fortaleza: Senac Ceará, 2016.

MURA, F. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v.17, n.36, p.95-125, dez. 2011.

OROZCO, C. **Clô Orozco**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ORTIZOGA, S.A.G. **Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PILOTTO, A.S. **Área metropolitana de Curitiba: um estudo a partir do espaço intra-urbano**. 195f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

POKRANT, R.J. **The survival of indigenous tailoring among the Hausa of Kano city, Nigeria**. 479f. Tese. (Doctor of Philosophy, Social and Political Sciences) Faculty of Economics and Politics, University of Cambridge. Cambridge, 1982b.

POKRANT, R.J. The tailors of Kano City. In: GOODY, Ester N. (ed.) **From craft to industry: The ethnography of proto-industrial cloth production**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a. p.85-132.

PORTUGAL, J. D. **Método Toutemode. Corte, alta costura, chapéus e alfaiates**. Rio de Janeiro, 1958.

RABELLO, E. D. Os ofícios mecânicos e artesanais em São Paulo na segunda metade do século XVIII. **Revista de História**, São Paulo, v. 56, n.18, p.576-588, 1977.

REIS, B. M. **Alfaiataria na contemporaneidade. Alfaiataria artesanal e alfaiataria industrial, um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Design de Moda), Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis, Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2013.

ROETZEL, B. **O Gentleman**. Colônia: Könemann, 2000.

ROSA, S. **Alfaiataria: modelagem plana masculina**. Brasília: Senac Distrito Federal, 2008.

SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.41-73, abr.1997.

SANTONI RUGIU, A. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, V. et al. **Alfaiatarias em Curitiba**. Curitiba: Edição dos Autores, 2009.

SAUTCHUK, C.E.; SAUTCHUK, J.M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: sobre etnografias e engajamentos. **Mana**, Rio de Janeiro, v.20, n.3, p.575-602, dez.2014.

SCHÜSSEL, Z.G.L. **A aglomeração metropolitana de Curitiba e as tendências contemporâneas do planejamento urbano**. 348f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SENNETT, R. **O artífice**. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, M. I.; AUED, B. W. Alfaiates imprescindíveis. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v.2, n.3, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/5512>>. Acesso em: 17.ago.2015.

SIMÃO, L. A. M. **O terno na contemporaneidade: entre a tradição e o design de moda**. Dissertação (Mestrado em Design), Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda, Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2012.

SOUZA, N. R. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.14, p.209-213, jun.2000.

TRUZZI, O. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.28, p.143-166, fev.2002.

URBAN, T. **Puxando o Fio: histórias de armarinhos**. Curitiba: Arte Letra, 2013.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 2001.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 15 ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

Artigos de jornais, revistas e sites

ALFAIATE é um profissional em extinção. **Primeira Hora**. Curitiba, 06 set. 2001. s/p.

ALFAIATE hoje está condenado. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 5 set. 1989. Profissões. s/p.

ALFAIATE, uma profissão ameaçada. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 28. out. 1996. Local. s/p.

BRITO, D. Os últimos alfaiates. **Gazeta do Povo**, Curitiba/PR, 13.jun.2010 Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/os-ultimos-alfaiates/>>

COM grandes confecções, alfaiates estão em extinção. Belo Horizonte/MG. O Tempo 15.jul.2006. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/economia/com-grandes-confec%C3%A7%C3%B5es-alfaiates-est%C3%A3o-em-extin%C3%A7%C3%A3o-1.308373>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

FARINACI, A. Alfaiataria tenta conter "extinção" e oferece luxo para público masculino. Uol, São Paulo/SP. 03.dez.2010. Disponível em: <<https://estilo.uol.com.br/moda/noticias/redacao/2010/12/03/alfaiataria-tenta-conter-extincao-e-oferece-luxo-para-publico-masculino.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

JANKAVSKI, A. A elegância resiste. **Istoé Dinheiro**, São Paulo/SP, 15.abr.2016. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/estilo/20160415/elegancia-resiste/360641>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

MARQUES, F. Democracia na moda. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n.235. p.42-45. Set. 2015.

NUNES, A. Profissões em extinção: o alfaiate. **Veja Online**, São Paulo/SP, 01.ago.2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/profissoes-em-extincao-o-alfaiate/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PAULILO, M.I.S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro - RJ, v. 5, n.28, p. 64-70, 1987.

PEDROSO, P. Alfaiataria resiste ao tempo e conquista nova geração”. **Valor Econômico**, São Paulo/SP, 15.out.2014, p.D-4

PORTER, C. **Savile Row cannot live in the past**. 24. abr. 2012. Londres, Disponível em: <<http://www.theguardian.com/fashion/shortcuts/2012/apr/24/savile-row-cannot-live-past>>

PROFISSÕES em extinção se mantêm vivas em Marília. **G1 Bauru e Marília**, São Paulo/SP, 06.set.2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/09/profissoes-em-extincao-se-mantem-vivas-em-marilia-sp.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

UMA arte perto do fim. **Revista Paraná Cia**. Curitiba, 10 abr.1998. p. 44-5.

WEISSHEIMER, M. Costurar e vestir sob medida; uma arte ameaçada de extinção. **Sul21**, Porto Alegre/RS, 02 out. 2015. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/costurar-e-vestir-sob-medida-uma-arte-ameacada-de-extincao/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

YAHN, C. Protesto de gala. **Fashion Foward**, São Paulo/SP, 25.abr.2012. Disponível em: <<http://ffw.com.br/noticias/moda/protestos-na-savile-row-tradicao-e-modernidade-podem-andar-juntos/>> Acesso em: 01ago.2015.

ZANETTI, C. A tal alfaiataria. **Blog Oficina de Estilo**, São Paulo/SP, 23. nov. 2010. Disponível em: <<http://oficinadeestilo.com.br/tag/padronagens-masculinas/>>. Acesso em: 30jul.2015.

Reportagens televisivas e DVD

A **ÚNICA mulher alfaiate em Portugal**. Porto, SIC Notícias. 7.fev.2015. Disponível em: <<http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2015-02-07-A-unica-mulher-alfaiate-em-Portugal>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

BUTEIRO. Que profissão é essa? Projeto de Extensão Trilhas Culturais, Universidade de Taubaté. TV UNITAU, 24 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XWNXfKMyHCU>> . Acesso em: 18 jan. 2018.

O CORTE do alfaiate. Direção: João Castelo Branco. Curitiba, 2010.

Normas técnicas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13377**: Medidas do corpo humano para vestuário - Padrões referenciais – Padronização. Rio de Janeiro, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Catálogo**. 24.abr.2012. Disponível em: <<http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=003597>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Entrevistas

JARNALLO, Felipe. **Entrevista concedida pelo Presidente da Associação dos Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo**. São Paulo. 30 set. 2013.

Vídeo disponível apenas em meio eletrônico:

VASCONCELOS, V. **Perfil do Instagram**. Vídeo postado em 30 set. 2016.

Folder de divulgação

PROJETO Sob Medida Escola de Alfaiataria. São Paulo, s/d. [folder de divulgação]